César Vidal Manzanares

**Dicionário**   
**de Jesus**

**e dos Evangelhos**

Traduzido do Espanhol

**Diccionario de Jesús y los evangelios**

**Apresentação**

Talvez seja lugar-comum dizer que poucas obras, no decorrer da história da humanidade, têm desfrutado de uma influência tão ampla como os Evangelhos. Talvez, mas não por isso a afirma- ção é menos correta. Mesmo que se abstraia seu conteúdo espiritual — questão que raia ao im- possível — pouco se duvida que os Evangelhos e seu protagonista indiscutível, Jesus de Nazaré, continuam sendo, há praticamente dois mil anos, um poderosíssimo referente social, artístico e éti- co. Boa prova disso é que até mesmo aqueles que se definem como supostamente não afetados pelo fenômeno espiritual continuam, de maneira ex- plícita, envolvidos em uma dialética de negação ou confrontação direta com a pregação evangéli- ca, atitude sem paralelos em relação a outras men- sagens de conteúdo espiritual. Essa característi- ca, incontestável ponto de referência, tem difi- cultado — sejamos sinceros em reconhecê-lo — a aproximação das diversas disciplinas aos Evan- gelhos no decorrer dos séculos.

No corpo da presente obra, faz-se referência concreta a aspectos como a exegese, as datas de redação ou o conteúdo de cada Evangelho, e se- ria inútil reiterar aqui os pontos de vista expostos em diferentes vozes. Nas linhas seguintes, por- tanto, faremos referência a questões não tratadas de maneira específica, mas que são de especial importância para abordar o estudo dos Evange- lhos e a leitura das páginas que seguem. Refiro- me aos Evangelhos, considerando-os como gê- nero, como história e, “last but not least”, como Boa Nova.

*Os Evangelhos como gênero literário*

A problemática relacionada com o gênero li-

terário a que pertencem os Evangelhos constitui, na realidade, um debate contemporâneo ligado à moderna investigação sobre o Novo Testamento. Em 1915, C. W. Votaw destacava que os Evange- lhos podiam ser enquadrados na literatura biográ- fica greco-romana, o que não iniciaria, mas im- pulsionaria, de maneira decisiva, a discussão so- bre esse tema1. Em 1923, a posição de Votaw se- ria questionada radicalmente por K. L. Schmidt2. Este autor sustentava que os Evangelhos eram um tipo específico de literatura cristã primitiva não relacionado com outros gêneros da Antigüidade. As teses de Schmidt repercutiram e, de fato, con- verteram-se em uma espécie de dogma durante as décadas posteriores, para o que colaborou a forma com que aquelas eram tributárias das con- tribuições do novecentista F. Overbeck3 e da crí- tica das formas.

Praticamente, até a década de setenta, no pre- sente século, existia um consenso quase genera- lizado que os Evangelhos constituíam um gênero literário “per se”, no âmbito do mundo greco-ro- mano, e que careciam de semelhança com outras obras do contexto cultural, a não ser que nos re- feríssemos a relatos do tipo fabuloso e irreal. Essa postura começou a ser questionada há mais de duas décadas e atualmente está superada. O novo enfoque partia, na realidade, de uma nova apro- ximação aos Evangelhos (iniciada nos anos 50) que questionava a crítica das formas e a crítica da redação como teorias válidas para explicarem a origem dos mesmos e analisarem seu conteúdo.

1C. W. Votaw, *“The Gospels and Contemporary Biographies* *in the Greco-Roman World”*, em *AJT*, 19, 1915, pp. 45-73 e 217- 249.

2K. L. Schmidt, *“Die Stellung der Evangelien in der* *allgemeinen Literaturgeschichte”*, em H. Schmidt (ed), *Eucharisteion,* Gotinga 1923, pp. 50-134.

3F. Overbeck, *“Über die Aufänge der pratistichen Literatur”*, em *HZ*, 12, 1882, pp. 417-472.

As alternativas propostas deixaram, não obstante, de resultar sempre acertadas. Pretendeu- se mesmo identificar os Evangelhos com o gêne- ro da “aretologia”, um suposto gênero para nar- rar a vida dos homens divinos da Antigüidade. Mesmo que algum autor ainda sustente esse pon- to de vista, hoje em dia o mesmo é majoritaria- mente refutado pelos especialistas4 porque, na realidade, não dispomos de base sólida para crer que o mencionado gênero existiria como tal nes- se período histórico. Em termos gerais, os auto- res que ainda consideram que os Evangelhos po- dem ser enquadrados nos gêneros greco-romanos fazem-no no âmbito da biografia, da história ou da novela. O certo, entretanto, é que a questão está muito longe de ser facilmente resolvida. Ve- jamos o porquê.

Em primeiro lugar, deve-se assinalar que os Evangelhos — e nisso não se diferenciam, como veremos mais adiante, de outras fontes históricas da Antigüidade — não são escritos imparciais, mesmo que não caiam nos excessos lendários dos Evangelhos apócrifos. Além disso, como muito acertadamente D. E. Aune5 salientou, recordam consideravelmente o gênero de biografias popu- lares típico da literatura greco-romana, seguindo inclusive convenções literárias como a que en- contramos em Lc 1,1-4. Contudo, os Evangelhos guardam distâncias do mundo greco-romano em alguns aspectos de não pouca importância. As- sim, por exemplo, têm uma especial predileção pelas referências ao Antigo Testamento e, eviden- temente, pelas crenças cristãs primitivas a respeito de Jesus. Em outras palavras, os evangelistas se- guiram alguns procedimentos literários greco-ro- manos, porém não foram servis em relação a eles, podendo-se perceber também uma transcendental influência judia facilmente explicável. Sem dúvida, neles deverá influir a popularidade que en- tão o gênero biográfico tinha no mundo greco- romano, como também o desejo de colocar em forma escrita os relatos orais e coleções previa- mente relacionadas à vida, ensinamento, morte e ressurreição de Jesus, a quem as comunidades cristãs viam como Senhor e Messias6. Os mes- mos evangelistas não se viam, portanto, como autores de uma obra literária, mas como trans- missores de um testemunho de conseqüências transcendentais para todo ser humano. O traba- lho deles não era de criação, mas de “servos (hyperetai) da Palavra” (Lc 1,2). Por isso, dife- rentemente dos relatos hagiográficos da época, não buscaram retratar as qualidades de Jesus ou contar seus louvores de caráter moral. Na reali- dade, os textos caracterizam-se por uma espanto- sa escassez de detalhes sobre Jesus como indiví- duo. O que interessava nele é que era o cumpri- mento das profecias messiânicas confiadas a Is- rael durante séculos; que sua morte expiatória oferecia o caminho de salvação para a humanida- de e que seu chamado universal dirigia-se não só para assegurar a felicidade, mas também, e de maneira irrefutável, para permitir que Deus ope- rasse uma mudança radical da pessoa aqui e ago- ra, para que esta se convertesse verdadeiramente a seu Rei.

Esses aspectos são ainda mais óbvios quando descemos ao terreno concreto de cada um dos Evangelhos. Marcos parece mostrar a influência do gênero biográfico7 (também se destaca seu paralelismo com outros8) seja este consciente ou não. Mateus também permite traçar paralelismos com biografias antigas, porém — por sua vez e de forma predominante — é evidente nele o em- prego preponderante de elementos procedentes do judaísmo e do cristianismo primitivo.

4Ver a respeito: H. C. Kee, *“Aretalogies, Hellenistic Lives* *and the Sources of Mark”*, em *Colloquy* 12, Berkeley 1975.

5D. E. Aune, *The New Testament in Its Literary Environment*, Filadélfia 1987, pp. 17-76.

6Nesse mesmo sentido, ver G. N. Stanton, *Jesus of Nazareth* *in New Testament Preaching*, Cambridge 1974.

7Nesse mesmo sentido, ver P. Cox, *Biography in Late* *Antiquity*, Berkeley 1983, e A. Momigliano, *The Development of* *Greek Biography*, Cambridge 1971.

8G. G. Bilezikian, *The Liberated Gospel of Mark and Greek* *Tragedy,* Grand Rapids 1977, e B. Standaert, *L’ Evangile selon Marc:* *Composition et genre litteraire*, Brujas 1978, compararam a estru- tura de Marcos com a tragédia grega. Como acertadamente desta- cou D. E. Aune, o. c., pp. 48-49, as semelhanças mais parecem mera coincidência.

A isso se deve acrescentar que os destinatários de sua obra eram não somente as pessoas de fora como as de dentro; não somente os não-convertidos como os discípulos. Lucas, sem dúvida, é o que apresenta maior paralelismo com os gêneros literários greco- romanos, e assim tem sido tratado pelos especia- listas. Para Aune, por exemplo, Lucas e Atos são um claro exemplo de historiografia greco-roma- na9; e, para Talbert, tratar-se-ia antes de uma bio- grafia10. São inegáveis, contudo, os elementos judeus que participaram de maneira decisiva da obra de Lucas. Finalmente, João — levando em conta as suas diferenças com os outros Evange- lhos — assemelha-se mais a isso do que a qual- quer outra obra, e assim tem sido revelado por diversos estudiosos que o consideram uma fonte histórica (Talbert, J. A. T. Robinson). Concebi- dos os quatro, em grande parte, para o uso inter- no (Mateus, Marcos), resulta também óbvia sua finalidade externa (Lc 1,1-4; Jo 21,30-31).

Em termos gerais, portanto, podemos afirmar que os Evangelhos canônicos encaixam-se no gênero biográfico-histórico existente na literatu- ra greco-romana, gênero, por outro lado, muito diferente da novela, da hagiografia, da biografia lendária ou do relato mitológico. No entanto, em relação aos Evangelhos, nesse gênero se produ- zem encadeamentos de elementos bem distancia- dos culturalmente do contexto do judaísmo e do cristianismo primitivo. Em outras palavras, por razão das contribuições externas ao mundo greco- romano, os Evangelhos canônicos seriam biogra- fias clássicas “sui generis” ou, se preferir, um subgênero dentro do referido gênero literário.

*Os Evangelhos como fontes históricas*

Em termos simplesmente textuais, os Evangelhos oferecem, a partir de uma perspectiva histórica, um panorama incomparável. Atualmente contamos com 2.328 manuscritos e fragmentos de manuscritos que abrangem a totalidade dos Evangelhos e que pertencem cronologicamente aos primeiros séculos de nossa era11. Noventa e sete a noventa e nove por cento do texto foi recu- perado com absoluta certeza. Mais de cinqüenta e quatro por cento dos versículos dos Evangelhos estão livres de variantes textuais e, em sua gran- de maioria, não apresentam problemas de historicidade. De fato, e evitando o tom apo- logético, pode-se afirmar que nenhuma obra da Antigüidade conta com um número sequer apro- ximado de textos, nem um grau similar de con- servação. Como ressaltou, no momento oportu- no, o falecido catedrático da Universidade de Manchester, F. F. Bruce: “Para a *Guerra das* *Gálias* de César (composta entre 58 e 50 a.C.) há vários manuscritos, mas só nove ou dez estão bons, e o mais antigo data de 900 anos mais tarde do que a época de César. Dos 142 livros da *His-* *tória Romana* de Lívio somente nos chegaram 35; destes nos são conhecidos não mais do que 20 manuscritos de pouco valor, dos quais um somen- te, e contendo fragmentos dos Livros III-VI, é do século IV. Dos 14 livros das *Histórias* de Tácito apenas sobreviveram quatro e meio; dos 16 li- vros de seus Anais, 10 sobreviveram completos e dois em parte. O texto das partes restantes de suas

9D. E. Aune, *Greco* *Roman Literature on the New Testament*, Atlanta 1988.

10C. H. Talbert, *What is a Gospel*, Filadélfia 1977.

Uma vez chegados a esse ponto, a questão que logicamente se estabelece é a do grau de confiabilidade histórica que podemos atribuir a eles.

11O mais antigo é o manuscrito John Rylands (p. 32), que contém Jo 18,31-33.37-38, datado entre 90 e 110 d.C. O papiro O’Callagham não pode ser considerado como restante dos Evange- lhos.

grandes obras históricas depende totalmente de dois manuscritos: um do século IX e outro do sé- culo XI”12.

O tipo de material histórico contido nos Evan- gelhos é de difícil negação — ou afirmação — partindo de fontes arqueológicas. Sem dúvida, e por regra geral, as descobertas realizadas nesse campo vêm confirmar os dados evangélicos, por exemplo: a existência da piscina de Betesda de Jo 5,2; a importância de Pilatos como prefeito da Judéia, segundo uma inscrição da Cesaréia marí- tima, descoberta em 1961 etc. Algo semelhante podemos dizer das fontes externas (Ver \**Jesus* *nas fontes não-cristãs)*. O testemunho sobre Je- sus é muito escasso e pequeno, mas não contra- diz os dados evangélicos e até mesmo os confir- ma.

Por outro lado, os materiais de que se nutri- ram os redatores dos Evangelhos — que concluí- ram sua obra durante o século I e, muito possi- velmente, antes do ano 70 d.C. — parecem ter sido abundantes e cuidadosamente conservados e transmitidos. O mesmo anonimato de seus au- tores (o que em si não confirma nem nega os tes- temunhos da tradição a respeito) vem creditar a tese, como já afirmamos, de que eles não se reco- nheciam como criadores, mas como transmisso- res fiéis de testemunhos anteriores já escritos, como Q (c. 40-50 d.C.)13, ou orais. O mesmo ensinamento oral — conforme oportunamente manifestaram Gerhardson e Riesenfeld — não so- mente não desvirtuou o conteúdo original como também foi transmitido fidedigna e escrupulosa- mente. Recentemente, C. L. Blomberg indicou alguns dos fatores que contribuíram decisivamen- te para isso: 1. Jesus era visto como a Palavra de Deus e, portanto, seu ensinamento devia ser cui- dadosamente transmitido; 2. Mais de noventa por

12F. F. Bruce, *The New Testament Documents,* Downers Groves 1964, pp. 179 -180.

13A respeito de Q, ver C. Vidal Manzanares, *El Primer* *Evangelio: el documento Q,* Barcelona 1993.

cento de seu ensinamento tem estrutura poética, o que facilita sua memorização; 3. A memorização era parte integrante dos sistemas de educação e aprendizagem na Antigüidade; 4. A história oral permitia certa margem de liberdade em relação à apresentação, mas não quanto à substância do re- lato; 5. Era habitual anotar-se o ensinamento dos rabinos; 6. As escassas referências a Jesus, em disputas eclesiais posteriores, obrigam a pensar que os primeiros discípulos não inventaram ensinamentos que depois colocaram nos lábios de Jesus para defender os próprios pontos de vistas; 7. Tem-se enfatizado excessivamente que a cren- ça em um breve regresso de Jesus presumidamente levou os primeiros cristãos a não registrarem por escrito os ensinamentos de seu Messias até a se- gunda geração.

Somente partindo da compreensão desses fa- tos, podemos explicar historicamente o grau de concordância existente entre os evangelistas. No- venta e um por cento (601 versículos de 661) de Marcos aparecem em Mateus ou Lucas e, geral- mente, nos dois. Outros 235 versículos aparecem em Mateus e Lucas, embora não em Marcos. Ses- senta e oito por cento do material narrativo co- mum a Marcos e Lucas ou Mateus encontram-se também na mesma ordem, coincidência extraor- dinária que faz pensar na existência de um pa- drão para contar a vida de Jesus, subjacente nas três obras.

As discrepâncias entre os Evangelhos, por sua vez, são tão “pequenas que parecem desonestidade referir-se a elas como contradições” (C. L. Blomberg)14. De fato, em lugar de contradições, o que encontramos são relatos mais breves de um mesmo acontecimento (Mc 5,21-43 e Mt 9,18- 26; Mc 11,12-14.20-21 e Mt 21,18-22 etc.); si- tuação distinta no relato como conseqüência de uma estrutura narrativa diferente (Lc 4,16-30;

14C. L. Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels,* Downers Grove 1987; S. C. Goetz — C. L. Blomberg, *“The Burden* *of the Proof”*, em *JSNT*, 11, 1981, pp. 39-63.

Mc 6,1-6); intenções de esclarecimento da fonte em relação aos destinatários do Evangelho (Mc 10,18 e Mt 19,17; Lc 14,26 e Mt 10,37); ensinamentos de Jesus situados em diversos con- textos (algo compreensível, se levamos em conta que seus ensinamentos seriam repetidos em oca- siões distintas) (Mt 5-7 e Mt 24-25); diferenças de matiz na tradução de uma fonte semítica pré- via etc.

Cavalo de batalha desde Strauss e Reimarus em relação à confiabilidade histórica dos Evan- gelhos tem sido o tema dos milagres neles relata- dos. Sem dúvida, trata-se de uma questão com conotações meta-históricas; mas, sem entrar na mesma e já passada a época de um cientificis- mo reducionista, nascido em grande parte do Iluminismo, podemos afirmar hoje, com certeza, três coisas. Primeiro: as referências a aconteci- mentos inexplicados ou sobrenaturais também são abundantes em autores clássicos cujo caráter como fonte histórica é indiscutível (Tácito, Suetônio, Tito Lívio, Flávio Josefo etc.). Segun- do: o método científico não conta com instrumen- tos válidos para conhecer além daquilo que é ob- jeto de seu estudo e, portanto, mal pode pronun- ciar-se sobre fatos indiscutíveis não sujeitos à observação direta. Terceiro: o historiador não pode a priori negar os relatos relacionados a milagres, ainda mais tendo em vista o impacto histórico que tiveram esses acontecimentos (a ressurreição, por exemplo), embora não possa julgar, evidentemen- te, a natureza dos fatos sucedidos. Um autor pou- co suspeito de “ortodoxia” como M. Smith15 afir- mou que não se pode negar que Jesus realizou curas; e um estudioso da Antigüidade clássica, catedrático da Universidade de Yale, Ramsay McMullen, assinalou que os mencionados rela- tos de milagres não apenas não podem ser nega- dos irrefletidamente como fraude, mas também

15M. Smith, *Jesus the Magician,* São Francisco 1978. (Existe edição castelhana em Martínez Roca, Barcelona 1988, com o título de *Jesús, el mago)*.

são indispensáveis para se entender a expansão do cristianismo e a compreensão do paganismo no Império Romano16. Certamente, sem a crença na ressurreição, é inexplicável a expansão do cris- tianismo após a morte de Jesus e, por sua vez, é evidente que não foi a fé que produziu a crença na ressurreição, mas foi a convicção nessa crença que dissipou a incredulidade e o desânimo dos discípulos e gerou a fé (F. F. Bruce, C. Vidal Manzanares etc.)17.

Certamente muitas das informações contidas nos Evangelhos não podem ser confirmadas por testemunhos externos (algo comum em fontes históricas da Antigüidade), mas tampouco são desmentidas nem temos razões para duvidar de- las. De fato, tanto a evidência externa como a in- terna apontam para o fato que os Evangelhos cons- tituem fatores históricos confiáveis que nos per- mitem conhecer, em grande parte, a vida e o ensinamento de Jesus18. Em sentido semelhante manifestou-se o professor David Flusser, da Uni- versidade Hebraica de Jerusalém, com uma série de afirmações bastante interessantes, se conside- rarmos que elas não provêm de um cristão, mas de um estudioso judeu especializado no período do Segundo Templo: “Os discípulos de Jesus que relataram as palavras e as ações do mestre... não podiam deixar de aspirar à máxima veracidade e exatidão, já que para eles tratava-se da fidelidade a um imperativo religioso e não lhes era lícito afastarem-se do que realmente aconteceu; deve- riam transmitir, com a maior exatidão, as pala- vras do mestre... pois se não se ativessem fiel- mente aos fatos teriam colocado em perigo sua salvação eterna. Não lhes era lícito mentir”19.

16R. MacMullen. *Christianizing the Roman Empire*, Yale 1984, e idem, *Paganism in the Roman Empire*, Yale 1981.

17Uma análise em profundidade do tema com bibliografia em C. Vidal Manzanares, *El Judeo-cristianismo palestino en el s. I: de* *Pentecostés a Jamnia,* Madri 1995.

18A respeito, ver o apêndice I de C. Vidal Manzanares, *El* *Primer Evangelio: el Documento* *Q,* Barcelona 1993.

19D. Flusser, *Jesús,* Madri 1975, p. 148.

Longe de cair no relativismo de Bultmann ou de seus epígonos, o historiador acostumado a tra- balhar com as fontes da Antigüidade não consi- dera que cada parte dos Evangelhos é suspeita “per se”, exceto prova em contrário. De fato, essa postura implicaria inverter o método histórico normal e aplicar um critério muito mais rigoroso às fontes bíblicas do que o utilizado habitualmente com outros escritos antigos. Ele realiza uma aná- lise, valendo-se dos princípios normais de traba- lho e, nos casos em que não é possível afirmar ou negar a partir de evidência externa, concede ao menos o benefício da dúvida, tendo em conta a exatidão habitual das fontes e o rigor com que se transmitiu e se fixou por escrito o material. É pre- cisamente esse ponto metodológico de partida que permite ler os Evangelhos como são — fontes his- tóricas — sem que essa visão seja nublada por pressupostos prévios não de caráter científico, mas filosófico. A isso também se atribui o fato de, em regra geral, os historiadores e os arqueólogos te- rem uma opinião muito mais positiva do Novo Testamento como fonte histórica do que a sus- tentada pelos teólogos, pelos filósofos ou pelos filólogos20.

Sem dúvida, nenhuma análise — por mais científica que se pretenda — pode subestimar outro fato de considerável importância: a cir- cunstância de que os Evangelhos foram escritos não somente com o desejo de preservar a história de Jesus — e fazê-lo com as maiores garantias de fidelidade — como também, conforme seu pró- prio nome indica, com o de apresentar uma Boa Notícia.

*Os Evangelhos como Boa Nova*

Nas páginas anteriores tivemos oportunidade

de ver como os Evangelhos se enquadram no

20Ver a respeito meu apêndice dedicado ao estudo histórico do Livro dos Atos em C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo* *palestino en el s. I d.C.: de Pentecostés a Jamnia,* Madri 1995.

gênero histórico-biográfico do mundo greco-ro- mano, com transcendentais e importantíssimas contribuições judaicas. Vimos também que, como fontes, apresentam importantes garantias de fi- dedignidade e, textualmente, carecem de parale- los na história da Antigüidade, exceto no que se refere a outros textos do Novo Testamento. Sem dúvida, inclusive em termos históricos, os Evan- gelhos vão além do mero relato. Sua finalidade é levar o leitor — ou ouvinte — a examinar a evi- dência fidedigna apresentada por testemunhas confiáveis (Lc 1,1-4), a fim de que, ao fazê-lo, cada pessoa conclua que Jesus é o Messias e o Filho de Deus e que a vida eterna é dada aos que nele crêem (Jo 20,30-31).

Expressas de diversas maneiras, em forma poética ou direta, em parábolas ou diatribes, as linhas mestras dos Evangelhos são facilmente identificáveis. Em primeiro lugar, os quatro par- tem do princípio que o ser humano, a causa do pecado, encontra-se em um estado de perdição. Essa realidade universal, Jesus simbolizou-a com as imagens da ovelha desgarrada, da moeda per- dida, do filho pródigo (Lc 15), do doente que ne- cessita de médico (Mc 2,17). Contudo, diante dessa triste e dolorosa realidade do ser humano, eleva-se o amor de Deus, um amor tão extrema- do que enviou seu Filho Jesus, o Messias, para que todo aquele que nele crer passe da morte para a vida (Jo 5,24), não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3,16) e se converta em filho de Deus (Jo 1,12).

O preço do resgate, da redenção é a morte des- se mesmo Jesus como o Servo Sofredor profeti- zado no capítulo 53 do Livro de Isaías (Mc 10,45 e par.), é o derramamento de seu sangue sobre o qual se fundamenta o estabelecimento de uma Nova Aliança entre Deus e a humanidade (Mt 26,28 e par.). Por isso, sua morte não foi fruto de um erro judicial ou de um plano erroneamente executado e fracassado. Constituía parte essen- cial da missão de Jesus e da qual ele estava cons- ciente (Jo 10,15.17-18). Por isso também, a cruz não foi o final. Jesus levantou-se dentre os mor-

tos e apareceu a numerosas testemunhas, conven- cendo até mesmo os incrédulos (Jo 20,27ss.) e os confusos (Lc 24,13ss. Comparar com 1Cor 15,1ss.). Por isso, a leitura dos Evangelhos fala diretamente ao coração do homem e da mulher de todos os tempos. Ainda mais: com decisiva insistência. As afirmações a respeito não deixam lugar a dúvidas. Ninguém pode encontrar o ca- minho, a verdade e a vida sem se agarrar a Jesus (Jo 14,6). Ninguém pode alcançar a liberdade a não ser que a receba de Jesus (Jo 8,31-32). Nin- guém pode renegar o “Deus Conosco” (Mt 1), que chama a todos os que estão fatigados e sobrecar- regados nesta vida para proporcionar-lhes descan- so e alívio (Mt 11,28-30). Ninguém jamais com- preenderá plenamente o ser humano nem a histó- ria em que este se desenvolve sem referência a Jesus e, por isso, quem não recolhe com ele final- mente só dispersa (Lc 11,23 e par.).

Para aqueles que ouvem o chamado à conver- são, aqui e agora, inicia-se uma vida nova desen- volvida sob o impulso do Espírito Santo, de pro- funda confiança no Pai (Mt 6,25-32) e num amor que transcende as barreiras humanas (Mt 5,38- 48). Trata-se de uma vida em busca, primeiramen- te, do reino de Deus e sua justiça (Mt 6,33); de uma vida fundamentada na rocha, que é Jesus (Mt 6,24-27); de uma vida que aguarda praze- rosamente seu regresso para julgar os vivos e os mortos, mas — sobretudo — para conduzir seus discípulos até a casa do Pai (Jo 14,1ss.). Em to- dos esses sentidos — e não apenas em alguns — o Evangelho tem pretensões de vigência e per- manência milenares (Mc 13,31 e par.), pretensões abraçadas e testemunhadas, não poucas vezes, com sangue, pela vivência de milhares de pes- soas ao largo de praticamente vinte séculos.

*A Presente Obra*

A partir desses três eixos — os Evangelhos

como obras literárias, como fontes históricas e como Boa Nova — deve-se ler o presente livro. Sua finalidade é proporcionar um instrumento de trabalho, de consulta e de estudo a todos — cren- tes e não-crentes — que desejam conhecer mais Jesus e os Evangelhos. Daí o grande número de opiniões, de bibliografias que o acompanha; daí a lista de títulos, muitos deles de surgimento bem recente e que se encontram no final da obra. Tra- ta-se, enfim, de um livro que deve ser lido com os Evangelhos à mão porque, como um livro de botânica que não deve afastar-nos do aroma da rosa, deve levar-nos a apreciá-los ainda mais. Este livro não pretende substituir a obra, mas contri- buir, embora modestamente, para apreciar e de- gustar melhor os ensinamentos e a vida de Jesus. Se o conseguir pelo menos uma só vez terá atin- gido sua finalidade.

Miami - Saragoça - Madri - Saragoça   
Primavera de 1994

“Eis que estou à porta e bato. Se al- guém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos juntos” (Ap 3,20).

**A**

**Abba**

Palavra aramaica que significa “pai”, ou me- lhor dizendo, “papaizinho”. É o termo habitual com que Jesus se dirigia a Deus, o que demonstra sua autoconsciência de filiação divina (Mc 14,36). Atualmente, é indiscutível que nenhum dos ju- deus contemporâneos de Jesus ousara aplicar se- melhante tratamento a Deus e que os empregos posteriores da palavra não tinham a profundida- de da adotada por Jesus.

D. Flusser, *Jesús,* Madri 1975; J. Jeremias, *“Abba”*, *S*alamanca 1983; idem, *Teología del N.T.,* Salamanca 1980; G. Vermes, *Jesús el judío*, Barcelona 1977; César Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio: el Documento* *Q*, Barce- lona 1993; idem, *El judeo-cristianismo palestino en el s. I:* *de Pentecostés a Jamnia*, Madri 1995.

**Abel**

Em hebraico Hebel, sopro. Conforme alguns, o nome estaria relacionado à efemeridade de sua existência. Para outros, derivaria do acádio “ablu”, filho. Era filho de Adão e Eva (Gn 4,2). Pastor e tendo melhor relação com o Criador, sofria a in- veja de seu irmão Caim, que era agricultor. A in- veja de Caim o levaria, finalmente, a assassinar seu irmão Abel (Gn 4). Para Jesus, é um dos mo- delos do justo assassinado por um ímpio e, nesse sentido, sua própria prefiguração (Mt 23,35).

Nahum M. Sarna, *Understanding Genesis*, Nova York 1970; G. von Rad, *El libro del Génesis,* Salamanca 1982; P. Bonnard, *o. c.*

**Abiatar**

Sacerdote partidário de Davi (1Sm 22,20-23). Jesus menciona-o como fundamento para sub- meter o cumprimento da lei do \**sábado* a outros fins mais importantes (Mc 2,26). Supostamente, esse personagem ajudou Davi em um dia de sá- bado.

**Abismo**

Do grego “abyssos”, profundidade sem fundo nem limites. Na tradução do Antigo Testamento para o grego, conhecida como Septuaginta ou Bíblia dos LXX, o termo é utilizado com refe- rência ao caos anterior à obra criadora de Deus (Gn 1,2) e também em relação ao sheol ou Hades (Jó 41,24 LXX). No Livro de Henoc, o abismo é claramente indicado como o lugar de castigo cons- ciente dos \**demônios* ou anjos decaídos. Jesus identificou-o com a morada dos demônios (Lc 8,31) e o Hades com o lugar dos mortos cons- cientes (Lc 16,26ss.) (comp. Mt 25,41.46).

J. Grau, *Escatología*, Barcelona 1977; J. Guillén Torralba, *Luces y sombras del más allá*, Madri 1964; A. Edesrsheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, Grand Rapids 1976; César Vidal Manzanares, *Diccionario* *de las* *tres religiones monoteístas*: *judaísmo, cristianismo e islam*, Madri 1993; idem, *El judeo-cristianismo* *palestino en el s.* *I: de Pentecostés a* *Jamnia,* Madri 1994; M. Gourgues, *El* *más allá en el Nuevo Testamento,* Estella 41993.

**Ablução**

No Antigo Testamento, as abluções eram li- mitadas a situações bem explícitas de contato com a divindade ou à classe sacerdotal em relação às suas funções (Êx 30,17-21). Jesus repudiou cla- ramente as abluções típicas das escolas farisaicas de sua época (Mc 7,1ss. e par.).

**Abominação da desolação**

Expressão utilizada em Dn 11,31 que se re- fere à profanação do Templo de Jerusalém por mãos do monarca helenista Antíoco Epífanes, no ano 168 a.C. Jesus empregou essa expressão ao profetizar a destruição de \**Jerusalém e do \*Templo* (Mc 13,14 e Mt 24,15), possivelmente por causa do caráter também pagão das tropas ro- manas.

F. F. Bruce, *Israel y las naciones*, Madri 1979; idem, *New Testament History*, Nova York 1980; P. D. Hanson, *Old* *Testament Apocalyptic*, Nashville 1987; idem, *The dawn of* *Apocalyptic*, Filadélfia 1989; F. J. Murphy, *The Religious* *World of Jesus*, Nashiville 1991; C. Rowland, *The Open* *Heaven*, Londres 1985; César Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo*...; idem, *Diccionario de las tres*...; V. Taylor, *Evangelio según san Marcos*, Madri 1979; P. Bonnard, *Evangelio según san Mateo*, Madri 1978.

**Abraão**

1. *Patriarca*. Filho de Taré ou Tera, pai dos hebreus, pai dos que crêem e amigo de Deus (Gn 15,1-18; 16,1-11; 18,1-19.28; 20,1-17; 22,1-14; 24). Segundo Jesus, no final dos tempos e junto ao patriarca, desfrutarão do banquete do \**Reino* de Deus não somente os israelitas como também os \**gentios* que creram no Cristo. 2. *Seio de.* Na literatura judaica, como por exemplo: *Discurso a* *los griegos acerca del Hades,* de Flávio Josefo, o lugar do sheol ou \**hades,* donde os justos espera- vam conscientemente a descida do \**Messias,* que os arrebataria ao \**céu*. Esse é o sentido que os \**Evangelhos* expressam, como o relato do homem \**rico* e \**Lázaro* de Lc 16,19-31.

**Abutre**

Grego: Aetos. No Novo Testamento, é difícil saber se o termo refere-se à águia ou ao abutre, e, neste segundo caso, a qual espécie se refere (“que- bra-ossos”, “cinzento” e “abanto”). A referência em Mt 24,28 e Lc 17,37 é de difícil interpretação. Enquanto para alguns autores se trataria de uma menção às águias das insígnias romanas, para outros seria um provérbio equivalente ao nosso “Onde há fumaça, há fogo”. Neste último caso, Jesus estaria afirmando que o conjunto de sinais indicados por ele bastaria para saber que falava sobre o cumprimento da profecia.

**Acéldama**

Ver \**Hacéldama.*

**Adoração**

Do latim “adoratio”, palavra derivada de “ad oro” (oro ou rogo-te). Define o culto reservado única e exclusivamente a \**Deus.* No grego utili- zavam-se os termos “latreia”, “proskynesis” e “dulía” para expressar essa atitude. O judaísmo reservava-a, de maneira indiscutivelmente exclu- siva, a Deus, sem admitir o culto a nenhum outro ser nem tampouco a nenhuma imagem, mesmo que essa tendesse a representar a divindade (Êx 20,4ss.; Dt 5,1ss.; Is 44,9-20; Dn 5,23; 2Rs 23,4ss.). Também Jesus manteve esse ponto de vista (Mt 4,10; Lc 4,8); os evangelhos indicam que, após sua \**ressurreição,* Jesus foi adorado por seus discípulos (Mt 28,17; Lc 24,52) que o pro- clamaram \**Senhor* e Deus (Jo 20,28); alguns tex- tos parecem indicar uma consciência incipiente dessa realidade antes mesmo da morte de Jesus (Mc 4,39-41; Lc 5,8-10).

O. Cullmann, *Christology of the New Testament*, Lon- dres 1975; M. Hengel, *El Hijo de Dios*, Salamanca 1978; E. Schweizer - A. Díez Macho, *La iglesia primitiva: medio* *ambiente, organización y culto*, Madri 1974; César Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**Aduana**

Local de arrecadação de impostos na entrada ou saída de um país. \**Cafarnaum* era lugar de aduana entre a \**Galiléia* e \**Traconítide* (Mt 9,9; Mc 2,14; Lc 5,27).

**Adultério**

O Antigo Testamento continha proibições ca- tegóricas em relação ao adultério (Êx 20,14; Lv 18,20; Dt 22,22-29), que era castigado com o \**apedrejamento*. Embora o judaísmo rabínico te- nha suprimido progressivamente a pena de morte como castigo do adultério, limitando a sanção ao repúdio à esposa, o apedrejamento não era incomum nos tempos de Jesus (Jo 8,1ss.). A vi- são veterotestamentária do adultério é apro- fundada por Jesus — que o considerou um grave pecado (Mt 15,19; Mc 7,22) — em três aspectos concretos. Em primeiro lugar, opõe-se à exe- cução da adúltera (Jo 8,1ss.), no que coincide, pelo menos em parte, com algumas das escolas rabínicas de sua época. Em segundo lugar, inter- preta como adultério qualquer atividade — in- clusive mental — em que a pessoa é vista apenas como objeto de satisfação da lascívia (Mt 5,27ss.), não limitando o termo apenas às mu- lheres (Mt 5,28), mas incluindo também os ho- mens. Finalmente, se Mateus 5,31-32 e 19,9 re- fere-se ao adultério, este seria considerado por Jesus como a única razão permitida para o divór- cio, seguindo assim a linha da escola farisaica de Shamai.

J. Driver, *o. c*.; P. Bonnard, *o. c*.; L. Poittevin - E. Charpentier, *El Evangelio según san Mateo,* Estella 121993; J. Delorme, *El Evangelio según san Marcos*, Estella 131995; J. Zumstein, *Mateo el teólogo*, Estella 31993.

**Ágape**

Um dos quatro termos gregos — os outros são philía, eros e storgué — que podem ser traduzi- dos para o português como “amor”. Não é um termo clássico, embora sua forma verbal apareça ocasionalmente em Plutarco e em Xenofonte. Na Septuaginta, é usado catorze vezes em relação ao amor sexual (Jr 2,2 etc.) e duas como contraposição a ódio (Ecl 9,1). No Livro da Sa- bedoria, é utilizado para descrever o amor de Deus (3,9) e o amor à sabedoria (6,18). A carta de Aristéias (229) considera-o alicerce de força da piedade. Nos evangelhos, é o termo mais impor- tante para expressar o amor. Esse amor é a base da relação entre o Pai e o Filho dentro da \**Trin-* *dade* (Jo 17,26) e também constitui a atitude fun- damental de Deus para com os homens, manifes- tada de maneira primordial no fato de o Filho encarnar-se para morrer na cruz e assim expiar os pecados do gênero humano (Jo 3,16). Como si- nal de gratidão, o dever do ser humano é mani- festar esse amor-ágape a Deus (Mt 22,37) e a seu \**próximo,* incluindo os \**inimigos*. Esse amor — novo \**mandamento* deixado por Jesus — consti- tui o maior distintivo da conduta cristã (Jo 13,34; 15,12) e deve ser semelhante ao amor de Deus (Mt 5,43-48).

W. Barclay, *Palabras...;* D. Flusser, *o. c.*; J. Klausner, *Jesús de Nazareth*, Buenos Aires 1971; E. Schweizer - A. Díaz Macho, *o. c*.

**Ágrafa**

Frases de Jesus não reunidas nos quatro *evan-* *gelhos* canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João). O Novo Testamento contém uma pelo menos em Atos 20,35ss. (1Ts 4,15ss. é mais discutível). Outras aparecem em textos cristãos primitivos e até mesmo no Talmude, embora o caráter heréti- co de algumas obras que as reúnem torne difícil estabelecer sua autenticidade, como por exemplo o evangelho de São Tomé. Em termos gerais, não acrescentam nada de substancial ao nosso conhe- cimento do Jesus histórico.

J. Jeremías, *Palabras desconocidas de Jesús*, Salamanca 1984; César Vidal Manzanares, *Los Evangelios* *gnósticos,* Barcelona 1991; idem, *El Primer Evangelio*...; R. Dunkerley, *Beyond the Gospels*, Londres 1957.

**Agripa**

Ver \**Herodes Agripa.*

**Água**

Ver \**Ablução, \*Batismo, \*Novo nascimento*.

**Águia**

Ave de rapina mencionada em Mt 24,28 e Lc 17,37. Possivelmente identifica-se mais com o

**Alimentos**

**/ 25**

abutre do que com a águia propriamente dita. A sentença junto às referências de Mateus e Lucas equivale ao provérbio português: “Onde há fu- maça, há fogo”.

**Ais**

Manifestação de dor ante uma desgraça pre- sente (Mt 11,21; 23,13-29; Lc 6,24-26) ou futura (Mt 18,7; 24,19; 26,24). Não deve ser confundi- da com \**maldição.*

**Álcool**

O Antigo Testamento não proíbe seu consu- mo e até mesmo tem palavras de elogios para ele (Salmo 104,15; Pr 31,6). No entanto, é muito ri- goroso na condenação à embriaguez, ainda que involuntária (Pr 20,1; 21,17; 23,30ss. etc.), e ao hábito de beber (Is 5,11ss.; 28,7). O Antigo Tes- tamento proíbe o vinho aos \**sacerdotes* enquan- to desempenham suas funções (Lv 10,9) e ao \**nazireu* durante seu voto (Nm 6,3).

Jesus transformou a água em vinho (Jo 2,1ss.), não teve problema em consumi-lo — foi inclusi- ve acusado de beberrão (Mt 11,19) —, conhecia seu uso medicinal (Lc 10,34) e o utilizou na Últi- ma \**Ceia* (Mt 26,26ss.; Mc 14,23-25; Lc 22,20ss.).

**Alfeu**

1. Pai de \**Levi* (Mc 2,14). 2. Pai de \**Tiago,* um dos \**apóstolos* (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15).

**Aliança, Nova**

Ver \**Pacto, Novo.*

**Alimentos**

Em relação aos alimentos, o judaísmo aplica as normas denominadas de “cashrut”, cuja ori-

**26 /**

**Alma**

gem fundamental é veterotestamentária, implican- do uma clara separação entre alimentos puros e impuros. Em alguns grupos, como o dos \**fariseus*, o conjunto de proibições se ampliou e inclusive exigiu a adoção de uma série de medidas concre- tas relacionadas ao acréscimo da própria comida. Jesus se opôs claramente a essas normas, princi- palmente quando eram acentuados apenas os as- pectos externamente rituais da \**Lei* e não o es- sencial dela (Mt 15,1-20). E acabou por declarar “puros todos os alimentos” (Mc 7,18-19).

H. H. Donin, *o. c.;* Y. Newman, *o. c.;* D. Stern, *Messianic* *Jewish manifesto*, Jerusalém 1991; César Vidal Manzanares, *Diccionario de las tres*...; Idem, *El judeo-cristianismo*...

**Alma**

Parte espiritual do homem, distinta de seu cor- po. Embora o conceito bíblico esteja longe da rí- gida dicotomia entre corpo e alma que caracteri- za, por exemplo, o hinduísmo ou o platonismo, o certo é que também existia a crença de uma cate- goria distinta do corpo que se identificava com o mais íntimo do ser. Assim aparece no Antigo Tes- tamento como um “eu” espiritual que sobrevive consciente depois da \**morte* (Is 14,9ss.; Ez 32,21ss.). Ainda que se insista que o \**pecado* cau- sa a morte da alma (Ez 18,4), isso não implica, em caso algum, a inconsciência ou aniquilação do sujeito. A morte física elimina seu corpo e des- trói os planos que fizera (Sl 146,4), porém seu \**espírito* volta-se para Deus (Ecl 12,7), persis- tindo. A idéia da imortalidade da alma ainda era evidente durante o período intertestamentário e refletida, entre outros, pelo historiador judeu Flá- vio Josefo em seu *“Discurso aos gregos acerca* *do Hades”.*

Os rabinos contemporâneos de Jesus — as- sim como o Talmude judeu posterior — insisti- ram também no conceito da imortalidade da alma e da sua sobrevivência consciente (para ser ator- mentada conscientemente na \**geena* ou feliz no seio de \**Abraão*) após a morte física. Em nossos

**Altar**

**/ 27**

dias, considera-se que a crença na imortalidade da alma é uma das doutrinas básicas do judaís- mo, especialmente no seu setor reformado.

Em um de seus ensinamentos mais conheci- dos (Lc 16,19ss.), Jesus ressaltou que, no momen- to da morte, a alma da pessoa recebe um castigo ou uma recompensa consciente, e descreveu o primeiro em termos sensíveis como o fogo (Mc 9,47-48; Lc 16,21b-24), choro e ranger de dentes (Mt 8,12; 13,42; 24,51 etc.) etc. Apesar de tudo, no ensinamento de Jesus não se considera a con- sumação escatológica concluída na \**resssurreição* (Jo 5,28-29; Mt 25,46). Ao recusar a idéia do sono inconsciente das almas, da mortalidade da alma e da aniquilação, ao mesmo tempo que ressaltava a esperança da ressurreição, Jesus conservava a vi- são já manifestada no Antigo Testamento e, mui- to especialmente, no judaísmo do Segundo Tem- plo, com exceções como a dos \**saduceus.*

A. Cohen, *o. c.*; J. Grau, *Escatología...;* J. L. Ruiz de la Peña, *La otra dimensión*, Santander 1986; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo...;* Idem, *Diccionario de* *las tres..;* M. Gourges, *El más allá en el Nuevo* *Testamento,* Estella 41993.

**Aloés**

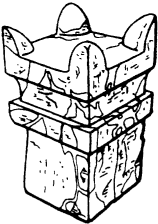
Perfume extraído de uma madeira preciosa do Oriente. Costumava-se misturá-lo a outros, como a \**mirra* (Jo 19,39).

**Alqueire**

Também: modius. Medida romana de capaci- dade de uns 8,75 litros. Em determinadas ocasi- ões, era utilizada por gente humilde como prato ou tigela para comer (Mt 5,15; Mc 4,21; Lc 11,33).

**Altar**

O lugar diante do qual se apresentavam as \**oferendas* a Deus. Jesus considerava-o digno de respeito (Mt 5,23ss.; 23,18-20) e exigia, por isso,

**28 /**

**Am Ha-Arets**

a prévia reconciliação daqueles que se acercavam dele.

*Altar de pontas de antigos santuários israelitas*   
*(Am 3,14; Sl 118,27)*

**Am Ha-Arets**

Literalmente, a gente da terra. Grupo que in- cluía, conforme o critério dos \**fariseus,* a maio- ria do povo de \**Israel,* pouco inclinado a guardar as normas da \**Torá,* de acordo com a sua inter- pretação. Sob esse ponto de vista, considerava-se ritualmente bastante contaminada para poder com- parecer limpa diante de Deus. O fato de Jesus considerar questões como as relacionadas ao \**sá-* *bado* ou aos \**alimentos* com maior flexibilidade, sua fama de fazedor de \**milagres* e o fato de ver os homens como pecadores necessitados da aju- da divina (Mc 2,16-17) de quem teria de sair à procura (Lc 15,1ss.) são algumas das causas que explicam a atração que exerceu sobre muitos dos am ha-arets. Sem dúvida, essas realidades não deveriam fazer-nos esquecer, em uma romântica idealização, que também boa parte das pessoas pertencentes a essa classe social sentiu-se desi- ludida com as ações de Jesus. A radicalidade de seu ensinamento e especialmente seu conceito não-político do \**messias* provocaram a desilusão em muitos que acabaram por abandoná-lo (Jo 6,15-60ss.).

**Anciãos**

**/ 29**

E. Schürer, *o. c.;* *Encyclopaedia of Religion and Ethics,* 13 vols., 1908-1926 (doravante ERE), I, pp. 385ss.; E. P. Sanders, *Judaism...;* C. Vidal Manzanares, *El Primer* *Evangelio...;* C. Saulnier e B. Rolland, *Palestina en* *tiempos* *de Jesús,* Estella 101994.

**Amém**

Palavra hebraica que significa “em verdade” e que também pode ser traduzida por “assim seja” ou “assim é”. No caso de Jesus, ocasionalmente, pode anteceder declarações que realcem seu ca- ráter de \**profeta.*

**Amor**

Ver \**Ágape, \*Sexo.*

**Ana**

Nome de uma viúva profetisa, que reconhe- ceu em Jesus menino o \**messias* (Lc 2,36).

**Anás**

Sumo \**sacerdote* a partir de 6 d.C. (Lc 3,2), sogro de \**Caifás* e, muito possivelmente, chefe do grupo dos \**saduceus.* Embora deposto por Valério Grato em 15 d.C., continuou mantendo um poder à sombra, como demonstra o fato de Jesus ter sido conduzido diante dele no transcur- so de seu processo (Jo 18,13-24).

**Anciãos**

No Antigo Testamento, recebia esse nome aquele que sucedia ao pai — geralmente em vir- tude do direito de primogenitura — no governo da casa, clã ou tribo (1Rs 8,1-3; Jz 8,14-16). Des- frutavam de autoridade sobre o povo (Dt 27,1; Esd 10,8) e eram também representantes da na- ção em atos políticos (Jz 11,5-11; 1Sm 8,4; 2Sm 5,3) e religiosos (Lv 4,13-15; Js 7,6). Numa prá-

**30 /**

**André**

tica generalizada, os povoados contavam com uma administração civil e religiosa desempenha- da por anciãos (Dt 19,12; 21,2; Rt 4,2-11; 1Sm 11,3; Esd 10,14). Essa instituição vigorou até o tempo de \**Jesus* (Mt 15,2; 21,23; 26,3-47).

R. de Vaus, *Instituciones del Antiguo Testamento*, Bar- celona, 1985; C. Vidal Manzanares, *Diccionario de las* *tres...;* Idem, *El judeo-cristianismo...*

**André**

Um dos \**doze* \**apóstolos* de \**Jesus* (Jo 1,35- 42; Mt 4,18-20; Mc 13,3ss.). Seguramente, nada sabemos a respeito dele além do que o Novo Tes- tamento apresenta. Segundo uma tradição tardia, foi martirizado em Patras na Acaia, por volta do ano 60. A tradição de ter morrido em uma \**cruz* em forma de aspa com certeza carece de base his- tórica e não surgiu antes do séc. XIV.

**Anjo**

Palavra derivada do grego “ággelos” (mensa- geiro), que na Septuaginta traduz o hebreu “malaj”. Com essa missão de mensageiros divi- nos é que aparecem principalmente nos evange- lhos (Mt 11,10; Mc 1,2; Lc 7,24-27; 9,52). So- mente em situações excepcionais são menciona- dos por um nome (Lc 1,19.26).

Estão relacionados à missão de Jesus (Mt 4,11; Mc 1,13; Lc 22,43; Jo 1,51) e à sua \**parusia* (Mt 13,39.41.49; 16,27; 24,31; 25,31). Presentes na corte celestial (Lc 12,8ss.; 16,22), alegram-se com a \**conversão* dos \**pecadores* (Lc 15,10) e cui- dam das crianças (Mt 18,10). Seu estado de vida permite compreender qual será a condição futura dos que se salvam (Mt 22,30; Mc 12,25; Lc 20,36). Os evangelhos indicam também a existência do Diabo, um anjo decaído ao qual seguiram outros anjos, como um ser pessoal e real que governa os reinos deste mundo (Lc 4,5-7) e o mundo em ge- ral. Jesus deu a seus \**discípulos* a autoridade para derrotá-lo (Lc 10,19-20) e, no fim dos tempos,

**Anti-semitismo**

**/ 31**

tanto ele como seus sequazes serão vencidos (Mt 25,41) e confinados no fogo eterno.

A. Cohen, *o. c.*; F. J. Murphy, *The Religious...;* ERE IV, pp. 578, 584, 594-601; C. Vidal Manzanares, *Diccionario* *de las tres...;* Idem, *El judeo-cristianismo...*

**Ano**

Sua duração dependia de seu caráter solar ou lunar. Dividia-se em \**inverno* (de 15 de outubro a 15 de maio) e \**verão* (de 15 de maio a 15 de outubro). Nos cálculos de duração, uma fração de ano equivalia a um ano inteiro.

Contavam-se os anos de um imperador a par- tir de sua ascensão ao trono. Assim, o ano quinze de \**Tibério* (Lc 3,1) iria de 19 de agosto de 28 a 19 de agosto de 29, mas \**Lucas* utilizou o côm- puto sírio — que iniciava o ano em 1o de outubro — e, nesse caso, o ano quinze teria iniciado em 1o de outubro de 27.

**Anti-semitismo**

Atitude de hostilidade, que pode concretizar- se em agressões específicas aos judeus. Nem todo ataque ou crítica a eles deve ser visto como de- monstração de anti-semitismo. De fato, o Antigo Testamento contém fortes ataques contra o povo de Israel (Êx 32,9; 33,3; Dt 31,27; Jr 2,27 etc.) que não podem ser entendidos em termos raciais, mas espirituais: acusa-se o povo como o grupo que desobedece à voz de Deus e à dos profetas. Nesse mesmo sentido devem ser interpretadas as referências negativas dos evangelhos relaciona- das a Israel. Jesus lamentou a incredulidade de alguns judeus (Mc 6,1-5), assim como a dureza da conduta de alguns dos dirigentes religiosos (Mt 23). Sem dúvida, salientou taxativamente que a salvação vinha dos judeus (Jo 4,22), manifestou sua compaixão pelo povo necessitado (Mt 10,6; 15,24; Mc 6,34) e expressou seu desejo de restaurá-lo (Lc 13,34). Longe de se evidenciar no ensinamento de Jesus o menor vislumbre de anti-

**32 /**

**Antigo Testamento**

semitismo, percebe-se nele um profundo amor a Israel, de cujo povo fazia parte espiritual e racial- mente.

L. Poliakov, *Historia del antisemitismo*, v. I, Buenos Aires 1968; H. Ben-Sasson, *A History of the Jewish People,* Harvard 1976 (Há uma edição espanhola da Aliança Edito- rial, com o título de *Historia del pueblo judío,* 3 tomos, Madri 1988); C. Vidal Manzanares, *El primer Evangelio...;* Idem, *El judeo-cristianismo...;* E. Mary, *La aportación de un judío* *a la Iglesia,* Barcelona 1986.

**Antigo Testamento**

1. Primeira parte da Bíblia cristã, que contém os livros revelados ao povo de Israel no passado. Existem dois \**cânones* mais extensos, aos quais se devem acrescentar outros específicos de algu- mas Igrejas orientais. O primeiro, estabelecido pelos judeus no Concílio de Jâmnia (90-100 d.C.), contém as seguintes divisões e livros: a Torá ou Lei (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), os Neviim ou Profetas (Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze profetas menores (Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias) e os Ketubim ou Escritos (Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, 1 e 2 Crônicas). Esse cânon é o adotado atualmente pelos judeus e também pelas Igrejas protestantes, embora para estes a ordem dos livros seja outra. A Igreja Católica incluiu no cânon judaico do Antigo Testamento os seguintes livros que, por essa razão, são chamados deuterocanônicos (per- tencentes a um segundo grau de canonicidade) e aos quais os adeptos do primeiro cânon denomi- naram apócrifos (excluídos do cânon): Judite, Tobit ou Tobias, 1 e 2 Macabeus, Eclesiástico, Sabedoria, Baruc, trechos adicionais a Ester e Daniel. Esse cânon mais amplo é mais tardio.

F. F. Bruce, *The Canon of Scripture*, Downers Grove 1988; R. K. Harrison, *o. c.;* C. Vidal Manzanares, *Diccionario* *de las tres...;* A. Paul, *La inspiración y el canon de las Es-*

**Apocalíptico**

**/ 33**

*crituras*, Estella 41993; R. Beckwith, *The Old Testament* *Canon of the New Testament Church*, Grand Rapids 1986.

**Antipas**

Ver \**Herodes Antipas.*

**Anunciação**

Visita do anjo a Maria para “anunciar-lhe” que dela nascerá virginalmente o Messias (Lc 1,26- 38), o qual é descrito com características huma- nas (Lc 1,32) e divinas (Lc 1,34ss.).

R. E. Brown, *El nacimiento del Mesías*, Madri 1982; J. Zumstein, *Mateo, el teólogo*, Estella 31993. J. P. Michaud, *María de* *los Evangelios*, Estella 21993; L. Poittevin e E. Charpentier, *El Evangelio.*..; A. George, *El Evangelio según* *san Lucas*, Estella 131994; C. Perrot, *Los relatos de la infancia* *de Jesús*, Estella 71993.

**Apedrejamento**

Conforme a \**Lei* de Moisés, morte prescrita para alguns delitos mais graves como o \**adulté-* *rio* ou a \**blasfêmia* (Lv 24,14). Essa pena ainda era vigente na época de Jesus e era costume que as testemunhas do delito lançassem a primeira pedra (Jo 8,7). É evidente que Jesus opôs-se ao cumprimento literal desse preceito mosaico (Jo 8,1ss.), assim como à aplicação da lei de \**talião* em qualquer de suas formas.

Em muitos casos, a execução por esse meio convertia-se quase num linchamento legalizado, procedente da cólera popular (Lc 20,6; Jo 8,58- 59; 10,31-33; 11,8). Essa foi a experiência de Je- sus, que acusou \**Jerusalém* de apedrejar os pro- fetas a ela enviados (Mt 23,37; Lc 13,34).

**Apocalíptico**

Denominação aplicada a um gênero literário que descreve acontecimentos relativos ao final dos tempos e, mais concretamente, à crise final ante- rior à chegada do \**Reino* messiânico. Embora se

**34 /**

**Apóstolos**

costume comparar o apocaliticismo a atitudes escapistas, essa interpretação geralmente não corresponde às fontes escritas de que dispomos. O gênero apocalíptico manifesta uma perspecti- va evidentemente espiritual, mas não especulativa e, habitualmente, dotada de uma visão prática da existência. Temos exemplos desse gênero na se- gunda parte do Livro de \**Daniel* (é discutível que a totalidade do livro possa ser qualificada como apocalíptica), numa segunda parte de \**Zacarias* e no denominado Apocalipse de \**Isaías* (Is 24- 27). No período intertestamentário, o \**judaísmo* produziu obras apocalípticas — em alguns casos, posteriormente interpoladas por autores cristãos — como o Livro de Henoc, o quarto livro de Esdras, a Assunção de Moisés, o Livro dos Jubi- leus e o Testamento dos Doze Patriarcas.

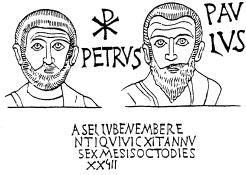
No Novo Testamento, somente o último livro — Apocalipse — pertence a esse gênero. Sem dú- vida, existem características apocalípticas no dis- curso de Jesus no \**Monte das Oliveiras* (Mt 24 e 25; Mc 13; Lc 21), no qual se mesclam as predi- ções sobre a futura destruição de \**Jerusalém* com referência à \**parusia.*

P. D. Hanson, *The Dawn...;* Idem*, Old Testament* *apocalyptic...;* F. J. Murphy, *o. c*.; C. Rowland, *The Open* *Heaven*, Londres 1985; D. S. Russell, *The Method and* *Message of Jewish Apocalyptic*, Filadélfia 1964; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo...;* Idem, *Diccionario de* *las tres...;* Equipo “Cahiers Evangile”, *El Apocalipsis*, Estella 101994; M. Delcor, *Mito y tradición en la literatura*

*apocalíptica*, Madri 1977.

**Apóstolos**

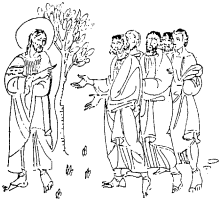
São os discípulos mais próximos de Jesus, es- colhidos para expulsar \**demônios,* curar enfer- midades, anunciar o evangelho (Mt 10,2-4; Mc 3,16-9; Lc 6,14-16; At 1,13) e julgar as doze tri- bos de \**Israel* (Mt 19,28). Conhecemos seus no- mes através das listas que aparecem nos Sinóticos e nos Atos (Mt 10,2-4; Mc 3,16-19; Lc 6,14-16; At 1,13), omitindo-se, nesse último caso, o nome de \**Judas Iscariotes*. João não apresenta nenhu-

**Apóstolos**

**/ 35**

*Os apóstolos Pedro e Paulo*   
*(Epitáfio de Ansellus)(DACL)*

ma lista, porém menciona os “Doze” como grupo (Jo 6,67; 20,24) e no mesmo sentido escreve \**Paulo* (1Cor 15,5). A lista costuma ser dividida, de maneira convencional, em três grupos de qua- tro. No primeiro, o apóstolo mencionado em pri- meiro lugar é sempre Simão, cujo nome foi subs- tituído pelo cognome \**Pedro* (“Petrós” [pedra], seguramente uma tradução do aramaico “Kefas”). Sempre associado a Pedro, vem seu irmão \**André* (Jo 1,40-41; Mc 1,16) e, logo em seguida, são mencionados Tiago e João, que eram, como os dois irmãos citados anteriormente, pescadores na Galiléia (Mc 1,19). Se sua mãe (Mt 27,56) era \**Salomé,* irmã de \**Maria,* a Mãe de Jesus (Mc 15,40; Jo 19,25), seriam então primos deste. En- tretanto, a hipótese não é de todo segura. No se- gundo grupo de quatro, encontram-se \**Filipe* de \**Betsaida* (Jo 1,44; 6,5-8; 12,22), \**Bartolomeu*, geralmente identificado com \**Natanael* (Jo 1,45- 46; 21,2), \**Tomé*, chamado “Dídimo” (o gêmeo) (Jo 11,16; 20.24), e \**Mateus*, que deve ser identi- ficado com o Levi de outras listas. Finalmente, no terceiro grupo de quatro estão Judas Iscariotes (supostamente morto logo após a execução de Jesus), \**Simão*, o Zelote, \**Tiago*, filho de \**Alfeu* e — situado em décimo lugar em Mateus e Mar- cos e em décimo primeiro em Lucas e Atos — \**Lebeu*, \**Tadeu* e \**Judas*. Essa última discrepân- cia tem sido explicada por diversas maneiras. Al- guns apontam a falta de escritos sobre esse per-

**36 /**

**Apóstolos**

sonagem (R. E. Brown, “The Twelve and the Apostolate” em NJBC, Englewood Cliffs 1990, p. 1.379); outros identificam Tadeu com \**Judas*, o irmão de \**Tiago,* considerando Lebeu apenas uma variante textual (A.T. Robertson, “*Una* *armonía de los* *cuatro Evangelios*, El Paso 1975, pp. 224-226. No mesmo sentido, M. J. Wilkins, “Disciples” em DJG, p. 181, alegando, princi- palmente, a existência de uma coincidência total no restante dos nomes), uma tese conciliadora que, possivelmente, corresponda à realidade his- tórica.

F. Schleiermacher e F. C. Baur negaram que o grupo dos Doze foi estabelecido por Jesus. De início, é impossível negar que ele era bem primi- tivo, já que Paulo o menciona em 1Cor 15,5. Além disso, em vista da análise das fontes, o mais ade- quado é fixar seu estabelecimento durante a vida de Jesus (E. P. Sanders, M. Hengel, F. F. Bruce, C. Vidal Manzanares etc.). Isso explicaria tam- bém circunstâncias como a premência em com- pletar seu número após a morte de Judas (At 1, 15-26).

Tem-se discutido bastante desde os finais do século passado o significado exato do apostolado. O ponto inicial dessa análise foi, sem dúvida, a obra de Lightfoot sobre a Epístola aos Gálatas (J. B. Lightfoot, *Saint Paul’s* *Epistle to the Galatians*, Londres 1865). É evidente que o termo deriva do infinitivo grego “apostellein” (enviar), cujo uso

**Apóstolos**

**/ 37**

não era muito comum nessa língua. Na Septuaginta, só aparece uma vez (1Rs 14,6) como tradução do particípio passado “shaluaj” de “shlj” (enviar). Tomando como ponto de partida essa circunstância, H. Vogelstein e K. Rengstorf rela- cionaram a instituição dos apóstolos aos “sheluhim” ou comissões rabínicas enviadas pe- las autoridades palestinas para representá-las com plenos poderes. Os “sheluhim” recebiam um man- dato simbolizado pela imposição das mãos, e seus deveres — que, muitas vezes, eram simplesmen- te civis — incluíam ocasionalmente a autoridade religiosa e a proclamação de verdades religiosas. Por não possuirmos referências aos “sheluhim” cronologicamente paralelas aos primeiros tempos do cristianismo, a interpretação citada já recebeu fortes ataques a partir da metade deste século. Atualmente, existe uma tendência de relacionar novamente a figura do apóstolo com a raiz ver- bal “shlj”, que foi traduzida na Septuaginta umas setecentas vezes por “apostollein” ou “exapostollein”. O termo era bastante amplo — como já destacou Lightfoot — indo, posterior- mente, além do grupo dos Doze. São considera- das importantes as contribuições de H. Riesenfeld (*The Gospel Traditions and Its Beginnings*, Lon- dres 1957) e de B. Gerhardsson (*Memory and* *Manuscript: Oral Tradition and Written* *Transmission in the Rabbinic Judaism* and *Early* *Christianity,* Uppsala 1961), que estudavam a possibilidade de os Doze serem o receptáculo de um ensinamento de Jesus, conforme uma metodologia de ensinamento semelhante ao rabínico e que, a partir deles, foi-se formando um depósito de tradições relacionadas com a prega- ção de Jesus. Essa tese, embora não seja indiscu- tível, possui certo grau de probabilidade.

C. K. Barrett, *The Signs of an Apostle*, Filadélfia 1972; F. Hahn, “Der Apostolat in Urchristentum” em *KD,* 20, 1974, pp. 56-77; R. D. Culver, “Apostles and Apostolate in the New Testament” em *BSac*, 134, 1977, pp. 131-143; R. W. Herron, “The Origin of the New Testament Apostolate” em *WJT,* 45, 1983, pp. 101-131; K. Giles, “Apostles before and after Paul” em *Churchman,* 99, 1985, pp. 241-256; F. H. Agnew, “On the origin of the term Apostolos” em *CBQ,* 38,

**38 /**

**Aramaico**

1976, pp. 49-53; Idem, “The origin of the NT Apostle- Concept” em *JBL,* 105, 1986, pp. 75-96; B. Villegas, “Peter Philip and James of Alphaeus” em *NTS,* 33, 1987, pp. 294; César Vidal Manzanares, *Diccionario de las Tres Religiones*, Madri 1993; Idem, *El judeo-cristianismo...*

**Aramaico**

Idioma semítico que já nos finais do período veterotestamentário sobrepusera-se à população judia, de tal maneira que necessitava de interpre- tação aramaica para entender as Escrituras em hebraico (Ne 8,1ss.). Jesus se expressou em aramaico, ainda que certamente conhecesse o hebraico (Lc 4,16ss.) e também o grego, já que era galileu.

M. Black, *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*, Oxford 1967; G. Lamsa, *Holy Bible from the Ancient* *Eastern* *Text (Peshitta),* Nova York 1989.

**Arimatéia**

Cidade a noroeste de Jerusalém, possivelmente a Ramataim do Antigo Testamento (1Sm 1,1). Dela procedia o \**José* que sepultou Jesus (Mt 27,57; Mc 15,43; Lc 23,51; Jo 19,38).

**Aroma**

Substância aromática de origem vegetal utili- zada para a fabricação de \**perfumes* (Mc 16,1; Lc 23,56; 24,1; Jo 10,40).

**Arquelau**

Filho de \**Herodes,* *o Grande,* e de Maltace (23 a.C. — 15 d.C.), irmão de \**Herodes Antipas*, \**etnarca* da \**Judéia,* \**Samaria* e Iduméia em 4 a.C. Acusado de tirania, viu-se obrigado a exilar- se em Viena, na Gália, em 6 d.C., transformando- se seu território em província romana. O medo de suas ações levou \**José,* o pai legal de Jesus, a fixar sua residência na \**Galiléia* (Mt 2,22).

**Árvore**

**/ 39**

**Arqueologia**

Ver \**Cafarnaum, \*Jerusalém, \*Nazaré,* *\*Qumrán*.

**Arrependimento**

Em hebraico, o termo utilizado é “teshuváh”, que procede de uma raiz verbal que significa voltar ou retornar. No Antigo Testamento, é um chamado constante dos profetas para afastar-se do mau caminho e viver de acordo com a Alian- ça. Em nenhum caso, indica a obtenção do per- dão mediante o esforço humano, mas receber o perdão misericordioso de Deus para seguir uma vida nova de obediência a seus mandamen- tos.

Nos evangelhos, o conceito de arrependimen- to (“metanoia” ou mudança de mentalidade) é um conceito essencial, equivalente à \**conversão,* que se liga ao profetismo do Antigo Testamento, mos- trando-se distanciado do desenvolvimento do ju- daísmo posterior. Jesus insiste na necessidade de arrepender-se porque chegou o \**Reino* de Deus (Mc 1,14-15) e afirma que se perecerá se não hou- ver arrependimento (Lc 13,1-5). O arrependimen- to jamais é uma obra meritória, mas uma respos- ta ao chamado amoroso e imerecido de Deus (Lc 15,1-32). O arrependimento é, portanto, voltar- se à graça de Deus, recebê-la humilde e agradecidamente e, então, levar uma vida con- forme os princípios do Reino. E até mesmo àque- le que se arrepende e já não tem possibilidade de mudar de vida, porque está prestes a morrer, Deus mostra seu amor, acolhendo-o no \**paraíso* (Lc 23,39-43).

**Árvore**

Símbolo do ser humano, que deve dar bons frutos — a \**conversão* — para não ser lança- do ao fogo (Mt 3,10; 7,17ss.; 12,33; Lc 3,9; 6,43ss.).

**40 /**

**Ascensão**

**Ascensão**

Episódio relatado por Lucas (Lc 24,51) e pos- sivelmente por Mc 16,19. Também está implícito no final de Mateus (28,16ss.) e numa passagem de João (7,39). Nessas passagens se expressa a separação visível de Jesus e seus discípulos (Lc 24,51; At 1,9) — como deve acontecer na \**parusia* ou segunda vinda de Cristo (At 1,10- 11) — e a ascensão daquele à direita do Pai, se- gundo os textos messiânicos do Salmo 2 e 110. Além disso, esse fato constitui o passo prévio para o envio do \**Espírito Santo* (Jo 7,39; At 1,6-8). Por não estar ligada à descrição conscienciosa sobre a vida eterna ou sobre o final dos tempos, torna os relatos sobre ela substancialmente dis- tintos dos do apocalipse judaico já mencionado.

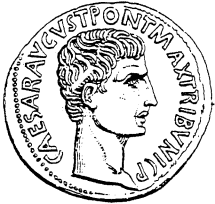
**Assassinato**

No Antigo Testamento é o ato intencional de matar alguém (Êx 20,13). Nesse caso, a pena im- posta pela \**Torá* era a morte (Êx 21,12ss.). Se o homicídio fosse acidental, existiam medidas de proteção em favor do causador (Nm 35,14-34). Para Jesus, a ira ou o insulto são equivalentes ao assassinato (Mt 5,21ss.) e não é lícita nenhuma forma de violência (Mt 5,38ss.) nem mesmo para castigar o causador do mal. A nova ética do \**Rei-* *no* implica uma atitude da parte de seus seguido- res rigorosamente distinta da dos \**gentios* (Mt 5,46-47) e até mesmo a apresentada pela \**Torá* (Mt 5,21ss.; 5,27ss.; 5,38ss.).

J. Driver, *Militantes para un mundo nuevo*, Barcelona 1977; J. J. Petuchowski, *La voz del Sinaí*, Bilbao 1989; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; Idem, *El judeo-* *cristianismo*...

**Asse**

Moeda romana de bronze. Dezesseis asses era o salário habitual por um dia de trabalho (Mt 10,29; Lc 12,6).

**Autoridade**

**/ 41**

**Atar e desatar**

No contexto da \**sinagoga*, decisões relacio- nadas com a sua disciplina interna e com aspec- tos jurídicos. Em passagens onde aparecem ex- pressões desse tipo, os evangelhos parecem refe- rir-se a questões disciplinares (Mt 18,18) e, prin- cipalmente (Mt 16,9; Jo 20,23), à capacidade de decidir o destino final dos homens como conse- qüência da mensagem anunciada pelos \**apósto-* *los*. Aceitá-lo ou rejeitá-lo implicará, finalmente, a \**salvação* ou condenação da pessoa (Mc 16,14- 16). Nesse sentido, a autoridade dos discípulos difere da autoridade rabínica, já que é inseparável da mensagem anunciada. Em harmonia com isso, mais tarde na Igreja a autoridade apostólica apa- rece relacionada especificamente com o ensinamento (At 2,42; 2Tm 2,24-26).

**Augusto**

Título imperial conferido, em 16 de janeiro de 27 a.C., a Caio Júlio César Otaviano (63 a.C. - 14 d.C.), sobrinho-neto de Júlio César (Lc 2,1).

*O imperador Augusto*

**Autoridade**

Poder assentado sobre a legitimidade (Mt 12,2.10; 22,17). A que Jesus possui permite-lhe

**42 /**

**Azeite**

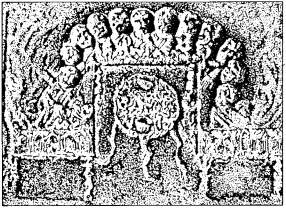
fazer \**milagres* de cura, expulsar \**demônios* e reinterpretar a \**Lei* de Deus (Mt 7,29; 9,6; 9,8; Mc 1,27); purificar o \**Templo* (Mt 21,23-27 e par.); julgar os seres humanos (Jo 5,27); entregar sua vida e ressuscitar (Jo 10,18. Comp. Jo 2,19- 22) e dar a vida eterna (Jo 17,2). Jesus possuía essa autoridade onipotente (Mt 28,19-20) antes mesmo de nascer (Jo 17,1ss.) e a delega agora a seus \**discípulos* (Mt 10,1ss.), que devem exercê- la da mesma forma que ele o fez como \**Servo* de Javé (Mt 20,25-28; Mc 10,42-45; Lc 22,24-27). Ao lado dessa autoridade única, legítima, encon- tram-se outras constituídas, cuja origem não é humana, mesmo que tenha essa aparência (Jo 19,10-11). Assim a possui o \**Diabo* sobre os rei- nos deste mundo (Lc 4,6).

**Azeite**

Alimento obtido da azeitona prensada. Além de alimento, na época de Jesus era utilizado para a iluminação (Mt 25,3ss.), como remédio (Lc 10,34; Mc 6,13) e como cosmético (Mt 6,17; Lc 7,46). O azeite da \**parábola* das virgens (Mt 25,3ss.) simboliza a fidelidade espiritual dos \**dis-* *cípulos* que devem, nessa atitude, esperar *a* *\*parusia.*

**Ázimo**

Pão sem levedura que se consumia durante a \**festa* da \**Páscoa.*



**B**

**Banquete**

Ver \**Mesa.*

**Barrabás**

**/ 43**

*Relevo romano do século I, representando* *um banquete de doze comensais em torno* *de uma mesa redonda de três pés (Pizzoli)*

**Baraquias**

O pai de Zacarias (Mt 23,35).

**Barjonas**

Literalmente, filho de Jonas ou de João. Cognome de \**Pedro* (Jo 21,17).

**Barrabás**

Literalmente, filho de Abbas ou filho do pai. Delinqüente judeu cuja liberdade alguns do seu povo preferiram à de Jesus (Mt 26,16; Mc 15,6ss; Lc 23,18ss.; Jo 18,40; At 3,14). A circunstância

**44 /**

**Bartimeu**

da libertação de um preso pela \**Páscoa* tem base histórica e aparece comentada no \**Talmude*. Bem difícil de sustentar é a interpretação moderna que vê em Barrabás um revolucionário nacionalista em vez de um delinqüente comum. Tampouco existe a possibilidade de ter sido um \**zelote,* por- que esse grupo não existia na época de Jesus.

H. Guevara, *Ambiente político del pueblo judío en* *tiempos de Jesús*, Madri 1985: E. Schürer, *o. c*.; J. Blinzler, *o. c.;* D. R. Catchpole, *The Trial of Jesus*, Leiden 1971; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio...*

**Bartimeu**

Literalmente, filho de Timeu. Nome pelo qual ficou conhecido um mendigo cego curado por Jesus nas proximidades de Jericó e durante sua viagem até \**Jerusalém* (Mc 10,46-52; Mt 20,29- 34).

**Bartolomeu**

Literalmente, filho de Tolmay. Patronímico de um dos \**Doze* (Mt 10,3). Geralmente é identifi- cado como Natanael, procedente de Caná da Galiléia, como se encontra em Jo 1,45ss.; 21,2.

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo...*

**Bat**

Medida judia de capacidade similar à metreta grega e equivalente a 36,44 litros (Lc 16,6).

**Batismo**

Rito de imersão em água, que simbolizava a consagração espiritual. Essa prática, igual à da ablução que às vezes é definida com esse mesmo termo, era comum entre os judeus (Êx 29,4; 30,20; 40,12; Lv 16,26.28; 17,15; 22,4.6). No tempo de Jesus, batizava-se em água corrente o prosélito procedente do paganismo, significando sua puri-

**Batismo**

**/ 45**

ficação da impureza idolátrica. Da mesma forma, os sectários do \**Mar Morto* praticavam ritos re- lacionados com a imersão, ligados também a um simbolismo de purificação. Como no caso dos prosélitos, os \**essênios* de Qumrán consideravam que a pessoa abandonava uma situação de perdi- ção para entrar numa de salvação, embora a per- tença a uma ou outra não estivesse definida em termos raciais ou nacionais, mas exclusivamente espirituais. Algo semelhante encontramos em \**João Batista*. Este pregou um batismo como si- nal de arrependimento para perdão dos pecados (Mc 1,4), isto é, o batismo não perdoava os peca- dos, todavia era sinal de que se realizara a \**con-* *versão* que precedia o perdão. Nesse sentido, João opôs-se aos que, sem a conversão anterior neces- sária, pretendiam receber o batismo (Mt 3,7ss.). Uma vez mais, a condição para a salvação não era pertencer a um grupo — os “filhos de Abraão” — mas a mudança no relacionamento com Deus.

Jesus recebeu o batismo de João, passando no curso do mesmo por uma experiência do Espírito Santo, que reafirmou sua autoconsciência de filiação divina e de sua messianidade (Mc 1,10 e par.). Conforme o quarto evangelho, esse episó- dio foi compartilhado com o próprio Batista (Jo 1,29-34). Quanto a Jesus assumir o batismo de João, parece haver uma identificação simbólica do \**messias* sofredor com os pecadores chama- dos à conversão.

Parece que os discípulos de João que começa- ram a seguir Jesus também batizaram (Jo 4,1-2), embora Jesus não o tivesse praticado. Os relatos sobre a ressurreição de Jesus mostram-no orde- nando a seus discípulos a pregação do evangelho, cuja aceitação deve simbolizar-se mediante o ba- tismo administrado com uma fórmula trinitária, que atribui um só nome comum ao \**Pai*, ao \**Fi-* *lho* e ao \**Espírito Santo* (Mt 28,19), posterior à pregação do evangelho de salvação (Mc 16,15- 16).É, portanto, indiscutível que as primeiras \**Igrejas* cristãs recorreram ao batismo como rito de entrada nelas, que simbolizava a conversão e a

**46 /**

**Beijo**

adesão a Jesus como messias e \**Senhor* (At 2,38; 8,12.38; 9,18; 10,48; 10,48; 1Cor 1,14.16 etc.).

G. Barth, *El bautismo en el tiempo del cristianismo pri-* *mitivo*, Salamanca 1986; L. F. Badia, *The Qumran* *Baptism* *and John the Baptist’s Baptism*, Lanham 1980; G. R. Beasley- Murray, *Baptism in the New Testament*, Grand Rapids 1962; J. W. Dale, *Baptizo,* Bauconda 1991; J. Jeremias, *Infant* *Baptism in the First Four* *Centuries,* Filadélfia 1962; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo...;* *Diccionario de las tres* *religiones* *monoteístas...*

**Beijo**

Sinal de afeição (Lc 15,20; Mc 9,36; 10,16) e de respeito (Mt 26,48ss.; Lc 7,38.45).

**Belém**

Literalmente, casa do pão. Segundo alguns au- tores, significaria “casa da deusa Lahama”. A Bí- blia refere-se a duas cidades com esse nome: uma, situada a uns 15 km a oeste de Nazaré, a que se costuma denominar Belém de Zabulon (Js 19,15); a outra, a mais conhecida, situada em Judá. Esta se encontra a uns 7 km ao sul de Jerusalém e re- cebe também o nome de Éfrata. Era o povoado onde nasceu o rei Davi (1Sm 16-17,12) e se espe- rava que dela nasceria o \**messias* (Mq 5,11ss.). Os evangelhos situam o nascimento de \**Jesus* nessa cidade, relacionando tal circunstância com sua messianidade (Mt 2,1; Lc 2,4). Desde o sécu- lo XIX, tem-se questionado a veracidade dessa notícia histórica; o certo é que não existem moti- vos de peso para negá-la e tampouco existem da- dos nas fontes de que dispomos que defendam, de maneira segura, um outro local para o nasci- mento de Jesus.

F. Díez, *Guía de Tierra Santa*, Estella 21993; E. Hoade, *Guide to the Holy Land*, Jerusalém 1984.

**Belzebu**

Termo que deriva de Baal-Zebub, o deus filisteu de Acaron (2Rs 1,2ss.). Os judeus deformaram- lhe o nome, convertendo-o em Belzebu (lit. senhor

**Benedictus**

**/ 47**

das moscas, embora os textos rabínicos o interpre- tassem como senhor do esterco). No período do segundo \**Templo*, já era identificado com o prín- cipe dos \**demônios* e assim aparece no Novo Tes- tamento (Mt 10,25; 12,24; Mc 3,22; Lc 11,15ss.).

*ERE II;* C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**Bem-aventuranças**

Palavras de Jesus com as quais inicia o ser- mão da montanha (Mt 5,3-12) e o sermão da pla- nície (Lc 6,20-23). Mateus reúne 7 (ou 8, confor- me a maneira de contá-las), enquanto Lucas so- mente indica 4, unidas a quatro maldições.

J. Driver, *o. c.;* P. Bonnard, *o. c.;* C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio...;* Idem, *Diccionario de las tres* *religiones...;* L. Poittevin e E. Charpentier, *o. c.;* A. George, *o. c.;* J. Dupont, *El mensaje de las Bienaventuranzas,* Estella, 1992; P. Beauchamp e D. Vasse, *La violencia en la Biblia,* Estella 81993.

**Bênção**

Na Bíblia, são os favores desejados pelo ho- mem e concedidos por Deus, tanto espirituais como materiais, como saúde, riqueza etc. (Gn 39,5; Dt 28,8; Pr 10,22 etc.). O termo é também empre- gado para referir-se às fórmulas com que se supli- cam essas benevolências e, posteriormente, às súplicas que se recitam em determinadas ocasiões. O ideal rabínico chegou a ser o de pronunciar cen- tenas de vezes diariamente (Men 43b). A \**Euca-* *ristia* cristã deriva tanto etimológica como ideo- logicamente do conceito judaico de bênção.

Y. Newman, *o. c*.; W. O. E. Oesterley, *o. c.;* L. Deiss, *La* *Cena del Señor,* Bilbao 1989; C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo...;* Idem, *Diccionario de las tres religiones...*

**Benedictus**

Literalmente, bendito. Designação do cântico de Zacarias em Lc 1,68-79, a partir da sua pri- meira palavra na Vulgata.

**48 /**

**Betânia**

**Betânia**

Literalmente, casa dos pobres. 1. Aldeia si- tuada a pouco mais de 2,5 km de \**Jerusalém*, a leste do Monte das \**Oliveiras.* Segundo Jo 11,1- 11, nela habitava \**Lázaro* com suas irmãs \**Mar-* *ta* e \**Maria.* 2. Lugar não-identificado à margem leste do \**Jordão*, onde \**João Batista* batizava (Jo 1,28; 10,40).

E. Hoade, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Betesda**

Do aramaico Belseza. Literalmente, campo das oliveiras. Denominação do bairro norte de Jeru- salém onde se situava a piscina ou tanque de Betesda (literalmente, casa da misericórdia) a cujas águas se atribuíam propriedades milagro- sas. As escavações realizadas nas proximidades da atual igreja de Santana descobriram um tan- que escavado na pedra, de uns 90 m de compri- mento por 60 m de largura e uma profundidade de 7 a 8 m. O evangelho de João (5,2ss.) relacio- na a esse cenário uma das \**curas* realizadas por Jesus na pessoa de um paralítico.

E. Hoade, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Betfagé**

Literalmente, casa dos figos. Local a leste de Jerusalém, situado à margem da estrada que con- duzia a \**Jericó*. Os evangelhos o mencionam em relação com a entrada de Jesus na Cidade Santa (Mc 11,1; Mt 21,1; Lc 19,29-37; ver também Zc 9,9). Existe a possibilidade de que se encontrava próximo à atual Kefr-et-Tur, no lado sudeste do Monte das Oliveiras.

E. Hoade, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Betsaida**

Literalmente, casa dos pescadores. Local nas imediações do lago de Tiberíades, possivelmente

**Boanerges**

**/ 49**

a leste da foz do \**Jordão,* e de onde eram natu- rais \**Pedro*, \**André* e \**Filipe*.

E. Hoade, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Betzatá**

Ver \**Betesda.*

**Bíblia**

Ver \**Escritura.*

**Blasfêmia**

Derivado das palavras gregas “blabe” (defei- to) e “femi” (falar). Violação do terceiro manda- mento que Deus entregou a Moisés no Sinai. Se- gundo o judaísmo, a blasfêmia ou *jilul Hashem* inclui o insulto, o emprego em vão e a profana- ção do nome de Deus. No Antigo Testamento, era castigada com a morte (Lv 24,10-16).

Nos evangelhos, considera-se que classificar de demoníacos os \**milagres* de Jesus equivale a blasfemar contra o \**Espírito Santo* — uma afir- mação indireta da divindade do Espírito Santo — e implica numa situação de afastamento espiritual que impede a salvação da pessoa (Mt 12,22-32; Mc 3,22-30). O fato de Jesus arrogar-se poderes que cabem somente a Deus, como perdoar peca- dos, era considerado blasfêmia por seus contem- porâneos (Mt 9,3; 26,64-66); igualmente quando “afirmava que Deus era seu Pai, fazendo-se assim igual a Deus” (Jo 5,18). A acusação de blasfêmia teve, sem dúvida, uma importância determinante na investigação do \**Sinédrio,* que culminou com a entrega de Jesus a \**Pilatos* e sua crucifixão (Mt 26,57-75; Mc 14,53-72; Lc 22,54-71).

**Boanerges**

Literalmente, filhos do trovão. Cognome dado a \**Tiago* e \**João,* os filhos de Zebedeu (Mc 3,17), por seu temperamento.

**50 /**

**Bodas**

**Bodas**

Nos evangelhos — e, em geral, no Novo Tes- tamento — símbolo do banquete de Deus com os homens. Todos são convidados para elas (Mt 22,9), o que exige uma \**conversão* prévia, sim- bolizada pela veste própria para bodas (Mt 22,11ss.). Jesus participou da celebração de bo- das, como a de \**Caná* (Jo 2,1-3).

**Bolsa**

Os evangelhos mencionam vários tipos de bol- sa, como a destinada às provisões (Mt 10,10; Mc 6,8; Lc 9,3) e ao dinheiro (Lc 10,4; 12,3; 22,35ss.). O termo também se refere ao cinto que servia de bolsa (Mt 10,9) e a uma caixa portátil *(glosso-* *komon)* (Jo 12,6; 13,29), semelhante a um cofre.

**Bom Pastor**

No Antigo Testamento, é um dos títulos apli- cados a Deus (Sl 23; Ez 34,11ss.). No Novo, o título aplica-se a \**Jesus* (Jo 10,14ss.). Deste se afirma que se compadecia de uma multidão que caminhava como ovelhas sem pastor (Mc 6,34) e que viu seu ministério em termos de pastor- messiânico (Jo 10), cujas ovelhas se dispersariam ao ser morto o pastor (Zc 11,4ss.; 13,7-9), para reunirem-se após sua ressurreição (Mc 14,27). A imagem do messias-pastor está ligada também à referência de Jesus sobre o juízo final — quando as ovelhas serão separadas dos cabritos — en- contrada em Mt 25,32ss.

P. Bonnard, *o. c.;* J. Zumstein, *o. c.;* C. Vidal Manzanares, *El Judeo-cristianismo...*

**Bom Samaritano**

Parábola encontrada em Lc 10,29ss., na qual Jesus — em discrepância com o judaísmo de sua época — estendeu o sentido de próximo a todas as pessoas e não apenas às que pertenciam à mes- ma fé. Historicamente, alguns Padres da Igreja

**Cabrito**

**/ 51**

(como Agostinho de Hipona) interpretaram a nar- ração em termos simbólicos (o ferido é o ser hu- mano, o samaritano é Cristo, a hospedaria é a Igre- ja, as moedas, os sacramentos do Batismo e da Eucaristia etc.); contudo, é inadmissível essa exegese.

D. Marguerat, *Parábola*, Estella 21994; J. Jeremias, *Las* *parábolas de Jesús*, Estella 121992; Idem, *Interpretación de* *las parábolas*, Estella 51994; A. George, *o. c.*

**Braço do Senhor**

Imagem de origem veterotestamentária (Dt 4,34; Is 52,10; 53,1), que se refere à intervenção salvífica de Deus na história humana (Lc 1,52; Jo 12,38).

**Branco**

Cor da luz (Mt 17,2), ligada às festas. O bran- co também está relacionado com seres gloriosos e angélicos (Mt 28,3; Mc 16,5; Jo 20,12; Mt 17,2; Jo 4,35).

**C**

**Cabrito**

Grego: Erifos. Na época de Jesus, era costu- me que nos pastos estivessem juntos as cabras ou cabritos negros e as ovelhas brancas. Quando re- colhidos no estábulo, eram então separados. Desse costume da vida diária vem o exemplo sobre o juízo final encontrado em Mt 25,33ss.

A carne desse animal era reservada para os dias de festa (Lc 15,29).

**52 /**

**Cafarnaum**

**Cafarnaum**

Literalmente, povo de Nahum. Cidade galiléia situada à margem oeste do lago de \**Tiberíades*, próximo à desembocadura do \**Jordão.* Por sua situação de fronteira, contava com aduana (Mt 9,9) e com um destacamento de soldados roma- nos (Mt 8,5-13), embora não pareça tratar-se de um local helenizado. Durante certo tempo foi lo- cal de residência de Jesus (Mt 4,13; 9,1), que a amaldiçoou por sua incredulidade (Mt 11,23). Escavações realizadas neste século apresentaram os restos do que pode ter sido a casa de Pedro — segundo outros autores, a do próprio Jesus — e os restos de uma sinagoga construída sobre as bases da que este conheceu.

E. Hoade, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Caifás**

Nome pelo qual o Sumo Sacerdote judeu José, que desempenhou suas funções de 18 a 36 d.C., era conhecido. Genro de Anás, deveu a este não só a designação como a inspiração com que diri- giu seu cargo. Membro do grupo dos \**saduceus,* presidiu o \**Sinédrio* que decidiu entregar Jesus às autoridades romanas para sua execução (Jo 18,33ss.). Também perseguiu os seguidores de Jesus (At 4,6).

C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; C. Saulnier e B. Rolland, *Palestina en tiempos de Jesús,* Estella 101994; J. Comby e J. P. Lémonon, *Roma frente a Jerusalén*, Estella 1983; H. Cousin, *Los textos evangélicos* *de la Pasión*, Estella 21987.

**Calçado**

Embora as pessoas abastadas tivessem calça- do fechado (Lc 15,22), o comum fora de casa era usar sandálias, que consistiam em uma sola amar- rada com correias (Mt 3,11; Mc 1,7). As caracte- rísticas desse tipo de calçado explicam por que a lavagem dos pés fosse uma demonstração habi-

**Calvário**

**/ 53**

tual de cortesia para os hóspedes (Lc 7,38.44). Era normal levar um par a mais quando se viaja- va (Mt 10,10; Lc 22,35).

**Calendário**

No tempo de Jesus, o calendário era semi-so- lar e, para se completarem trezentos e sessenta e quatro dias, a cada três anos acrescentava-se um mês adicional aos doze meses lunares. De acordo com o calendário solar, as festas caíam sempre no mesmo dia da semana como, por exemplo, Pentecostes no domingo. O ano civil iniciava-se no primeiro mês da primavera (nisã), embora, inicialmente, fosse no outono.

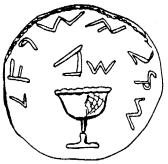
**Cálice**

Copo de barro ou metal, de forma côncava e de pouca profundidade (Mt 23,25ss.; Mc 7,4). Nos evangelhos, simboliza o destino ou missão da pessoa (Mt 20,22ss.; Mc 10,38ss.), o que, às ve- zes, implica uma prova difícil (Mt 26,39.42; Mc 14,36; Lc 22,42; Jo 18,11).

**Calvário**

Nome utilizado para designar o lugar onde \**Jesus* foi executado. Deriva do latim de “locus calvariae” ou lugar da Caveira (Lc 23,33). Os outros evangelhos o denominam com a palavra aramaica *Gulgulta*, de onde procede nosso Gólgota. Tradicionalmente (e existem boas razões históricas e arqueológicas para aceitar a tradição como fidedigna), é localizado sob a atual igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém. Não se aceitou a localização do Calvário proposta pelo britânico Gordon.

C. Vidal Manzanares, *De Pentecostés*...; B. Bagatti - E. Testa, *Il Golgota e la Croce*, Jerusalém 1984; E. Hoare, *o. c.*; F. Díez, *o. c.;* I. Martin, *Siete* *recorridos con el Nuevo* *Testamento en Jerusalén*, Jerusalém 1987.

**54 /**

**Cambistas**

**Cambistas**

Termo com que se designavam as pessoas en- carregadas, no \**Templo,* de trocar as moedas com efígies contrárias à lei mosaica por moeda judia. A taxa habitual de câmbio era de um \**óbolo* de prata por meio siclo (Mt 21,21; Jo 2,14). A puri- ficação do Templo realizada por Jesus em parte foi dirigida contra os abusos que, sob a proteção da religião, eram nele cometidos, incluindo-se entre eles a atividade cambial.

*Siclo de Israel, ano II. Cálice,*   
*símbolo da salvação*

**Camelo**

Animal de montaria e tiro característico do Oriente Médio. Aproveitava-se sua pele para con- feccionar vestimentas (Mt 3,4). Seu tamanho era expressão comum que Jesus empregou para indi- car que os \**fariseus* se ocupavam de minúcias, mas se esqueciam do mais importante (Mt 23,24), assim como para indicar que o amor às riquezas impede totalmente a entrada no \**Reino* de Deus (Mt 19,24; Mc 10,25; Lc 18,25).

**Caminho**

A estrada que conduz à vida eterna. Jesus en- sinou que não existia uma pluralidade de cami- nhos; apenas que ele era o único que levava ao Pai (Jo 14,4-6). Em termos humanos, esse cami- nho é tão estreito que segui-lo é impossível sem

**Cananeu**

**/ 55**

uma prévia conversão (Mt 7,13ss.; Mt 5,20; 18,8ss.; 25,21.23).

**Campo de sangue**

Também: Hacéldama (aramaico). Local si- tuado ao sul de \**Jerusalém*, do outro lado do vale de Enom. Pertencente a um oleiro, o terreno fora comprado com as trinta moedas de prata da trai- ção de \**Judas*, com a finalidade de sepultar indi- gentes (Mt 27; At 1,18-20). Conforme afirmação atual de J. Jeremias, o relato, longe de ser uma lenda, constitui um fato histórico.

J. Jeremias, *Jerusalén*...

**Cana**

Junco palestino que cresce nas margens do Jordão. Era usado como vara (Mt 27,29ss.48; Mc 15,19.36). Jesus utilizou-a como imagem de com- paixão do \**messias* para aqueles que estavam perdidos (Mt 12,20; 11,7; Lc 7,24).

**Caná**

1. Torrente de água situada nos limites de Efraim e Manassés, atualmente conhecida com o nome de Wadi Qana. 2. Cidade a sudeste de Tiro. 3. Povoação da \**Galiléia*, onde \**Jesus* realizou seus primeiros \**milagres* (Jo 2,1-11; 4,46-54). Tem-se identificado esse local com Jirbet - Caná, a uns 13 km de \**Nazaré,* e com Kefr Kenna, mais próxima de Nazaré, no caminho de \**Tiberíades.* Desde o século IV, tende-se a preferir esta última identificação.

E. Hoare, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Cananeu**

1. Habitante de Canaã, designação geral para os fenícios (Mt 15,22; Mc 7,26). 2. Cognome de Simão (Mt 10,4; Mc 3,18). A julgar pelo paralelo

**56 /**

**Candelabro**

em Lc 6,15, provavelmente trata-se de uma trans- crição do termo aramaico *qan’anaya*. Este não tinha o sentido posterior de “zelote” como guer- reiro nacionalista, mas simplesmente o de pessoa espiritualmente fervorosa.

**Candelabro**

Utensílio doméstico destinado a segurar as lâmpadas (Mt 5,15; Mc 4,21; Lc 8,16; 11,33).

**Cânon**

Lista de livros oficialmente reconhecidos como parte das Escrituras e inspirados por Deus. O cânon judaico do Antigo Testamento continha os seguintes livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 e 2Samuel, 1 e 2Reis, 1 e 2Crônicas, Esdras, Neemias, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Joel, Oséias, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. O cânon protestante con- tém os mesmos livros e o católico, além desses, inclui os denominados \**apócrifos* por judeus e protestantes e, pelos católicos, como deutero- canônicos ou pertencentes a um segundo cânon. São eles: 1 e 2Macabeus, Tobias, Judite, Eclesi- ástico, Sabedoria, Baruc, adições a Ester e a Daniel. Nos evangelhos, Jesus não cita os apócrifos ou deuterocanônicos.

Quanto ao Novo Testamento, não existe discussão entre as confissões cristãs em rela- ção aos livros que o compõem: Mateus, Mar- cos, Lucas, João, Atos dos Apóstolos, Romanos, 1 e 2Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Co- lossenses, 1 e 2Timóteo, Tito, Filêmon, Hebreus, Tiago, 1 e 2Pedro, 1, 2 e 3João, Judas e Apo- calipse.

A. Paul, *La inspiración y el canon de las Escrituras*; F. F. Bruce, *Canon...;* R. Beckwith, *The Old Testament* *Canon* *of the New Testament Church*, Grand Rapids 1985.

**Carne**

**/ 57**

**Canto do galo**

Termo com que se designava o final da tercei- ra vigília, por volta das 3 horas da manhã. O epi- sódio se reveste de especial interesse nos evan- gelhos porque Jesus profetizou que \**Pedro* o ne- garia antes que cantasse o galo na noite de sua prisão como, de fato, aconteceu. Dada a impor- tância de Pedro no início do cristianismo e do lu- gar em que estava o apóstolo nesse acontecimen- to, não há nenhuma razão para se duvidar de que a passagem reflete um fato histórico (Mc 13,35; Mt 26,34; Mc 14,30; Lc 22,34; Jo 13,38; Mt 26,74s.; Mc 14,68.72; Jo 18,27).

E. Hoare, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Cão**

Quadrúpede que na época de Jesus podia ser doméstico (Mt 15,26ss.) ou selvagem (Lc 16,21). A palavra encerra também um sentido pejorativo (Mt 7,6).

**Capernaum**

Ver \**Cafarnaum.*

**Caridade**

Ver \**Ágape.*

**Carne**

O termo carne não tem uma significação unívoca nos evangelhos. A expressão “toda car- ne” refere-se ao conjunto de todos os seres hu- manos (Mt 24,22); “carne e sangue” designa o ser humano em suas limitações (Mt 16,17; 26,41) e “carne” também se refere — em contraposição a espírito — ao homem em seu estado de pecado (Jo 3,6). Finalmente “comer a carne e beber o sangue” de Jesus, longe de ser uma referência

**58 /**

**Carpinteiro**

eucarística, significa identificar-se totalmente com Jesus, custe o que custar, pelo Espírito que dá a vida. A exigência dessa condição explica por que muitos que seguiam Jesus até esse momento abandonaram-no a partir de sua afirmação (Jo 6,53-58.63).

**Carpinteiro**

Tradução inexata da palavra grega “tekton”, que designava um artesão ou obreiro que traba- lhava com diferentes materiais como madeira, pedra ou metal. Segundo os evangelhos, essa foi a ocupação de \**José* e do próprio Jesus, antes de seu ministério público (Mt 13,55; Mc 6,3).

**Castidade**

Abstenção das relações sexuais por motivos espirituais. Implica a limitação do sexo no ma- trimônio ou a sua total renúncia por tempo de- terminado ou indefinido. O judaísmo do tempo de Jesus considerava que o único canal apropria- do para as relações sexuais era o \**matrimônio,* e afirmava que a proibição de uma conduta sexual- mente imoral fazia parte não somente do ensinamento da \**Torá,* mas também dos manda- mentos de Noé que a impunham a todos os po- vos. Também mantinha normas de castidade re- lacionadas com \**jejuns* concretos, \**festas* e \**guer-* *ras*. A abstenção perpétua das relações sexuais não era habitual, embora historicamente houves- se algum caso excepcional, como o dos sectários de Qumrán.

O cristianismo é herdeiro desse conceito, e Jesus (que, evidentemente, não contraiu ma- trimônio), em harmonia com o pensamento ju- deu de sua época, reprovou também o olhar ou o pensamento luxurioso (Mt 5,27-30). Da mesma forma, elogiou os que renunciavam totalmente às relações sexuais por causa do \**Reino* de Deus (Mt 19,12), considerando-os possuidores de um dom específico não alcançado por todos.

**Castigo**

Ver \**Inferno.*

**Cegueira**

**/ 59**

**Cátedra de Moisés**

Termo com que se designava um assento honorífico na \**sinagoga,* reservado aos mestres da \**Lei*. Jesus se manifestou contra a apropriação que essas pessoas faziam da vida espiritual de Is- rael (Mt 23,2).

**Cedron**

Literalmente, o turvo, o escuro. Atualmente recebe o nome de Wadi-en-Nar. Curso d’água que nasce a noroeste de Jerusalém e corre por um vale profundo, situado entre o muro leste da cidade e o Monte das Oliveiras.

E. Hoare, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Cefas**

Literalmente, pedra. Cognome dado a \**Pedro* (Jo 1,42-43) e mantido no cristianismo posterior- mente (1Cor 1,12; 3,22; 9,5; 15,5; Gl 1,18; 2,9.11.14).

**Cegueira**

Enfermidade bastante comum nos tempos de Jesus, em conseqüência das condições climáticas e higiênicas. Os cegos viviam desamparados em seu triste destino e recorriam à mendicância como forma de ganhar a vida (Mc 10,46; Jo 9,1). Os evangelhos citam várias \**curas* de Jesus que ti- veram cegos como protagonistas (Jo 9,1ss.; Mt 20,29-34).

Nos evangelhos, a cegueira simboliza a rejei- ção das pessoas em receber a salvação oferecida por Jesus (Mt 15,14; 23,16-26; Jo 9,41; 12,40). Por isso, as curas de cegos efetuadas por Jesus

**60 /**

**Ceia, Última**

não somente pretendem aliviá-los em sua desgra- ça, como também demonstram que Jesus é o \**Messias* e a única luz (Mt 11,5; Lc 7,22; Jo 9,39; Mt 13,16ss. etc.).

**Ceia, Última**

Termo com que se designa a última ceia cele- brada por Jesus com seus \**discípulos*. Teve como cenário o andar superior de uma casa (Mc 14,15; Lc 22,12) que se identificaria com a mencionada em At 1,13, situada, com certeza, a sudoeste de \**Jerusalém*. Esse episódio se identifica, sem dú- vida alguma, com a celebração da Páscoa judai- ca. De fato, assim o afirmou Jesus (Lc 22,15; Mt 26,17; Mc 14,12) e assim se depreende do rito da Ceia, na qual Jesus se identifica com o Cordeiro cujo sangue salva o povo (Lc 22,20), um eco do relato pascal de Êx 12, e inicia a Nova Aliança, em paralelo à Aliança sinaítica, também acompa- nhada de efusão de sangue (Êx 24).

Strauss questionou a localização cronológica da Última Ceia, insistindo que João a situava no dia anterior à Pascoa, o que denotaria uma clara contradição entre os evangelistas. Para apoiar esse ponto de vista, diferentes autores têm-se referido às passagens contidas em Jo 18,28; 19,14 e 19,31. O exame dos textos joanitas, no entanto, não evi- denciam essa contradição. Assim, em 18,28, os sacerdotes judeus realmente não se referem à Ceia da Páscoa, mas à totalidade da festa que durava sete dias (2Cr 30,22). A expressão “véspera da Páscoa” (19,14) tampouco deve ser interpretada como significando o dia anterior à Ceia da Pás- coa, mas, pelo contrário, com o sentido real que tinha o dia denominado “preparação”, isto é, o dia anterior ao \**sábado,* nossa sexta-feira. De fato, nesse mesmo sentido aparece em Mt 27,62; Mc 15,42; Lc 23,54 e, no mesmo João, em duas oca- siões (19,31.42). Finalmente, a passagem de Jo 19,31 não pode ser interpretada no sentido de que o primeiro dia da festa nessa referida Páscoa foi o sábado. O dia principal podia ser o primeiro, o último ou o sábado da festa (ver Jo 7,37). Se isso

**Centurião**

**/ 61**

for pouco, tenha-se em conta que João insiste — como os Sinóticos — que a crucifixão aconteceu na sexta-feira (Jo 18,39-40; 19,31.42; 20,1.19 etc.). Portanto, longe de diferenciar-se dos \**Sinóticos,* João concorda com eles ao situar a Última Ceia na quinta-feira e a crucifixão na sexta-feira.

A. T. Robertson, *Una armonía de los cuatro Evangelios*, El Paso 1975; C. Vidal Manzanares, *El Primer* *Evangelio...;* Idem, *El judeo-cristianismo*...; E. “F. Teológica Toulose”, *La Eucaristía en la Biblia*, Estella 61994; H. Cousin, *Los* *textos evangélicos de la Pasión*, Estella 21987.

**Celibato**

Ver \**Castidade.*

**Cenáculo**

Palavra portuguesa oriunda de “coenaculum” (refeitório), o termo empregado pela Vulgata para designar a sala superior onde aconteceu a Última \**Ceia* (Mc 14,15) e a vinda do \**Espírito Santo* em \**Pentecostes* (At 1,13). Tradicionalmente se situava a sudoeste de \**Jerusalém.*

E. Hoare, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Censo**

Ver \**Quirino.*

**Centurião**

Literalmente, o que manda em cem, suboficial romano. Comandava uma unidade de 60 a 100 homens, e não era incomum receber competên- cias judiciais ou administrativas, especialmente se desempenhava suas funções em províncias. Ao que parece, costumava ser mais independente na tomada de decisões do que seus superiores. No Novo Testamento sua figura aparece não poucas vezes vinculada a pessoas que se sentiam atraí- das pelo Deus de Israel e pela pregação do evan- gelho: um centurião, cujo servo Jesus curou, foi

**62 /**

**Cerviz**

considerado por este como modelo de fé; outro, ao pé da cruz, chegou à conclusão de que Jesus era um homem justo (Mt 8,5.8.13; Lc 7,2.6; Mt 27,54; Mc 15,39.44ss.; Lc 23,47 etc.).

**Cerviz**

Parte do animal que sofre um endurecimento por suportar um jugo. Jesus utiliza a dureza da cerviz para designar a obstinação e a incredulida- de de alguns judeus de sua geração (Mt 18,6; Mc 9,42; Lc 15,20; 17,2).

**César**

Título oficial do imperador de Roma (Mt 22,17; Mc 12,14; Lc 20,22; Lc 2,1; 3,1; Jo 19,15). Jesus — determinando uma regra repetida pelo cristianismo primitivo (At 5,28-29) — ensinou que se devia obedecer às ordens do imperador, na medida em que elas não ferissem a \**Lei* de Deus. O termo “amigo de César” (Jo 19,12) parece in- dicar uma especial intimidade com o imperador.

J. Comby - J. P. Lémonon, *Roma frente a Jerusalén*, Estella 1983; C. Saulnier - B. Rolland, *Palestina en* *tiempos* *de Jesús*, Estella 101994; H. Cousin, *Los textos...*

**Cesaréia**

1. C. Palestina ou marítima. Local situado a uns 30 km ao sul da atual Haifa. Construída entre 20 e 9 a.C. por \**Herodes, o Grande*, no lugar onde estavam as torres de Estraton, que lhe foram pre- senteadas por Augusto. Era o porto mais impor- tante da Palestina e servia de residência aos go- vernadores romanos. 2. C. de Filipos. Local pró- ximo às nascentes do \**Jordão*, ao norte da Pales- tina. Seu nome original Panéias ou Panias foi mudado por Herodes no ano 3 a.C. Nas proximi- dades dessa cidade \**Pedro* reconheceu Jesus como \**messias* e \**Filho de Deus* (Mc 8,27; Mt 16,33ss.).

F. Hoare, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Cireneu**

**/ 63**

**Céu**

1. No evangelho de Mateus, no plural, perí- frase empregada no lugar de Deus como, por exemplo, o \**Reino* de Deus é descrito como o Reino dos céus (Mt 5,10; 6,20; 21,25; Lc 10,20; 15,18.21; Jo 3,27). 2. Morada de Deus, de onde envia seus \**anjos* (Mt 24,31; Lc 22,43); faz ouvir sua voz (Mt 3,17; Jo 12,28); e realiza seus juízos (Lc 9,54; 17,29ss.). 3. Lugar onde Jesus ascen- deu após sua \**ressurreição* (Mc 16,19; Lc 24,51). 4. Destino dos que se salvam. Ver \**Vida eterna*.

M. Gourgues, *El más allá en el Nuevo Testamento*, Estella 41993; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo...*

**Cinza**

No Antigo Testamento, simbolizava o \**peca-* *do* e a fraqueza inerentes ao ser humano (Gn 18,27; Jó 30,19). Também significava \**arrepen-* *dimento* (Is 58,5; 61,3) como aparece nos evan- gelhos (Mt 11,21; Lc 10,13).

**Circuncisão**

Remoção do excesso de prepúcio. Essa práti- ca, conhecida em hebraico como *“berit miláh”* (aliança da circuncisão), é um dos mandamentos essenciais do judaísmo. Deve realizar-se no oita- vo dia após o nascimento. Concluída a circunci- são, o menino recebia seu nome (ou nomes) hebraico. Os convertidos ao judaísmo deviam cir- cuncidar-se e, em caso de já tê-lo feito, somente se lhes fazia brotar uma simbólica gota de san- gue. Jesus foi circuncidado (Lc 1,21), mas o cris- tianismo posterior eximiu os convertidos desse rito e do cumprimento da \**Lei* mosaica (At 15).

**Cireneu**

Natural de Cirene, uma cidade situada na atual Líbia, ainda que judia. As fontes destacam que era comum a tensão entre os naturais desse

**64 /**

**Cizânia**

local e os judeus instalados nele. Sobre um deles, a Escritura diz que ajudou Jesus a levar a \**cruz* (Mt 27,32; Mc 15,21; Lc 23,26).

**Cizânia**

A mencionada no Novo Testamento corres- ponde à planta conhecida cientificamente como *lolium temulentum*. Daninha e enganadora, asse- melha-se ao trigo, embora não ultrapasse a altura de um metro. Jesus citou-a como símbolo da infil- tração de \**Satanás* no \**Reino* de Deus*,* o que acon- tecerá até o final dos tempos, quando — finalmente — recairá o castigo divino (Mt 13,25-40).

J. Jeremías, *Las Parábolas de Jesús,* Estella 101992; Idem, *Interpretación de las parábolas*, Estella 51994; C. H. Dodd, *Parábolas del Reino*, Madri 1974.

**Clâmide**

Vestido próprio das tropas, que consistia numa túnica de tecido preso ao ombro esquerdo e com as extremidades levantadas até o lado direito (Mt 27,28-31).

**Cléofas**

1. Literalmente, Kleopas, abreviatura grega de Kleopatros. Um dos dois discípulos aos quais Je- sus apareceu ressuscitado no caminho de \**Emaús* (Lc 24,18). Para alguns autores, trata-se do mes- mo Clopás.

2. Klopas ou Clopás. Literalmente Qlofa. O pai de \**Maria*, mãe de \**Tiago* e de \**José*, os fi- lhos de Alfeu (Jo 19,25).

**Clopás**

Ver \**Cléofas.*

**Cobiça**

Ver \**Dinheiro.*

**Confessar**

**Cobrador de impostos**

Ver \**Publicano, \*Mateus, \*Zaqueu.*

**Cólera**

Ver \**Ira.*

**/ 65**

**Colheita**

Na Palestina dos tempos de Jesus, a colheita dos cereais realizava-se em abril-maio, consti- tuindo motivo de especial alegria e celebração. Possivelmente, disso se origine a imagem do juízo final de Deus como uma colheita. Esta já come- çou com a vinda de Jesus (Mt 9,37ss.; Lc 10,2; Jo 4,35-38) e se consumará no Dia do Senhor (Mt 13,24-30; 36-43; Mc 4,29).

**Comida**

Ver \**Alimentos.*

**Cominho**

*Nigella sativa*. Grãos negros com os quais se polvilhava o pão para dar-lhe sabor. Os fariseus pagavam o \**dízimo* dessa planta, embora, a rigor, a Lei não o exigisse (Mt 23,23). Jesus critica esse exagero legalista que, por ser aceitável, não po- deria converter-se em argumento para abandonar deveres mais importantes da \**Lei* de Deus.

**Confessar**

Tradução da palavra grega *“homologueo”*, que nos evangelhos é empregada com diversos signi- ficados. 1. Proclamar algo clara e publicamente (Mt 7,23; 10,32; Jo 1,20). 2. Comprometer-se (Mt 14,7). 3. Louvar a Deus (Mt 11,25; Lc 2,38). 4. Proclamar a fé aberta e publicamente (Mt 10,32; Jo 9,22; 12,42). Neste caso, é condição indispen-

**66 /**

**Confiança**

sável para se obter a \**salvação* eterna. 5. Reco- nhecer os próprios pecados e a insignificância humana diante de Deus (Mt 3,6; Lc 5,8).

**Confiança**

Tradução dos termos gregos “*pepoizesis*” (de- rivado do perfeito “*pepoiza*” de “*peizomai*”, “afir- mar-se em” e também “estar convencido de”) e “*pistis*” (ação de se fiar em alguém ou confiar nele). Ação de apoiar-se em Deus, mesmo em qualquer tipo de contrariedade (Mt 27,43). Erro- neamente, a confiança pode voltar-se para a pró- pria pessoa, como no caso de quem crê que se salva por seus próprios méritos ou o que se van- gloria de seus sucessos, impedindo assim a ação salvífica de Deus (Lc 18,9; Mc 10,24; Lc 11,22).

Ter confiança pode também ser a tradução do verbo *“zarseo”*. Nesse caso, os evangelhos cos- tumam referir-se àquela pessoa que se anima e se sente segura como conseqüência da ação de Deus em sua vida (Mt 9,2.22; 14,27; Jo 16,33). A cha- ve, portanto, reside não na autoconfiança, mas na entrega confiante a Deus.

**Conhecer**

A palavra “conhecer” (grego *gignosko*) pos- sui na Bíblia um significado muito mais amplo do que o habitual na cultura ocidental. Supõe a idéia de saber (Jo 4,1), mas também a de apreciar (Mt 7,16.20; 12,33; Jo 5,42; 10,27) ou manter re- lações sexuais (Mt 1,25; Lc 1,34). Por isso, co- nhecer a Deus é muito mais do que afirmar sua existência. Implica “reconhecer” o papel que ele deve ter na vida de todo ser humano que deve, conseqüentemente, obedecer-lhe (Jo 7,49). Quem não reconhece e obedece, mesmo que aceite a existência de Deus e seu papel de Senhor de sua vida, na realidade o desconhece e é também des- conhecido por Deus (Mt 7,23; 25,12; Lc 13,25- 27).

**Conversão**

**/ 67**

**Conselho de anciãos**

Termo com que ocasionalmente é designado o \**Sinédrio* nos livros de Lucas (Lc 22,66; At 22,5).

**Consolador**

Adjetivo empregado por Jesus para referir-se ao \**Espírito Santo* (Jo 16,7ss.).

**Conversão**

Palavra portuguesa que traduz o verbo grego “*epistrefo*” (voltar) (Mt 12,44; 24,18; Lc 2,39) e o substantivo “*metanoia*” (mudança de men- talidade). A tradução desses termos por “peni- tência” conduz a conclusões errôneas, porque a conversão implica não em dor pelo passado, mas uma mudança de vida de quem se dispõe a abandonar a vida anterior e aceitar Jesus e sua obra como \**messias* e \**Senhor*, moldando sua própria existência aos seus ensinamentos. O cha- mado à conversão é parte essencial da pregação de Jesus (Mc 1,14-15) e aparece simbolizado em relatos como o do filho pródigo (Lc 15) ou em similares, como o do doente que precisa do mé- dico (Mc 2,16-17). Toda a humanidade deve con- verter-se, pois sem conversão a única expectati- va é a da condenação (Lc 13,1). A razão disso reside no fato de que todos os homens são peca- dores, todos estão perdidos e todos necessitam receber, pela fé, a salvação realizada por Jesus para alcançar a vida eterna (Jo 3,16). É exata- mente a conversão que permite ascender à con- dição de filho de Deus (Jo 1,12) e obter a vida eterna (Jo 5,24). E, por ser imprescindível o mo- mento em que se decide o destino eterno do ho- mem, Deus se alegra com a conversão (Lc 15,4- 32) e Jesus considera o chamado a ela como núcleo central e irrefutável de seu evangelho (Lc 24,47).

**68 /**

**Coorte**

**Coorte**

Unidade militar básica na legião romana, equi- valente a dez delas, que compreendia entre 600 a 1.000 soldados. Nas províncias era comum a exis- tência de coortes auxiliares formadas por pessoas naturais da localidade, mas sob o comando roma- no. Em Jerusalém havia uma permanente e outra que servia de guarda ao governador romano (Mt 27,27; Jo 18,3.12).

**Coração**

Nos evangelhos, a palavra tem um conteúdo simbólico, servindo para designar os sentimen- tos (Jo 16,6.22), o íntimo da personalidade (Mt 15,8; Mc 7,6), a origem do pensamento (Mc 2,6.8; Lc 3,15) e do entendimento (Lc 24,25). Também em sentido figurado, afirma-se que o coração é o lugar das decisões morais (Mt 22,37; Mc 12,30; Lc 10,27) e, por isso, onde se opta pela fé e se acolhe Jesus (Lc 24,32) ou ainda onde acontece a incredulidade (Mc 6,52). Quem decidiu seguir Jesus tem um coração puro (Mt 5,8) e nele reina a paz (Jo 14,1.27).

**Corazim**

Cidade a uns 3 km ao norte do lago de \**Tiberíades,* onde Jesus realizou inúmeros mila- gres. Foi amaldiçoada por Jesus por causa de sua incredulidade (Mt 11,21; Lc 10,13).

E. Hoare, *o. c.;* F. Díez, *o. c.*

**Corban**

Literalmente, oferenda. Palavra que designa as oferendas realizadas em benefício do \**Tem-* *plo.* Quando alguém determinava um objeto como corban, ele já não podia servir para outra finali- dade. Jesus se negou a reconhecer a prioridade dessa prática sobre mandamentos que aparecem expressamente na \**Lei* de \**Moisés,* como o de honrar os pais (Mc 7,11; Mt 15,5).

**Coxo**

**/ 69**

**Cordeiro de Deus**

A figura do cordeiro tem ressonâncias expiatórias no Antigo Testamento, já que foi o sangue de um animal sacrificado dessa espécie que salvou os israelitas na Páscoa (Êx 12). Por isso, não é estranho que a descrição do \**Servo* de YHVH encontrada em Isaías 53 compare este a um cordeiro levado ao matadouro (Is 53,7). Como a maioria dos judeus de sua época, Jesus inter- pretou messianicamente essa passagem. Além disso, identificou o personagem com ele mesmo. Em Jo 1,29, ele é apontado como o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo; na Última \**Ceia*, identificou-se com o cordeiro pascal e as- sim o viram os primeiros cristãos (1Cor 5,7; Apocalipse etc.).

**Coroa de espinhos**

Uma das torturas, cheia de zombaria, com que se afligiu Jesus em sua paixão. Ao que parece, assemelha-se mais a um capacete de espinhos do que a uma coroa. Além da dor causada ao réu, sua finalidade era debochar de sua realeza como messias (Mt 27,29; Mc 15,17; Jo 19,2.5).

**Corozain**

Ver \**Corazim.*

**Côvado**

Medida de comprimento que vai do cotovelo à ponta do dedo médio e equivale a 0,45 m ou, ocasionalmente, a 0,52 m (Mt 6,27; Lc 12,5; Jo 21,8).

**Coxo**

Ser coxo era um mal bastante comum na Pa- lestina dos tempos de Jesus. A essa desgraça físi- ca acrescentava-se que a \**Lei* declarava o aleija-

**70 /**

**Criação**

do inapto para o desempenho das funções reli- giosas, como as inerentes ao sacerdócio. Jesus cu- rou muitos coxos tanto coletiva (Mt 15,30ss.) como individualmente (Mt 21,14; Lc 14,13). Afir- mou também que era melhor suportar esse pade- cimento por causa do \**Reino* de Deus do que não tê-lo e ser condenado ao \**inferno* (Mt 18,8; Mc 9,45).

**Criação**

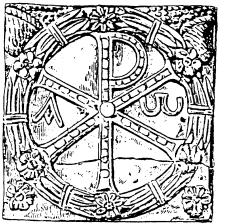
O mundo em que vivemos (Mc 13,19) e a es- pécie humana de maneira bem concreta (Mt 19,4; Mc 10,6) são frutos de atos criativos de Deus. Como conseqüência dessa relação com suas cria- turas, Deus lhes concede a vida e a mantém (Mt 6,28ss.). O \**Verbo* — que se fez carne e que his- toricamente conhecemos como Jesus de Nazaré — é Deus e desempenhou um papel essencial na criação, pois “todas as coisas foram feitas por ele e sem ele nada se fez de tudo que foi feito” (Jo 1,3).

**Criança**

Nos evangelhos aparecem três palavras para referir-se às crianças. 1. *Nepios*. Criança de pou- ca idade, que ainda é amamentada e, por isso, sím- bolo dos simples que reconhecem a messianidade de Jesus (Mt 21,16ss.) e daqueles a quem o Pai se revela (Mt 11,25ss.). 2. *Brefos*. Criança ainda no ventre materno (Lc 1,41.44) ou recém-nascida (Lc 2,12.16), exemplo daqueles que foram apresen- tados a Jesus (Lc 18,15). 3. *Pais* *ou* *paidion*. Criança de sete a catorze anos (Lc 1,59; 2,43; 8,51.54; 11,7) que Jesus apontou como símbolo do \**discípulo* (Mt 18,3; 19,14), na medida em que tudo recebe como um dom e não como algo que mereça (Mc 10,15).

**Cristo**

Literalmente, ungido. Palavra grega equiva- lente ao hebraico \**messias*. Aparece 531 vezes

**Cristo**

**/ 71**

no Novo Testamento, das quais 16 estão em Mateus, 7 em Marcos, 12 em Lucas e 19 em João. Os discípulos de \**Jesus* reconheceram-no como tal (Mc 8,27ss.) e o mesmo aconteceu com mui- tos de seus contemporâneos judeus. A razão de tal comportamento provém, primeiramente, da autoconsciência de messianidade de Jesus e de tê-la transmitido às pessoas que o rodeavam. As fontes ressaltam igualmente que tanto as pa- lavras de Jesus como suas ações denotam que ele tinha essa pretensão: reinterpretar a Lei (Mt 5,22.28.32.34 etc.); designar seus seguidores como os do Cristo (Mt 10,42); distinguir-se como o verdadeiro Cristo entre os falsos (Mc 13,6; Mt 24,5); aplicar a si mesmo títulos messiânicos (Mc 10,45 etc.); a insistência no cumprimento das pro- fecias messiânicas (Lc 4,16-30; Mt 11,2-6 etc.); a entrada triunfal em Jerusalém; virar as mesas no Templo; a inauguração da Nova Aliança na Última \**Ceia* etc. Não é estranho, por isso, ser executado pelos romanos por essa acusação. Deve-se ainda ressaltar que sua visão messiânica não era violenta, mas se identificava com a do \**Servo* sofredor de Isaías 53, razão pela qual re- futou outras interpretações da missão do messias (Jo 6,15), que os discípulos mais próximos apre- sentavam (Mt 16,21-28; Lc 22,23-30).

*Monograma de Cristo num sarcófago.*   
*Latrão (DACL)*

**72 /**

**Cristologia**

O termo ficou associado de forma tão estreita ao nome de Jesus, que é usado como uma espécie de nome pessoal e daí procede o popular termo Jesus Cristo.

J. Klausner, *o. c.;* D. Flusser, *o. c.;* O. Cullmann, *Christology of the New Testament,* Londres 1975; R. P. Casey, “The Earliest Christologies” no Journal of Theological Studies, 9, 1958; K. Rahner e W. Thüsing, *Cristología,* Ma- dri 1975; César Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; M. Gourgues, *Jesús ante su* *pasión y muerte*, Estella 61995; E. “Cahiers Evangile”, *Jesús*, Estella 41993.

**Cristologia**

Ver \**Cristo, \*Filho de Deus, \*Filho do Ho-* *mem, \*Jesus, \*Messias, \*Servo de YHVH.*

**Crítica da Redação**

Embora tivessem existido precursores desse método como W. Wrede, N. B. Stonehouse ou R. H. Lightfoot, o certo é que seu nascimento está relacionado com G. Bornkmann, H. Conzelmann e W. Marxsen. Este último também foi criador do termo *Redaktiongeschichte* (História da Redação), pelo qual também é conhecido. Os autores dessa escola aceitam a metodologia própria da \**Críti-* *ca das Formas*, mas consideram objeto prioritário de seu estudo o resultado final — a redação — obtido em virtude das supostas variações que cada evangelista introduziu. Teoricamente, essas pro- porcionariam a chave para se compreender o enfoque teológico do evangelista, assim como o *Sitz im Leben* de sua comunidade.

Essa metodologia tem o valor de recordar a necessidade de se ler cada evangelho conforme as suas finalidades concretas (o anúncio da men- sagem aos judeus, aos pagãos etc.). Sem dúvida, são consideráveis as objeções de peso que se apre- sentam contra ela. Por um lado, o risco que apre- senta seu elevadíssimo grau de especulação. As- sim, por exemplo, W. Marxsen ressalta que Mar- cos escreveu para uma Igreja que fugiu da perse-

**Crítica das Formas**

**/ 73**

guição durante a guerra judaica de 66 e que se dirigiu à Galiléia. O certo é que nada no texto sustenta essas afirmações de maneira indiscutí- vel; em termos históricos, parece mais verossí- mil uma relação entre este evangelho e a missão aos \**gentios* de \**Pedro*. Na realidade, o método torna-se mais um legitimador das conclusões do que estas como resultado de sua aplicação. É igualmente controvertida sua referência a uma prioridade de Marcos quanto à redação dos evan- gelhos e, em oposição a essa visão, estaria a tese da precedência mateana de Griesbach, da lucana de Lindsey e Flusser e até a joânica de J. A. T. Robinson. Por fim, como no caso da \**Crítica das* *Formas*, é duvidoso que a maneira de transmis- são da época encaixe com os pressupostos desse método que, além do mais, pode conduzir a con- clusões absolutamente contraditórias.

G. Bornkmann, G. Barth e H. J. Held, *Tradition and* *Interpretation in Matthew*, Filadélfia 1963; G. Bornkmann, *Jesús de Nazaret*, Salamanca 41990; H. Conzelmann, *El cen-* *tro del tiempo*, Madri; N. Perrin, *What is Redaction* *Criticism?,* Filadélfia 1969; E. P. Sanders e M. Davies, *Studying the Synoptic* *Gospels*, Filadélfia 1989; R. H. Stein, *The Synoptic Problem*: *An Introduction*, Grand Rapids 1987; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...

**Crítica das Formas**

O início do século XIX registrou o nascimen- to de um novo método de aproximação do texto bíblico que, primeiramente, foi aplicado ao Anti- go Testamento por H. Gunkel e J. Wellhausen. Por volta de 1920, K. L. Schmidt, M. Dibelius e R. Bultmann introduziram as teses da Crítica das Formas no estudo do Novo Testamento. De acor- do com a sua visão, tanto os ensinamentos de Je- sus como os relatos sobre sua vida foram trans- mitidos oralmente durante um longo período an- tes de serem fixados por escrito. Por ser esta últi- ma considerada pouco digna de confiança, a tare- fa do exegeta era rastrear até encontrar o início da transmissão, valendo-se para isso dos pressu- postos paralelos existentes em outras culturas,

**74 /**

**Crítica das Formas**

incluídas as européias da Islândia e a da antiga Iugoslávia. Pretendia-se, assim, chegar às “for- mas” originais que, por definição, deviam ser bre- ves, diretas, sem enfeites e de acordo com um protótipo — consideravelmente discutível, como veremos — do estilo judaico.

A Crítica das Formas assim levava a cabo uma tríplice tarefa: classificar as perícopes segundo sua forma, tratado, parábolas, discursos etc., assina- lar-lhes um contexto de surgimento na Igreja pri- mitiva (*Sitz im Leben*) e reconstruir a história de sua transmissão. Essa metodologia começou a ser objeto de fortes ataques a partir dos anos cinqüen- ta, até mesmo por parte dos adeptos da \**Crítica* *da* *Redação,* que aceitavam como corretos alguns de seus pressupostos iniciais. Tinham base as ra- zões para o confronto e, entre as principais obje- ções, pode-se salientar que não era tão fácil en- quadrar muito dos materiais num esquema fixo; não se podia negar o grau altamente especulativo da investigação nem era lícito extrair paralelos de âmbitos culturais totalmente alheios ao do Novo Testamento; também não parece atualmen- te sustentável o grande lapso de tempo que se coloca entre os acontecimentos e a redação dos evangelhos. Realmente, diversas teorias poste- riores parecem contar com maior base histórica. Entre elas destaca-se a hipótese da Tradição guar- dada de H. Riesenfeld e B. Gerhardsson (desde o princípio houve uma fiel conservação dos ensinamentos de Jesus de acordo com os siste- mas judaicos de transmissão oral), a tese da trans- missão flexível dentro de limites fixados de W. Kelber (a transmissão oral, na realidade, longe de limitar-se a histórias curtas, tende a agrupar grande quantidade de material de até 100.000 palavras), a análise retórica de K. Berger (com os dados de que dispomos, é impossível a recons- trução da fase oral e, por isso, totalmente especulativa) ou as diversas teorias sobre a pro- ximidade entre os fatos e a redação dos evange- lhos defendidas, entre outros, por J. A. T. Robinson, H. Schürmann, C. Vidal Manzanares e J. Wenham.

**Crítica das Tradições**

**/ 75**

Por outro lado, e contra o que pretendiam seus primeiros defensores, é duvidoso que essa metodologia sirva para estabelecer alguns crité- rios indiscutíveis de autoridade e com pretensões quase científicas. Assim, se R. Bultmann concluía que não podemos saber praticamente nada do Je- sus histórico, mais recentemente R. Latourelle, aplicando a mesma metodologia, afirma que são autênticos os materiais relativos ao batismo de Jesus, à transfiguração, ao chamado ao arrepen- dimento; às bem-aventuranças, à paixão, à crucifixão, à ressurreição, ao envio dos apósto- los. De fato, como ressaltou R. Gruenler, se se admite como autêntica somente uma reduzida porção dos ditos — como em Dibelius ou Bultmann — por influência teria de se considera- rem autênticas também partes dos evangelhos com um conteúdo cristológico mais claramente explí- cito. Em outras palavras: longe de servir como instrumento de elucidação, é legítimo perguntar- se se esse método não tem como principal utili- dade a de traduzir posições defendíveis às pres- suposições dos autores que a ele recorrem.

D. E. Aune, *Prophecy in Early* *Christianity and the* *Ancient Mediterranean World*, Grand Rapids 1983; K. Berger, *Formgeschichte des Neuen Testaments*, Heildelberg 1984; R. Bultmann, *The History of the Synoptic* *Tradition,* Oxford 1963; M. Dibelius, *From Tradition to Gospel*, Cambridge 1934; B. Gerhardsson, *Memory and* *Manuscript,* Lund 1961; W. Kelber, *The Oral and the Written Gospel*, Filadélfia 1983; R. Latourelle, *A Jesús, el* *Cristo, por los* *evangelios*, Salamanca 1992; H. Schürmann, “Die vorösterlichen Anfänge der Logientradition” em H. Ristow e K. Matthiae (eds.), *Der historische Jesus und der* *kerygmatische Christus*, Berlim 1960; G. Theissen, *The* *Miracle Stories of the Early Christian Tradition*, Edimbur- go 1983; C. Vidal Manzanares, *El Primer* *Evangelio*...; J. Wenham, *Redating Matthew, Mark and Luke*, Downers Grove 1992.

**Crítica das Tradições**

Termo com que se designa um método de es- tudo das tradições (Traditiongeschichte) que com- puseram os evangelhos, com a intenção de deter- minar quais podem retroceder ao próprio Jesus,

**76 /**

**Crítica das Tradições**

quais se originaram no período de transmissão oral e qual era a situação histórica da comunidade cris- tã em que surgiram. Como critérios de autentici- dade, são considerados principalmente os de tes- temunho variado, coerência e dissimilitude. Tam- bém se concebe que a tradição desenvolveu-se primeiramente no contexto de uma Igreja judai- co-palestina, depois em outra de característica judaico-helenista para passar, finalmente, a uma Igreja helenista de formação pagã.

Esse enfoque projeta sérios problemas, entre os quais o menor não é exatamente a escassa ou nula correspondência entre os modelos eclesiais em que se baseia e a sua realidade histórica. De fato, essa diferenciação não foi tão evidente na prática, como se deduz das fontes. Além disso, como já enfatizaram diversos autores (F. Manns, C. Vidal Manzanares etc.), o corpo doutrinal do judeu-cristianismo palestino, longe de diferenciar- se do cristianismo pagão, era semelhante a este e só se distinguia no que se referia ao cumprimento da lei mosaica, embora essa pluralidade se tives- se harmonizado no Concílio de Jerusalém (At 15). A isso se acrescente que alguns dos critérios de autenticidade são claramente inaceitáveis, para não dizer absurdos. É o caso do critério de dissimilitude. É evidente que, se dos ensinamentos de Jesus devem ser considerados não-autênticos os que têm paralelos com o judaísmo ou com os ensinamentos do cristianismo posterior, o resul- tado será uma prática ausente de materiais, muito injustificada. Contra o critério desse método, es- pera-se que Jesus, um judeu também, comparti- lhasse — como de fato o fez — muitos dos pon- tos de vista de seus compatriotas, e também que seus discípulos recolheram em sua pregação os ensinamentos daquele que consideravam o \**mes-* *sias.* Se assim não fosse, era necessário admitir que Jesus viveu um vazio existencial em relação a Israel — algo inadmissível — e que, como já ironizou certo autor, junto com ele ascenderam ao céu, no mesmo dia, todos os discípulos que podiam transmitir seu ensinamento. De fato, a semelhança de ensinamentos apresenta-nos Jesus

**Crítica retórica**

**/ 77**

encarnado no seu tempo e a maneira pela qual seu ensinamento foi transmitido fidedignamente pelos seguidores que o sucederam. Por outro lado, autores como Risenfeld e Gerhardsson demons- traram como os ensinamentos de Jesus foram transmitidos fielmente por seus discípulos, que seguiram padrões de transmissão próprios do ju- daísmo da época. Razões como essas levam a pensar que a crítica das tradições, longe de ser um instrumento útil, pode — em não poucas oca- siões — ver-se deformada pela subjetividade e afastar-nos — em vez de aproximar-nos — do ensinamento e da vivência do Jesus histórico.

R. H. Fuller, *The Foundations of the New Testament* *Christology*, Glasgow 1965; B. Gerhardsson, *Memory and* *Manuscript*, Uppsala e Lund, 1964; I. H. Marshall, *I Believe* *in the Historical Jesus*, Grand Rapids 1977; N. Perrin, *Rediscovering the Teaching of Jesus*, Nova York 1976; R. Riesner, *Jesus als Lehrer*, Tubinga 1980; H. Schürmann, *Traditionsgeschichtliche Untersuchungen* *zu den* *Synoptischen Evangelien*, Düsseldorf 1968; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...

**Crítica literária**

Disciplina que pretende estabelecer a história, estrutura e sentido de um texto. Costuma ser re- lacionada com a \**Crítica das Tradições.*

**Crítica retórica**

Metodologia destinada a analisar passagens dos evangelhos ou um evangelho completo, apli- cando-se as diversas teorias greco-romanas ou atuais sobre a retórica e a literatura. Essa aproxi- mação surgiu em 1968 a partir das críticas de J. Muilenburg à \**Crítica das Formas* e apresenta diversas variantes como o enfoque greco-roma- no — que sustentava, por exemplo, que Lucas pretendia demonstrar a messianidade de Jesus se- gundo os argumentos de convicção próprios da *enzymeme* de Aristóteles (W. Kurz) — o que pro- porciona um papel determinante ao aforismo ou *jreia* (*Chreia*, na transcrição anglo-saxônica),

**78 /**

**Crítica textual**

centraliza-se nas formas retóricas empregadas por Jesus em seus ensinamentos (R. Tannehill) e incide especialmente no contexto retórico social (V. Robbins).

Embora esse novo enfoque contribua para des- tacar os aparentes paralelismos entre a for-ma — mais do que a essência — do ensinamen-to de Jesus e a do mundo clássico, é discutível até que ponto eles podem ser apontados entre duas cosmovisões encontradas, não poucas vezes, em seus planos. Assim, por exemplo, a conversão de Jesus em um filósofo com características cínicas (até mesmo epicuristas!) não combina com o tes- tamento das fontes e obriga a pensar que a análi- se final exige mais uma predisposição do autor para chegar a determinadas conclusões do que a aplicação de um método objetivamente válido.

J. R. Butts, “The Chreia in the Synoptic Gospels”, *BTB,* 16, 1986, pp. 132-138; G. A. Kennedy*, New Testament* *Interpretation through Rhetorical Cristicism*, Chapel Hill 1984; W. S. Kurz, “*Hellenistic Rhetoric in the* *Christo-* *logical Proof of Luke-Acts*” em *CBQ*, 42, 1980, pp. 171- 195; B. L. Mack e V. K. Robbins, *Patterns of* *Persuasion in* *the Gospels*, Sonoma 1989; J. Muilenburg, *“Form Criticism* *and Beyond”* em *JBL*, 88, 1969, pp. 1-18; V. Robbins, *Je-* *sus the Teacher*: *A Socio-Rhetorical Interpretation of Mark*, Filadélfia 1984.

**Crítica textual**

Disciplina que procura restabelecer o texto original de uma obra concreta, recorrendo à aná- lise comparativa das diversas variantes.

**Cronologia**

Ciência que se ocupa em fixar as datas rela- cionadas com os acontecimentos históricos. Nos evangelhos, as referências cronológicas costu- mam estar relacionadas com acontecimentos ou períodos históricos conhecidos (Lc 3,1). Os mar- cos cronológicos da vida de Jesus são relativa- mente fáceis de serem fixados. Mateus coloca seu

**Crucifixão**

**/ 79**

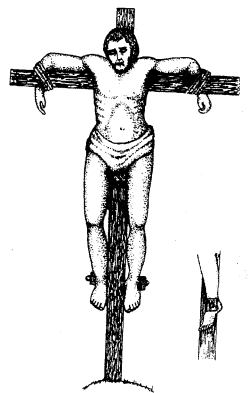
nascimento antes da morte de \**Herodes* (4 a.C.) e Lucas relaciona-o com o \**censo* de Quirino (tal- vez 7 ou 8 a.C., embora haja controvérsia sobre a questão). O início de seu ministério público está relacionado com o de João Batista, no ano quinze de Tibério (finais de 27). Com referência à sua morte, sabemos que aconteceu quando \**Caifás* e \**Pilatos* exerciam suas funções, sendo que 14-15 de nisã era uma sexta-feira. Isso obriga a situá-la nos anos 29, 30, 31, 33 e 34. 30 (7 de abril) e 33 (3 de abril) são as datas que contam com maior número de defensores.

J. Finegan, *Handbook of Biblical Chronology,* Princeton 1964; H. W. Hoehner, *Chronological* *Aspects of the Life* *of* *Christ,* Grand Rapids 1977; G. Ogg, *The Chronology of the* *Public Ministry of Jesus,* Cambridge 1940; A. T. Robertson, *Armonía*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo...*

**Crucifixão**

Suplício originário provavelmente da Fenícia, que consistia em fixar os pés e as mãos nas extre- midades da cruz, amarrando-os ou posteriormen- te pregando-os, para causar a morte ao condena- do. Esse castigo foi adotado pelos romanos para castigar os escravos, os estrangeiros e os delin- qüentes da mais baixa extração social. De fato, Tácito qualifica-o como *supplicium servile* (His- tórias II, 72). Josefo reuniu muitos casos de crucifixão praticados pelos romanos contra os judeus, e os evangelhos ressaltam que \**Jesus* foi também executado pelos romanos numa \**cruz* (Mc 15,15ss. e par.) sob a acusação de sedição. As fontes judaicas refletidas no \**Talmude* indi- cam — e nisso concordam bastante com os evan- gelhos — que as verdadeiras causas da crucifixão de Jesus foram religiosas (no sentido amplo do termo) e que aconteceu por instâncias de um de- terminado setor do judaísmo oficial que se opu- nha a seus ensinamentos (Sanh. 107b; Sota 47b; TJ. Hag II, 2).

M. Hengel, *Crucifixion*, Filadélfia 1989; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**80 /**

**Cruz**

*Reconstrução perfeita do crucificado*   
*do século I*

**Cruz**

Instrumento de execução, que consistia em um madeiro transversal colocado sobre uma estaca. Colocava-se o condenado com as mãos e os pés presos (bem amarrados, bem pregados) até que ocorresse a morte. Os romanos acrescentaram à estaca vertical um madeiro transversal denomi- nado “*patibulum*”, podendo a cruz ser \**commissa* (as estacas formavam um T) ou *“immisa”* (as es- tacas encontravam-se e fixavam-se em um encai- xe adquirindo a forma de ?). Como símbolo reli- gioso, a cruz foi usada antes de \**Jesus*, como a cruz *anj* dos egípcios e, de fato, nenhuma igreja cristã cultuou-a antes do século V. Em sentido sim- bólico, embora não plástico, o cristianismo pri-

**Cumprir**

**/ 81**

mitivo concedeu-lhe imenso valor espiritual na medida em que refletia que a \**crucifixão* de Je- sus era o meio pelo qual toda a humanidade po- dia alcançar a redenção (1Cor 1,77ss.; Gl 6,14). Essa doutrina retrocede ao próprio Jesus (Mc 10,45) que anunciara, em repetidas ocasiões, sua própria morte. Alguns autores consideram que a mencionada profecia realmente não foi formula- da por Jesus, mas por seus seguidores após a sua execução (seria um vaticínio “ex eventu”), mas o caráter das fontes e a análise do texto em sua for- ma original obrigam a refutar esse ponto de vista. Jesus previu sua morte, dotou-a de um significa- do de \**expiação* e assim a enfrentou.

Tomar a cruz diariamente (Lc 9,23) é con- dição indispensável para ser discípulo de Jesus. O sentido dessa expressão — contra uma opi- nião errônea bastante generalizada — não é o cristão aceitar com resignação os infortúnios que lhe sobrevenham, mas, ao contrário, estar diariamente disposto a sacrificar sua vida para ser fiel a Jesus.

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; A. Toynbee (ed.), *El crisol del cristianismo*, Madri 1988; H. Schürmann, ¿*Cómo entendió y vivió Jesús su muerte*?, Salamanca 1982; J. Klausner, *o. c.*

**Cumprir**

Levar algo até seu fim e consumação. A vida de Jesus cumpriu as \**Escrituras* na medida em que se ateve às profecias messiânicas do Antigo Testamento (Mt 1,22 etc.). Ele nasceu quando se cumpriu o tempo de Deus para a vinda do \**Mes-* *sias* (Lc 1,23.57; 2,6.21ss.; Lc 9,51). Foi batiza- do como cumprimento da justiça de Deus (Mt 3,15). Cumpriu a \**Lei* de Moisés ao lhe dar seu verdadeiro sentido, ao lhe obedecer fielmente e ao declarar consumado seu tempo de aplicação (Mt 5,17). Finalmente, com sua morte, cumpriu sua missão salvífica ao ser executado como sa- crifício expiatório em favor da humanidade (Lc 12,50; Jo 19,28-30; Mc 10,45).

**82 /**

**Curas**

**Curas**

A idéia de que Deus cura é inerente à Escritu- ra. Já o Antigo Testamento relatava diversas cu- ras às quais se atribuía uma origem divina (Gn 20,17; 2Rs 5; Is 38 etc.) e também afirmava que uma das bênçãos específicas de Deus era a de dar saúde a seus fiéis que, muitas vezes, tolhiam essa bênção por sua falta de arrependimento (2Cr 7,14; 30,20). Também freqüentemente se atribuía a en- fermidade à ação direta de \**Satanás* (Jó 2). De fato, Deus é, por definição, o que cura todas as doenças (Sl 103,3; 147,3). Tal crença persistiria, pelo menos em parte, no judaísmo posterior, e não é de se estranhar que na *amidah* uma das bênçãos é dirigida para reconhecer e suplicar a ação do poder curador de Deus.

O cristianismo primitivo deu-lhe ainda maior importância, levando-se em conta o aspecto das curas, e insistiu em suas fontes nas realizadas por Jesus (Mt 4,23; 9,35; 12,15 e par.) — um teste- munho confirmado pelas fontes judias contidas no \**Talmude* — que transmitiu esse poder a seus discípulos, pertencessem ou não ao grupo dos Doze (Mt 10,1; Lc 9,1; 10,9; Mc 3,15; Lc 10,9). De fato, uma das características da pregação do evangelho é que deve ser acompanhada de curas e expulsão de demônios (Mc 16,18). Como o ju- daísmo de sua época, o Novo Testamento atribui algumas enfermidades — mas não todas — à ação de \**demônios* (Lc 13,10-17) e insiste na impor- tância da fé no processo de cura (Mt 15,28; Lc 5,20; 7,1ss.; 18,42 etc.) até o ponto de afirmar que a incredulidade de seus contemporâneos im- pediu Jesus de realizar curas em uma ocasião (Mc 6,1-6). No geral, Jesus utilizou só a palavra para curar (Mc 7,33; 8,23 e Jo 9,6 são exceções) e não poucas vezes o fez no sábado (Mt 12,10-12; Mc 3,2.4; Lc 6,7.9; 13,14-16; 14,3; Jo 5,16.18; 9,14).

O judeu-cristianismo posterior atribuiu um papel de enorme importância a práticas de curas em nome de Jesus (Tg 5,14-15), o que aparece confirmado em algumas descobertas arqueológi- cas e nas mesmas fontes judaicas do \**Talmude.*

**Dalmanuta**

**/ 83**

Segundo estas últimas, a prática dos judeus cris- tãos de curar pessoas em nome de Jesus era tão sedutora para muitos judeus que os rabinos proi- biram, sob pena de \**excomunhão*, concordar com ela, considerando preferível a morte “em paz” à cura por invocação do messias cristão (TJ AZ 2, 2; TJ Sab 14.3 e Qoh R.1.8). Quanto ao cristia- nismo firmado em território pagão, considerou as curas como um carisma do \**Espírito Santo*, que atuava de maneira habitual na comunidade. Em todos os casos, partia-se da idéia de que a cura não provinha a não ser de Deus e que se operava somente em nome de Jesus (At 4,9ss.). A noção de curas realizadas pela intercessão de \**santos,* ou invocando-se um ser distinto de Deus, é total- mente alheia ao Novo Testamento e não parece, historicamente, que haja notícias anteriores des- sa idéia, pelo menos até o séc. III d.C.

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Leon Morris, *The First*...; E. Testa, *L’huile de la foi*, Jerusalém 1967.

**Cusa**

Membro da corte de \**Herodes Antipas* e es- poso de Joana, uma das mulheres que serviam Jesus (Lc 8,3).

**D**

**Dalmanuta**

Local para onde caminhou Jesus e seus discí- pulos após a segunda multiplicação dos pães (Mc 8,10). É possível que se identifique com Magadã de Mt 15,39.

**84 /**

**Dança**

**Dança**

Parece que a dança teve um lugar importante nas celebrações judaicas (Jz 11,34; 1Sm 18,6-7). Constituía-se num sinal de alegria (Sl 30,11; Ecl 3,4) e, exatamente por isso, encontramo-la em celebrações de caráter religioso (Êx 15,20; Jz 21,21-23; 1Sm 6,14-23; 1Cr 15,29), embora dan- çar diante de imagens fosse considerado idolatria (Êx 32,19; 1Rs 18,26).

Essa mesma visão é a transmitida em alguns dos relatos de Jesus, onde a alegria é manifestada pela dança (Lc 15,25), que é também descrita como elemento habitual na vida da época (Mt 11,16-17; Lc 7,23 ).

**Daniel**

Livro do Antigo Testamento que, em hebraico, está entre os Escritos e, na versão grega, entre os LXX. Escrito em hebraico e aramaico (2,4 a 7,28), conta com adições posteriores que judeus e pro- testantes consideram não-canônicas (3,24-50; 3,51-90; 13,1-64; 14,1-22; 14,23-42). Continua sendo objeto de controvérsia o final de sua reda- ção, que foi fixado no séc. II a.C., no séc. VI a.C. (como o próprio livro registra) e em um arco cro- nológico que iria do séc. VI a.C. ao séc. III a.C., sendo, nesse caso, as passagens apocalípticas as mais recentes da obra. Jesus cita freqüentemente o Livro de Daniel, especialmente em relação à figura do \**Filho do homem* (Dn 7,13ss.) o qual, em harmonia com o judaísmo da época, identifi- ca com o \**messias* e consigo mesmo (Mt 16,13ss.; 17,22-23 etc.). A figura da \**abominação da* *de-* *solação* a que Daniel se refere (Antíoco IV Epífanes no sentido original? O anticristo dos úl- timos tempos?) aparece também nos denomina- dos “apocalipses sinóticos” (Mc 13, Mt 24 e Lc 21). Também Jesus utilizava os ensinamentos de Dn 12,2 que fala de uma \**ressurreição* de salvos e condenados: os primeiros para receber a felici- dade eterna; os segundos, para o castigo igual- mente eterno.

**Demônios**

**/ 85**

**Davi**

O segundo rei de Israel (final do séc. XI e iní- cio do séc. X a.C.). De sua descendência viria o \**messias* — daí ele ser chamado “Filho de Davi” (Mt 9,27; 12,23; 15,22; 20,30ss.; Mc 11,10) — que também deveria nascer em sua cidade natal: \**Belém* (Mq 5,2). Tanto Lucas como Mateus re- lacionam Jesus com a estirpe messiânica e o fato deve ser reconhecido como histórico, ainda que seja bem provável que não fosse importante o ramo a que pertencia.

Como outros tantos judeus de sua época, Je- sus enfatizou a ascendência davídica do messias, o seu caráter preexistente, baseado em uma leitu- ra peculiar do Salmo 110, que tem paralelos, en- tre outros, com os \**essênios* de Qumrán (Mt 22,41ss.).

**Decálogo**

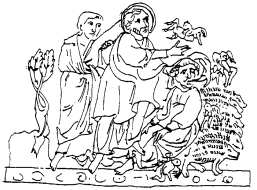
Ver \**Dez Mandamentos.*

**Decápolis**

Literalmente, dez cidades. Conjunto de uma dezena de cidades que, com exceção de Escitópolis (a Bert Shean atual), localizavam-se a oeste do \**Jordão*, a sudeste do lago da \**Galiléia*. As mais importantes foram Filadélfia (a atual Amã), Gerasa, Pela, Gadara, Hipos e Damasco. Sua constituição em 63 a.C. obedeceu a um dese- jo de enfraquecer os poderes da região e expandir a influência helenista que era inegável na época de Jesus. Este relacionou-se com pessoas daque- la região (Mt 4,25; Mc 7,31) que, em um e outro caso, não era judia (Mc 5,20).

**Demônios**

Termo derivado da palavra grega “*daimon*”, que originalmente designava seres superiores si- tuados, em certas ocasiões, entre os deuses e os

**86 /**

**Demônios**

homens. Outras vezes, o termo referia-se a seres que falavam no interior da pessoa. Nas Escritu- ras, o termo refere-se a espíritos imundos ou an- jos decaídos voltados para o mal, cujos poderes eram mobilizados através da \**magia.* O \**Antigo* *Testamento* apresenta diversas referências aos demônios, acusados de ter relações sexuais com mulheres (Gn 6,2-4) antes do dilúvio e de serem comandados por \**Satanás* (literalmente, o adver- sário). Este era o causador de enfermidades (Jó 2), inimigo e acusador dos servos de Deus (Zc 3,1ss.) e regente oculto dos poderes mundiais opostos ao povo de Deus (Dn 10,13ss.). No ju- daísmo do Segundo Templo, era muito comum a crença nos demônios e nas suas possessões. Além de serem considerados origem de muitas doen- ças, afirmava-se que eles estavam por trás das divindades e dos poderes políticos do paganis- mo. Essas idéias não foram abandonadas — mas até desenvolvidas — no judaísmo do \**Talmude* e da Cabala.

*Jesus expulsa os demônios que passam a atacar*   
*os porcos (manuscrito do séc. XII)*

No que se refere à demonologia, os evange- lhos refletem idéias bastante semelhantes às do judaísmo do Segundo Templo. Longe de inter- pretar Satanás e os demônios como símbolos ou arquétipos (nem como forças ou energias impes- soais), os evangelhos descrevem-nos como seres espirituais absolutamente reais. Assim, afirma-se que os demônios podem possuir as pessoas

**Denário**

**/ 87**

(Mc 5,1ss. e par. etc.) ou que Satanás — o Diabo — controla os poderes políticos mundiais (Lc 4,5- 8 e par.). Os demônios se encontram por trás de muitas situações de enfermidades (Mc 9,14-29). Seu chefe Satanás lança mão da mentira e da vio- lência (Jo 8,44); arranca a mensagem evangélica do coração das pessoas que não a incorporaram às suas vidas (Mt 13,19); semeia a cizânia no Reino (Mt 13,38); e dirige a conspiração para matar Jesus (Jo 13,26-27). O certo é que o Diabo e seus demônios foram derrotados pelo ministé- rio de \**Jesus* (Lc 11,20-23) e, especialmente, pelo seu \**sacrifício* na \**cruz* (Jo 16,32-17,26; ver tam- bém Hb 2,14-15; Cl 2,13-15). Essa visão de Je- sus traduz-se também nos demais escritos do Novo Testamento em situações em que os cris- tãos devem opor-se (Tg 4,7; 1Pd 5,8-9) aos ata- ques do Diabo, revestindo-se da armadura de Deus (Ef 6,10ss.); e devem estar conscientes de que sua luta é um combate espiritual contra forças demo- níacas (2Cor 10,3-5), na certeza da vitória que Cristo já lhe conquistou. De fato, a expulsão de demônios em nome de Jesus — bem distinta do conceito de \**exorcismo* — faz parte do anúncio evangélico (Mc 16,15-18).

A segunda vinda de Cristo implicará a derrota definitiva de Satanás e seus demônios que, se- gundo Mt 25,41.46, serão lançados ao castigo eter- no e consciente no \**inferno*.

M. I. Bubeck, *The Adversary*, Chicago 1975; L. S. Chafer, *o. c.;* M. Harper, *o. c. ;* J. L. Nevius, *o. c.;* J. E. Orr, *o. c.;* M. F. Unger, *o. c.;* C. Vidal Manzanares, *Diccionario*...; Idem, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El Primer* *Evangelio...;* *ERE*, I, pp. 669ss.; IV, 615-619; Hughes, pp. 84. 137ss. e 196.

**Denário**

Moeda de prata (3,85 g) do sistema romano, equivalente à dracma grega. Servia como medida de valor do pão (Mc 6,37; Jo 6,7), do perfume (Mc 14,5; Jo 12,5) e das dívidas (Mt 18,28; Lc 7,41). Na época de Jesus, trazia uma inscrição e a efígie de \**Tibério* (Mt 22,19; Mc 12,15; Lc 20,24).

**88 /**

**Deserto**

Equivalia ao salário de um dia de um trabalhador braçal (Lc 10,35). Contra o que se costuma afir- mar, Jesus não foi vendido por trinta denários, mas por trinta “moedas de prata” ou \**siclos,* o que valia uns cento e vinte denários.

**Deserto**

Local pouco habitado, formado por rochas calcáreas e não por areia (Lc 15,4). Foi nas pro- ximidades do deserto da Judéia que \**João Batis-* *ta* pregou. Jesus identificou-o como morada dos \**demônios* (Mt 12,43) e nele experimentou as ten- tações (Mt 4,1ss.). Às vezes, Jesus refugiava-se no deserto em busca de *solidão* (Mc 1,35.45; Lc 4,42; 5,16; 6,32.35) e nele alimentou as multi- dões (Mt 14,13-21; Mc 6,32-44; Lc 9,10-17).

**Desmitologização**

Ver *\*Mito.*

**Deus**

O judaísmo apresentava uma visão estritamen- te monoteísta da divindade. As afirmações a res- peito que aparecem no Antigo Testamento não podem ser mais explícitas. Antes e depois dele não houve nem haverá outros deuses (Is 43,10- 11). Tudo criou sem ajuda nem presença de nin- guém (Is 44,24; 45,12). É o primeiro e o último (Is 44,6), clemente e misericordioso (SL 111,4), o que cuida dos oprimidos (Sl 113,7), o que cura todas as dores e perdoa todas as iniqüidades (Sl 103,3). Foi ele quem entregou a Torá a Moisés no Sinai (Êx 19-20) e que estabeleceu uma Alian- ça Eterna com Israel como povo seu. Ele que fa- lou através dos profetas, ele que não pode ser re- presentado por nenhum tipo de imagem, dese- nho ou pintura (Êx 20,4ss.) etc. Deste Deus se esperava que enviaria seu messias e que no final dos tempos ressuscitaria os justos e injustos, pro- porcionando recompensa eterna aos primeiros e

**Deus**

**/ 89**

castigo vergonhoso e consciente aos segundos (Dn 12,2).

Nos evangelhos encontramos uma aceitação de todas essas afirmações. Deus é único (Mc 12,29ss.), é o Deus dos patriarcas (Mt 22,32), é o único que pode receber culto e serviço (Mt 6,24; Lc 4,8). Para ele tudo é possível (Mt 19,26; Lc 1,37). Ainda que faça brilhar o sol sobre justos e injustos (Mt 5,45), só é Pai daqueles que recebem Jesus (Jo 1,12). Essa relação de paternidade entre Deus e os seguidores de Jesus explica por que ele é tratado como Pai (Mt 11,25ss.; Mc 14,36; Lc 23,34.46; Jo 11,41; 17, 1.5.11). A ele se deve diri- gir no oculto do coração e sem usar contínuas re- petições como os pagãos (Mt 6,4.18) e nele se deve confiar sem sombra de dúvida (Mt 6,26-32; 10,29- 31; Lc 15). E podemos então chegar a conhecê-lo porque se nos revelou em Jesus (Jo 1,18).

Esse monoteísmo com o qual Deus é contem- plado no Novo Testamento encontra-se, não obstante, selecionado através da fé na \**Trindade*, que afirma uma pluralidade de pessoas no âmago da única divindade. Existem precedentes da cren- ça na divindade do \**messias* no judaísmo, assim como da atuação de Deus em várias pessoas. De fato, o judeu-cristianismo posterior — tal como registra o \**Talmude* — apenas se referiu a elas para defender sua essência judaica. Assim, no Antigo Testamento, atribui-se ao Messias o título divino de El-Guibor (Is 9,5-6); Deus se expressa em termos plurais (Gn 1,26-27; Is 6,8); o *malak* YHVH ou o anjo de YHVH não é senão o pró- prio YHVH (Jz 13,20-22) etc, expressões que fo- ram interpretadas como sinais da revelação da Trindade.

Nos evangelhos encontramos de fato afirma- ções nesse sentido que não podem ser considera- das equívocas. Por exemplo: Jesus é denominado Deus (Jo 1,1; 20-28 etc.); afirma-se que o \**Filho* *de Deus* é igual a Deus (Jo 5,18); ressalta-se que era adorado pelos primeiros cristãos (Mt 28,19- 20 etc.), recebe a designação de *“Verbo”*, termo procedente dos targuns aramaicos para referir-se ao próprio YHVH (Jo 1,1) etc.

**90 /**

**Dez Mandamentos**

Tem-se discutido se todos esses enfoques pro- cedem realmente do próprio Jesus ou se, ao con- trário, devem ser atribuídos à comunidade primi- tiva. Também se questiona o seu caráter judaico. Atualmente, sabemos que esses pontos de vista não se originaram do helenismo, mas do judaís- mo contemporâneo de Jesus (M. Hengel, A. Segal, C. Vidal Manzanares etc.). A característica que difere o cristianismo das outras doutrinas é afir- mar essa hipóstase do Deus único, encarnado em Jesus. A este também retrocede todas as interpre- tações sobre sua pessoa. Para essa interpretação, defendem-se passagens de indiscutível autentici- dade histórica, como a de Lc 10,21-22, assim como as de auto-identificação que Jesus atribui a si, como a *Jokmah* hipostática dos Provérbios (Lc 7,35; 11,49-51) e como o “Kyrios” (Senhor) do Antigo Testamento (Lc 12,35-38; 12,43ss.). Es- sas passagens de fato fazem parte da fonte Q, o que indica sua antigüidade.

M. Hengel, *El Hijo de Dios*, Salamanca 1978; A. Segal, *Paul, The Convert*, New Haven e Londres 1990; M. Gilbert - J. N. Aletti, *La Sabiduría y Jesucristo*, Estella; C. Vidal Manzanares, *El primer Evangelio*...; Idem, *El* *judeo-cristia-* *nismo palestino*...

**Dez Mandamentos**

Compêndio da lei divina que Deus entregou a Moisés no Sinai (Êx 20,2-14 e Dt 5,6-18). Seu conteúdo é o seguinte: 1. reconhecimento da sa- bedoria de Deus; 2. proibição de fazer imagens e render-lhes culto; 3. proibição da blasfêmia e do perjúrio; 4. descanso semanal; 5. amor e honra aos pais; 6. proibição de assassinato;7. proibição do adultério; 8. proibição do roubo e seqüestro; 9. proibição da calúnia, da difamação e do falso tes- temunho nos processos judiciais; 10. proibição da cobiça e da inveja. A divisão dos mandamentos difere entre as diversas confissões cristãs. Para as Igrejas protestantes (com exceção da Luterana) — segundo o modelo judaico — Êx 20,2-3 é o pri- meiro, 4-6 o segundo e 17 o décimo. Tanto os ju- deus como os protestantes consideraram vigente

**Dia do Senhor**

**/ 91**

a proibição de render culto a imagens. Agostinho de Hipona e Lutero contavam 2-6 como o primei- ro, 17a como o nono e 17b como décimo, sendo essa a divisão adotada por católicos e luteranos, embora estes também consideram atual a proibi- ção referente às imagens. Foi essa circunstância que levou a Igreja Católica a desdobrar o manda- mento relativo à imoralidade sexual em dois, de forma que o número total continue sendo dez. As Igrejas Ortodoxas seguem a ordem judaica, mas consideram que a proibição das imagens refere- se às esculturas e não às pinturas, embora seja duvidoso deixar a salvo a letra do decálogo, para respeitar o espírito original.

Jesus aceitou o decálogo judaico e aprofundou a aplicação prática dos preceitos relacionados com a violência, a imoralidade sexual e o uso da pala- vra (Mt 5-7).

**Dia**

O oposto à noite, à qual segue (Lc 21,37; Jo 9,4). Também espaço temporal de 24 horas.

Os romanos contavam o dia de meia-noite a meia-noite — prática que perdura entre nós —, enquanto os judeus contemporâneos de Jesus ini- ciavam o dia com o surgimento da lua, concluin- do-o no dia seguinte pela tarde. Para designar um dia completo, costumava-se empregar a expres- são “noite e dia” (Mc 4,27; 5,5; Lc 2,37).

**Dia comemorativo**

Ver \**Festa.*

**Dia do Senhor**

No Antigo Testamento, é uma expressão típi- ca para definir todos os momentos históricos em que Deus vence seus inimigos e executa seu juízo sobre eles. Ao lado desta expressão “dia do Se- nhor”, existe a referência a um “dia do Senhor”,

**92 /**

**Diabo**

por antonomásia, situado no final dos tempos (Is 13,2-6; Ez 30,3; Sf 1,7). Nos evangelhos desta- ca-se o caráter inesperado de sua chegada (Mt 24,44), identificando-se a \**parusia* de Jesus com o dia do Senhor do final dos tempos. Evidente- mente, aqui e agora é quando o ser humano se prepara para essa consumação dos tempos (Jo 5,24ss.; 12,31; 14,3.20-23).

Também recebe a denominação de “dia do Senhor” o dia consagrado a seu culto, o primeiro da semana: o \**domingo.*

**Diabo**

Ver \**Demônios.*

**Dias sagrados**

Ver \**Domingo, \*Festas, \*Sábado*.

**Diáspora**

Termo grego que significa “dispersão”. Em sentido estrito, as colônias judaicas situadas fora de Israel. Em hebraico, empregavam-se os ter- mos *gola* e *galut,* tendo o último um sentido pe- jorativo. Jesus parece ter sentido interesse por seus compatriotas da diáspora, considerando que pre- garia também a eles (Jo 7,35).

E. Schürer, *o. c.;* R. H. Pfeiffer, *History of The New* *Testament Times*, Grand Rapids 1954; E. P. Sanders, *Judaism*...; J. Juster, *Les Juifs dans l’Empire romain,* Paris 1914; C. Saulnier e B. Rolland, *Palestina en* *tiempos de Jesús*, Estella 101994.

**Didracma**

Moeda grega de prata (8,60 g), equivalente a duas \**dracmas* e ao salário de dois dias de traba- lho. Essa quantia era também a que todo judeu pagava como imposto para manutenção do Tem- plo (Mt 17,24).

**Discernir**

**/ 93**

**Dilúvio**

Inundação universal (Gn 6-9) provocada por Deus para castigar a maldade humana e da qual só se salvaram Noé e sua família. A história rela- ta numerosos paralelos em todas as culturas, em- bora o conteúdo monoteísta e ético seja exclusi- vo da Bíblia.

Jesus compartilhou a crença no dilúvio e apre- sentou-o como imagem do juízo final de Deus sobre a humanidade, quando ele virá pela segun- da vez (Mt 24,38-39). Essa mesma tese é encon- trada em 2Pd 2,5, de onde se deduz que, se a en- trada na arca fora garantia de salvação, agora é a conversão e a aceitação de Jesus como salvador pessoal.

A. Heidel, *The Gilgamesh Epic And Old Testament* *Parallels*, Chicago e Londres 1963; N. M. Sarna, *Understanding Genesis*, Nova York 1966.

**Dinheiro**

Ver \**Ricos.*

**Direita**

O lado mais nobre do ser humano (Mt 5,29ss. e 39). O lugar mais favorável — por oposição à esquerda (Mt 25,33) — ocupado pelos redimidos em relação ao \**messias,* e pelo \**Filho do homem* em relação a \**Deus* (Mt 22,44; 26,64; Mc 16,19).

**Discernir**

Essa plavra equivale a dois verbos distintos no original grego. O primeiro (*dokimazo*) supõe a idéia de examinar, colocar à prova, provar (Lc 12,56), com a finalidade de verificar a qualidade, o valor ou a veracidade de algo ou de alguém.

O segundo (*diakrino*) — derivado de *krino*: separar, eleger e cortar — implica a idéia de dis- tinguir, discernir e interpretar (Mt 16,3).

**94 /**

**Discípulo Amado**

**Discípulo Amado**

Ver \**João.*

**Discípulos**

O conceito de discípulo — aquele que apren- de de um mestre — surgiu no judaísmo do Se- gundo Templo. De fato, no Antigo Testamento a palavra só aparece uma vez (1Cr 25,8).

Nos evangelhos, o termo indica a pessoa cha- mada por Jesus (Mc 3,13 Lc 6,13; 10,1), para se- gui-lo (Lc 9,57-62), fazendo a vontade de Deus a ponto de aceitar a possibilidade de enfrentar uma morte vergonhosa como era a condenação à \**cruz* (Mt 10,25.37; 16,24; Lc 14,25ss.). Os discípulos de Jesus são conhecidos pelo amor existente en- tre eles (Jo 13,35; 15,13). A fidelidade ao chama- do do discípulo exige uma humildade confiante em Deus e uma disposição total para renunciar a tudo que impeça seu pleno seguimento (Mt 18,1- 4; 19,23ss.; 23,7).

Mesmo que tanto os \**apóstolos* como o grupo dos setenta e dois (Mt 10,1; 11,1; Lc 12,1) te- nham recebido a designação de discípulos, o cer- to é que não pode restringir-se somente a esses grupos. Discípulo é todo aquele que crê em Jesus como Senhor e Messias e segue-o (At 6,1; 9,19).

E. Best, *Disciples and Discipleship*, Edimburgo 1986; M. Hengel, *The Charismatic Leader and His Followers*, Nova York 1981; J. J. Vicent, *Disciple and Lord*, Sheffield 1976; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; J. Dupont, *El Mensaje de las* *Bienaventuranzas*, Estella 81993; J. Zumstein, *Mateo, el* *teólogo*, Estella 31993.

**Dívida**

Obrigação que liga uma pessoa (devedor) a outra (credor) (Lc 16,5-7). O não-pagamento de uma dívida podia acarretar a servidão ou a prisão do devedor (Mt 18,30-34).

O judaísmo do Segundo Templo aceitava a comparação que considerava Deus um credor, na

**Divórcio**

**/ 95**

sua qualidade de Criador e juiz universal, e o ho- mem um devedor, porque transgredia, com seus pecados, a ordem divina. Na opinião de alguns judeus, essa situação poderia ser revertida pela prática das boas obras (Lc 13,4). Jesus, ao con- trário, insistiu em que o homem jamais poderia conseguir o pagamento da dívida por seus pró- prios méritos e que isso somente se realizava em virtude do perdão gratuito de Deus (Mt 18,23- 35), um perdão fundamentado — como será de- senvolvido no restante do Novo Testamento — na morte sacrifical de Jesus na \**cruz* pelos peca- dos da humanidade (Mc 10,45; 14,24 etc.). Para quem pela fé recebeu esse perdão de Deus, a úni- ca resposta coerente é adotar esses mesmos parâmetros de amor (Lc 7,41-50) e de perdão (Mt 6,12).

**Divórcio**

Dissolução do \**matrimônio,* a qual permite aos cônjuges contrair nova união. Em hebraico, rece- be o nome de *guerushim* e se formaliza mediante um contrato conhecido como *guet* ou *sefer keritut*. A mulher pode então casar-se com qualquer ho- mem, exceto aquele com quem manteve relações antes do divórcio ou com um sacerdote ou *kohen.* Quanto às causas, a escola de Hillel (séc. I a.C.) admitia como causa qualquer coisa que desagra- dasse ao esposo, como queimar a comida, enquan- to a de Shamai (séc. I a.C.) limitava-o aos casos de adultério.

Jesus teve uma postura mais rígida que o ju- daísmo de sua época em relação à permissão do divórcio. É evidente que Jesus o recusou, já que o divórcio é evidência da dureza de coração do ser humano e contradiz essencialmente o desíg- nio fundamental de Deus para o homem e a mu- lher (Mc 10,1-12; Lc 16,18). Contudo, duas pas- sagens dos evangelhos (Mt 5,32; 19,9) permitem o divórcio em caso de “fornicação”. Uma inter- pretação dessa passagem, ao menos entre bom nú- mero de Padres até o início da Idade Média, de-

**96 /**

**Dízimo**

fendia a permissão do divórcio quando houvesse adultério de um dos cônjuges. Outros autores, porém — e não só católicos —, tendem a expli- cá-lo como uma referência ao concubinato ou uniões factuais, de caráter ilegítimo. Assim, Je- sus estaria afirmando que o matrimônio é indis- solúvel, mas não a relação de concubinato.

Y. Newman, *o. c*., J. Peláez del Rosal, *El divorcio* *en el derecho del Antiguo Oriente*, Córdoba 1982; L. Petuchovsky, *o. c*.

**Dízimo**

Entrega da décima parte dos produtos da agri- cultura e da pecuária, que se oferecia ao Templo de Jerusalém e ao Deus de Israel (Dt 14,22-29; Lv 27,30-33). Embora inicialmente o dízimo des- tinado ao culto fosse dado uma vez a cada três anos e os outros dois se destinassem a outras fi- nalidades como a atenção aos carentes, na época de Jesus essa imposição estava completamente nas mãos dos sacerdotes. Os fariseus eram especial- mente rigorosos na prática do dízimo. Jesus ma- nifestou-se contra a anteposição do dízimo a ou- tras obrigações espirituais mais importantes (Mt 23,23); não o desautorizou, mas colocou-o no devido lugar dentro da religião de Israel. Tam- bém é certo que não temos nenhuma notícia que nos permita afirmar ter Jesus recebido o dízimo de seus seguidores. Ao que parece, a norma do dízimo não foi aplicada mais tarde, nem entre os judeu-cristãos, nem entre os cristãos pagãos.

**Domingo**

O primeiro dia da semana. Sua consagração como dia de descanso e culto próprio dos discí- pulos de Jesus data desde época muito primitiva do séc. I. Sabemos que os primeiros cristãos de origem pagã não guardavam os dias característi- cos do judaísmo (Gl 4,10; Cl 2,16). Suas reuniões aconteciam aos domingos e não aos sábados (At 20-7), durante as quais eram realizadas as co-

**Dracma**

**/ 97**

letas beneficentes (1Cor 16-2). Não foram origi- nais nessa decisão, e a origem desse costume é encontrada nos próprios judeu-cristãos (Jo 20,19.26) que, como indicara o erudito judeu D. Flusser, já haviam optado por reunir-se, como seguidores de Jesus — o Messias — exatamente num dia que não interferisse no culto sinagogal. Para isso influiu também, possivelmente, uma série de fatos relacionados com o domingo. Nes- se dia, Jesus ressuscitou (Jo 20,1) e apareceu pela primeira vez aos \**apóstolos,* comendo com eles (Lc 24,36-49; Jo 20,26ss.). Também foi no do- mingo que eles receberam o \**Espírito Santo* em Pentecostes (At 2,1ss.) etc. Em época tão primi- tiva, como os anos sessenta do séc. I, a expressão “dia do Senhor” já se referia, em um contexto ju- deu-cristão, ao domingo (Ap 1,10). No final do séc. I (Didaqué XIV; Inácio, *Epístola a los* *magnesios* IX etc.), era evidente que o \**sábado* era dia sagrado dos judeus, enquanto para os cris- tãos era o domingo. As fontes registradas no \**Talmude* acusam os judeu-cristãos por conside- rarem o domingo como dia sagrado.

F. F. Bruce, *Acts*...; D. Flusser, “Tensions between Sabbath and Sunday” em *The Jewish roots of Christian* *liturgy,* Nova York 1990; L. Morris, *The First*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**Doze**

O número das tribos de Israel que Jesus fez coincidir com o dos apóstolos (Mt 19,28).

**Dracma**

Moeda grega de prata (3,50 g), equivalente ao \**denário* romano e ao salário de um dia de traba- lho (Lc 15,8ss.).

**98 /**

**Ecce Homo**

**E**

**Ecce Homo**

Palavras latinas que significam “Eis o homem” e com as quais se traduziu a passagem de Jo 19,5. Sob esse título, era costume, na história da arte, representar Jesus após a flagelação, coberto com o manto de púrpura e trazendo na cabeça a coroa de espinhos.

**Effatá**

Expressão aramaica que significa “abre-te” e pronunciada por Jesus ao curar o surdo-mudo (Mc 7,34).

**Efraim**

Local para onde Jesus se retirou (Jo 11,54). É possível que se identifique com Et-Taiyebeh, lo- calidade próxima ao deserto e situada a noroeste de \**Jerusalém.*

**Egito**

Nação onde os pais de Jesus se refugiaram (Mt 2,13-19), a fim de salvá-lo das ameaças de \**Herodes.* O \**Talmude* cita também a notícia de uma estada de Jesus nesse país, relacionando-a com a realização de seus \**milagres*, os quais atri- bui à feitiçaria.

**Elias**

Literalmente, Deus é YHVH. Profeta que de- senvolveu sua atividade durante o reinado de Acab e Jezabel (séc. IX a.C.). O profetismo posterior

**Endemoninhado**

**/ 99**

(Ml 3,23) situou sua chegada antes do \**Dia do* *Senhor*. Os evangelhos — partindo do próprio Je- sus — identificam essa vinda de Elias com o mi- nistério de \**João Batista* (Mt 11,14. 17,10-12). Sem dúvida, alguns dos contemporâneos de Je- sus relacionaram a figura deste com a do profeta (Mt 16,14). Era crença popular que Elias ajudava os que passavam por aflições, o que explica o equívoco de alguns dos presentes na crucifixão de Jesus (Mt 27,47; Mc 15,35).

**Emanuel**

Literalmente, “Deus conosco”. Nome empre- gado por Isaías em algumas profecias messiânicas contidas em seu livro (Is 7,14; 8,8). Em Mt 1,23 o título é aplicado a Jesus, no qual se cumpre não somente a expectativa do messias como também a sua concepção virginal e condição divina.

**Emaús**

Povoado próximo a \**Jerusalém,* em cujo ca- minho Jesus ressuscitado apareceu a dois de seus discípulos (Lc 24,13). Tem sido identificado com Amuas (as mesmas consoantes) ou Nicópolis, a uns 25 km de Jerusalém. Outros preferem consi- derar que o Emaús evangélico é el-Qubeibe ou Latrun.

F. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c.*

**Encarnação**

De acordo com o Novo Testamento, é a cren- ça em que a segunda Pessoa da \**Trindade*, que é Deus, encarnou-se como Jesus de Nazaré, a fim de obter a \**salvação* da humanidade.

O. Cullmann, *Christology*...; C. Vidal Manzanares, *De* *Pentecostés...*

**Endemoninhado**

Ver \**Demônios.*

**100 /**

**Endurecimento de coração**

**Endurecimento de coração**

Os evangelhos empregam diversos termos para referir-se à condição espiritual daquele que, ten- do fechado voluntariamente a possibilidade de escutar o evangelho, vai adotando progressiva- mente maior resistência a ele. Encontramo-nos assim diante da cegueira (Mt 23,16ss.; Lc 6,39) e da dureza de coração (Mt 19,8; Mc 3,5; 6,52), pelas quais o ser humano é totalmente responsá- vel (Jo 3,19-21; 9,38-41).

**Enfermidade**

Ver \**Ágape, \*Cura, \*Demônios e \*Tzedakah.*

**Enterro**

Um dos preceitos fundamentais do judaísmo. A Bíblia contém referências ao sepultamento (Gn 23; Dt 21,22-23) em covas e, durante o período talmúdico, já era habitual a utilização de ossários e nichos. O enterro deveria realizar-se no mesmo dia da morte ou no seguinte. O procedimento ini- cial consistia em lavar o corpo e cobri-lo com sudário branco que, em se tratando de homem, era acompanhado do manto de orações que não mais seria usado. Eram proibidos a cremação e o embalsamamento. Acompanhar o cadáver até o lugar do sepultamento era considerado um ato de bondade. Atrás da sepultura, realizava-se uma refeição de consolo.

**Enterro de Jesus**

Ver \**Sepultura de Jesus.*

**Erva-doce**

Especiaria cujo \**dízimo* era pago pelos \**fariseus*, embora essa atitude não viesse da \**Lei* de \**Moisés*. Jesus se opôs a práticas desse tipo que negligenciassem o essencial dos \**mandamen-* *tos* (Mt 23,23; Lc 11,42).

**Escatologia**

**/ 101**

**Escândalo**

Armadilha colocada no caminho com a inten- ção de fazer cair. Jesus considera que se deve afas- tar da vida todas as situações que possam levar uma pessoa a cair, porque a condenação é um mal muito maior do que qualquer perda (Mt 5,29-30). Nos últimos tempos, muitos que acreditavam tro- peçaram e apostataram (Mt 24,10). Tanto antes como agora, os que não se escandalizam com Je- sus são objeto de uma bênção especial (Mt 11,6). A idéia de Jesus renunciar à sua morte sacrifical na \**cruz* foi considerada uma armadilha própria de \**Satanás* (Mt 16,23). Os escândalos são ine- vitáveis (Lc 17,1), mas deve-se fazer o possível para evitá-los (Mt 18,7). Em harmonia com essa visão, muitas vezes Jesus não hesitou em aceitar comportamentos estabelecidos que não compro- metiam, porém, a essência de sua missão, para evitar que as pessoas recusassem o evangelho (Mt 17,27).

**Escatologia**

Termo derivado do grego “*esjata*” (as últimas coisas), com o qual se denomina a parte da teolo- gia que se ocupa com o final da história (escatologia geral) e do estado após a morte (escatologia particular).

O judaísmo da época de Jesus apresentava um claro conteúdo escatológico, que se sintetizava na crença da imortalidade da \**alma,* na \**ressur-* *reição* dos mortos para o prêmio ou o castigo eter- no no mundo vindouro, na \**vida* eterna e no rei- no do \**Messias*. De fato, apenas a seita dos \**saduceus* negava essas idéias.

Os evangelhos apresentam uma escatologia que, em múltiplos aspectos, coincide com o ju- daísmo do Segundo Templo. Assim professa tam- bém a crença na imortalidade da alma, na recom- pensa dos redimidos e no castigo consciente e eter- no dos condenados ao \**inferno.* Como algumas correntes do judaísmo de sua época, os evange- lhos determinam a existência de um período in-

**102 /**

**Escravo**

termediário entre a morte e a ressurreição de \**Je-* *sus* e sua segunda vinda, ou \**parusia*, como juiz universal e salvador dos seus (Mt 24-25). Essa concepção retrocede ao próprio Jesus nos escri- tos do Novo Testamento.

Também semelhante ao judaísmo do Segundo Templo, nos evangelhos se encontra a crença em um período precedente ao triunfo final do Mes- sias — a parusia — que se caracterizará por uma degeneração progressiva das condições mundiais (Mt 24-25; Mc 13; Lc 21; 2Ts 2,1ss.; 2Pd 3; Ap etc.). Após a derrota do mal, acontecerá a ressur- reição de todos os mortos para receberem seu destino definitivo, conforme tenham ou não aceitado Jesus como Senhor e Salvador (Jo 5,24- 29; Mt 25 etc.).

Entretanto, para os evangelhos a escatologia não está totalmente projetada para o futuro. Jesus já venceu \**Satanás* e seus \**demônios* na cruz e, com isso — e com seu ministério anterior —, deu início ao Reino de Deus (Lc 11,20-23), que terá sua consumação gloriosa no fim dos tempos (Mt 13 e par.).

Embora os ensinamentos escatológicos de Je- sus estejam refletidos de maneira bem concreta nos “apocalipses sinóticos” (Mt 24-25; Mc 13; Lc 21), é certo também que os elementos escatológicos são muito comuns em suas \**pará-* *bolas* (Mt 13,37-43; Lc 20,9-18 etc.) e em outras formas de ensinamento (Mt 7,21-23; Lc 20,34- 38 etc.).

J. Grau, *o. c.;* C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianis-* *mo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; W. Barclay, *o. c.;* G. Eldon Ladd, *o. c*.; Idem, *El Evangelio del Reino*, 1985; C. Rowland, *o. c.;* A. Toynbee, *o. c*.; J. Jeremias, *Teología*...v. I; M. Gourgues, *o. c.*

**Escravo**

Aquele que é propriedade de outro. Em senti- do figurado nos evangelhos, aplica-se a quem se submete a Deus ou a outro soberano (Mt 18,23; 22,3; 25,14; Lc 1,38; 2,29). Contudo, do empre-

**Escribas**

**/ 103**

go do termo se pode depreender, pelo menos in- diretamente, como era a situação dos escravos na sociedade judaica da época (Mt 8,9; 18,27.34; 24,45; 25,30; Lc 17,7-10; Jo 15,15).

**Escribas**

Com essa palavra designou-se, inicialmente, o trabalho relacionado com a capacidade de ler ou escrever. Devido ao grau de analfabetismo da sociedade antiga, não é de estranhar que consti- tuíram um grupo específico, embora não se pos- sa afirmar que, pelo menos no começo, tivessem uma visão tão delimitada como a dos \**fariseus* ou dos \**saduceus*. Sua estratificação era bastante variada, vindo desde os altos funcionários até aos escribas de aldeias. Evidentemente havia escribas na maioria dos diferentes grupos religiosos judeus. Os intérpretes da Lei entre os fariseus com certe- za foram escribas; os \**essênios* contaram com escribas, e o mesmo se pode dizer em relação ao serviço do \**Templo* ou da corte. Nas fontes judai- cas, os escribas aparecem geralmente relaciona- dos à Torá. Assim, no livro que leva seu nome, Esdras é apontado exatamente como escriba (Esd 7,6). Na literatura rabínica, aparecem ainda como copistas ou como especialistas em questões le- gais. Flávio Josefo fala-nos tanto de um corpo de escribas do Templo, praticamernte equivalente a um funcionário (*Ant.* 11,5,1; 12,3,3), como de um escriba que pertencia à alta classe (*Guerra* 5,13,1).

O retrato contido nos evangelhos é coerente com essas fontes e reflete a mesma diversidade. Algumas vezes, os escribas estão ligados ao ser- viço do Templo (como nos informa Josefo); em outras, aparecem como intérpretes da Lei (como nas fontes rabínicas). Nem Jesus nem os \**após-* *tolos* parecem ter recebido formação como escribas (Jo 7,15; At 4,13). Em geral, Jesus opôs- se aos escribas pelo seu desejo de honrarias e por praticarem uma exegese que abandonava o mais importante da \**Lei* de Deus para perder-se em discussões legalistas (Mt 23,1-22.29-36; Lc 11,45-

**104 /**

**Escritura**

52; 20,46ss.). No geral, pelo menos conhecemos um caso em que a opinião de um escriba coinci- diu com a de Jesus: em relação aos mandamentos que eram os mais importantes (Mc 12,28-34). Algumas passagens parecem indicar ainda a pre- sença de algum escriba entre os \**discípulos* (Mt 13,52; 23,34).

A. J. Saldarini, *Pharisees, Scribes and Sadduccees in* *Palestinian Society*: *A. Sociological* *Approach,* Wilmington 1988; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; Idem, *Los esenios*...; P. Lenhardt e M. Collin, *La Torá oral de los* *fariseos,* Estella 1991.

**Escritura**

Nos evangelhos, com essa expressão faz-se referência tanto a algumas passagens do Antigo Testamento, segundo o \**cânon* judaico (Mt 21,42; 22,29; Mc 12,10; Lc 4,21; Jo 2,22), como ao An- tigo Testamento em sua totalidade (Mt 26,54; Lc 24,32.45; Jo 5,39). A mesma expressão alude tam- bém às profecias relacionadas com o \**messias* e cumpridas em Jesus (Lc 16,16; 24,25ss.). É este que proporciona o cumprimento e interpretação profundos da Escritura (Mt 5,18; Jo 10,35).

**Escutar**

Esse verbo está relacionado com a pregação de Jesus e a obediência a ela (Mt 11,4; 13,16ss.; 17,5; Lc 2,20), pondo em prática o seu conteúdo (Mt 7,24.26; Lc 11,28; Jo 10,16.27; 12,47). Es- cutar e compreender não é apenas um processo mental, mas aceitar Jesus e sua mensagem (Mt 11,15; 13,15.19.23; Mc 4,16; Jo 5,37; 6,45; 8,43.47).

**Esmola**

Oferta aos carentes de bens econômicos, como obra de misericórdia e sinal do amor de Deus. Jesus elogiou a prática da esmola (Mc 12,41-44), assumiu-a pessoalmente (Jo 13,29) e considerou-

**Espírito Santo**

**/ 105**

a obrigatória para seus \**discípulos* (Lc 11,41; 12,33), até mesmo quando fosse além das apa- rentes possibilidades econômicas (Lc 21,2ss.). Criticou também severamente a ostentação que a acompanhasse (Mt 6,1ss.).

J. Driver, *o. c*.; *ERE*, III, pp. 380-391; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...

**Espírito**

Ver \**Alma.*

**Espírito Santo**

Em diversas ocasiões, o Antigo Testamento refere-se ao Espírito de Deus ou Espírito Santo (esse termo só aparece três vezes: Sl 51,11; Is 63,10.11). Dele se afirma que participou da cria- ção (Gn 1,2; Sl 139,7) e impulsionou pessoas que Deus designou para alguma missão concreta (Jz 14,6). Não pode ser identificado com uma força ou energia impessoal, já que suas ações denotam uma inteligência e uma vontade pessoais. Assim, é fonte de vida (Gn 6,3; Jó 32,8; 33,4; 34,14; Sl 104,30); produz efeitos sobrenaturais (1Rs 18,12; 2Rs 2,16); mora com o povo de Deus (Is 63,11; Ag 2,5); proporciona força (Jz 3,10; 14,6.19; 1Sm 11,6; 16,13; 1Cr 12,18), habilidade (Êx 31,3) e sabedoria (Nm 27,18); instrui o povo de Deus (Ne 9,20); inspirou os profetas (Nm 24,2; 1Sm 10,6; Mq 3,8; Zc 7,12) e se magoa diante da increduli- dade (Is 63,10). Em termos gerais, pode-se dizer que o Espírito Santo é identificado com o próprio Deus.

Esse mesmo enfoque é o que aparece nos evan- gelhos, onde o Espírito Santo se nos apresenta como um ser pessoal que ensina e recorda (Jo 14,26); dá testemunho (Jo 15,26); conduz à ver- dade (Jo 16,13); glorifica (Jo 16,14); revela (Lc 2,26) etc. Precisamente por seu caráter divino, não se pode blasfemar contra ele (Mc 3,29) e tem um nome comum com o Pai e com o Filho (Mt 28,19- 20). Historicamente, a origem da crença na

**106 /**

**Espíritos**

Trindade surgiu da visão de Jesus como encarnação de *Deus*; mas é interessante aprofundar a influência que, na origem dessa dou- trina, pode ter a consideração do Espírito Santo como o próprio Deus.

Dentro dessas diretrizes já presentes nos evan- gelhos, os primeiros cristãos consideraram o Es- pírito Santo como um ser pessoal. Afirmaram que ele dirige a evangelização (At 16,6); conduz (Rm 7,14); intercede (Rm 8,26-27); conduz a comuni- dade cristã (At 13,4; 15,28; 20,28); impulsiona a profecia (At 11,27-28; 21-11); ordena (At 11,12; 13,2); dá carismas ou dons (1Cor 12,7-11); ex- pressa-se com frases coerentes (At 8,29); pode- se resistir a ele (At 7,51) etc. Também é identifi- cado com Deus (At 5,3-4; 28,25-26 com Is 6,8-9; Hb 3,7-11; 2Cor 3,17), incluindo-se em fórmulas trinitárias (2Cor 13,14; 1Cor 12,1-7).

F. F. Bruce, *Acts...;* C. Vidal Manzanares, *El judeo-cris-* *tianismo*...; L. Morris, *The First...;* E. Blaiklock, *o. c.*

**Espíritos**

Ver \**Alma, \*Anjos, \*Demônios, \*Espiritismo.*

**Esposo**

No Antigo Testamento, um dos nomes com o qual se designava Deus (Is 54,4-8; 62,5; Os 1-3; Jr 2; Ez 16). Nos evangelhos, essa imagem é transferida para Jesus (Mt 9,15; Mc 2,19; Lc 5,34; 25,6; Jo 3,29).

**Essênios**

Seita judaica do período do Segundo Templo. É discutível a origem do nome. Para alguns, a forma grega de *“jasya*” (piedoso, santo); para outros, relacionado com “‘asya” (curador), o que os identificaria com os “*Zerapeute*” (curadores), uma comunidade de vida isolada à qual se refere Fílon (*De vida contemplativa*, 2ss.) como “adoradores” de Deus.

**Essênios**

**/ 107**

As referências que temos dos essênios vêm de uma pluralidade de fontes. *Plínio* no-los apresen- ta em sua *História Natural* 5,73 (escrita entre 73 e 79 d.C.), ao fazer referência ao Mar Morto. Deles nos conta que renunciaram a toda vida sexual, ao dinheiro e à companhia. *Fílon de Alexandria* dei- xou-nos dois relatos sobre os essênios. Um deles, o mais extenso, encontra-se em sua obra *Todo* *homem bom é livre;* o outro, menor, faz parte de sua apologia em favor dos judeus denominada *Hypothetica.* No primeiro, Fílon calcula em uns quatro mil o número dos essênios e os descreve habitando em aldeias onde obtinham o sustento com a agricultura e dedicavam grande parte de seu tempo a questões religiosas, como a interpre- tação das Escrituras. Sua propriedade era comu- nitária. Abstinham-se dos sacrifícios de animais, de fazer juramentos, de prestar serviço militar e da atividade comercial. Não possuíam escravos, cuidavam daqueles que não podiam trabalhar por causa da idade ou doença e cultivavam todas as virtudes. No relato menor, Fílon afirma que só admitiam adultos em sua comunidade e eram adeptos do celibato, já que consideravam espo- sas e filhos uma distração.

*Josefo* refere-se aos essênios em *Guerra* 2,119ss.; *Ant.* 18,18ss. e Ant. 13,171ss. Seu rela- to centraliza-se em testemunhos que, em parte, seriam de primeira mão, já que em sua *Vida* 10ss. fala-nos que conhecera os essênios quando era jovem. É possível que nas cidades vivessem em alguma espécie de fraternidade. Acreditavam na predestinação e na imortalidade da \**alma*. Apre- sentavam seus sacrifícios no \**Templo* de \**Jeru-* *salém,* conforme o ritual próprio. Dedicavam-se à agricultura e tinham todas as coisas em comum. Não se casavam (embora existisse um grupo que permitia o matrimônio) nem tinham escravos e contavam com administradores que se ocupavam em controlar os produtos do campo, assim como com sacerdotes que supervisionavam a prepara- ção do pão e de outros alimentos. Quem desejas- se ingressar no grupo devia passar por um perío-

**108 /**

**Essênios**

do de prova de três anos. No final do primeiro ano, admitia-se o noviço para a purificação ritual com água, mas só no final do terceiro poderia to- mar parte da refeição comunitária, após pronun- ciar uma série de juramentos. A pena por infrin- gir as normas do grupo era a excomunhão, que implicava, na realidade, condenar o culpado a morrer de fome, pois não podia comer alimentos não supervisionados nem recebê-los de seus an- tigos companheiros.

Josefo também nos relata em que constituía a atividade diária dessa seita. Não usavam azeite por considerá-lo impuro; evitavam os juramen- tos (exceto os pronunciados em sua iniciação) e tinham fama de interpretar os profetas, fazer acer- tadas predições e conhecer as propriedades me- dicinais de vários produtos.

*Hipólito* também se refere aos essênios no nono livro de sua obra *Refutação de todas as he-* *resias,* escrita nos primeiros anos do séc. III. Esse autor coincide com Josefo em bom número de dados, mas parece ter contado com uma fonte in- dependente de informação, que lhe permite cor- rigir e complementar o autor judeu. Segundo Hipólito, os essênios se dividiram, no decorrer de sua história, em quatro partidos diferentes, um dos quais era o dos zelotes ou sicários. Afirma também que os essênios acreditavam na ressur- reição e na imortalidade da alma (Josefo não nos transmitiu a primeira informação).

A existência dos essênios como grupo não pode ser situada, com absoluta certeza, muito antes dos meados do séc. II a.C. Acerca deles não há referências muito seguras no Novo Testamen- to e parece que não tiveram contato com Jesus. Desta maneira, como aconteceu com os fariseus, as relações não foram cordiais, dada a enorme di- ferença de perspectivas existentes entre ambos. Tem-se discutido bastante acerca de uma possí- vel identificação dos essênios com a comunidade de Qumrán. Hoje em dia, dificilmente se nega essa tese. O grupo de Qumrán — possivelmente uma cisão dos essênios — estava organizado sob uma

**Estádio**

**/ 109**

hierarquia muito rígida, na qual havia sacerdo- tes, levitas, anciãos e simples monges. Embora se reunissem em assembléias comunitárias ou sessões dos *Ha-rabbim* (os muitos), o certo é que o governo efetivo era formado por três sacerdo- tes e doze leigos. Havia também o cargo de *mebaqqerim* (inspetor) para controlar diversas áreas da comunidade e, acima dos vários *mebaqquerim*, encontrava-se a figura do *paqid* (inspetor chefe). A comunidade tinha um sistema de sacrifício totalmente diferente do Templo, o que os distinguia dos outros essênios e esperava- se uma consumação dos tempos, quando os “Fi- lhos da Luz” (os membros da seita) venceriam os “Filhos das Trevas”, instaurando-se depois um sacerdócio diferenciado. Prescindindo da carac- terística exclusivista própria da seita, suas cren- ças coincidiam, em boa parte, com a teologia dos fariseus. Também eles acreditavam na imortali- dade da alma e na ressurreição, na existência de anjos e de demônios, no inferno, em uma con- frontação escatológica final e na vinda do mes- sias.

J. A. Fitzmyer, *The Dead Sea Scrolls: Major Publications* *and Tools for Study*, Missoula 1977; G. Vermes, *The* *Dead* *Sea Scrolls*, Filadélfia 1981; P. R. Davies, *Qumran*, Guildford 1982; M. Delcor - F. García Martínez, *Literatura esenia de* *Qumran*, Madri 1982; P. R. Callaway, *The History of the* *Qumran Community*, Sheffield 1988; F. García Martínez e Trebolle, *Los hombres de Qumrán*, Madri 1994; C. Vidal Manzanares, “El origen de la secta del Mar Muerto a la luz de 4QMMT” em *ETF,* II-3, 1990, pp. 233-250; Idem, *Los* *esenios y los rollos del* *Mar Muerto*, Barcelona 1993; Idem, *Los documentos del Mar Muerto*, Madri 1993.

**Estádio**

Medida grega de comprimento utilizada para medir distâncias terrestres (Lc 24,13; Jo 11,18) e marítimas (Mt 14,24; Jo 6,19). Em relação ao comprimento do côvado e do pé, essa medida apresenta variações: o estádio olímpico mede 196,67 m, o de Alexandria 184,8375 m e o de Delfos, 175,55 m. Usava-se geralmente o alexandrino, arredondado para 185 m.

**110 /**

**Estatere**

**Estatere**

Moeda grega de prata (8,60 g), equivalente a 4 \**dracmas* (tetradracma) e, em sentido aproxi- mado, equivalente ao salário de quatro dias de trabalho.

**Esterilidade**

Nos evangelhos, esse fenômeno é menciona- do tanto em sentido real como figurado. No pri- meiro (Lc 1,7.36; 23,29), constitui motivo de ver- gonha e tristeza. No segundo, equivale ao \**endu-* *recimento de coração* daqueles que não escutam a Palavra de Deus e que por isso sofrerão \**juízo* (Mt 3,10; 7,16-20; 13,22; 21,19; Lc 13,6-9).

**Eternidade**

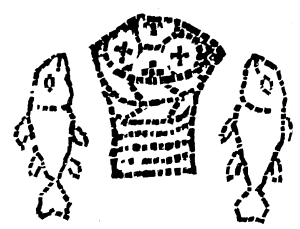
Ver \**Escatologia.*

**Etnarca**

Literalmente, soberano do povo. Título dado a alguns membros da casa dos Asmoneus e de \**Herodes,* o Grande. Durante o período helenís- tico, conferiu-se esse título ao chefe da comuni- dade judaica de Alexandria.

**Eucaristia**

Literalmente, ação de graças. Recordação da Última \**Ceia* que Jesus compartilhou com seus discípulos. É indiscutível que essa ceia foi uma ceia pascal não somente pelas próprias palavras de Jesus (Lc 22,15; Mt 26,17; Mc 14,12), mas também pela descrição que evidencia um *seder* pascal. No início da ceia, há referências a uma ação de graças: parte-se o pão como todo judeu pai de família fazia na ceia pascal; passa-se o cá- lice judeu das bênçãos (1Cor 10,16; 11,25) etc. As únicas diferenças — importantíssimas por ou- tro lado! — consistem no fato de Jesus associar o

**Eunuco**

**/ 111**

*Pães e peixes. Mosaico da Palestina, séc. V*

\**pão* que passa com seu corpo, que será entregue em expiação dos pecados na \**cruz* (Lc 22,19), realizando assim a \* *Nova Aliança* anunciada por Jr 31,27ss.; e em estabelecer que a ceia se efetue em sua “memória” (Lc 22,19) até que ele regres- se a seu Reino (Lc 19,16-18; 1Cor 11,25-26). As fontes nos afirmam que, efetivamente, os primei- ros cristãos continuaram celebrando esse ritual — denominando-o fração do pão e ceia do Senhor — geralmente no \**domingo* (At 20,7) e unido a uma refeição fraterna (1Cor 11,17ss.).

L. Morris, *The First*...; F. F. Bruce, *Paul*...; L. Deiss, *La* *Cena*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; E. F. “Teológica Toulouse”, *La Eucaristía en la Biblia*, Estella 61994.

**Eunuco**

Termo grego com o qual se designavam os ho- mens castrados. De acordo com a \**Lei* de Moisés, era proibida a castração de homens e animais e tampouco os eunucos podiam fazer parte do povo de Israel. Is 56,3-5 admite a possibilidade de eles participarem da comunidade da Aliança como demonstração do amor de Deus. Em Mt 19,12, Jesus aplica essa imagem aos que estão dispostos a renunciar até mesmo ao \**matrimônio* para se entregarem totalmente ao \**Reino* de Deus.

**112 /**

**“Eu Sou”**

**“Eu Sou”**

Jesus em várias ocasiões empregou esse título (em grego “*Ego eimi*”) para referir-se a si pró- prio. Passagens como Jo 8,24; 8,58 etc. permi- tem ver que assim se fazia eco evidente de Êx 3,14, em que YHVH se apresenta com esse mes- mo nome. A Septuaginta mostra abundantes exemplos de *“Ego eimi”* com predicados (Gn 28,13; Êx 15,26; Sl 35,3 etc.), sendo seu conteú- do o de auto-revelação de YHVH (Is 45,18; Os 13,4). Nesse sentido, naturalmente, a passagem mais importante é a de Êx 3,14, que a LXX tra- duziu como “*Ego eimi ho on*”, do qual outros pa- recem derivar: Dt 32,39; Is 43,25; 51,12; 52,6 etc. O emprego da fórmula “Ego eimi” como nome de YHVH pode ser encontrado também em 1Henoc 108,12, Jubileus 24,22 e mesmo em Fílon, ao comentar Êx 3,14. Partindo desse contexto, pouca dúvida pode haver quanto à auto-aplica- ção que Jesus fez do título: implicava a afirma- ção de sua divindade e \**preexistência*.

A. del Agua, *El método midrásico*...; H. Zimmermann, “Das absolute Ich bin in der Redenweise Jesu” em *Trierer* *Theologische Zeitschrift*, 69, 1960, pp. 1-20; Idem, “Das absolute ego eimi als die neutestamentliche Offenbarungsformel” em *Biblische Zeitschrift*, 4, 1960, pp. 54-69 e 266-276 (defende o uso histórico do título por Jesus e sua correlacão com a autodesignação divina de Êx 3,14); E. Stauffer, *Jesus and His Story*, Londres 1960, pp. 149-159 (sustenta que “Eu sou” é a “afirmação mais clara de Jesus sobre si mesmo”); C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristia-* *nismo*...

**Evangelhos**

A palavra evangelho procede do grego *“euanguelion”*, que significa “boa notícia”. A princípio, o termo referia-se à mensagem prega- da por Jesus (Mc 1,1). O evangelho deve ser anun- ciado por todo o mundo, e a \**salvação* depende da aceitação ou recusa a ele (Mc 16,15). De fato, o cumprimento dessa missão constitui um dos si- nais de que a \**parusia* está próxima (Mt 24,14). Mais tarde, a palavra evangelho passou a desig-

**Evangelhos**

**/ 113**

nar os escritos que relatavam a vida e a obra de Jesus. O Novo Testamento compreende quatro evangelhos denominados canônicos: \**Mateus*, \**Marcos,* \**Lucas* (também conhecidos como evangelhos sinóticos) e \**João*. É bem possível que, antes da sua redação, existissem compila- ções de ditos e de relatos dos milagres, morte e ressurreição de Jesus. Discute-se a datação exata deles, mas se pode assegurar que o de Marcos foi escrito antes de 70 d.C., possivelmente na década de 60 do séc. I d.C., embora haja razões para situá- lo na de 50 e até na de 40. A redação de João e com certeza a de Lucas — já que Atos, que o an- tecede, foi escrito antes de 63 d.C. — possivel- mente poderiam situar-se também antes de 70 d.C. E mesmo Mateus foi escrito antes de 70 d.C. Em seu conjunto, boa parte da informação que os evangelhos apresentam contrastam facilmente com outras fontes históricas e fidedignas. As des- crições de personagens históricas (\**Pilatos,* \**Anás,* \**Herodes* etc.) correspondem ao que já conhecemos de outras fontes e o mesmo pode dizer-se das descrições relativas ao ambiente social, político e religioso em que decorre sua ação.

Além desses evangelhos, existiram outros de- nominados apócrifos, porque foram excluídos do cânon tanto por seu caráter lendário (Evangelho de Nicodemos, de Tiago etc.), como porque vei- culavam idéias heréticas, como foi o caso dos evangelhos gnósticos (Evangelho de Tomé, de Maria etc.)

O \**Talmude* recolheu fontes judias que nos informam da hostilidade que os rabinos manifes- taram contra os evangelhos, aos quais zombetei- ramente denominaram ’*aven guilyon* (páginas de engano) ou *avon guilyon* (páginas de pecado) — (Sb 116a). Em alguns textos talmúdicos, encon- tramos ataques a determinadas passagens dos evangelhos. Assim, Sb 116; Mt 5,13 e Bejorot 8b questionam Tosefta Jullin 2,20-21, que chega a acusar os livros cristãos de serem como livros de bruxaria. Contudo, as referências talmúdicas con-

**114 /**

**Evangelhos apócrifos**

firmam os dados evangélicos relativos às causas da morte de Jesus, à forma de sua execução, seus ensinamentos, a visão que tinha de si mesmo e a realização de ações milagrosas atribuídas a Jesus por ser um feiticeiro (TJ, II, 22-23; TB, Av. Zar 27b; TJ Shab, 14; TJ Av. Zar, 2.2 etc.). Durante este século, alguns autores judeus têm valorizado mais os evangelhos tanto a partir de uma pers- pectiva histórica como espiritual. Assim escreveu David Flusser: “Os discípulos de Jesus que rela- taram as ações e as palavras do mestre... só podi- am aspirar à máxima veracidade e exatidão, pois para eles se tratava da fidelidade a um imperativo religioso e não lhes era lícito afastar-se do que realmente acontecera; deveriam transmitir, com a maior exatidão, as palavras do mestre... porque não se ater fielmente aos fatos colocaria em risco sua salvação eterna. Não lhes era lícito mentir” (*o. c*., p. 148).

D. Flusser, *o. c.;* F. F. Bruce, ¿*Son fidedignos los docu-* *mentos del Nuevo Testamento*?, Miami 1972; Idem *The* *canon*...; J. Klausner, *o. c.;* J. A. T. Robinson, *Redating...;* C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; J. Wenham, *Redating Mathew, Mark and Luke*, Londres 1991; P. Grelot, *Los Evangelios*, Estella 41993; L. Poittevin e E. Charpentier, *o. c.;* A. George, *o. c.;* J. Delorme, *El Evangelio según Mar-* *cos*, Estella 131995; A. Juabert, *El Evangelio según san Juan*, Estella 111994; E. “Cahiers Evangile”, *Jesús,* Estella 41993.

**Evangelhos apócrifos**

Ver \**Evangelhos.*

**Evangelhos gnósticos**

Conjunto de escritos influenciados por diver- sas heresias gnósticas, cujo intuito era apresentar o ensinamento e a vida de Jesus. Em Nag- Hammadi, Egito, foram descobertos os evange- lhos gnósticos de Tomé, de Filipe, de Maria, da Verdade e dos Egípcios.

C. Vidal Manzanares, *Los Evangelios gnósticos*...; Idem, *En los orígenes de la Nueva Era*...; Idem, *Diccionario de* *Patrística*...

**Expiação**

**/ 115**

**Excomunhão**

Exclusão da comunidade de discípulos como conseqüência de alguma conduta imprópria. Je- sus considerou essa medida como última fase da correção fraterna (Mt 18,17).

**Exorcismo**

Ritual destinado a expulsar do corpo de uma pessoa o demônio ou \**demônios* que a possuem. Não se pode dizer que a Bíblia contenha relatos de exorcismos, já que em nenhum caso se des- creve qualquer ritual a respeito disso. O Novo Testamento afirma que Jesus expulsava demônios, não por meio de qualquer cerimônia, mas sim- plesmente por uma ordem advinda de sua própria autoridade (Mt 8,16; Mc 1,27). Seus discípulos estão investidos dessa mesma autoridade (Mt 10,1 e par.) e tampouco usaram qualquer cerimonial específico, mas se limitavam a ordenar que os demônios abandonassem as pessoas em nome de Jesus (Lc 10,17-20; At 16,16ss. etc.). De acordo com o ensinamento de Jesus, se o antigo posses- so não conduzisse depois sua vida na aceitação de Jesus e sua mensagem, os evangelhos adver- tem que a pessoa seria submetida a um ataque demoníaco ainda pior (Lc 11,24-26).

L. S. Chafer, *o. c.;* C. Vidal Manzanares, *El Primer* *Evangelio*...; Idem, *El judeo-cristianismo*...; M. I. Bubeck, *o. c.*

**Expiação**

Reconciliação efetuada entre Deus e os ho- mens, fundamentada na morte de um ser inocen- te e perfeito, sobre o qual recaía o castigo da falta no lugar do transgressor. Com base nisso, reali- zavam-se sacrifícios em Yom Kippur (Lv 16,23.26-32; Nm 29,7-11) pelos pecados do povo. O Antigo Testamento ressalta que o \**messias,* conhecido como \**servo* de YHVH, carregaria sobre si os pecados de todo o povo (Is 53,6) e

**116 /**

**Família**

morreria por eles (Is 53,5-10). Essas idéias foram abolidas do judaísmo posterior ao segundo jurban, em parte porque era impossível continuar com o sistema de sacrifícios expiatórios do Templo, em parte porque se ligavam aos conceitos dos cris- tãos. Segundo as fontes, Jesus reconheceu a si mesmo como servo messiânico de Is 53 e referiu- se à sua morte como expiação pelos pecados da humanidade (Mc 10,45), tal como manifestou na Última Ceia aos discípulos (Ver \**Eucaristia*). Sem dúvida, seus \**discípulos* interpretaram a morte de Jesus como a expiação oferecida por alguém per- feito e inocente pelos pecados do mundo (Hb 9,1- 12.24-28). Esperavam que aquela morte cessaria, mais cedo ou mais tarde, o sistema de sacrifícios do \**templo* de Jerusalém (Hb 8,13) e o fato de assim ter sido confirmou a fé que tinham na vera- cidade de sua interpretação. Da expiação se de- duzia que ninguém podia salvar-se pelas próprias obras — e se assim fosse Cristo não teria de mor- rer (Gl 2,21) — e que o único caminho de salva- ção era aceitar pela fé o \**sacrifício* expiatório de Cristo na \**cruz* (Rm 3,19-31).

K. Barth, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristia-* *nismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; L. Morris, *The Cross* *in the* *New Testament*, Exeter 1979; J. Denney, *The Death of* *Christ*, Londres 1970; H. Cousin, *Los textos* *evangélicos de* *la Pasión,* Estella 21987.

**F**

**Família**

No judaísmo, a preocupação com a família revestia-se de relevante importância. Honrar pai e mãe é um dos \**Dez* mandamentos e constitui até mesmo o primeiro que apresenta junto uma

**Família**

**/ 117**

promessa de bênção divina (Êx 20,12; Dt 5,16). Esse mandamento implicava a obrigação de sus- tentar economicamente os pais quando necessi- tassem. Considerava-se gravíssima ofensa inju- riar os pais (Lv 20,9). O \**matrimônio* era consi- derado o estado ideal do ser humano. A \**esterili-* *dade* era vista como uma grande desgraça (1Sm 1,5ss.), enquanto a fecundidade era considerada uma bênção (Sl 127,3; 128,3). Os primogênitos deviam ser consagados a Deus (Êx 13,1ss.) e to- dos os filhos tinham de submeter-se aos pais e obedecer-lhes (Pr 13,1), sendo que o filho rebel- de poderia ser até mesmo executado (Dt 21,18ss.), o que se julgava uma terrível desventura (Pr 17,25). Os pais tinham a obrigação de instruir seus filhos espiritualmente (Dt 4,9ss.; 6,7ss.) e educá- los, aplicando, se preciso fosse, um castigo cor- poral moderado (Pr 19,18; 29,17). Deviam tam- bém se mostrar compassivos com os filhos (Sl 103,13). Os irmãos deviam ajudar-se mutuamen- te, principalmente em meio às dificuldades (Pr 17,17; 18,19) e, em caso de um irmão falecer sem deixar descendência, a instituição do \**levirato* (Dt 25,5ss.) era aplicada. O judaísmo rabínico jamais chegou a aplicar a norma contida em Dt 21,18ss. e até expressou suas dúvidas quanto à existência de algum filho que merecesse esse castigo. Mas, em termos gerais, foi fiel às normas apresentadas pelo Antigo Testamento, embora se saiba de al- guns recursos jurídicos — o \**corban*, por exem- plo — para esquivar-se da obrigação de sustentar economicamente os pais.

Jesus manifestou uma visão da vida familiar que é, em boa parte, herdeira do pensamento ju- deu. As exceções mais enfatizadas foram sua ne- gação da poligamia — que, por outro lado, já era muito excepcional na época — e sua oposição ao \**divórcio.* De acordo com o pensamento do Anti- go Testamento, Jesus expressou sua contrarieda- de diante do mecanismo jurídico do *corban,* que permitia aos filhos eximirem-se de ajudar os pais, se os bens tivessem sido consagrados a Deus (Mt 15,1ss. e par.). Contudo, relativizou consideravel- mente os vínculos familiares ao antepor a relação

**118 /**

**Fariseus**

com ele a qualquer outra (Mt 8,21; 10,37 e par.). Parece ter tido uma clara atitude de distanciamento de sua mãe e de seus irmãos, a ponto de conside- rar como tais somente aqueles que escutavam a Palavra de Deus e obedeciam a ela (Lc 8,19-21 e par.; Jo 2,1-4). Jesus previu que aqueles que o seguissem enfrentariam problemas causados por seus familiares (Mc 13,12ss.). É possível que o círculo íntimo de seus seguidores igualmente te- nha deixado seus familiares mais próximos para seguir Jesus (Mc 10,28ss.), embora esse fato não seja totalmente seguro. Também parece que adveio do ensinamento de Jesus o costume de os primeiros cristãos tratarem-se entre si por irmãos (Mt 23,8), simbolizando uma nova relação fami- liar — de sentido espiritual — na qual se recebe como Pai o próprio Deus, quando se aceita seu Filho Jesus (Jo 1,12). Nem todos os seres huma- nos serão, porém, filhos de Deus, mas somente aqueles que receberam o Cristo como seu Salva- dor e Senhor.

P. Bonnard, *o. c*.; K. Barth, *o. c.*; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *Diccionario de las tres*...; Y. Kaufmann, *o. c*.; H. W. Wolf, *Antropología del Antiguo Tes-* *tamento*, Salamanca 1975.

**Fariseus**

Uma das principais seitas no judaísmo do Se- gundo Templo. Os dados de que dispomos acerca dos fariseus chegaram-nos, principalmente, a par- tir dos documentos de \**Qumrán*, de Josefo, do Novo Testamento e dos escritos rabínicos. Os es- critos de Qumrán evidenciam clara animosidade contra os fariseus, a quem qualificam de “falsos mestres”, “que caminham cegamente para a ruí- na” e “cujas obras não são mais do que engano” (*Livro dos Hinos* 4,6-8), o que recorda bastante a acusação de Jesus de serem “cegos e guias de cegos” (Mt 23,24). Quanto à acusação de Jesus de não entrarem nem deixarem entrar no conhe- cimento de Deus (Lc 11,52), é menos dura do que a de Pesher de Nahum 2,7-10, que deles diz: “cerram a fonte do verdadeiro conhecimento aos

**Fariseus**

**/ 119**

que têm sede e lhes dão vinagre para aplacar sua sede”.

Ponto de vista diferente é o de Flávio Josefo. Este se encontrava ligado aos fariseus e tinha mesmo um especial interesse em que os ocupan- tes romanos os aceitassem como coluna vertebral do povo judeu após a destruição do Templo em 70 d.C. Não nos estranha, portanto, que o retrato que nos apresenta seja muito favorável (*Guerra* 2,8,14; *Ant*. 13,5,9; *Ant.* 18,1,3). Contudo, as re- ferências aos fariseus contidas nas obras de Josefo são contraditórias entre si em alguns aspectos. Assim, a descrição das *Antigüidades* (escrituras c. 94 d.C.) contém um matiz político e apologético que não aparece na *Guerra* (c. 75 d.C.). Em *Ant.* 18,1,2-3, Josefo apresenta-os dotados de grande poder (algo bem tentador, evidentemente, para o invasor romano), embora seja mais do que duvi- doso que sua popularidade entre o povo fosse tão grande. O relato da influência dos fariseus sobre a rainha Alexandra (*Ant*. 13,5,5) ou sobre o rei Herodes (*Ant.* 17,2,4) parece ter sido concebido apenas para mostrar o benefício de ter os fariseus como aliados políticos para um governante que desejasse controlar a Judéia. Nesta mesma obra, Josefo retrocede a influência dos fariseus ao rei- nado de João Hircano (134-104 a.C.). Na auto- biografia de Josefo, intitulada *Vida,* escrita em tor- no de 100 d.C., encontra-se a mesma apresenta- ção dos fariseus, mas com algumas referências muito importantes sobre eles. Assim, sabemos que acreditavam na liberdade humana; na imortalida- de da \**alma*; em um castigo e uma recompensa eternos; na \**ressurreição*; na obrigação de obe- decer à sua tradição interpretativa. Sustentavam, além disso, a crença comum no Deus único e em sua \**Lei*; a aceitação do sistema de sacrifícios sagrados do \**Templo* (que já não era comum a todas as seitas) e a crença na vinda do \**messias* (que tampouco era sustentada por todos). Esta- vam dispostos, além do mais, a obter influência política na vida de Israel.

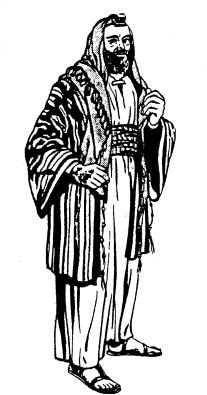
O Novo Testamento oferece uma descrição dos fariseus diferente da apresentada por Josefo e nada

**120 /**

**Fariseus**

favorável a eles. Especialmente o evangelho de \**Mateus* apresenta uma forte animosidade contra eles. Se realmente seu autor foi o antigo publicano chamado Levi ou Mateus, ou se foram utilizadas tradições recolhidas por ele mesmo, explica-se essa oposição, recordando o desprezo que ele so- freu durante anos da parte daqueles “que se con- sideravam justos”. Jesus reconheceu (Mt 23,2-3) que os fariseus ensinavam a Lei de Moisés e que era certo muito do que diziam. Mas também re- pudiou profundamente muito de sua interpreta- ção específica da Lei de Moisés ou *Halaká*: a re- ferente ao cumprimento do \**sábado* (Mt 12,2; Mc 2,27), as abluções das mãos antes das refeições (Lc 11,37ss.), suas normas alimentares (Mc 7,1ss.) e, em geral, todas aquelas tradições interpretativas que se centralizavam no ritualismo, em detrimento do que Jesus considerava o essencial da lei divi- na (Mt 23,23-24). Para Jesus, era intolerável que tivessem “substituído os mandamentos de Deus por ensinamentos dos homens (Mt 15,9; Mc 7,7). Jesus via, portanto, a especial religiosidade farisaica não como uma ajuda para chegar a Deus, mas como uma barreira para conhecê-lo (Lc 18,9- 14) e até como motivo de “uma condenação mais severa” (Mc 12,40). O retrato que os evangelhos oferecem dos fariseus é confirmado, em bom nú- mero de casos, por testemunhos das fontes rabínicas e é semelhante, em aspecto doutrinal, ao que encontramos em Josefo. Embora emitidos por perspectivas bastante diversas, os dados coincidem. E, em que pese tudo o que já foi men- cionado, foi com os fariseus que Jesus e seus dis- cípulos mais semelhanças apresentaram. Como eles, acreditavam na imortalidade da alma (Mt 10,28; Lc 16,21b-24), num \**inferno* para castigo dos maus (Mt 18,8; 25,30; Mc 9,47-48; Lc 16,21b- 24 etc.) e na ressurreição (Lc 20,27-40); e esta última circunstância, em certa ocasião, salvou um seguidor de Jesus dos ataques dos \**saduceus* (At 23,1-11).

As tradições rabínicas a respeito dos fariseus se revestem de especial importância porque fo- ram estes os predecessores dos rabinos. Acham-

**Fariseus**

**/ 121**

se recolhidas na Misná (concluída por volta de 200 d.C., embora seus materiais sejam muito an- teriores), na Tosefta (escrita cerca de 250 d.C.) e nos do Talmudim, o palestino (escrito entre 400- 450 d.C.) e o babilônico (escrito entre 500-600 d. C.). Dada a considerável distância de tempo en- tre estes materiais e o período de tempo aborda- do, devem ser examinados criticamente. J. Neusner ressaltou a existência de 371 tradições distintas, contidas em 655 passagens, relaciona- das com os fariseus anteriores a 70 d.C. Das 371, umas 280 estão relacionadas com um fariseu cha- mado Hillel (séc. I a.C.). A escola a ele vincula- da, e oposta à de Shamai, converter-se-ia na cor- rente dominante do farisaísmo (e do judaísmo) nos finais do séc. I d.C.

As fontes rabínicas coincidem substancialmen- te com o Novo Testamento e com Josefo (não tanto com Qumrán), embora nos proporcionem mais

**122 /**

**Fariseus**

dados quanto aos personagens-chave do movi- mento. Também nos transmitiram críticas dirigidas aos fariseus semelhantes às pronuncia- das por Jesus. O Talmude (Sota 22b; TJ Berajot 14b) fala de sete classes de fariseus das quais so- mente duas eram boas, enquanto as outras cinco eram constituídas por hipócritas. Entre estes, es- tavam os fariseus que “colocavam os mandamen- tos nas costas” (TJ Bejarot 14b), o que recorda a acusação de Jesus de que amarravam cargas nas costas das pessoas, mas nem com um dedo eles queriam tocá-las (Mt 23,4). Das 655 passagens ou perícopes estudadas por Neusner, a maior par- te refere-se a dízimos, ofertas e questões pareci- das e, depois, a preceitos de pureza ritual. Os fariseus concluíram que a mesa das refeições era um altar e que as normas de pureza sacerdotal, somente obrigatórias aos sacerdotes, deviam es- tender-se a todo o povo. Para eles, essa medida era uma forma de estender a espiritualidade mais refinada a toda a população de Israel, fazendo-a viver em santidade diante de Deus; para Jesus, era acentuar a exterioridade, esquecendo o mais importante: a humildade, o reconhecimento dos pecados e a própria incapacidade de salvação, o \**arrependimento,* a aceitação de Jesus como ca- minho de salvação e a adoção de uma forma de vida em consonância com seus próprios ensinamentos. Não é estranho que, partindo de posturas tão antagônicas, apesar das importantes coincidências, elas se tornaram mais opostas e exacerbadas com o passar do tempo.

L. Finkelstein, *The Pharisees*, 2 vols., Filadélfia 1946; Schürer, *o. c.*; J. Neusner, *The Rabbinic Traditions About* *the* *Pharisees Before 70*, 3 vols., Leiden 1971; Idem, *Judaism* *in the Beginning of Christianity*, Londres 1984; Idem, *From* *Politics* *to Piety*: *The Emergence of Rabbinic Judaism*, Nova York 1979, p. 81; J. Bowker, *Jesus and the Pharisees*, Cambridge 1973; C. Vidal Manzanares, *El Primer* *Evangelio*...; Idem, *Los esenios*...; Idem, *Los Documentos* *del Mar Muerto*...; Idem, *El* *judeo-cristianismo*...; H. Maccoby, *Judaism in the first century*, Londres 1989; E. E. Urbach, *o. c*.; A. Saldarini, *o. c*.; P. Lenhardt e M. Collin, *La* *Torá oral de los fariseos*, Estella 1991; D. de la Maisonneuve, *Parábolas rabínicas*, Estella 1985.

**Fé**

**Festas**

**/ 123**

O consentimento dado a uma crença unido a uma confiança nela. Não pode identificar-se, por- tanto, com a simples aceitação mental de algu- mas verdades reveladas. É um princípio ativo, no qual se harmonizam o entendimento e a vontade. É essa fé que levou Abraão a ser considerado jus- to diante de Deus (Gn 15,6) e que permite que o justo viva (Hab 2,4).

Para o ensinamento de Jesus — e posterior- mente dos \**apóstolos* —, o termo é de uma im- portância radical, porque em torno dele gira toda a sua visão da \**salvação* humana: crer é receber a vida eterna e passar da morte para a vida (Jo 3,16; 5,24 etc.) porque crer é a “obra” que se deve realizar para salvar-se (Jo 6,28-29). De fato, acei- tar Jesus com fé é converter-se em filho de Deus (Jo 1,12). A fé, precisamente por isso, vem a ser a resposta lógica à pregação de Jesus (Mt 18,6; Jo 14,1; Lc 11,28). É o meio para receber tanto a salvação como a \**cura* milagrosa (Lc 5,20; 7,50; 8,48) e pode chegar a remover montanhas (Mt 17,20ss.).

A. Cole, *o. c*.; K. Barth, *o. c*.; F. F. Bruce, *La epístola*..., *El*, II, pp. 474ss.; Hughes, *o. c*., pp. 204ss.; Wensinck, *Creed*, pp. 125 e 131ss.

**Febre**

No Antigo Testamento, a febre era considera- da um dos castigos de Deus contra seu povo, quan- do este incorria em infidelidade (Lc 26,16). Oca- sionalmente, a ela se atribui uma causa demonía- ca (Lc 4,39; Mt 8,15; Mc 1,31), que obriga uma atuação de caráter sobrenatural (Jo 4,52). Os evan- gelhos citam várias \**curas* de febre realizadas por Jesus.

**Festas**

O judaísmo atual faz uma divisão entre festas maiores — em sua maioria dotadas de anteceden-

**124 /**

**Festas**

tes bíblicos — e menores. Sem dúvida, a situação era muito diferente na época de Jesus. Seis eram as festas celebradas de maneira especial. A pri- meira do ano era a de Purim (sortes), próxima ao nosso primeiro de março, em comemoração à li- bertação dos judeus das mãos de Amã, como nar- ra o livro bíblico de Ester. A segunda era a \**Pás-* *coa,* celebrada em 14 de nisã (próxima ao nosso início de abril), em memória da libertação dos israelitas da escravidão no Egito. Era tal sua im- portância que os romanos costumavam libertar um preso nessa data, conforme a vontade do povo. Depois da Páscoa e associada a ela, havia a Festa dos Pães Ázimos durante sete dias. Em terceiro lugar, celebrava-se \**Pentecostes,* cinqüenta dias após a Páscoa, por volta do final de maio. Nela se comemorava a entrega da \**Lei* a Moisés, assim como a colheita dos grãos dos quais eram ofere- cidos no \**Templo* dois dos chamados “pães de água”. Vinha a seguir o Dia da \**Expiação,* que na realidade consistia mais num \**jejum* do que numa festa. Era o único dia em que o Sumo Sacerdote entrava no Santíssimo para oferecer incenso e aspergir o sangue dos sacrifícios. Após esses atos, soltava-se um bode no deserto para levar, simbo- licamente, a culpa da nação e se atiravam fora da cidade os restos dos animais sacrificados em holocaustos. Durante o dia, jejuava-se e orava de maneira especialmente solene. Cinco dias depois, acontecia a festa dos Tabernáculos ou Tendas, nas proximidades do nosso primeiro de outubro. Com ela, comemorava-se a proteção de Deus sobre Is- rael enquanto vagou pelo deserto após a saída do Egito; servia também para dar graças a Deus pe- las bênçãos recebidas durante o ano. No decorrer desta festividade, as pessoas viviam em cabanas improvisadas situadas a não mais do que uma jor- nada de \**sábado* de Jerusalém. Os dois atos reli- giosos principais consistiam no derramamento de uma libação de água, realizada por um sacerdote usando uma jarra de ouro com água da piscina de \**Siloé,* e na iluminação do Templo com quatro enormes lâmpadas situadas no pátio das mulhe- res. Finalmente, havia a Festa da Dedicação

**Figueira**

**/ 125**

(aproximadamente em meados do nosso dezem- bro), que comemorava a restauração e dedicação do Templo realizada por Judas Macabeu. Duran- te essa festa era comum a leitura dos livros 1 e 2 dos Macabeus.

Se aceitarmos como históricas as tradições contidas no evangelho de João sobre as visitas de Jesus a Jerusalém (e existem fortes razões para adotarmos esse ponto de vista), podemos obser- var que Jesus costumava apresentar-se como uma alternativa em substituição às festividades judai- cas. Não é de estranhar que, em seu processo, uma das acusações foi a de ameaçar destruir o Tem- plo, que constituiu uma das acusações de seus inimigos, mas com uma ponta de verdade. Nem deveria surpreender-nos que o primeiro mártir cristão, Estêvão, foi apedrejado com a mesma acusação (At 7).

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El* *Primer Evangelio*...; Idem, *Diccionario de las tres* *religiones*...; Y. Newman, *o. c*.; C. Shepherd, *Jewish holy* *days,* 1988; J. Barylko, *Usos y costumbres del pueblo* *judío*, Buenos Aires 1991; Idem, *Celebraciones judaicas*, Buenos Aires 1990; C. Shepeherd, *Jewish Holy Days,* Nova Jersey 1988.

**Fiel**

No ensinamento de Jesus, aquele que se man- tém firme na \**fé* (Mt 24,45; 25,21; Lc 12,42-46; 16,10-12). Sem essa perseverança, é impossível a \**salvação* (Mt 24,13).

**Figueira**

Árvore muito comum na Palestina. Jesus ci- tou-a como símbolo de \**Israel*, especialmente para referir-se à incredulidade do povo (Mt 21,18ss.; Lc 13,6-9). Também usou esse símbolo para falar dos frutos que caracterizam os falsos profetas (Mt 7,16) ou os sinais que antecederão ao juízo de Deus (Mt 24,32). A referência em Jo 1,48-50 é obscura e talvez se relacione com um episódio concreto da vida de *\*Natanael*.

**126 /**

**Filactério**

**Filactério**

Termo derivado do grego para denominar *tefillim* ou par de caixinhas cúbicas de couro onde se guardavam quatro passagens da \**Lei* de \**Moisés*, de acordo com o que ordenava Dt 6,8. Um dos filactérios devia ser colocado no braço esquerdo — diante do coração — e o outro na fronte, durante o rito da oração matinal, exceto em dia de \**sábado*. Jesus criticou não a prática, mas o alarde que provinha do seu mau seguimento.

**Filho de Davi**

Título messiânico que fazia clara referência à relação da linhagem que deveria existir entre o \**messias* e o rei \**Davi.* As \**genealogias* de Jesus indicam que este descendia de Davi (Mt 1,1-17; Lc 3,23) e tudo faz pensar que, efetivamente, o dado é histórico, embora a descendência se tenha dado através de um ramo secundário da família. Em várias ocasiões de sua vida, Jesus foi aclama- do como Filho de Davi e, portanto, messias (Mt 9,27; 12,23; 15,22; 20,30; 21,9.15 etc.), aceitan- do o título. Naturalmente, Jesus enfatizou muito mais sua filiação divina preexistente do que a as- cendência davídica (Mt 22,41-46).

**Filho de Deus**

No Antigo Testamento, esse título aparece re- lacionado com três circunstâncias diferentes: de- nomina todo o povo de \**Israel* com esse qualifi- cativo (Êx 4,22; Os 11,1 etc.); é empregado como título real (2Sm 7,14; Sl 2,7; Sl 89,26); e designa personagens de certa relevância como os \**anjos* (Jo 1,6; 2,1; 38,7 etc.). “Filho de Deus” pode ser também identificado como título messiânico em algumas passagens como o Sl 2 ou Is 9,5ss., nos quais o messias é descrito com características divinas.

As referências ao messias como “Filho de Deus” que se encontram no Henoc etíope (105,2) e no 4 Esd (7,28ss.; 13,32; 37,52; 14,9) são duvi-

**Filho de Deus**

**/ 127**

dosas, porque existe a possibilidade de que, no primeiro caso, encontremo-nos diante de uma in- terpretação cristã e, no segundo, que devamos interpretar “pais” não como “filho”, mas como “servo”. Baseando-se em razões desse tipo, auto- res como G. Dalman, W. Bousset e W. Michaelis negaram que o judaísmo empregasse o título “Filho de Deus” em relação ao messias. Essa posição — que desfrutou de certo destaque no passado — é inaceitável hoje em dia. Assim, em 4Q Florilegium, 2 Sm 7,14 é interpretado messianicamente o que, conforme ressaltou R. H. Fuller, indica que “Filho de Deus” era usado como título messiânico no judaísmo anterior a Jesus. Não se trata, igualmente, de um caso isolado. De fato, na literatura judaica o Sl 2, que faz explícita referência ao “Filho de Deus”, é repetidamente aplicado ao messias. Assim, o versículo 1 refere- se ao messias em Abod. Zarah; no Midraxe sobre o Sl 92,11 e em Pirqué de R. Eliezer 28. O versículo 4 tem sentido messiânico no Talmude (Abod. Z) e o 6 refere-se ao messias no Midraxe sobre 1Sm 16,1, relacionando-o também com o canto do Servo de Is 53. Quanto ao v. 7, é citado no \**Talmude* junto a outras referências messiâ- nicas em Suk 52a. O Midraxe sobre essa passa- gem é de extraordinária importância, já que nele se associam a pessoa do messias e os textos de Êx 4,22 (que, na sua redação original, evidente- mente se refere ao povo de Israel), de Is 52,13 e 42,1 correpondentes aos cânticos do Servo; o Sl 110,1 e uma nota relacionada com “\**Filho do* *homem*, que vem com as nuvens do céu”. Tam- bém se menciona uma \**Nova Aliança* a ser reali- zada por Deus. O v. 8 também é aplicado ao mes- sias em Ber. R. 44 e no Midraxe. Em Suk 52a, menciona-se ainda a morte do messias, filho de José. Dos exemplos anteriores, deduz-se que o messias era mesmo denominado “Filho de Deus” em algumas correntes interpretativas judaicas e que, além disso, sua figura era relacionada, em algumas ocasiões, com a do *\*Servo* de YHVH e com a do Filho do homem, algo realmente notá- vel se levarmos em conta a forma pela qual a con-

**128 /**

**Filho do homem**

trovérsia anticristã afetou derterminados textos judaicos.

Todos esses aspectos aparecem igualmente unidos no ensinamento de Jesus, que considerou a si mesmo como messias, Filho do homem e Servo de YHVH e também como Filho de Deus. Mas, além disso, Jesus atribui esse último título de uma transcedência apenas incipiente antes de sua pregação. No Documento \**Q* — uma passa- gem reproduzida por Mt 11,25-27 e Lc 10,21-22 — Jesus designa a Deus como Pai e destaca sua relação com ele diferente da de qualquer outro ser. Não estranhemos, pois, que \**Mateus,* o evan- gelho judeu por antonomásia, conceda a esse tí- tulo um destaque indiscutível entre os sinóticos (16,16) e pretenda — através dele — ressaltar a autoconsciência de Jesus, centrada em ser “Filho do Pai”. Realmente, como já evidenciou por sua vez J. Jeremias, a maneira pela qual Jesus se diri- ge ao Pai como “*Abba*” não apresenta paralelos no judaísmo anterior ou contemporâneo de Jesus.

No evangelho de João, esse título tem um va- lor extraordinário, a ponto de ser considerado o título preferido pelo quarto evangelista para refe- rir-se a Jesus; um título que não se limita apenas a ter conotação messiânica, mas que indica igual- dade com Deus (Jo 5,17-18; 10,30ss. etc.) Resu- mindo, podemos destacar que esse título, além de suas conotações messiânicas, no ensinamento de Jesus encontra-se impregnado de conotações de divindade que retrocedem, pelo menos em par- te, à relação especial que Jesus manifestava ter com Deus como Abba.

J. Jeremias, *Abba*...; Idem, *Teología del Nuevo Testa-* *mento* *I*...; G. Eldon Ladd, *Theology*...; R. H. Fuller, *o. c*.; A. Toynbee (ed.), *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristia-* *nismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; Idem, *Diccionario* *de las tres*...; F. F. Bruce, *New Testament*...; M. Hengel, *El* *Hijo*...

**Filho do homem**

Atualmente, é difícil encontrar um título rela- cionado com a pessoa de Jesus que tenha provo-

**Filho do homem**

**/ 129**

cado maior controvérsia quanto ao seu exato sig- nificado. A expressão tem sido interpretada de diversas maneiras: 1. Perífrase de “eu” (M. Black, G. Vermes): certamente a expressão podia ter esse significado ocasionalmente no século II d.C., mas não existe nenhum fundamento para se pen- sar que esse fosse seu conteúdo um século antes; 2. Homem ou ser humano (H. Lietzmann, J. Wellhausen): realmente, “filho do homem” pode significar, vez ou outra, somente homem, mas nem isso inclui um outro possível significado (P. Fiebig), nem esgota o significado que a expres- são tem nos lábios de Jesus; 3. \**messias*: com esse significado, a expressão aparece em 4 Esd (6,35; 13,3; 45,3 etc.) e no Henoc etíope (45,3; 46,4; 55,4; 61,8; 62,2; 69,27 etc.), derivando de Dn 7,13, no qual a expressão é usada pela primeira vez como título no Antigo Testamento; 4. Servo de YHVH: o Henoc etíope liga a figura do Filho do homem ao Servo de Isaías (48,4 com Is 42,6 e 49,6; 39,6 e 40,5 com Is 42,1; 38,2 e 53,6 com Is 53,11 etc.). O mesmo acontece em 4 Esd, onde o filho do homem é chamado “meu Servo” por Deus (13,32-37; 14,9 etc.).

A interpretação que Jesus deu ao título encai- xa-se exatamente com a que se encontra no Henoc etíope em 4 Esd. Jesus viu a si mesmo como o Filho do homem que era, por isso mesmo, o mes- sias-Servo e que, portanto, morreria em \**expia-* *ção* pelos \**pecados* (Mc 10,45 com Is 52,13- 53,12), mas que um dia retornaria triunfante para concluir sua obra (Mc 14,62 com Dn 7,13). A vi- são de Jesus enraizava-se assim numa interpreta- ção genuinamente judaica do termo; no entanto, a literatura rabínica posterior evidenciou esse as- pecto para não ceder a argumentos apologéticos procedentes dos cristãos.

O. Cullmann, *Christology*...; C. Vidal Manzanares, *El* *judeo-cristianismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; Idem, *Diccionario de* *las tres*...; L. Morris, *The Cross*...; G. Ver- mes, *Jesús el judío*, Barcelona 1977; D. Flusser, *o. c*.; A. Toynbee, *o. c*.; F. F. Bruce, *New Testament History*, Nova York 1980; A. Díez Macho, “Hijo del hombre y el uso de la tercera persona en lugar de la primera en arameo” em *Scripta* *Theologica*, 14, 1982, pp. 159-202.

**130 /**

**Filipe**

**Filipe**

1. Nome de um dos \**Doze*. Ver \**Apóstolos.*   
2. Herodes Filipe (ou Filipo) I. Seu nome real

era Boeto. Filho de \**Herodes*, o Grande, e de Mariamne II. Marido de Herodíades. Afastado da sucessão em 5 a.C., marchou para Roma sem sua esposa, para lá residir como um civil (Mt 14,3; Mc 6,17).

3. Herodes Filipe (ou Filipo) II. Filho de Herodes, o Grande, e de Cleópatra. Tetrarca da Ituréia e Traconítide, assim como das regiões pró- ximas do lago de \**Genesaré* (Lc 3,1) de 4 a.C. a 34 d.C. Em idade avançada, casou-se com \**Salomé*, a filha de \**Herodíades.*

**Fim dos tempos**

Ver \**Escatologia.*

**Flagelação**

Castigo aplicado com um látego, formado por cordas entrelaçadas com ossinhos ou bolas de metal (*flagrum*) ou tiras (*flagellum*). A \**Lei* ju- daica fixava o número máximo de açoite em 40 menos 1: 13 no peito e 26 nas costas. Jesus ad- vertiu seus \**discípulos* de que assim seriam tor- turados (Mt 10,17;23,34). A forma romana da flagelação — a que foi aplicada em Jesus — era reservada para os \**escravos* e para os não-cida- dãos. Era habitual empregá-la para arrancar con- fissões (At 22,24ss.). Existia como pena autôno- ma (possivelmente o objetivo inicial de \**Pilatos* ao aplicá-la em Jesus) e, ocasionalmente, como complemento na \**crucifixão.*

M. Hengel, *Crucifixion*, Filadélfia 1989; A. N. Sherwin- White, *Roman Law*...

**Flauta**

Instrumento musical, inicialmente feito de cana (posteriormente de madeira ou metal) com

**Fruto**

**/ 131**

uma ou duas aberturas. Na época de Jesus, seu som acompanhava as \**danças* (Mt 11,17; Lc 7,32) e os velórios (Mt 9,23). Jesus utilizou a compara- ção da falta de resposta tanto aos sons tristes como aos alegres como imagem do \**endurecimento* de sua geração diante da pregação de \**João Batista* e da sua própria.

**Fogo**

Um dos símbolos com o qual se descreve o castigo eterno: o \**inferno* (Mt 5,22). Passagens como as de Lc 3,16 ou 12,49ss. referem-se, evi- dentemente, à dupla opção de vida diante da qual se coloca todo ser humano: ou aceitar o \**Evan-* *gelho* de Jesus, o \**messias,* e ser mergulhado (ba- tizado) no \**Espírito Santo* ou rejeitá-lo e ser lan- çado ao fogo eterno, destinado ao \**diabo* e a seus \**anjos* (Mt 25,41-46).

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *Las* *sectas frente a la Biblia*, Madri 1992.

**Fornalha**

Um dos termos com o qual Jesus descreve o castigo do \**inferno* destinado aos condenados (Mt 13,42.50).

**Fração do Pão**

Ver \**Eucaristia.*

**Fruto**

No ensinamento de Jesus, um símbolo da- quilo que deve provir das pessoas que mantêm — ou dizem manter — uma relação com Deus. Jesus empregou diversas comparações como o grão (Mt 13,8.23; Mc 4,29), a figueira (Mt 21,19; Lc 13,6-9), a vinha (Mt 21,34.41-43; Mc 12,2; Lc 20,10) ou os talentos entregues pelo Senhor (Mt 25,26; Lc 19,13). Por conseguinte, o fruto

**132 /**

**Gábata**

pode ser insuficiente e até mau, e essa é uma das maneiras de serem reconhecidos os falsos profetas (Mt 7,15-20). Só existe uma forma de dar bom fruto: estar unido a Jesus (Jo 12,24; 15,2-8.16).

**G**

**Gábata**

Local pavimentado onde se encontrava o tri- bunal de \**Pilatos* (Jo 19,13). De acordo com o quarto evangelista, esse era o nome que os ju- deus lhe davam, possivelmente do aramaico “gabbeta” (proeminência, elevação, altura). Não está estabelecido, com certeza, o lugar onde se encontrava.

E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c.*

**Gabriel**

Palavra cujo significado pode ser “Deus tem- se mostrado forte”. \**Anjo* de elevada categoria enviado a \**Daniel* para interpretar-lhe uma visão (Dn 8,16-27) e indicar-lhe a profecia das setenta e sete semanas (Dn 9,21-27). Há também refe- rências a Gabriel no escrito apócrifo ou pseudo- epigráfico de 3 Henoc (1,267).

Os evangelhos relacionam o anjo Gabriel com o anúncio do nascimento de \**João Batista* (Lc 1,11-12) e de Jesus (Lc 1,26-38).

J. H. Charlesworth, *The Old Testament Pseudepigrapha*, 2 vols., Nova York 1983; Alejandro *Díez-Macho*, *o.c*.; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**Geena**

**/ 133**

**Gadara**

Cidade a sudeste do mar da \**Galiléia*, perten- cente à \**Decápolis*, onde Jesus curou algumas pessoas possuídas por \**demônios* (Mt 8,28; Mc 5,1; Lc 8,26). Identifica-se com a jordaniana Muqueis.

**Galiléia**

Região ao norte da Palestina, habitada por um considerável número de povos pagãos após a de- portação de Israel para a Assíria, principalmente durante o período dos macabeus. Por isso, era denominada a “Galiléia dos gentios” (Mt 4,15), embora no séc. I a.C., o povo judeu já se encon- trasse mais fortalecido. Conquistada por Pompeu, passou, em parte, aos domínios de Hircano II. \**Herodes*, *o Grande*, reinou sobre ela e, após seu falecimento, fez parte da tetrarquia de \**Herodes* *Antipas.* Finalmente, seria anexada à província romana da Judéia.

E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c.*

**Garizim**

Ver \**Gerizim.*

**Ge-Hinnon**

Ver \**Geena.*

**Geena**

Literalmente, “vale do Enom”, o local de \**Je-* *rusalém* onde, na Antigüidade, praticavam-se sa- crifícios humanos — especialmente de crianças — por ocasião do culto dedicado ao deus Moloc (2Rs 23,10). Durante o judaísmo do Segundo Templo, o termo passou a designar o \**inferno*, lugar onde os condenados sofrem conscientemen- te o castigo por seus \**pecados* após a morte (Mish. Avot 1.5; 5.22,23; Er. 19a). Esse é o significado

**134 /**

**Genealogia**

que encontramos nos evangelhos, que apontam a Geena como lugar de tormento eterno e cons- ciente, empregando expressões tão descritivas como “fogo eterno” (Mt 18,8); “verme que não morre e fogo que não se apaga” (Mc 9,47-48) etc. (Outras passagens similares em Mt 3,12; 5,29- 30; 8,12; 13,42; 24,51; Mc 9,43; Lc 16,21-24 etc.).

J. Grau, *Escatología*, C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; Idem, *Las* *sectas*...; P. Bonnard, *o. c*.; M. Gourgues, *El más allá en el* *Nuevo Testamento*, Estella 41993.

**Genealogia**

No pensamento semita, dá-se considerável importância à enumeração dos antepassados. Por isso, não é estranho que dois dos evangelhos apre- sentem uma genealogia de Jesus, que o une, em sua qualidade de \**messias*, com a estirpe de \**Davi*. Realmente, Jesus pertenceu a essa estir- pe, embora, bem provavelmente, a um ramo me- nos importante. No geral, persiste o problema da falta de coincidência entre as duas genealogias (Mt 1,1-17; Lc 3,23-28). Várias explicações exis- tem para essa questão. Desde Júlio Africano, tem- se sugerido que as duas linhas se uniram confor- me a lei do levirato. Em virtude dessa tese, Heli e Jacó teriam sido meio-irmãos, tendo-se casado o segundo com a viúva de Heli e tendo sido o ver- dadeiro pai de José. Dessa maneira, ambas as genealogias pertenceriam a José, sendo uma a le- gal e a outra a natural.

Também se ressalta que Mateus apresenta a ascendência legal de José como descendente de Davi. Conforme essa tese, a linha de Salomão se perderia com Jeconias (Jr 22,30), e Salatiel, da linha de Mateus, teria tomado seu lugar. O relato de Lucas daria a verdadeira origem e descendên- cia de José: Matã de Mateus e Matat de Lucas seriam a mesma pessoa e, então, Jacó e Heli esti- veram sujeitos à norma legal do levirato.

Finalmente, tem-se sugerido que Mateus reú- ne a genealogia de José, enquanto Lucas faz o

**Genesaré**

**/ 135**

mesmo com a de Maria, dependendo do papel mais relevante que se dá a cada um dos persona- gens nos relatos da Natividade dos mencionados evangelhos. A favor dessa tese, tem-se conside- rado que, primeiro, Mateus conservaria a lingua- gem mais literal ao utilizar o termo “gerou” — ainda que Maria pudesse ter sido, perfeitamente, da estirpe davídica (Lc 1,32; 2,5). Em segundo lugar, a palavra “José” aparece expressamente sem artigo, embora tenha sido empregado nos demais nomes da lista. Dessa maneira, dever-se-ia ler no texto “filho — como se acreditava de José — de Heli” e Jesus seria, assim, neto de Heli, significa- ção possível da palavra “filho”. Em terceiro lu- gar, parece lógico que Mateus, escrevendo para judeus, apresentaria a genealogia legal de Jesus — facilmente comprovável — que só podia ser projetada através de José. Lucas, pelo contrário, teria apresentado — um relato mais universalista — a genealogia física de Jesus, o que só poderia ser feito através de Maria. Entre todas as teses que tentaram harmonizar as duas genealogias, esta última é a mais aceita.

C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; Idem, *Diccionario de las tres*...; Idem, *El judeo-cristianismo*...; A.T. Robertson, *o. c*.

**Genesaré**

1. Planície situada a oeste do lago ou mar de \**Tiberíades*, na \**Galiléia*. A origem do nome parece estar em Genesar que, por sua vez, deriva de Quineret (Nm 34,11).

2. Lago ou mar de Quineret (Nm 34,11), tam- bém conhecido como de Tiberíades (Jo 6,1) e da Galiléia (Mt 4,18). Situado ao norte da Palestina, encontra-se a 200 m abaixo do nível do mar e tem por dimensões 21 km (de norte a sul) por 12 km (de leste a oeste). O rio Jordão atravessa-o de norte a sul. Rico em pesca, encontram-se em suas margens alguns locais mencionados nos evange- lhos como \**Cafarnaum* ou Tiberíades, o que ex- plica a presença de Jesus nesse local, principal-

**136 /**

**Gentios**

mente durante a primeira parte de seu ministério público.

E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c.*

**Gentios**

Termo com o qual os judeus se referiam aos “goyim”, isto é, aos não-judeus. Tanto o ministé- rio de Jesus como a missão dos \**apóstolos* ex- cluíam, inicialmente, a pregação do \**Evangelho* aos gentios (Mt 10,5-6). Mesmo assim, os evan- gelhos narram alguns casos em que Jesus aten- deu às súplicas de gentios (Mt 8,28-34; 14,34- 36; 15,21-28) e, em uma das ocasiões, proclamou publicamente que a fé de um gentio era superior à que encontrara em Israel (Mt 8,5-13). É inegá- vel que Jesus — possivelmente por considerar-se o \**servo* de YHVH — contemplou a entrada dos gentios no \**Reino* (Mt 8,10-12). E, evidentemen- te, a \**Grande Missão* é dirigida às pessoas de to- das as nações (Mt 28,19-20; Mc 16,15-16).

M. Gourgues, *El Evangelio a los paganos*, Estella 21992; J. Jeremias, *La promesa de Jesús a los paganos*, Madri 1974; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**Gerasa**

Cidade helênica da \**Decápolis*, do outro lado do \**Jordão*. Costuma ser identificada com a atual Jarash, a uns 55 km a sudeste do lago de \**Tiberíades*. O confronto entre Jesus e os \**de-* *mônios* (Mc 5,1; Lc 8,26.37) pode ter acontecido em El Kursi, ao sul de Wadi-es-Semah, na mar- gem oriental.

E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o.c*.

**Gerizim/Garizim**

Monte de 870 m de altura, situado a uns 3 km ao sul de Siquém. Nele se localizava o templo dos \**samaritanos*, destruído em 128 a.C. por João Hircano. Ainda hoje, o local é considerado sagra-

**Gnosticismo**

**/ 137**

do pelos samaritanos e a ele se referiu a samaritana cujo encontro com Jesus é descrito no capítulo 4 do evangelho de João (Jo 4,20).

E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c.*

**Getsêmani**

Literalmente, “moinho de azeite”. Jardim si- tuado à margem oriental do \**Cedron*, próximo ao \**monte* das Oliveiras. Os evangelhos identifi- cam-no com o lugar ao qual Jesus se retirou para orar depois da Última \**Ceia* e onde foi preso (Mt 26,36).

E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c.*

**Glória**

No judaísmo, uma das \**hipóstases* de Deus (Êx 16,10; 33,20; Lc 9,31-34). Para João, ela se encarnou em Jesus (Jo 1,14), o que confirma a afirmação de que este é Deus (Jo 1,1;20,28).

**Gnosticismo**

Movimento filosófico-religioso pré-cristão, fruto de provável sincretismo de elementos ira- nianos com outros mesopotâmicos e originários da tradição ocultista judaica. Existiu um gnosticismo judeu que se destacou na cabala e em alguns escritos dos *jasidim*, mas que dificil- mente se pode afirmar que se encaixe com o pen- samento bíblico e rabínico posterior. Também existiu um gnosticismo que se denominou cris- tão, embora na realidade entrasse em choque com as doutrinas fundamentais do Novo Testamento. A Carta de São Paulo aos Colossenses, assim como a Primeira de João, constituem uma apolo- gia cristã contra o gnosticismo, enquanto a Se- gunda tende a evitar uma leitura gnóstica do evan- gelho de João. A gnose caracterizava-se, princi- palmente, pela negação da \**Encarnação,* da morte e da \**ressurreição* de Jesus; pela consideração

**138 /**

**Gólgota**

negativa da criação material (atribuída a um deus perverso); pela negação do cânon completo da \**Escritura* unida à aceitação de alguns livros de caráter gnóstico; e pelo repúdio à ética, à sacramentologia e à eclesiologia cristã em favor da prática de uma série de ritos mágicos e da aqui- sição da gnose (conhecimento) que permitiria transcender deste mundo para outro espiritual.

Vez ou outra tem-se falado de uma possível influência gnóstica na concepção cristã do Sal- vador que vem do céu. Pelas fontes que conhece- mos, isso é impossível e, em todo caso, pode ter- se dado o contrário, já que de fato o gnosticismo não reconheceu a idéia de um salvador que vem das alturas até o séc. II d.C. e, quando faz refe- rência a ele, trata-se já de um gnosticismo que se apropriou de algumas idéias cristãs.

C. Vidal Manzanares, *Los evangelios gnósticos*, Barce- lona 1991; Idem, *Diccionario de Patrística*, Estella 1992; Idem, *En los orígenes*...

**Gólgota**

Literalmente, “crânio” (aramaico). É bem pro- vável que o local próximo a Jerusalém que tinha esse nome o recebera por sua semelhança com uma caveira (daí o “Calvário”). Devia estar si- tuado ao norte do segundo muro da cidade, pró- ximo a uma das suas portas. Nesse local, Jesus foi crucificado (Mt 27,23; Hb 13,12). A identifi- cação mais possível é a que o situa no Santo Se- pulcro, refutando-se a realizada pelo general bri- tânico Gordon como verdadeiramente desprovi- da de fundamento.

B. Bagatti, *o. c*.; E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c*.

**Governador**

Nos evangelhos e no Livro dos Atos dos Após- tolos, o termo designa o funcionário da adminis- tração romana encarregado de uma província. Não deve ser confundido com o procônsul — título

**Grego**

**/ 139**

que especifica os legados (províncias senatoriais), \**prefeitos* ou \**procuradores* como \**Quirino* ou \**Pilatos* (Mt 10,18; 27,2-28.14; Lc 2,2; 3,1; 20,20).

C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio...;* Idem, *El* *judeo-cristianismo*...; Idem, *Los esenios*...; C. Saulnier e B. Rolland, *Palestina en tiempos de Jesús*, Estella 1983; J. Comby e J. P. Lémonon, *Roma frente a Jerusalén*, Estella 101994.

**Grande Mandamento**

Termo que designa o mandato de amor mútuo que deve caracterizar os discípulos de Jesus (Jo 13,35).

**Grande Missão**

Mandato de Jesus ressuscitado encontrado em Mt 28,19-20; Mc 16,15-18; Lc 24,43-49 e At 1,6-8. De acordo com ela, os \**discípulos* de Je- sus devem pregar o \**Evangelho* de \**salvação* a \**Israel* e aos \**gentios*, transmitir o ensinamento de Jesus e batizar os que crerem em sua mensa- gem. Serão salvos os que crerem e forem batizados; serão condenados os que não adotem essa atitude. O final do evangelho de Marcos faz referência também a um conjunto de carismas mi- lagrosos que acompanhará a pregação do evan- gelho.

**Grande Sinédrio**

Ver \**Sinédrio.*

**Grego**

1. Termo empregado ocasionalmente para de- signar os \**gentios* (Mc 7,26; Jo 7,35). 2. Os natu- rais da Grécia. Alguns deles se sentiram atraídos pela fé de Israel e parece que, em alguma oca- sião, interessaram-se pela pregação de Jesus (Jo 12,20).

**140 /**

**Grilo**

**Grilo**

Inseto da família do gafanhoto ou até mesmo confundido com este. Na época de Jesus, servia de alimento a camadas bem humildes da popula- ção e constituía parte essencial da alimentação de \**João Batista* (Mt 3,4; Mc 1,6).

**Guerra**

O Antigo Testamento relata numerosas guer- ras das quais Israel participou. Antes de entrar na guerra, os israelitas deviam consultar a Deus para conhecer sua vontade (Jz 20,23.27-28; 1Sm 14,37; 23,2; 1Rs 22,6) e pedir-lhe ajuda, caso a guerra fosse inevitável (1Sm 7,8-9; 13,12 etc.). Contu- do, no Antigo Testamento, vislumbra-se, em re- lação à guerra, uma atitude diferente da de outros povos contemporâneos. Para começar, existiam diversas razões normativas de isenção do serviço de armas (Dt 20,2-9). Também são criticadas as intenções de instrumentalizar Deus na guerra (1Sm 4) e uma pessoa da estatura de Davi é desqualificada para construir um templo para Deus, exatamente por ter sido um homem dedi- cado à guerra (1Cr 22,8). O desaparecimento da atividade guerreira é uma das características da era messiânica (Is 2,1ss e par.), cujo rei é descrito através de uma ótica pacifista (Zc 9,9ss.) e sofre- dora (Is 52,13-53,12).

O judaísmo do Segundo Templo manifestou uma evidente pluralidade em relação à guerra. Junto com representantes pacifistas, os \**fariseus* reuniram partidários da rebelião armada. Os \**saduceus* opunham-se à guerra — mas não ao uso da violência — porque temiam que ela pu- desse modificar o “status quo” que lhes era favo- rável (Jo 11,45-57). Os \**essênios* abstinham-se da violência, mas esperavam uma era em que se juntariam à guerra de Deus contra os inimigos deste. Os \**zelotes* — que não existiam na época de Jesus — manifestaram-se ardentes partidários da ação bélica contra Roma e contra os judeus, aos quais consideravam inimigos de sua

**Guerra**

**/ 141**

cosmovisão. O ensinamento de Jesus nega legiti- midade a toda forma de violência (Mt 5,21-26; 5,38-48 etc.), até mesmo a empreendida em sua própria defesa (Jo 18,36) e refutou claramente o recurso à força (Mt 26,52ss.). Nesse sentido, as pretensões de certos autores para converter Jesus em um violento revolucionário exigem uma gran- de imaginação, porque nem as fontes cristãs nem as judaicas (certamente contrárias a ele e que po- deriam aproveitar-se dessa circunstância para atacá-lo) nem as clássicas contêm o menor indí- cio que justifique essa tese. De fato, como ressal- tam alguns autores judeus, esta é uma das carac- terísticas originais do pensamento de Jesus e, na opinião deles, claramente irrealizável.

Assim fundamentado, não é de estranhar que os primeiros cristãos optaram por uma postura de não-violência e generalizada objeção de cons- ciência, tanto mais porque consideravam todos os governos humanos controlados pelo diabo (Lc 4,1-8; 1Jo 5,19 etc.). Historicamente, essa atitu- de chegou até o início do séc. IV e se refletiu tan- to no Novo Testamento como nos primeiros es- critos disciplinares eclesiásticos, nas atas dos mártires (muitos deles executados por serem objetores de consciência) e nos estudos patrísticos. Em relação à guerra, portanto, o cristão não pode apelar para o testemunho do Novo Testamento nem para a tradição cristã dos três primeiros sé- culos, somente para a elaboração posterior como a teoria da guerra justa de Agostinho de Hipona e outros.

W. Lasserre, *o.c*.; J. M. Hornus, *It is not Lawful for me* *to Fight*, Scottdale 1980; C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; Idem, *Los* *esenios*...; Idem, *Diccionario de las tres*...; J. Klausner, *o. c*.; G. Nuttal, *o. c*.; P. Beauchamp e D. Vasse, *La violencia en la* *Biblia*, Estella 1992.

**142 /**

**Hacéldama**

**H**

**Hacéldama**

Literalmente, campo de sangue. Termo deri- vado do aramaico *“haquel”* (campo) e *“dema”* (sangue). Lugar comprado pelas autoridades ju- daicas com o dinheiro que Judas recebeu por en- tregar Jesus e o qual devolveu mais tarde.

O emprego que se deu ao dinheiro da traição vinha da ordem legal de não se depositar dinhei- ro manchado de sangue no tesouro do \**Templo* (Mt 27,6-10). O primeiro evangelho seleciona esse trecho com o cumprimento das profecias encontradas em Jr 18,2ss.; 19,1ss.; 32,7-9 e Zc 11,12ss.

Vários são os autores (F. F. Bruce, J. Jeremias, C. Vidal Manzanares etc.) que têm defendido a historicidade dessa notícia. Uma tradição pos- sivelmente anterior ao séc IV localizou Hacél- dama no vale do Enom onde trabalhavam alguns oleiros.

E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c*.

**Hades**

Vocábulo grego que deriva, literalmente, de “*aeidos*” (invisível) e que no Novo Testamento corresponde ao *sheol.* Na tradução do Antigo Tes- tamento para o grego conhecida como Septuaginta ou Tradução dos LXX, encontra-se a origem des- sa identificação.

Designa o lugar para onde vão os espíritos dos mortos e jamais deve ser confundido, como já aconteceu, com sepulcro (*queber,* em hebraico; *mnemeion,* em grego).

**Hebraico**

**/ 143**

O Antigo Testamento afirma que no sheol ou hades encontram-se conscientes as \**almas* dos defuntos (Is 4,9-10; Ez 32,21 etc.) e no período do Segundo Templo já se afirmava que esse lugar estava dividido em duas regiões: a destinada aos justos (seio de \**Abraão*) e a ocupada pelos con- denados (\**geena*).

Referências a esse ponto de vista aparecem no \**Talmude* e em autores judeus como Flávio Josefo (*Discurso aos gregos acerca do Hades*).

Esse mesmo ponto de vista é o conteúdo do ensinamento de Jesus quando descreve o Hades como um lugar de castigo consciente (Lc 16,21- 24) e quando, em repetidas ocasiões, fez referên- cias ao castigo eterno dos condenados (Mt 25,46) expresso em termos de choro e ranger de dentes (Mt 8,12; 13,42; 24,51; 25,30; Lc 13,28), trevas (Mt 8,12), fogo (Mt 18,8; Mc 9,47-48) etc.

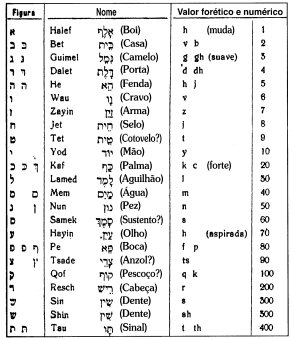
Essa idéia de tormento eterno dos condena- dos aparece também no restante do Novo Testa- mento (Ap 14,11; 20,10 etc.).

No Apocalipse 20,13-15, Hades é uma sinédoque: são os espíritos dos mortos que serão lançados no lago de fogo e enxofre (a geena) (Ap 20,13-5).

G. Eldon Ladd, *o. c*.; J. Grau, *Escatología*; W. Barcaly, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *Diccionario de las tres*...; M. Gourgues, *El más allá en el* *Nuevo Testamento*, Estella 41993.

**Hebraico**

Idioma dos judeus pertencente às línguas semíticas norocidentais. Após o regresso do exí- lio babilônico, foi suplantado no uso comum pelo \**aramaico*; contudo, continuou sendo utilizado na oração e na liturgia. Jesus conhecia o hebraico (Lc 23,38; Jo 5,2; 19,13.17.20; 20,16) e é bem possível que as primeiras coletâneas de seus ensinamentos, como é o caso de \**Q,* foram escri- tas nessa língua.

**144 /**

**Herdeiro**

**Figura Nome Valor fonético e numérico**

*A língua hebraica é formada por esses sinais...*

**Herdeiro**

Título que se aplica a Jesus como \**Filho de* *Deus* e \**messias* enviado pelo \**Pai* (Mt 21,38ss.). A narrativa em que se insere essa referência sig- nifica claramente que Jesus esperava ser assassi- nado por pessoas que não aceitariam sua prega- ção. Como conseqüência de seu vínculo com Je- sus, os discípulos tornaram-se herdeiros das pro- messas de vida eterna feitas a Israel (Mt 5,5; 25,34; 19,29; Mc 10,17).

**Herodes**

1. O Grande. Fundador da dinastia (c. 73-4 a.C.). Menosprezado pelos judeus por causa de sua origem não-judia (era idumeu) e por suas prá- ticas pagãs (permitiu que lhe rendessem culto nos locais não-judeus de seu reino), reestruturou o \**Templo* de Jerusalém. Mt 2,1ss. registra o nasci-

**Herodíades**

**/ 145**

mento de Jesus durante seu reinado (c. 6-4 a.C.) e menciona a intenção de Herodes de matar o Me- nino, confirmada com a matança dos inocentes. Esse fato não é mencionado em outras fontes, mas combina com o que sabemos do caráter do mo- narca. Após sua morte, a família de Jesus retornou do exílio no Egito (Mt 2,19-22). 2. Arquelau. Fi- lho de Herodes, o Grande. Etnarca da Judéia (de 4 a.C. a 6 d.C.). Após ser deposto, a Judéia pas- sou a depender diretamente da administração ro- mana até o ano 41 d.C. 3. Herodes Antipas. Filho de Herodes, o Grande. Tetrarca da Galiléia (4 a.C. a 39 d.C.). Ordenou a decapitação de \**João Ba-* *tista* (Mt 14,1-12 e par.) e interveio no processo de Jesus (Lc 23,6ss.). 4. Herodes Agripa I. Foi nomeado rei da Judéia pelo imperador Cláudio em 41 d.C. Hábil político, soube atrair o afeto da população judia (as fontes rabínicas referem-se a ele em termos elogiosos), embora simpatizante do paganismo de seus súditos não-judeus. Para granjear aceitação de uma parte da população, desencadeou uma perseguição contra os judeu- cristãos de seu território. Durante essa persegui- ção, \**Tiago* foi martirizado (embora improvável, supõe-se que também seu irmão \**João)* e \**Pedro* encarcerado, salvando-se da execução ao fugir da prisão em que estava confinado (At 12,1ss.). Herodes Agripa I morreu repentinamente em 44 d.C. 5. Agripa II, filho de Agripa I (17-100 d.C.). Governador da Galiléia e da Peréia e diante dele \**Paulo* compareceu durante um processo (At 25,13ss.).

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Schürer, *o. c*.; F. F. Bruce, *Acts*...; Idem, *New Testament*; A. H. M. Jones, *The Herods of Judaea*, Oxford 1938; S. Perowne, *The* *Life and Times of Herod the Great*, Londres 1957; Idem, *The Later Herods*, Londres 1958; A. Schalit, König Herodes, Berlim 1969; C. Saulnier e B. Rolland, *Palestina en tiempos* *de Jesús,* Estella 101994.

**Herodíades**

Filha de Aristóbulo e Berenice, neta de \**Herodes*, o Grande. Casou-se com \**Filipe*, filho

**146 /**

**Herodianos**

de Herodes, o Grande, e mais tarde uniu-se adulteramente com Herodes Antipas. Essa con- duta imoral provocou as severas críticas de \**João* *Batista*, que ocasionaram a inimizade da rainha e a prisão do profeta. Aproveitando uma imprudente promessa que Herodes realizou em público, Herodíades sugeriu à sua filha \**Salomé* que pe- disse ao rei a cabeça de João Batista, no que foi atendida (Mt 14,1-2).

Schürer, *o. c*.; F. F. Bruce, *New Testament*...; A. H. M. Jones, *The Herods of Judaea*, Oxford 1938; S. Perowne, *The* *Life and Times of Herod the Great*, Londres 1957; Idem, *The Later Herods*, Londres 1958.

**Herodianos**

Partidários ou cortesãos de \**Herodes*, O Gran- de, e de Herodes Antipas (Mc 3,6; 12,13).

**Hidropisia**

Enfermidade que consiste no derramamento de serosidade entre as células do tecido conjunti- vo ou em uma cavidade do corpo. Lc 14,20 narra a cura que Jesus realizou em um homem que pa- decia dessa moléstia.

**Hipócritas**

No ensinamento de Jesus, o termo serve para qualificar vários tipos de pessoas (sempre reli- giosas): 1. aqueles que cumprem as normas ex- ternas da religião somente para se destacarem (Mt 6,2ss.; 6,16ss.); 2. os que sobrepõem à Revela- ção divina uma tradição que invalida seu espírito (Mt 15,1-20 e par.); 3. os que se consideram espi- ritualmente superiores aos demais (Mt 7,5ss.); 4. os que fingem, ocultando um propósito perverso em seus corações (Mt 22,18ss.); 5. os que desen- volvem um código de severas leis religiosas, às quais eles mesmos não obedecem (Lc 13,10ss.). O discurso encontrado em Mt 23 (especialmente v. 13-27) é um conjunto de ditos de Jesus que

**Hipóstase**

**/ 147**

contém exemplos bem reveladores sobre o que pensava da hipocrisia.

P. Bonnard, *o. c*.; D. Flusser, *o. c*.; J. Driver, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...

**Hipóstase**

No judaísmo anterior e contemporâneo a Je- sus, surgiram certas categorias de pensamento que indicavam a existência de hipóstase da divinda- de. Destacam-se entre elas: 1. o Anjo de YHVH (Gn 16,7-13; 22,11-18; 32,24-30; Jz 13,17-22) que é, sem dúvida, o próprio YHVH. Conforme G. Von Rad indicou no seu tempo, o Anjo de YHVH é “o próprio Javé que se apresenta aos homens sob forma humana”, “idêntico a Yahveh” e “não se pode afirmar que o Anjo indique um ser a ele subordinado. Esse Malaj é Yahveh... é o Javé de uma atividade salvífica especial”. 2. A Sabedo- ria, que em Pr 8,22ss. aparece como filha amada de Deus, nascida antes de todas as criaturas e ar- tífice da criação. No judaísmo posterior, essa fi- gura alcançaria inegável importância, conservan- do as características já assinaladas (Eclo 1,9ss.; 24,3ss.). O Livro da Sabedoria descreve-a como “sopro da força de Deus”, “efusão pura do fulgor do Todo-Poderoso” e “imagem de sua bondade” (Sb 7,7-8,16). É “companheira de sua vida” (a de Deus) (Sb 8,3), companheira de seu trono (9,4), enviada sob a figura do espírito de Deus (9,10; 7,7) e atua na história de Israel (7,27). Nas obras de Fílon, esta sabedoria é descrita como “filha de Deus” (*Fuga* 50ss.; *Virt* 62) e “filha de Deus e mãe primogênita de todos” (*Quaest.* *Gen* 4,97). Finalmente, alguns textos rabínicos identificaram essa Sabedoria preexistente com a \**Torá*, “filha de Deus”, mediadora da criação e hipóstase. 3. Pensamento divino: dele nos fala, por exemplo, o *Manual de Disciplina* 11,11. Como a Sabedoria, está associado a Deus e à sua criação em uma linguagem que recorda muito a de Pr 8,22ss. 4. Memrá: no Targum, o termo “*Memrá*” era uma das designações para referir-se a YHVH, evitan- do antropomorfismos e descrevendo suas ações

**148 /**

**Hipóstase**

na criação, revelação e salvação. Para citar ape- nas alguns exemplos, Memrá é YHVH, que cria a luz e a separa das trevas (Gn 1,3-5), que inter- vém na criação dos animais (Gn 1,24-25) e do homem (1,26-29), a quem se atribui toda a obra criativa (Gn 2,2a), que passeia no Éden e dele expulsa Adão e Eva (Gn 3,8-10), que estabelece uma aliança com Noé (Gn 9,12-17), que aparece a Abraão como o Deus dos céus (Gn 17,1-3) e a Moisés na sarça (Êx 3,2.4.8.12), que intervém no Êxodo (Êx 11,4; 12,12-13.23.27.29), que luta contra o exército do faraó (Êx 14,30-31), que tem poder curador (Êx 15,26), que se revela no Sinai (Êx 19,3) etc. Memrá, de fato, equivale a YHVH (Gn 4,26 b) e se equipara ao mesmo Deus dos céus (Gn 49,23-24).

De todas essas hipóstases, Jesus identificou- se com a Sabedoria, conforme se conclui da fon- te \**Q* em passagens posteriormente reproduzidas em Lc 7,35 e 11,49-51. Dessas afirmações de Jesus — ainda que não somente delas — partiu, sem dúvida, o desenvolvimento neotestamentário da doutrina da \**Trindade* e, muito significante- mente, a identificação joanita de Jesus com a \**Encarnação* do Logos-Memrá (Jo 1,1ss.). Os exemplos tomados do judaísmo, aos quais nos temos referido, obrigam realmente a pensar que os conceitos de preexistência e divindade não pro- vêm do paganismo, provavelmente através do cristianismo paulino, mas entraram nesse movi- mento espiritual a partir do judaísmo e que já es- tavam presentes no ensinamento de Jesus e, mais tarde, no judeu-cristianismo palestino. Além dis- so, em sua maioria (a exceção seria, e apenas em parte, Memrá), tiveram início não na literatura intertestamentária, mas no Antigo Testamento.

J. Jeremias, *Abba*...;Idem, *Teología del Nuevo Testamento* *I*...; G. Eldon Ladd, *Theology*...; R. H. Fuller, *o. c*.; A. Toynbee (ed), *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; Idem, *Diccionario de las tres*...; F. F. Bruce, *New Testament*...; M. Hengel, *El Hijo*...; D. Muñoz León, *Dios-Palabra*, Estella 1974; Idem, *Palabra y* *Gloria*...; A. del Agua, *La exégesis*...; M. Gilbert e J. N. Aletti, *La sabiduría y* *Jesucristo*, Estella 41990.

**Historicidade**

Ver \**Evangelhos, \*Jesus.*

**Hosana**

**/ 149**

**Holocausto**

Sacrifício que era oferecido pela manhã e pela tarde no \**Templo* de Jerusalém. Jesus relativizou seu valor, ao sobrepor a esse preceito outros mais importantes (Mc 12,33) e, muito especialmente, ao afirmar a chegada de uma \**Nova Aliança* estabelecida sobre o seu \**sacrifício* na \**cruz* (Lc 22,20).

**Hora**

1. Curto espaço de tempo que não deve ser identificado com nossa atual divisão do tempo (Jo 5,35). 2. Momento concreto em que se dá um acon- tecimento (Mt 8,13; 9,22; Jo 4,21-23). Em senti- do paradigmático, refere-se ao \**sacrifício* de Je- sus (Mt 26,45; Mc 14,35.41; Jo 2,4; 7,30; 8,20; 12,23.27; 13,1;17,1) ou à consumação da história por suas mãos (Mt 24,36.44.50; 25,13; Jo 5,25.28). 3. Divisão do dia. Do nascer do sol ao seu ocaso, contavam-se dez horas que, logicamente, varia- vam na duração, de acordo com o período do ano, podendo ser aumentada ou diminuída em onze minutos. A primeira hora correspondia às 6h (Mt 20,1; Lc 24,1; Jo 8,2); a terceira, às 9h (Mt 20,3; Mc 15,25); a sexta, às 12h (Mt 20,5; 27,45; Mc 15,33; Lc 23,44; Jo 4,6; 19,14); a nona, às 15h (Mt 27,46). Nos evangelhos, também se faz refe- rência à sétima hora (13h) (Jo 4,52); à décima (18h) (Jo 1,39) e à undécima (17h) (Mt 20,9).

**Hosana**

Literalmente, *salva, suplico-te*, em hebraico. A aclamação foi dirigida a Jesus pela multidão, quando este fez sua entrada em Jerusalém, na úl- tima semana de sua vida (Mt 21,9 e par.).

P. Bonnard, *o. c.*

**150 /**

**Hospedaria**

**Hospedaria**

Sala de hóspedes situada em uma casa parti- cular ou em uma caravana, onde as pessoas se abrigavam temporariamente (Mc 14,14; Lc 22,11; Lc 2,7).

**Hospitalidade**

A prática da hospitalidade era muito respeita- da entre os judeus da época de Jesus. Em várias ocasiões, o próprio Jesus teve demonstrações de hospitalidade (Lc 10,38-42; 14,1; 7,44; Mt 21,17). O ministério evangelizador de seus \**discípulos* apóia-se, em parte, nessa hospitalidade (Mt 10,11ss.). Precisamente pelo caráter de sua mis- são, a hospitalidade a eles oferecida deve ser igual à concedida a Jesus, enquanto a recusa a ela só pode ser motivo de juízo condenatório (Mt 10,14- 15). É bem provável que seja nesse contexto — e não no universalista em que às vezes se incorre — que devam ser interpretadas passagens como a de Mt 25,45.

**Humildade**

O oposto ao \**orgulho*. Nesse sentido, é a ati- tude vital que Deus vê, com agrado, nos homens (Mt 23,12; Lc 1,52; 14,11; 18,14). Jesus identifi- ca essa atitude não como um estado penitencial, mas como uma profunda confiança do \**discípu-* *lo* em Deus (Mt 18,4). Em outras palavras, a hu- mildade não repousa na mortificação, mas na fé confiante. Foi nesse sentido que com ela se iden- tificaram \**Maria* (Lc 1,48) e Jesus (Mt 11,29).

**I**

**Igreja**

**/ 151**

**Igreja**

Palavra oriunda do termo grego *ekklesia* ou assembléia de cidadãos reunidos com determina- do propósito (At 19,32.41). Na Bíblia dos LXX, o termo grego *ekklesia* foi empregado, em várias ocasiões, para traduzir o hebraico *qahal*. Dessa maneira, equivale ao povo de Deus chamado para constituir assembléia (Êx 12,16).

A palavra aparece nos evangelhos somente em duas ocasiões (Mt 16,18; 18,17), embora seja in- discutível que seu emprego, em termos históri- cos, não é posterior à morte de Jesus, mas ante- rior a ele. Mesmo que se repita com freqüência a afirmação de que Jesus não veio para fundar uma Igreja (A. Loisy), as fontes indicam justamente o contrário. A Jesus deve-se atribuir a reunião de um grupo de \**discípulos*, denominado pequeno rebanho (Lc 12,23), e do qual participava signi- ficativamente o conjunto dos doze \**apóstolos*. Este último aspecto também leva a pensar que Jesus identificou essa Igreja com o verdadeiro Israel. Dentro dela, os discípulos vivem sob o governo de Jesus, o \**messias*, conforme as nor- mas do \**Reino*. Isso supõe uma vida conduzida pela obediência a Deus, pelo perdão mútuo e pela contínua reconciliação e que deve buscar nessa Igreja orientação para sua conduta (Mt 18,17. Ver também Mt 5,23ss.). É essa Igreja, fundamenta- da na autoridade de Jesus e com o poder do \**Es-* *pírito Santo*, que recebeu a missão de anunciar o \**Evangelho* até os confins da terra (Lc 24,45-49), fazendo \**discípulos* e batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,18-20).

A. Cole, *o. c*.; F. F. Bruce, *Acts*...; Idem, *New Testament*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *Diccionario de las tres...*; ERE, III; Blaiklock, *o. c*.; P. Bonnard, *o. c.*

**152 /**

**Imperador**

**Imperador**

Do latim “imperador”, o que comanda. A princípio, o título estava relacionado com a con- cessão do triunfo. Desde o ano 27 a.C., sob Augusto, o título vinculou-se ao primeiro cida- dão romano ou *princeps*. Foi esse imperador que autorizou o culto imperial nas províncias. Jesus nasceu durante o governo de Otávio Augusto (31 a.C. a 14 d.C.) e morreu no governo de Tibério (14-37 d.C.).

**Impostos**

Termo geral para referir-se às taxas e tributos a que eram obrigados os não-cidadãos romanos nos lugares dominados por Roma. Consistiam fundamentalmente em um imposto sobre os bens imóveis, outro sobre os bens móveis e um con- junto de taxas cobradas pelos \**publicanos*. No caso dos judeus, a essa imposição acrescentava- se o imposto anual do \**Templo.*

**Incenso**

Produto resinoso extraído por meio de uma incisão na casca de uma árvore procedente da Ín- dia, Somália ou Arábia do Sul. Era utilizado para fins litúrgicos (Lc 1,9-11).

**Incredulidade**

É a falta de \**fé* ou confiança em Deus (Mt 13,58; 17,17; 21,25.32; Mc 16.11-17; Lc 22,67; 24,11; Jo 20,27), mas também a fé insuficiente encontrada naquelas pessoas que, supõe-se, de- veriam tê-la, como é o caso dos próprios \**discí-* *pulos* de Jesus (Mc 4,40; 6,6;9,24; Lc 1,20; 24,41). Fundamentalmente, consiste em não agir movi- do pela fé ou em não confiar no cuidado de Deus em todos os segmentos da vida, até mesmo os mais prosaicos (Mt 6,30; 8,26; 14,31; 16,8; Lc 12,28).

**Inimigo**

**/ 153**

**Infância de Jesus**

Os dados que possuímos sobre a infância de Jesus são muito escassos e se limitam aos evan- gelhos de \**Mateus* e \**Lucas*. Nascido em \**Belém*, circuncidado no oitavo dia e apresentado no \**Tem-* *plo* (Lc 2,21), por temor a \**Herodes*, a família emigrou para o \**Egito*, onde existia uma consi- derável colônia judia formada por um bom nú- mero de exilados (Mt 2,13-15). A historicidade desse fato pode ter inspirado as referências talmúdicas à permanência de Jesus no Egito. Após a morte de Herodes, a família retornou do exílio e se estabeleceu em \**Nazaré*, na região da \**Galiléia* (Mt 2,19ss.). Tudo faz pensar que sua infância transcorreu de forma absolutamente nor- mal, excluindo-se o episódio de sua perda no Tem- plo (Lc 2,41-52), cujo caráter histórico — tal como aparece em Lucas, mas não nas tradições populares — tem sido reconhecido até mesmo por autores judeus, como D. Flusser.

Nos séculos posteriores, os evangelhos apócrifos pretenderam preencher a simplicidade da infância de Jesus com relatos de milagres que, não poucas vezes, caem no grotesco, mas que fa- zem parte, em alguns casos, da religiosidade po- pular. É evidente que esse tipo de tradições, mais inspiradas pela curiosidade e gosto pelo maravi- lhoso do que por um desejo de transmitir a reali- dade, carece de base histórica.

J. P. Michaud, *María de los Evangelios*, Estella 21993; C. Perrot, *Los relatos de la infancia de Jesús*, Estella 71993; J. Zumstein, *Mateo, el teólogo*, Estella 31993.

**Inferno**

Ver \**Hades, \*Geena, \*Imortalidade, \*Alma,* *\*Céu, \*Espírito, \*Inferno.*

**Inimigo**

O termo grego *“ejzros”* empregado nos evan- gelhos implica muito mais do que a idéia de acu-

**154 /**

**Inspiração**

sação (Mt 5,25; Lc 12,58; 18,3) ou de oposição (Lc 13,17; 21,15). A temática dos inimigos é bas- tante comum nas Escrituras; nelas se desenvolve, de maneira natural, uma cosmovisão de guerra espiritual na qual o \**Diabo* é o inimigo por exce- lência (Mt 13,25.28.39; Lc 10,19). Como \**mes-* *sias* e \**Senhor,* Jesus vencerá todos os seus ini- migos (Sl 110,1; Mt 22,44). Contudo, essa oposi- ção e combate aos inimigos ficam limitados a Deus. O discípulo deve amar seus inimigos e orar por eles (Mt 5,43ss.; Lc 6,27.35).

**Inspiração**

Conforme a crença judaica compartilhada pe- los evangelhos, as \**Escrituras* foram inspiradas por Deus (Mt 1,22), que falou através de autores humanos. Por isso, Jesus afirma que não se pode negar o que as Escrituras contêm (Jo 10,35) e que nelas se encontra a vida eterna (Jo 5,39).

**Insulto**

Palavra ou gesto cuja finalidade é prejudicar a honra ou a dignidade de outrem. O insulto era considerado grave conduta pela \**Lei*, e Jesus o desqualificou ainda mais (Mt 5,22). Também tem conotação de insulto falar mal de pessoas imbuí- das de alguma autoridade, como os pais (Mt 15,4).

**Intercessão**

Por princípio, o judaísmo da época de Jesus refutava a existência de mediadores entre Deus e os homens. A crença posterior de alguns \**jasidim*, no sentido de que seu \**tzadik* pudesse chegar a desempenhar esse papel, é realmente vista com maus olhos pelo restante dos setores do judaísmo.

Os evangelhos fazem eco a essa visão da reli- gião de Israel; apenas destacam uma exceção con- creta: a que apresenta \**Jesus* como mediador en- tre Deus Pai e os homens (Jo 14,6). É possível que, para a aceitação dessa idéia, influiu bastante

**Irmãos de Jesus**

**/ 155**

a identificação de Jesus com a \**hipóstase* de Deus. As referências a uma mediação de \**Maria* ou dos santos estão ausentes nos evangelhos (a passa- gem de Jo 2,1ss. não pode, em absoluto, ser inter- pretada nesse sentido) e sua origem é encontrada em tradições históricas posteriores.

R. E. Brown, K. P. Donfried, J. A. Fitzmyer e J. Reumann, *María en el Nuevo Testamento*, Salamanca 1986; M. Warner, *Tú sola entre las mujeres*, Madri 1991; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, “La figura de María en la li- teratura apócrifa judeo-cristiana de los dos primeros siglos” em *Ephemerides Mariologicae*, 41, 1991, pp. 191-205; Idem, “María en la arqueología judeo-cristiana de los tres primeros siglos” em Ibidem, 41, 1991, pp. 353-364.

**Irmãos de Jesus**

Em sentido espiritual, Jesus reconhece como sua mãe e seus irmãos aqueles que fazem a von- tade de Deus (Mt 12,46-50). Tudo indica que esse tratamento já era muito comum entre os \**discí-* *pulos* antes da \**crucifixão* (Mt 5,47).

Questão diferente é saber se Jesus teve ou não irmãos carnais. Os evangelhos afirmam que Je- sus teve quatro irmãos chamados \**Tiago*, \**José*, \**Simão* e \**Judas* (Mt 13,55ss.; Mc 6,3), assim como pelo menos duas irmãs, cujos nomes os evangelhos não registram e que nos chegaram através de Hegésipo. Nenhum dos irmãos de Je- sus acreditou nele durante seu ministério (Jo 7,3- 10), mas após a \**ressurreição* integraram-se na comunidade judeu-cristã de Jerusalém. Existem indícios para crer que, pelo menos no caso de Tiago, foi a aparição de Jesus ressuscitado que o levou a uma ulterior \**conversão* (1Cor 15,7).

Sem dúvida, foi esse o mais importante irmão de Jesus na história posterior do cristianismo. Não apenas se converteu em um dos pilares do judeu- cristianismo hierosolimita (Gl 1,19), mas também porque sua intervenção foi decisiva para garantir a entrada dos \**gentios* no cristianismo sem que tivessem de submeter-se à \**circuncisão* ou à \**Lei* de \**Moisés* (At 15). No ano 62 d.C., foi executa- do pelas autoridades religiosas judias.

**156 /**

**Irmãos de Jesus**

A Judas atribui-se a autoria da epístola que leva seu nome e que consta do cânon do Novo Testamento. Seus filhos Zocer e Tiago viveram em \**Nazaré* (Hegésipo em HE 3,20). Praticamen- te nada se sabe de José, Simão e das irmãs.

Segundo Júlio Africano, ainda no séc. III exis- tiam familiares de Jesus (HE 1,7), que se dedica- vam ao cultivo da terra. Ao que parece, tratava-se de descendentes de Judas. A última dessas pes- soas de quem se tem notícia é de alguém chama- do Conón, que morreu martirizado por volta de 249 na Ásia Menor e, mais tarde, canonizado. Dele fazem referências uns afrescos da antiga si- nagoga judeu-cristã de Nazaré.

A determinação concreta do parentesco exis- tente entre os irmãos de Jesus e este vem provo- cando, historicamente, discussões e polêmicas, cuja base e ponto de partida são do ponto de vista da ciência histórica, teológica e dogmática, ao afetar diretamente o dogma católico e oriental da virgindade perpétua de Maria. Na defesa de dife- rentes teses, recorre-se, não poucas vezes, a bri- lhantes argumentos, ainda que P. Bonnard tenha ressaltado: “Desperdiçar-se-iam tantos tesouros de erudição para prová-lo, se o dogma posterior não o tivese exigido?”

O historiador judeu Flávio Josefo entendeu que eram irmãos carnais e, no mesmo sentido, tem sido compreendido o termo “*adelfós*” com o qual Tiago é designado por autores judeus posteriores (J. Klausner, H. Schonfield, D. Flusser, D. Stern etc.). Essa interpretação também se fez presente no cristianismo primitivo. De fato, alguns Padres da Igreja, como Hegésipo (cujo testemunho nos chegou através de Eusébio de Cesaréia, HE 3,20), Tertuliano (*De carne Christi VII*; *Adv. Marc. IV*, 19; *De monog. VIII*; *De virg. vel. VI)* e João Crisóstomo *(Homilia 44 sobre Mateus 1)* consi- deram Tiago e os demais como irmãos de Jesus e filhos de Maria.

Quanto aos textos bíblicos, geralmente os au- tores católicos — pretendendo, evidentemente, não se oporem à crença da virgindade perpétua

**Irmãos de Jesus**

**/ 157**

de Maria — ressaltam que a palavra “irmão” tem um sentido mais amplo no hebraico e no aramaico do que em português, e que assim deve ser enten- dida em relação a Tiago e aos demais irmãos e irmãs de Jesus a quem os evangelhos se referem (Mt 13,55; Mc 6,4). A essa explicação tem-se objetado o seguinte: Paulo, o autor dos Atos, Marcos e João, que escreveram em grego e para um público helênico, na maior parte, emprega- ram a palavra “*adelfós*” para referirem-se a Tiago e aos outros irmãos de Jesus, dando-lhe um sig- nificado diferente do usual nessa língua, e quan- do contavam com termos mais específicos para designarem “primos” (*Anepsios* em Cl 4,10) ou “parentes” (*Synguenes ou synguenys* em Mc 6,4; Lc 1,58; 2,44; 14,12; 21,16; Jo 18,26; At 10,24; Rm 9,3; 16,7.11.21). Certamente, a identificação de “irmão” com “parente” ou “primo” foi tão pou- co convincente para Jerônimo que, no séc. IV, interpretou os irmãos de Jesus — incluindo Tiago — como realmente seus irmãos, porém não nas- cidos de Maria e sim de um matrimônio anterior de José. Essa interpretação foi adotada posterior- mente por algumas Igrejas orientais e salvava a crença na virgindade perpétua de Maria. A tese de Jerônimo é bem tardia, mesmo que parta de algum apócrifo judeu-cristão anterior e na qual não obstante parece ter pesado mais o elemento apologético — livrar Jesus da acusação de ile- gitimidade — que o desejo de conservar uma tradição histórica. Certamente, por economia interpretativa, para o historiador que não está preocupado em defender um dogma previamente assumido, a solução mais natural é aceitar Tiago como irmão de Jesus e filho de Maria, embora as outras possibilidades — “irmão” = “parente” ou “irmão” = “filho anterior de José” — não sejam improváveis.

M. J. Lagrange, *Evangile selon Marc*, 1929, pp. 79-93; G. M. de la Garenne, *Le problème des Frères du* *Seigneur*, Paris 1928; M. Goguel, *Revue de l’histoire des religions*, 98, 1928, pp. 120-125; R. Brown, *El nacimiento del Mesías*, Madri 1982, pp. 527 e 531ss.; P. Bonnard, *El Evangelio*...; C. Vidal Manzanares, *Diccionario de las tres*...; Idem, *El* *Primer Evangelio*...; Idem, *El judeo-cristianismo*...; Idem “La

**158 /**

**Isabel**

figura de María en la literatura apócrifa judeo-cristiana de los dos primeros siglos”, em *Ephemerides Mariologicae*, vol. 41, Madri 1991, pp. 191-205; D. Flusser, *o. c*.; J. Klausner, *o. c.*

**Isabel**

Mulher da linhagem de Aarão, esposa de \**Zacarias* e mãe de \**João Batista*. Era parente de \**Maria*, a quem acolheu em sua casa durante a gestação de Jesus (Lc 1,5ss.).

**Israel**

Nome que Jacó recebeu após lutar com \**Deus* — como \**hipóstase* — em Jaboc (Gn 32,29). De- rivado da raiz *“sará”* (lutar, governar), contém o significado de vitória e pode ser traduzido como “aquele que lutou com Deus” ou “o adversário de Deus”. Mais tarde o nome se estenderia aos des- cendentes de Jacó (Êx 1,9) e, com a divisão do povo de Israel após a morte de Salomão, passou a designar a monarquia do Reino do Norte, forma- da pela totalidade das tribos exceto a de Judá e Levi, e destruída pela Assíria em 721 a.C. A pala- vra designa também o território que Deus prome- teu aos patriarcas e aos seus descendentes (Gn 13,14-17; 15,18; 17,18; 26,3-4; 28,13; 35,12; 48,3-4; 1Sm 13,19). Após a derrota de Bar Kojba em 135 d.C., os romanos passaram a chamar esse território de Palestina, com a intenção de ridicu- larizar os judeus, recordando-lhes os filisteus, desaparecidos há muito tempo. Pelos evangelhos, compreende-se que a \**Igreja*, formada por judeus e \**gentios* que creram em Jesus, é o Novo Israel.

Y. Kaufmann, *o. c*.; M. Noth, *Historia*...; J. Bright, *o. c*.; S. Hermann, *o. c*.; F. F. Bruce, *Israel y las naciones*, Madri 1979; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**Ituréia**

Território ao norte da Palestina, cujo povo era \**gentio*. Fazia parte da \**tetrarquia* de \**Filipe* (Lc 3,1).

**J**

**Jejum**

**/ 159**

**Jacó**

1. Patriarca, filho de Isaac (Gn 25,50; Mt 1,2; 8,11; 22,32). 2. Pai de \**José,* o esposo de \**Maria* e pai legal de Jesus.

**Jacó, Escada de**

Manifestação de anjos contemplada em so- nhos por Jacó quando fugia de seu irmão Esaú (Gn 28,12). Faz-se referência a ela em Jo 1,51, indicando que Jesus, como \**Filho do homem*, é o ponto de união entre \**Deus* e os seres hu- manos.

**Jacó, Poço de**

Local onde o quarto evangelho situa o encon- tro de Jesus com a \**samaritana* (Jo 4,5).

**Jairo**

Um dos chefes da \**sinagoga* de \**Cafar-* *naum*, cuja filha Jesus ressuscitou (Mc 5,22; Lc 8,41).

**Jejum**

Abstenção voluntária de alimentos por moti- vos espirituais. Jesus jejuou antes das tentações do \**diabo* (Mt 4,1-2; Lc 4,1ss.) e considerou im- prescindível essa prática em relação à expulsão de certa espécie de \**demônios* (Mt 17,21; Mc 9,29). Entretanto, manteve uma postura nada rigorosa em relação ao jejum dos \**fariseus* e dos discípulos de \**João Batista* (Mt 9,14ss.;

**160 /**

**Jericó**

Mc 2,18ss.) e censurou as atitudes \**hipócritas* que podiam acompanhar essa prática (Mt 6,16; Lc 18,9-14).

J. Bonnard, *o. c*.; J. Driver, *o. c*.; *ERE* V; L. Poittevin e E. Charpentier, *El Evangelio según Mateo*, Estella 121993.

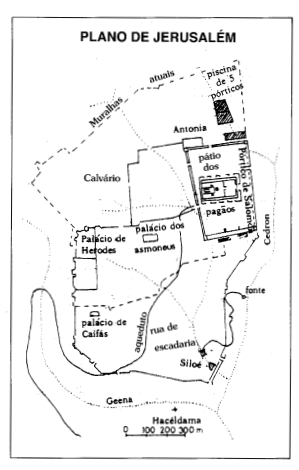
**Jericó**

Cidade reconstruída por \**Herodes*, o Grande, nas imediações da cidade cananéia do mesmo nome, na depressão do \**Jordão*. Estava situada nas proximidades de *Jerusalém*, com a qual se comunicava pelo deserto de Judá, por uma estra- da de uns 37 km e cujas condições a tornavam apropriada para a ação de ladrões. É essa circuns- tância que aparece refletida na \**parábola* do bom samaritano (Lc 10,30). Os evangelhos indicam essa cidade como testemunha de alguns \**mila-* *gres* de Jesus (Mt 20,29) e da \**conversão* de Zaqueu (Lc 19,1ss.).

E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c*.

**Jerusalém**

Tem-se interpretado o nome dessa cidade como “cidade da paz”. Na Bíblia, aparece pela primeira vez como Salém (Gn 14,18), com a qual costuma ser identificada. A cidade foi tomada pelos israelitas que conquistaram Canaã após a saída do Egito, mas não a mantiveram em seu poder. Pelo ano 1000 a.C., Davi tomou-a das mãos dos jebuseus, transformando-a em capital (2Sm 5,6ss.; 1Cr 11,4ss.), pois ocupava um lugar cen- tral na geografia do seu reino. Salomão construiu nela o primeiro Templo, convertendo-a em cen- tro religioso e local de peregrinação anual de to- dos os fiéis para as \**festas* da Páscoa, das Sema- nas e das Tendas. Em 587-586 a.C., houve o pri- meiro Jurban ou destruição do Templo pelas tro- pas de Nabucodonosor. Ao regressarem do exílio em 537 a.C., os judeus empreenderam a recons-

**Jerusalém/ 161**

trução do Templo sob o incentivo dos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias; mas a grande res- tauração do Templo só aconteceu, realmente, com \**Herodes* e seus sucessores, que o ampliaram e o engrandeceram. Deve-se a Herodes a construção das muralhas e dos palácios-fortalezas Antônia e do Palácio, a ampliação do \**Templo* com a nova esplanada, um teatro, um anfiteatro, um hipódro- mo e numerosas moradias. O fato de ser o centro da vida religiosa dos judeus levou os romanos a fixarem a residência dos governadores em \**Cesaréia*, dirigindo-se a Jerusalém somente por ocasião de reuniões populares como nas \**festas*. No ano 70 d.C., aconteceu o segundo Jurban ou destruição do Templo, desta vez pelas mãos das

**162 /**

**Jesus**

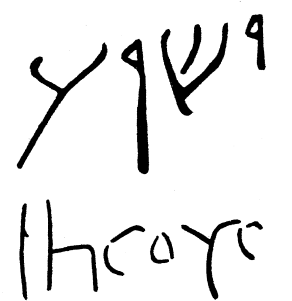
legiões romanas de Tito. Expulsos de Jerusalém após a rebelião de Bar Kojba (132-135 d.C.), os judeus do mundo inteiro jamais deixaram de es- perar o regresso à cidade, de forma que, em mea- dos do séc. XIX, a maioria da população hierosolimita era judia. Após a Guerra da Inde- pendência (1948-1949), a cidade foi proclamada capital do Estado de Israel, embora dividida em zonas árabe e judia até 1967.

Jesus visitou Jerusalém com freqüência. Lucas narra que, aos doze anos, Jesus se perdeu no Tem- plo (Lc 2,41ss.) e várias foram as visitas que ele realizou a essa cidade durante seu ministério pú- blico (Lc 13,34ss.; Jo 2,13). A rejeição dos habi- tantes à sua mensagem fez Jesus chorar por Jeru- salém, destinada à destruição junto com o Tem- plo (Lc 13,31-35). Longe de ser um “vaticinium ex eventu”, essa visão aparece em Q e deve ser anterior ao próprio Jesus. Em Jerusalém, Jesus foi preso e crucificado, depois de purificar o Tem- plo. O fato de esses episódios terem Jerusalém por cenário e de nela acontecerem algumas apa- rições do Ressuscitado e igualmente a experiên- cia do Espírito Santo em Pentecostes pesou mui- to na hora de os \**apóstolos* e a primeira comuni- dade judeu-cristã fixarem residência (At 1-11).

J. Jeremías, *Jerusalén en tiempos de Jesús*, Madri 1985; C. Vidal Manzanares, *El Judeo-cristianismo*...; Idem, *El* *Primer Evangelio*...; A. Edersheim, *Jerusalén*...; E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c.*

**Jesus**

1. Vida. Não podemos entender os evangelhos como biografia no sentido historiográfico contem- porâneo, mas eles se harmonizam — principal- mente no caso de Lucas — com os padrões historiográficos de sua época e devem ser consi- derados como fontes históricas. No conjunto, apresentam um retrato coerente de Jesus e nos proporcionam um número considerável de dados que permitem reconstruir historicamente seu ensinamento e sua vida pública.

**Jesus/ 163**

*O nome de Jesus em aramaico e grego,*   
*escrito nas tumbas de Jerusalém*

O nascimento de Jesus pode ser situado pou- co antes da morte de \**Herodes*, o Grande (4 a.C.) (Mt 2,1ss.). Jesus nasceu em Belém (alguns au- tores preferem apontar Nazaré como sua cidade natal) e os dados que os evangelhos oferecem em relação à sua ascendência davídica devem ser to- mados como certos (D. Flusser, F. F. Bruce, R. E. Brown, J. Jeremias, C. Vidal Manzanares etc.), ainda que seja de um ramo secundário. Boa pro- va dessa afirmação: quando o imperador romano Domiciano decidiu acabar com os descendentes do rei Davi, prendeu também alguns familiares de Jesus. Exilada sua família para o Egito (um dado mencionado também no Talmude e em ou- tras fontes judaicas), esta regressou à Palestina após a morte de Herodes, mas, temerosa de Arquelau, fixou residência em Nazaré, onde se manteria durante os anos seguintes (Mt 2,22-23). Exceto um breve relato em Lc 2,21ss., não exis- tem referências a Jesus até os seus trinta anos. Nessa época, foi batizado por \**João Batista* (Mt 3 e par.), que Lucas considera parente próximo

**164 /**

**Jesus**

de Jesus (Lc 1,39ss.). Durante seu Batismo, Je- sus teve uma experiência que confirmou sua autoconsciência de filiação divina e messianidade (J. Klausner, D. Flusser, J. Jeremias, J. H. Charlesworth, M. Hengel etc.). De fato, no qua- dro atual das investigações (1995), a tendência majoritária dos investigadores é aceitar que, efetivamernte, Jesus viu a si mesmo como Filho de Deus — num sentido especial e diferente do de qualquer outro ser — e messias. Sustentada por alguns neobultmanianos e outros autores, a tese de que Jesus não empregou títulos para refe- rir-se a si mesmo é — em termos meramente his- tóricos — absolutamente indefendível e carente de base como têm manifestado os estudos mais recentes (R. Leivestadt, J. H. Charlesworth, M. Hengel, D. Guthrie, F. F. Bruce, I. H. Marshall, J. Jeremias, C. Vidal Manzanares etc.). Quanto à sua percepção de messianidade, pelo menos a partir dos estudos de T. W. Manson, pouca dúvida exis- te de que esta foi compreendida, vivida e expres- sada por Jesus na qualidade de \**Servo* de Yahveh (Mt 3,16 e par.) e de \**Filho do homem* (no mes- mo sentido, F. F. Bruce, R. Leivestadt, M. Hengel, J. H. Charlesworth, J. Jeremias, I. H. Marshall, C. Vidal Manzanares etc.). É possível também que essa autoconsciência seja anterior ao batismo. Os sinóticos — e subentendido em João — fazem referência a um período de tentação diabólica que Jesus experimentou depois do batismo (Mt 4,1ss. e par.) e durante o qual se delineara plenamente seu perfil messiânico (J. Jeremias, D. Flusser, C. Vidal Manzanares, J. Driver etc.), rejeitando os padrões políticos (os reinos da terra), meramente sociais (as pedras convertidas em pão) ou espeta- culares (lançar-se do alto do \**Templo*) desse messianismo. Esse período de tentação cor- responde, sem dúvida, a uma experiência his- tórica — talvez relatada por Jesus a seus discípu- los — que se repetiria, vez ou outra, depois do início de seu ministério. Após esse episódio, ini- ciou-se a primeira etapa do ministério de Jesus, que transcorreu principalmente na Galiléia, com breves incursões por território pagão e pela

**Jesus**

**/ 165**

Samaria. O centro da pregação consistiu em cha- mar “as ovelhas perdidas de Israel”; contudo, Je- sus manteve contatos com pagãos e até mesmo chegou a afirmar não somente que a fé de um deles era a maior que encontrara em Israel, mas que também chegaria o dia em que muitos como ele se sentariam no Reino com os patriarcas (Mt 8,5- 13; Lc 7,1-10). Durante esse período, Jesus reali- zou uma série de \**milagres* (especialmente curas e expulsão de \**demônios*), confirmados pelas fon- tes hostis do Talmude. Mais uma vez, a tendência generalizada entre os historiadores atualmente é a de considerar que pelo menos alguns deles rela- tados nos evangelhos aconteceram de fato (J. Klausner, M. Smith, J. H. Charlesworth, C. Vidal Manzanares etc.) e, naturalmente, o tipo de nar- rativa que os descreve aponta a sua autencidade. Nessa mesma época, Jesus começou a pregar uma mensagem radical — muitas vezes expressa em \**parábolas* — que chocava com as interpretações de alguns setores do judaísmo, mas não com a sua essência (Mt 5-7). No geral, o período con- cluiu com um fracasso (Mt 11,20ss.). Os \**irmãos* de Jesus não creram nele (Jo 7,1-5) e, com sua mãe, pretendiam afastá-lo de sua missão (Mc 3,31ss. e par.). Pior ainda reagiram seus conterrâneos (Mt 13,55ss.) porque a sua prega- ção centrava-se na necessidade de \**conversão* ou mudança de vida em razão do \**Reino*, e Jesus pronunciava terríveis advertências às graves con- seqüências que viriam por recusarem a mensa- gem divina, negando-se terminantemente em tor- nar-se um messias político (Mt 11,20ss.; Jo 6,15). O ministério na Galiléia — durante o qual subiu várias vezes a Jerusalém para as \**festas* judaicas, narradas principalmente no evangelho de \**João* — foi seguido por um ministério de passagem pela Peréia (narrado quase que exclusivamente por Lucas) e a última descida a Jerusalém (segu- ramente em 30 d.C.; menos possível em 33 ou 36 d.C.), onde aconteceu sua entrada em meio do entusiasmo de bom número de peregrinos que lá estavam para celebrar a Páscoa e que relaciona- ram o episódio com a profecia messiânica de

**166 /**

**Jesus**

Zc 9,9ss. Pouco antes, Jesus vivera uma expe- riência — à qual convencionalmente se denomi- na Transfiguração — que lhe confirmou a idéia de descer a Jerusalém. Nos anos 30 do presente século, R. Bultmann pretendeu explicar esse acon- tecimento como uma projeção retroativa de uma experiência pós-pascal. O certo é que essa tese é inadmissível — hoje, poucos a sustentariam — e o mais lógico, é aceitar a historicidade do fato (D. Flusser, W. L. Liefeld, H. Baltensweiler, F. F. Bruce, C. Vidal Manzanares etc.) como um mo- mento relevante na determinação da autocons- ciência de Jesus. Neste, como em outros aspec- tos, as teses de R. Bultmann parecem confirmar as palavras de R. H. Charlesworth e outros auto- res, que o consideram um obstáculo na investiga- ção sobre o Jesus histórico.

Contra o que às vezes se afirma, é impossível questionar o fato de Jesus saber que morreria violentamente. Realmente, quase todos os histo- riadores hoje consideram que Jesus esperava que assim aconteceria e assim o comunicou a seus discípulos mais próximos (M. Hengel, J. Jeremias, R. H. Charlesworth, H. Schürmann, D. Guthrie, D. Flusser, F. F. Bruce, C. Vidal Manzanares etc). Sua consciência de ser o Servo do Senhor, do qual se fala em Is 53 (Mc 10,43-45), ou a menção ao seu iminente sepultamento (Mt 26,12) são ape- nas alguns dos argumentos que nos obrigam a chegar a essa conclusão.

Quando Jesus entrou em Jerusalém durante a última semana de sua vida, já sabia da oposição que lhe faria um amplo setor das autoridades reli- giosas judias, que consideravam sua morte uma saída aceitável e até desejável (Jo 11,47ss.), e que não viram, com agrado, a popularidade de Jesus entre os presentes à festa. Durante alguns dias, Jesus foi examinado por diversas pessoas, com a intenção de pegá-lo em falta ou talvez somente para assegurar seu destino final (Mt 22,15ss. e par.) Nessa época — e possivelmente já o fizesse antes —, Jesus pronunciou profecias relativas à destruição do Templo de Jerusalém, cumpridas

**Jesus**

**/ 167**

no ano 70 d.C. Durante a primeira metade deste século, alguns autores consideraram que Jesus jamais anunciara a destruição do Templo e que as mencionadas profecias não passavam de um “vaticinium ex eventu”. Hoje em dia, ao contrá- rio, existe um considerável número de pesquisa- dores que admite que essas profecias foram mes- mo pronunciadas por Jesus (D. Aune, C. Rowland, R. H. Charlesworth, M. Hengel, F. F. Bruce, D. Guthrie, I. H. Marshall, C. Vidal Manzanares etc.) e que o relato delas apresentado pelos sinóticos — como já destacou C. H. Dodd no seu tempo — não pressupõe, em absoluto, que o Templo já ti- vesse sido destruído. Além disso, a profecia da destruição do Templo contida na fonte \**Q*, sem dúvida anterior ao ano 70 d.C., obriga-nos tam- bém a pensar que as referidas profecias foram pronunciadas por Jesus. De fato, quando Jesus purificou o Templo à sua entrada em Jerusalém, já apontava simbolicamente a futura destruição do recinto (E. P. Sanders), como ressaltaria a seus discípulos em particular (Mt 24-25; Mc 13; Lc 21).

Na noite de sua prisão e no decorrer da ceia pascal, Jesus declarou inaugurada a \**Nova Alian-* *ça* (Jr 31,27ss.), que se fundamentava em sua morte sacrifical e expiatória na \**cruz.* Depois de concluir a celebração, consciente de sua prisão que se aproximava, Jesus dirigiu-se ao Getsêmani para orar com alguns de seus \**discípulos* mais íntimos. Aproveitando a noite e valendo-se da trai- ção de um dos \**apóstolos*, as autoridades do Tem- plo — em sua maior parte \**saduceus* — apodera- ram-se de Jesus, muito provavelmente com o au- xílio de forças romanas. O interrogatório, cheio de irregularidades, perante o Sinédrio pretendeu esclarecer e até mesmo impor a tese da existência de causas para condená-lo à morte (Mt 26,57ss. e par.). O julgamento foi afirmativo, baseado em testemunhas que asseguraram ter Jesus anuncia- do a destruição do Templo (o que tinha uma clara base real, embora com um enfoque diverso) e sobre o próprio testemunho do acusado, que se identificou como o messias — Filho do homem

**168 /**

**Jesus**

de Dn 7,13. O problema fundamental para exe- cutar Jesus consistia na impossibilidade de as au- toridades judias aplicarem a pena de morte. Quan- do o preso foi levado a Pilatos (Mt 27,11ss. e par.), este compreendeu tratar-se de uma questão me- ramente religiosa que não lhe dizia respeito e evi- tou, inicialmente, comprometer-se com o assun- to. Convencidos os acusadores de que somente uma acusação de caráter político poderia acarre- tar a desejada condenação à morte, afirmaram a Pilatos que Jesus era um agitador subversivo (Lc 23,1ss.). Mas Pilatos, ao averiguar que Jesus era galileu e valendo-se de um procedimento legal, remeteu a causa a Herodes (Lc 23,6ss.), livran- do-se momentaneamente de proferir a sentença. Sem dúvida alguma, o episódio do interrogatório de Jesus diante de \**Herodes* é histórico (D. Flusser, C. Vidal Manzanares, F. F. Bruce etc.) e parte de uma fonte muito primitiva. Ao que pare- ce, Herodes não achou Jesus politicamente peri- goso e, possivelmente, não desejando fazer um favor às autoridades do Templo, apoiando um ponto de vista contrário ao mantido até então por Pilatos, preferiu devolver Jesus a ele. O romano aplicou-lhe uma pena de flagelação (Lc 23,1ss.), provavelmente com a idéia de que seria punição suficiente (Sherwin-White), mas essa decisão em nada abrandou o desejo das autoridades judias de matar Jesus. Pilatos propôs-lhes, então, soltar Je- sus, amparando-se num costume, em virtude do qual se podia libertar um preso por ocasião da Páscoa. Todavia, uma multidão, presumivelmente reunida pelos acusadores de Jesus, pediu que se libertasse um delinqüente chamado Barrabás em lugar daquele (Lc 23,13ss. e par.). Ante a ameaça de que a questão pudesse chegar aos ouvidos do imperador e o temor de envolver-se em proble- mas com este, Pilatos optou finalmente por con- denar Jesus à morte na cruz. Este se encontrava tão extenuado que, para carregar o instrumento de suplício, precisou da ajuda de um estrangeiro (Lc 23,26ss. e par.), cujos filhos, mais tarde, se- riam cristãos (Mc 15,21; Rm 16,13). Crucificado junto a dois delinqüentes comuns, Jesus morreu

**Jesus**

**/ 169**

ao final de algumas horas. Então, seus discípulos fugiram — exceto o discípulo amado de Jo 19,25- 26 e algumas mulheres, entre as quais se encon- trava sua mãe — e um deles, \**Pedro*, até mesmo o negou em público várias vezes. Depositado no sepulcro de propriedade de \**José de Arimatéia*, um discípulo secreto que recolheu o corpo, va- lendo-se de um privilégio concedido pela lei ro- mana relativa aos condenados à morte, ninguém tornou a ver Jesus morto.

No terceiro dia, algumas mulheres que tinham ido levar perfumes para o cadáver encontraram o sepulcro vazio (Lc 24,1ss. e par.). Ao ouvirem que Jesus ressuscitara, a primeira reação dos dis- cípulos foi de incredulidade (Lc 24,11). Sem dú- vida, Pedro convenceu-se de que era real o que as mulheres afirmavam após visitar o sepulcro (Lc 24,12; Jo 20,1ss.). No decorrer de poucas horas, vários discípulos afirmaram ter visto Je- sus. Mas os que não compartilharam a experiên- cia, negaram-se a crer nela, até passarem por uma semelhante (Jo 20,24ss.). O fenômeno não se li- mitou aos seguidores de Jesus, mas transcendeu os limites do grupo. Assim Tiago, o irmão de Je- sus, que não aceitara antes suas afirmações, pas- sou então a crer nele, em conseqüência de uma dessas aparições (1Cor 15,7). Naquele momento, segundo o testemunho de Paulo, Jesus aparecera a mais de quinhentos discípulos de uma só vez, dos quais muitos ainda viviam vinte anos depois (1Cor 15,6). Longe de ser uma mera vivência sub- jetiva (R. Bultmann) ou uma invenção posterior da comunidade que não podia aceitar que tudo terminara (D. F. Strauss), as fontes apontam a realidade das aparições assim como a antigüida- de e veracidade da tradição relativa ao túmulo vazio (C. Rowland, J. P. Meier, C. Vidal Manza- nares etc.). Uma interpretação existencialista do fenômeno não pôde fazer justiça a ele, embora o historiador não possa elucidar se as aparições fo- ram objetivas ou subjetivas, por mais que esta última possibilidade seja altamente improvável (implicaria num estado de enfermidade mental em pessoas que, sabemos, eram equilibradas etc.).

**170 /**

**Jesus**

O que se pode afirmar com certeza é que as apa- rições foram decisivas na vida ulterior dos segui- dores de Jesus. De fato, aquelas experiências con- cretas provocaram uma mudança radical nos até então atemorizados discípulos que, apenas umas semanas depois, enfrentaram corajosamente as mesmas autoridades que maquinaram a morte de Jesus (At 4). As fontes narram que as aparições de Jesus se encerraram uns quarenta dias depois de sua ressurreição. Contudo, Paulo — um anti- go perseguidor dos cristãos — teve mais tarde a mesma experiência, cuja conseqüência foi a sua conversão à fé em Jesus (1Cor 15,7ss.) (M. Hengel, F. F. Bruce, C. Vidal Manzanares etc.). Sem dúvida, aquela experiência foi decisiva e essencial para a continuidade do grupo de discí- pulos, para seu crescimento posterior, para que eles demonstrassem ânimo até mesmo para en- frentar a morte por sua fé em Jesus e fortalecer sua confiança em que Jesus retornaria como \**mes-* *sias* vitorioso. Não foi a fé que originou a crença nas aparições — como se informa em algumas ocasiões —, mas a sua experiência que foi determinante para a confirmação da quebrantada fé de alguns (Pedro, Tomé etc.), e para a manifes- tação da mesma fé em outros até então incrédu- los (Tiago, o irmão de Jesus etc.) ou mesmo declaradamente inimigos (Paulo de Tarso).

2. Autoconsciência. Nas últimas décadas, tem- se dado enorme importância ao estudo sobre a autoconsciência de Jesus (que pensava Jesus de si mesmo?) e sobre o significado que viu em sua morte. O elemento fundamental da autocons- ciência de Jesus deve ter sido sua convicção de ser \**Filho de Deus* num sentido que não podia ser compartilhado com mais ninguém e que não coincidia com pontos de vista anteriores do tema (rei messiânico, homem justo etc.), embora pu- desse também englobá-los. Sua originalidade em chamar a Deus de \**Abba* (lit. papaizinho) (Mc 14,36) não encontra eco no judaísmo até a Idade Média e indica uma relação singular confirmada no \**batismo*, pelas mãos de João Batista, e na Transfiguração. Partindo daí, podemos entender

**Jesus**

**/ 171**

o que pensava Jesus de si mesmo. Exatamente por ser o Filho de Deus — e dar a esse título o conteúdo que ele proporcionava (Jo 5,18) — nas fontes talmúdicas, Jesus é acusado de fazer-se Deus. A partir de então, manifesta-se nele a cer- teza de ser o messias; não, porém, um qualquer, mas um messias que se expressava com as quali- dades teológicas próprias do \**Filho* do homem e do \**Servo* de YHVH. Como já temos assinalado, essa consciência de Jesus de ser o Filho de Deus é atualmente admitida pela maioria dos historia- dores (F. F. Bruce, D. Flusser, M. Hengel, J. H. Charlesworth, D. Guthrie, M. Smith, I. H. Marshall, C. Rowland, C. Vidal Manzanares etc.), ainda que se discuta o seu conteúdo delimitado. O mesmo se pode afirmar quanto à sua messianidade.

Como já temos mostrado, evidentemente Je- sus esperava sua morte. Que deu a ela um sentido plenamente expiatório, deduz-se das próprias afir- mações de Jesus acerca de sua missão (Mc 10,45), assim como do fato de identificar-se com o Servo de YHVH (Is 52,13-53,12), cuja missão é levar sobre si o peso do pecado dos desencaminhados e morrer em seu lugar de forma expiatória (M. Hengel, H. Schürmann, F. F. Bruce, T. W. Manson, D. Guthrie, C. Vidal Manzanares etc.). É bem possível que sua crença na própria ressurreição também partia do Cântico do Servo em Is 53 já que, como se conservou na Septuaginta e no rolo de Isaías encontrado em \**Qumrán*, do Servo es- perava-se que ressuscitasse depois de ser morto expiatoriamente. Quanto ao seu anúncio de retornar no final dos tempos como juiz da huma- nidade, longe de ser um recurso teológico articu- lado por seus seguidores para explicar o suposto fracasso do ministério de Jesus, conta com para- lelos na literatura judaica que se refere ao mes- sias que seria retirado por Deus e voltaria defini- tivamente para consumar sua missão (D. Flusser, C. Vidal Manzanares etc.).

3. Ensinamento. A partir desses dados segu- ros sobre a vida e a autoconsciência de Jesus, podemos reconstruir as linhas mestras fundamen-

**172 /**

**Jesus**

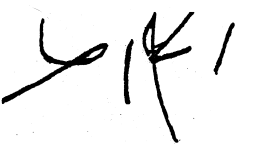
tais de seu ensinamento. Em primeiro lugar, sua mensagem centralizava-se na crença de que to- dos os seres humanos achavam-se em uma situa- ção de extravio ou perdição (Lc 15 e par. no Do- cumento Q). Precisamente por isso, Jesus chama- va ao \**arrependimento* ou à \**conversão*, porque com ele o Reino chegava (Mc 1,14-15). Essa con- versão implicava uma transformação espiritual radical, cujos sinais característicos estão coletados tanto nos ensinamentos de Jesus como os conti- dos no *Sermão da Montanha* (Mt 5-7), e teria como marco a \**Nova Aliança* profetizada por Jeremias e inaugurada com a morte expiatória do messias (Mc 14,12ss. e par.). Deus vinha, em Je- sus, buscar os perdidos (Lc 15), e este dava sua vida inocente como resgate por eles (Mc 10,45), cumprindo assim sua missão como \**Servo* de YHVH. Todos podiam agora — independente de seu presente ou de seu passado — acolher-se no seu chamado. Isto supunha reconhecer que todos eram pecadores e que ninguém podia apresentar- se como justo diante de Deus (Mt 16,23,35; Lc 18,9-14 etc.). Abria-se então um período da his- tória — de duração indeterminada — durante o qual os povos seriam convidados a aceitar a men- sagem da Boa Nova do Reino, enquanto o diabo se ocuparia de semear a cizânia (Mt 13,1-30.36- 43 e par.) para sufocar a pregação do evangelho. Durante essa fase e apesar de todas as artimanhas demoníacas, o Reino cresceria a partir de seu in- significante início (Mt 13,31-33 e par.) e conclui- ria com o regresso do messias e o juízo final. Di- ante da mensagem de Jesus, a única atitude lógi- ca consistiria em aceitar o Reino (Mt 13,44-46; 8,18-22), apesar das muitas renúncias que isso significasse. Não haveria possibilidade inter- mediária — “Quem não estiver comigo estará contra mim” (Mt 12,30ss. e par.) — e o destino dos que o rejeitaram, o final dos que não ma- nisfestaram sua fé em Jesus não seria outro se- não o castigo eterno, lançados às trevas exte- riores, em meio de choro e ranger de dentes, independentemente de sua filiação religiosa (Mt 8,11-12 e par.).

**Jesus**

**/ 173**

À luz dos dados históricos de que dispomos — e que não se limitam às fontes cristãs, mas que incluem outras claramente hostis a Jesus e ao movimento que dele proveio —, pode-se obser- var o absolutamente insustentável de muitas das versões populares que sobre Jesus têm circulado. Nem a que o converte em um revolucionário ou em um dirigente político, nem a que faz dele um mestre de moral filantrópica, que chamava ao amor universal e que olhava todas as pessoas com benevolência (já não citamos aqueles que fazem de Jesus um guru oriental ou um extraterrestre) contam com qualquer base histórica. Jesus afir- mou que tinha a Deus por Pai num sentido que nenhum ser humano poderia atrever-se a imitar, que era o de messias — entendido como Filho do homem e Servo do Senhor; que morreria para expiar os pecados humanos; e que, diante dessa demonstração do amor de Deus, somente caberia a cada um aceitar Jesus e converter-se ou rejeitá- lo e caminhar para a ruína eterna. Esse radicalis- mo sobre o destino final e eterno da humanidade exigia — e continua exigindo — uma resposta clara, definida e radical; serve também para dar- nos uma idéia das reações que esse radicalismo provocava (e ainda provoca) e das razões, muitas vezes inconscientes, que movem as pessoas a castrá-lo, com a intenção de obterem um resulta- do que não provoque tanto nem se dirija tão ao fundo da condição humana. A isso acrescentamos que a autoconsciência de Jesus é tão extraordiná- ria em relação a outros personagens históricos que — como acertadamente ressaltou o escritor e pro- fessor britânico C. S. Lewis — dele só resta pen- sar que era um louco, um farsante ou, exatamen- te, quem dizia ser.

R. Dunkerley, *o. c*.; D. Flusser, *o. c*.; J. Klausner, *o.c*.; A. Edersheim, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianis-* *mo*...; Idem, *El Primer Evangelio*: o Documento Q, Barce- lona 1993; Idem, *Diccionario de las tres*...; A. Kac (ed), *The* *Messiahship of Jesus*, Grand Rapids, 1986; J. Jeremias, *Abba*, Salamanca 1983; Idem *Teología*...; O. Cullmann, *Christology*...; F. F. Bruce, *New Testament*...; Idem, *Jesus* *and Christian Origins* *Outside the New Testament*, Londres 1974; A. J. Toynbee, *o. c*.; M. Hengel, *The Charismatic* *Leader and His* *Followers*, Edimburgo 1981.

**174 /**

**Jesus nas fontes não-cristãs**

**Jesus nas fontes não-cristãs**

1. *As fontes rabínicas*. Esse conjunto de fon- tes é especialmente negativo em relação a Jesus. No geral, nem mesmo indiretamente, confirmam bom número dos dados fornecidos acerca dele pelos autores cristãos. No Talmude, afirma-se que realizou milagres — embora frutos de feitiçaria — (Sanh. 107; Sota 47b; J. Hag. II, 2); que sedu- ziu Israel (Sanh. 43a) e que por isso foi executa- do pelas autoridades judias que o “penduraram” na véspera da Páscoa (Sanh. 43a). Afirma tam- bém que Jesus proclamou-se Deus e anunciou que voltaria pela segunda vez (Yalkut Shimeoni 725). Por sua condição de falso mestre (é acusado, por exemplo, de relativizar o valor da \**Lei)*, que o fizera merecedor da pena máxima, certa passa- gem do Talmude chega até a representar Jesus no outro mundo, condenado a estar entre ex- crementos em ebulição (Guit. 56b-57a). Toda- via, esse juízo denegrido não é unânime e assim, por exemplo, citam-se com apreço alguns dos ensinamentos de Jesus (Av. Zar. 16b-17a; T. Julin II, 24) . O *Taledot Ieshu*, uma obra judia anticristã, cuja datação mais provável seja medieval, embo- ra possa ser de origem anterior, insiste em todos esses aspectos denegridos da pessoa de Jesus, não negando os traços essenciais apresentados pelos evangelhos, mas interpretando-os sob uma luz diferente. Essa visão foi comum ao judaísmo até o séc. XIX e, nas últimas décadas, vem-se assis- tindo, junto a uma manutenção da opinião tradi- cional, a uma reinterpretação de Jesus como filho

*Nome hebraico de “Jesus”, encontrado num* *ossário do cemitério do Monte das Oliveiras*

**Jesus nas fontes não-cristãs**

**/ 175**

legítimo do judaísmo, ainda que negando sua messianidade (J. Klausner), sua divindade (H. Schonfield) ou moderando os aspectos mais difí- ceis de serem conciliados com o judaísmo clássi- co (D. Flusser). Da mesma forma, os nossos tem- pos têm testemunhado o surgimento de inúmeros movimentos que, compostos por judeus, optam por reconhecer Jesus como messias e Deus sem por isso renunciar às práticas habituais do judaís- mo (*Jews for* *Jesus, Messianic Jews etc.*).

2. *Flávio Josefo*. Nascido em Jerusalém no primeiro ano do reinado de Calígula (37-38 d.C.) e pertencente a uma distinta família sacerdotal, cujos antepassados — segundo a informação que Josefo nos fornece — remontavam ao período de João Hircano, esse historiador foi protagonista de destaque da revolta judia contra Roma, iniciada no ano 66 d.C. Entre outras obras, foi autor de *Guerra dos judeus* e *Antigüidades dos judeus*. Ne- las encontramos duas referências relacionadas a Jesus: a primeira encontra-se em Ant., XVIII 63, 64 e, a segunda, em XX, 200-3. Na versão grega, seu texto é como segue:

“Viveu por essa época Jesus, um homem sábio, se é que   
pode ser chamado homem. Porque foi autor de feitos portento- sos, mestre de homens que aceitam com prazer a verdade. Atraiu muitos judeus e muitos de origem grega. Era o messias. Quan- do Pilatos, após ouvir a acusação que contra ele formularam os principais dentre nós, condenou-o a ser crucificado, aque- les que a princípio o amaram, não desejaram fazê-lo. Porque, ao terceiro dia, manifestou-se a eles vivo novamente, havendo profetizado os divinos profetas estas e outras maravilhas acer- ca dele. E até o dia de hoje a tribo dos cristãos não desapare- ceu” (Ant. XVIII, 63-64).

“O jovem Anã... pertencia à escola dos saduceus que são,   
como já tenho explicado, certamente os mais desprovidos de piedade entre os judeus na hora de aplicar justiça. Possuído de um caráter assim, Ananias considerou que tinha uma oportu- nidade favorável porque Festo estava morto e Albino encon- trava-se ainda a caminho. De maneira que convenceu os juízes do Sinédrio e conduziu perante eles um chamado Tiago, irmão de Jesus, o chamado messias, e a alguns outros. Acusou-os de haver transgredido a Lei e ordenou que fossem apedrejados. Os habitantes da cidade que eram considerados de maior mo- deração e que eram rígidos na observância da Lei se ofende- ram por aquilo. Portanto enviaram uma mensagem secreta ao rei Agripa, dado que Anã não se havia comportado correta-

**176 /**

**Jesus nas fontes não-cristãs**

mente em sua primeira atuação, instando para que lhe orde-   
nasse desistir de semelhantes ações ulteriores. Alguns deles   
então foram ver com Albino, que vinha de Alexandria, e lhe   
informaram que Anã não tinha autoridade para convocar o   
Sinédrio sem seu consentimento. Convencido por essas pala-   
vras, Albino, cheio de ira, escreveu a Anã ameaçando-o vin-   
gar-se dele. O rei Agripa, por causa da ação de Anã, o depôs do   
Sumo Sacerdócio que havia ostentado durante três meses e o   
substituiu por Jesus, o filho de Damneo.”

Nenhuma das duas passagens de *Anti-* *güedades*, relativas ao objeto de nosso estudo, é aceita geralmente como autêntica, embora seja muito comum aceitar a autenticidade do segundo texto e rejeitar a do primeiro, no todo ou em par- te. O fato de Josefo falar em Ant XX de Tiago como *“irmão de Jesus chamado messias”* — uma referência tão fraca e neutra que não podia ter surgido de um interpolador cristão — faz pensar que anteriormente fizera referência a Jesus. Essa referência anterior a respeito de Jesus seria a de Ant XVIII 3, 3. A autenticidade dessa passagem não foi praticamente questionada até o séc. XIX, já que todos os manuscritos que nos chegaram a contêm. Tanto a limitação de Jesus a uma sim- ples condição humana como a ausência de outros apelativos tornam praticamente impossível que sua origem seja a de um interpolador cristão. Além disso, a expressão tem paralelos no próprio Josefo (Ant XVIII 2,7; X 11,2). Certamente também é autêntico o relato da morte de Jesus, no qual se menciona a responsabilidade dos \**saduceus* por ela e se descarrega a culpa sobre \**Pilatos*, o que nenhum evangelista (não digamos cristãos poste- riores) estaria disposto a afirmar de maneira tão categórica, mas que seria lógico em um fariseu e, principalmente, se não simpatizava com os cris- tãos e se sentia inclinado a apresentá-los sob uma luz desfavorável perante um público romano.

Outros aspectos do texto apontam também uma procedência de Josefo: a referência aos saduceus como “os primeiros entre nós”, a des- crição dos cristãos como “tribo” (algo não neces- sariamente pejorativo) (Comp. com Guerra III, 8,3; VII, 8,6) etc. É, portanto, bem possível que

**Jesus nas fontes não-cristãs**

**/ 177**

Josefo incluíra nas *Antigüedades* uma referência a Jesus como um “homem sábio”, cuja morte, instigada pelos saduceus, foi executada por Pilatos e cujos seguidores ainda existiam até a data em que Josefo escrevia. Mais duvidosa é a clara afir- mação de que Jesus “era o messias” (Cristo); as palavras “se é que pode chamar-se homem”; a referência como “mestre de pessoas que aceitam a verdade com prazer” possivelmente seja tam- bém autêntica em sua origem, embora nela pu- desse haver escapado um erro textual, quando o copista confundiu (intencionalmente ou não) a palavra TAAEZE com TALEZE; e a menção à ressurreição de Jesus. Em resumo, podemos res- saltar que o relato de Jesus que Josefo original- mente delineou pode ser muito semelhante ao que apresentamos a seguir: Jesus era um homem sá- bio, que atraiu muitas pessoas que o acompanha- vam, guiadas, muitas vezes, mais pelo gosto da novidade (ou pelo extraordinário) do que por uma disposição profunda para a verdade. Dizia-se o messias e, talvez por isso, os membros da classe sacerdotal decidiram acabar com ele e, com essa intenção, entregaram-no a Pilatos, que o crucifi- cou. Apesar de tudo, seus seguidores, chamados cristãos, por causa das pretensões messiânicas de seu mestre, DISSERAM que ele lhes aparecera. No ano 62, um irmão de Jesus, chamado Tiago, foi executado por Ananias; na ocasião, a morte não contou com o apoio dos ocupantes, mas ocor- reu porque os judeus aproveitaram-se de um va- zio de poder romano na região. Nem mesmo essa morte conseguiu acabar com o movimento.

Além dos textos mencionados, temos de fazer referência à existência do Josefo eslavo e da sua versão árabe. Esta última, recolhida por certo Agapio no séc. X, coincide em boa parte com a leitura que fizemos de Josefo nas páginas ante- riores; sua autenticidade, porém, é problemática. Sua tradução para o português é esta:

“Nesse tempo existiu um homem sábio de nome Jesus. Sua   
conduta era boa e era considerado virtuoso. Muitos judeus e pessoas de outras nações converteram-se em discípulos seus. Os que haviam se convertido em seus discípulos não o abando-

**178 /**

**Jesus nas fontes não-cristãs**

naram. Relataram que ele lhes aparecereu três dias depois de   
sua crucifixão e que estava vivo; de acordo com isso, foi talvez   
o messias do qual os profetas haviam contado maravilhas”.

Quanto à versão eslava, trata-se de um con- junto de interpolações não apenas relativas a Je- sus, mas também aos primeiros cristãos.

W. E. Barnes, *The Testimony of Josephus to Jesus Christ*, 1920 (a favor da autenticidade das referências flavianas so- bre Jesus); C. G. Bretschneider, *Capita theologiae Iudaeorum* *dogmaticae e Flauii Iosephi scriptis collecta*, 1812, pp. 59- 66 (a favor); B. Brüne, “Zeugnis des Josephus über Christus” em *Tsh St Kr*, 92, 1919, pp. 139-147 (a favor, mas um autor cristão eliminou parte do conteúdo do texto); F. F. Bruce, ¿*Son fidedignos los* *documentos del Nuevo Testamento*?, Miami 1972, pp. 99ss. (a favor, mas sustentando que um copista cristão eliminou parte do conteúdo original); F. C. Burkitt, “Josephus and Christ” em *Th T*, 47, 1913, pp. 135- 144 (a favor); A. von Harnack, *Der jüdische* *Geschichtsschreiber Josephus und Jesus Christus*, 1913, cols. 1037-1068 (a favor); R. Laqueur, *Der Jüdische Historiker* *Josephus,* Giessen, 1920, pp. 274-278 (o testemunho flaviano procede do próprio Josefo, mas em uma edição posterior das Antigüedades); L. Van Liempt, “De testimonio flaviano” em *Mnemosyne,* 55, 1927, pp. 109-116 (a favor); R. H. J. Shutt, *Studies* *in Josephus*, 1961, pp. 121; C. K. Barret, *The* *New Testament Background*, Nova York 1989, pp. 275ss. (o texto aparece em todos os manuscritos das *Antigüedades*, embora apresente omissões realizadas por copistas cristãos. Originalmente, assemelhar-se-ia às referências josefianas sobre João Batista); S. G. F. Brandon, *Jesus and the Zealots*, Manchester 1967, pp. 121,359-368 (a favor da autenticida- de, mas com interpolações); Idem, *The Trial of Jesus of* *Nazareth*, Londres 1968, pp. 52-55; 151-152; L. H. Feldman, *Josephus,* *IX,* Cambridge e Londres 1965, pp. 49 (autêntico, porém interpolado); R. Götz, “Die urprüngliche Fassung der Stelle Josephus Antiquit, XVIII 3,3 und ihr Verhältnis zu Tácitus Annal. XV, 44” em *ZNW,* 1913, pp. 286-297 (o texto tem somente algumas partes autênticas que, além disso, são mínimas e, em seu conjunto, foi reelaborado profundamen- te por um copista cristão); J. Klausner, *Jesús de Nazaret*, Buenos Aires, 1971, pp. 53ss. (não há base para supor que toda a passagem é espúria, mas já estava interpolado na épo- ca de Eusébio de Cesaréa); T. W. Manson, *Studies in the* *Gospel and Epistles,* *Manchester*, 1962, pp. 18-19; H. St. J. Thackeray, *o. c*., p. 148 (a passagem procede de Josefo ou de um secretário, porém o censor ou copista cristão realizou nele pequenas omissões ou alterações que mudaram seu sentido); G. Vermés, *Jesús el judio*, Barcelona 1977, pp. 85 (é improvável a interpolação por um autor cristão poste- rior); P. Winter, *On the trial of Jesus,* Berlim 1961, pp. 27,

**Jesus nas fontes não-cristãs**

**/ 179**

165, n. 25 (sustenta a tese da interpolação); E. Schürer, “Josephus” em *Realenzyclopädie* *für die protestantische* *Theologie* *und Kirche*, IX, 1901, pp. 377-386 (é falso); W. Bauer, *New Testament Apocrypha*, I, 1963, pp. 436-437 (é falso); H. Conzelmann, “Jesus Christus” em *RGG,* III, 1959, cols. 619-653 e 662 (pretende, o que é muito discutível, que a passagem reflita o querigma de Lucas); F. Hahn. W. Lohff e G. Bornkamm, *Die Frage nach dem historischen* *Jesus*, 1966, pp. 17-40 (é falso); E. Meyer, *Ursprung und Anfäge* *des Christentums*, I, Sttutgart-Berlim 1921, pp. 206-211 (é falso).

3. *As fontes clássicas.* São muito limitadas to- das as referências a Jesus nas fontes clássicas.

A) *Tácito. —* Nascido por volta de 56-57 d. C., desempenhou os cargos de pretor (88 d.C.) e cônsul (97 d.C.), falecendo, provavelmente, du- rante o reinado de Adriano (117-138 d.C.). Nos Anais XV, 44, escritos por volta de 115-117, apa- rece uma menção explícita do cristianismo. O tex- to ressalta que os cristãos eram originários da Judéia, que seu fundador tinha sido um tal Cristo (é mais difícil saber se Tácito considerou a men- cionada palavra como título ou como nome pró- prio), executado por Pilatos e que, durante o rei- nado de Nero, seus seguidores já estavam estabe- lecidos em Roma, onde não eram exatamente populares.

B) *Suetônio*. — Jovem durante o reinado de Domiciano (81-96 d.C.), exerceu a função de tribuno durante o de Trajano (98-117 d.C.) e se- cretário *ab epistulis* no de Adriano (117-138), cargo que perdeu por sua má conduta. Em sua *Vida dos Doze Césares* (Cláudio XXV), men- ciona um decreto do imperador Cláudio para ex- pulsar de Roma uns judeus que causavam tumul- tos por causa de um tal “Cresto”. A passagem parece concordar com o relatado em At 18,2 e podia referir-se a uma expulsão que, segundo Orósio (VII, 6, 15), teve lugar no nono ano do reinado de Cláudio (49 d.C.). De qualquer forma, não pode ser posterior ao ano 52. É objeto de con- trovérsia se *Chrestus* é grafia semelhante a *Christus.* Esse sentido é defendido por Schürer, junto com outros autores. Graetz, ao contrário, sustenta que *Chrestus* não era Cristo, mas um

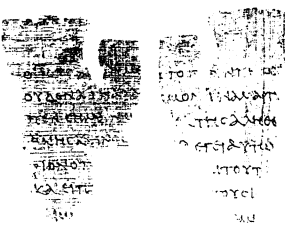
**180 /**

**Jesus nas fontes não-cristãs**

mestre cristão contemporâneo ao alexandrino Apolo, que é mencionado em 1Cor 1,12, deven- do-se ler “*Jréstu*” em vez de “*Jristu*”. É um tanto inverossímil a idéia de Cresto ter sido um mes- sias judeu que chegara a Roma para semear uma revolta.

C) *Plínio, o Jovem* (61-114 d.C.). Governador da Bitínia sob o governo de Trajano, menciona no décimo livro de suas cartas os cristãos (X, 96, 97). Por suas referências, sabemos que Cristo era considerado Deus e que a ele se dirigiam com hinos e orações. Apesar dos maus-tratos recebi- dos em determinadas ocasiões pelas autoridades romanas, eram pessoas pacíficas e não deixaram de contar com abandonos em suas fileiras.

3. *O Islamismo*. A fé islâmica tem Jesus em grande consideração. O Corão menciona-o em vinte e cinco ocasiões com o nome de Isa. Dele se diz que é o messias (al-Masiaj) — limitando, porém, essa messianidade aos judeus — o filho de Maria, servo, profeta, mensageiro, palavra, es- pírito, testemunha, justo, bendito, eminente, aque- le que está próximo, superior a todos, exceto Maomé. Na formação dessa visão, intervieram fontes bíblicas (possivelmente conhecidas de maneira indireta) e apócrifas. Assim, fala da anunciação (3,37ss.; 19,16ss.), da concepção vir- ginal (19,22ss.) e de diversos milagres de Jesus (3,43; 5,109ss.). Nega que Jesus seja Deus e até mesmo confessa que nem ele nem sua mãe são Deus (5,76; 5,116ss.), o que evidencia a confu- são de Maomé em relação à doutrina da \**Trinda-* *de*. Insiste também que Jesus anunciou a chegada de Maomé (61,6). A princípio, parece que o Corão ensinou que Jesus — como consta nos evange- lhos — morreu e ressuscitou (19,34) e que essa morte e ressurreição estavam no propósito de Deus (3,48). Uma sura posterior, correspondente ao período medinense, mostra uma mudança no ensinamento de Maomé — talvez por influência gnóstica — ao indicar que Jesus não morreu e que outro foi executado em seu lugar (4,156ss.) e que popularmente foi identificado, em certa oca-

**João, Evangelho de**

**/ 181**

sião, com \**Judas*. A tradição ensina que, em sua segunda vinda, Jesus será o justo juiz que que- brará as cruzes (como símbolo da idolatria), ma- tará os porcos e abolirá a jizya. Aparecerá no minarete branco, a leste de Damasco e matará o anticristo ou monstro de um só olho (*al-dajjal*) na porta de Ludd. Conforme outra tradição, ca- sar-se-á, terá filhos e morrerá depois de viver quarenta e cinco anos na terra. Será sepultado no túmulo de Maomé e ressuscitará entre Abu Bakr e Omar. Na literatura islâmica posterior, Jesus vai- se assemelhando a um asceta rigoroso, o que, na verdade, contradiz as notícias evangélicas.

R. Dunkerlye, *o. c*.; M. Asín e Palacios, “Logia et Agrapha Domini Jesu apud Moslemicos Scriptores, asceticos praesertim, usitata” em *Patrologia Orientalis*, XIII e XIX; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**João, Evangelho de**

1. *Autoria e datação*. O primeiro que rela- cionou o Quarto Evangelho a João, o filho de Zebedeu, parece ter sido Irineu (*Adv. Haer*, 3,1,1), citado por Eusébio (HE 5,8,4), o qual menciona Policarpo como fonte de sua opinião. Sem dúvi- da, o testamento reveste-se de certa importância, mas não deixa de apresentar inconvenientes. As-

*Um dos primeiros fragmentos do evangelho*   
*de João, por volta do ano 100 d.C.*

**182 /**

**João, Evangelho de**

sim, é estranho que outra literatura relacionada com Éfeso (a *Epístola de Inácio aos Efésios*, por exemplo) omita a suposta relação entre o apósto- lo João e esta cidade. Também é possível que Irineu tenha-se confundido quanto à notícia que recebeu de Policarpo, já que destaca que Papias foi ouvinte de João e companheiro de Policarpo (*Adv.* *Haer*, 5,33,4). No entanto, conforme o tes- temunho de Eusébio (HE 3,93,33), Papias foi, na realidade, ouvinte de João, o presbítero — que ainda vivia nos tempos de Papias (HE 3.39.4) — e não do apóstolo. Fica, pois, a possibilidade de que esse João foi o mesmo ao qual Policarpo se referiu.

Outras referências a uma autoria de João, o apóstolo, em fontes cristãs são muito tardias ou lendárias para serem questionadas, seja o caso de Clemente de Alexandria, transmitido por Eusébio (HE 6,14,17) ou o do Cânon de Muratori (c. 180- 200). É certo que a tradição existia em meados do séc. II, mas não parece de todo concludente.

Quanto à evidência interna, o evangelho reú- ne referências que podemos dividir nas relativas à redação e nas relacionadas com o discípulo ama- do (13,23; 19,26-27; 20,1-10 e 21,7 e 20-4; pos- sivelmente 18,15-16; 19,34-37 e talvez 1,35-36). As notícias recolhidas em 21,20 e 21,24 pode- riam identificar o redator inicial com o discípulo amado ou talvez com a fonte principal das tradi- ções recolhidas nele, porém, uma vez mais, fica obscuro se esta é uma referência a João, o após- tolo. Em nenhum momento o evangelho distin- gue o discípulo amado por nome nem tampouco o apóstolo João. E se na Última Ceia só estive- ram presentes os Doze, obviamente o discípulo amado teria de ser um deles; tal dado, contudo, ainda não é seguro. Apesar de tudo, não se pode negar, de maneira dogmática, a possibilidade de o discípulo amado ser João, o apóstolo, e até mes- mo existem alguns argumentos que favorecem essa possibilidade. Pode-se resumi-los da seguinte maneira:

1. A descrição do ministério galileu tem uma enorme importância em João, a ponto de a pró-

**João, Evangelho de**

**/ 183**

pria palavra “Galiléia” aparecer mais vezes neste evangelho do que nos outros (ver especialmente: 7,1-9).

2. Cafarnaum recebe uma ênfase muito espe- cial (2,12; 4,12; 6,15), em contraste com o que os outros evangelhos designam o lugar de origem de Jesus (Mt 13,54; Lc 4,16). A própria sinagoga de Cafarnaum é mencionada mais vezes neste do que nos outros evangelhos.

3. O evangelho de João refere-se também ao ministério de Jesus na Samaria (c.4), o que é na- tural, levando-se em conta a relação de João, o de Zebedeu, com a evangelização judeu-cristã da Samaria (At 8,14-17).

4. João fazia parte do grupo de três (Pedro, Tiago e João) mais íntimo de Jesus. É, pois, um tanto estranho que um discípulo tão próximo a Jesus, como o discípulo amado — e não se tra- tando de João —, não apareça sequer menciona- do em outras fontes.

5. As descrições da Jerusalém anterior ao ano 70 d.C. encaixam-se com o que sabemos da per- manência de João nessa cidade, depois de Pente- costes. De fato, os dados fornecidos por At 1,13; 8,25 e por Paulo (Gl 2,1-10) indicam que João estava na cidade antes do ano 50 d.C.

6. João é um dos dirigentes judeu-cristãos que teve contato com a diáspora, assim como Pedro e Tiago (Tg 1,1; 1Pd 1,1; Jo 7,35 1Cor 9,5), o que se enquadraria com algumas das notícias conti- das em fontes cristãs posteriores e em relação ao autor do Quarto Evangelho.

7. O evangelho de João procede de uma teste- munha que se apresenta como ocular.

8. O vocabulário e o estilo do Quarto Evange- lho destacam uma pessoa cuja primeira língua era o aramaico e que escrevia em grego correto, po- rém cheio de aramaísmo.

9. O pano de fundo social de João, o de Zebedeu, encaixa-se perfeitamente com o que se esperaria de um “conhecido do Sumo Sacerdote” (Jo 18,15). De fato, a mãe de João era uma das

**184 /**

**João, Evangelho de**

mulheres que serviam Jesus “com seus bens” (Lc 8,3), como a mulher de Cuza, administrador das finanças de Herodes. Igualmente sabemos que contava com assalariados a seu cargo (Mc 1,20). Talvez alguns membros da aristocracia sacerdo- tal o vissem com menosprezo por ser um leigo (At 4,13), mas o personagem estava longe de ser medíocre, a julgar pela maneira tão rápida pela qual se tornou um dos primeiros dirigentes da comunidade hierosolimita, logo depois de Pedro (Gl 2,9; At 1,13; 3,1; 8,14 etc.).

Não sendo, pois, João, o de Zebedeu, o autor do evangelho (e pensamos que a evidência a fa- vor dessa possibilidade não é pequena), teríamos de ligá-lo com algum discípulo mais próximo a Jesus (como os mencionados em At 1,21ss., por exemplo) e que contava com uma considerável importância dentro das comunidades judeu-cris- tãs da Palestina.

Em relação à datação do quarto evangelho, não se duvida porque o consenso tem sido quase unâ- nime nas últimas décadas. Geralmente, os críti- cos conservadores datavam a obra em torno do final do séc. I ou início do séc. II, enquanto os radicais — como Baur — situavam-na por volta de 170 d.C. Um dos argumentos utilizados como justificativa dessa postura era ler em Jo 5,43 uma referência à rebelião de Bar Kojba. O fator determinante para refutar essa datação tão tardia foi o descobrimento, no Egito, do p 52, perten- cente à última década do século I ou à primeira do século II, onde está escrito um fragmento de João. Isso situa a data da relação, no máximo, em torno de 90-100 d.C. Contudo, existem, em juízo de vários estudiosos, razões consideráveis para datar o evangelho em um período anterior. No ponto de partida dessa revisão da data, devem estar os estudos de C. H. Dodd sobre este evangelho. Este autor seguiu a corrente que data a obra entre 90 e 100, atribuindo-a a um autor estabelecido em Éfeso; reconheceu, sem dúvida, que o con- texto do evangelho se refere a condições “pre- sentes na Judéia antes do ano 70 d.C., e não mais

**João, Evangelho de**

**/ 185**

tarde nem em outro lugar”. De fato, a obra é des- crita como “dificilmente inteligível” fora de um contexto puramente judeu anterior à destruição do Templo e até mesmo à rebelião de 66 d.C. Apesar dessas conclusões, C. H. Dodd sustentou a opinião em voga, alegando que Jo 4,53 era uma referência à missão pagã e que o testemunho de João recordava a situação em Éfeso em At 18,24- 19,7. Ambas as teses são de difícil defesa para sustentar uma data tardia, já que a missão entre os pagãos foi anterior a 66 d.C., e At 18 e 19 nar- ram acontecimentos também anteriores a 66 d.C. O certo é que atualmente se reconhece a existên- cia de razões muito sólidas para defender uma datação da redação do evangelho anterior a 70 d.C. São elas: 1. A cristologia muito primitiva (ver Mensagem). 2. O pano de fundo que, como já advertiu Dodd, só se encaixa no mundo judeu- palestino anterior a 70 d.C. 3. A existência de medidas de pressão contra os cristãos antes do ano 70 d.C.: as referências contidas em Lc 4,29; At 7,58 e 13,50 mostram que não é necessário mencionar Jo 9,34ss.; 16,2 para episódios poste- riores à destruição do Templo. 4. A ausência de referências aos pagãos. 5. A importância dos saduceus no evangelho. 6. A ausência de referên- cias à destruição do templo. 7. A anterioridade ao ano 70 d.C. dos detalhes topográficos rigorosa- mente exatos.

2. *Estrutura e Mensagem*. O propósito do evangelho de João é claramente determinado em 20,31: levar a todos os povos a fé em Jesus como messias e Filho de Deus, a fim de que, por essa fé, obtenham a vida. O evangelho está dividido em duas partes principais, precedidas por um pró- logo (1,1-18) e seguidas por um epílogo (c. 21). A primeira parte (1,19-12,50) ou o “Livro dos Sinais”, segundo C. H. Dodd, apresenta uma se- leção dos milagres — sinais ou signos — de Je- sus. A segunda parte (13,1-20,31), também de- nominada “Livro da Paixão” (Dodd) ou da Gló- ria (Brown), inicia-se com a Última Ceia e narra a paixão, morte e ressurreição de Jesus.

**186 /**

**João, Evangelho de**

Três são os aspectos especialmente centrais na mensagem de João. Em primeiro lugar, a revela- ção de Deus através de seu Filho Jesus (1,18). Evidentemente, a cristologia desse evangelho é muito primitiva e assim Jesus aparece como “pro- feta e rei” (6,14ss.); “profeta e messias” (7,40- 42); “profeta” (4,19; 9,17); “messias” (4,25); “Fi- lho do homem” (5,27) e “Mestre da parte de Deus” (3,2). Sem súvida, do mesmo modo que \**Q*, onde Jesus se refere a si mesmo como a \**Sabedoria*, neste evangelho enfatiza-se que o Filho é, pela filiação, igual a Deus (Jo 5,18) e Deus (1,1; 20,28). De fato, o Logos joanino de Jo 1,1 não é senão a tradução grega do termo aramaico \**Memrá*, uma circunlocução para referir-se a YHVH no Targum. É o próprio Deus que se aproxima, revela e salva em Jesus, já que este é o \**“Eu sou”* que apareceu a Moisés (Êx 3,14; Jo 8,24; 8,48-58). Isso se evi- dencia, por exemplo, nas prerrogativas do Filho em julgar (5,22,27,30; 8,16.26; 9,39; 12,47-48), ressuscitar os mortos (5,21,25-26.28-29; 6,27; 35,39-40,50-51.54-58; 10,28; 11,25-26) e traba- lhar no \**sábado* (5,9-18; 7,21-23).

O segundo aspecto essencial da mensagem joanina é que em Jesus não somente vemos Deus revelado, mas também encontramos a salvação. Todo aquele que crê em Jesus alcança a vida eter- na (3,16), tem a salvação e passa da morte à vida (5,24). E a fé é uma condição tão essencial que os sinais pretendem, fundamentalmente, levar as pessoas a uma fé que as salve. De fato, crer em Jesus é a única “obra” que se espera que o ser humano realize para obter a salvação (Jo 6,29). Aceitar ou não Jesus como Filho de Deus, como “Eu sou”, como messias, tem efeitos contudentes e imediatos. A resposta positiva — uma expe- riência que Jesus denomina “novo nascimento” (3,1ss.) — conduz à vida eterna (3,15) e a ser con- vertido em filho de Deus (1,12); a negativa leva à condenação (3,19) e ao castigo divino (3,36). Par- tindo-se dessas posturas existenciais, dessa sepa- ração entre incrédulos e fiéis, pode-se entender o terceiro aspecto essencial da mensagem joanina: a criação de uma nova comunidade espiritual em

**João, Evangelho de**

**/ 187**

torno de Jesus e sob a direção do \**Espírito Santo*, o Consolador. Só se pode chegar a Deus por um caminho, o único: Jesus (14,6). Só se pode dar frutos unido à videira verdadeira: Jesus (Jo 15,1ss.). Todos os que assim se unem a Jesus se- rão perseguidos por um mundo hostil (15,18ss.), todavia serão também objeto da ação do Espírito Santo (16,5ss.), viverão em uma alegria que hu- manamente não se pode entender (16,17ss.) e vencerão o mundo como Jesus (16,25ss.). Neles também se manifestará um amor semelhante ao de Jesus (Jo 13,34-35), o Filho que voltará, no final dos tempos, para recolher os seus e levá-los à casa de seu Pai (Jo 14,1ss.). É lógico que essa cosmovisão se expresse nesse conjunto de oposi- ções que não são exclusivas de João, mas que são tão explícitas nesse evangelho: luz-trevas, mun- do-discípulos, Cristo-Satanás etc. O ser humano vê-se dividido diante de sua realidade — a de que vive nas trevas — e a possibilidade de obter a vida eterna pela fé em Jesus (5,24). O que aceita a segunda opção não se baseia em especulações nem em uma fé cega, porém em fatos que aconte- ceram na história e dos quais existiram testemu- nhas oculares (19,35ss.; 21,24). Ao crer em Je- sus, descobre-se nele — que na \**Ressurreição* de- monstrou a veracidade de suas pretensões — seu Senhor e seu Deus (Jo 20,28) e obtém-se, já nesta vida, a vida eterna (20,31), integrando-se numa comunidade assistida pelo Espírito Santo e que espera a segunda vinda de seu Salvador (Jo 14,1ss.; 21,22ss.).

C. H. Dodd, *Interpretation*...; Idem, *Historical* *tradition*...; R. E. Brown, *Evangelio según san Juan*, 2 vols., Madri 1975; Idem, *La comunidad del discípulo amado*, Salamanca 1983; F. Manns, *L’Evangile de Jean*, Jerusalém 1991; J. A. T. Robinson, *Redating*...; Idem, *The Priority*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo...*; Idem, *El* *Primer* *Evangelio*...; R. Bultmann, *The Gospel of John*, Fi- ladélfia 1971; C. K. Barrett, *The Gospel, according to St.* *John*, Filadélfia, 1978; R. Schnackenburg, *The Gospel* *According to St. John*, 3 vols., Nova York 1980-1982; F. F. Bruce, *The Gospel of John*, Grand Rapids 1983; G. R. Beasley-Murray, *John*, Waco 1987; J. Guillet, *Jesucristo* *en* *el Evangelio de Juan*, Estella 51990; A. Juabert, *El Evangelio* *según san Juan*, Estella 121995.

**188 /**

**João, o Apóstolo**

**João, o Apóstolo**

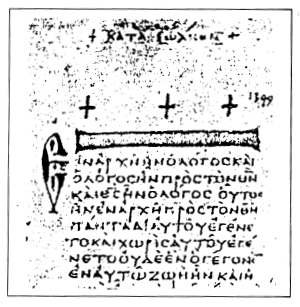
Pescador, filho de \**Zebedeu*, foi um dos pri- meiros a ser chamado por Jesus e, por este, cons- tituído \**apóstolo*. Junto com seu irmão \**Tiago* e com \**Pedro*, formava o grupo mais íntimo de dis- cípulos e é sempre mencionado no ínicio das lis- tas apostólicas, junto a Tiago, Pedro e André. Com o seu irmão \**Tiago*, recebeu o apelido de Boanerges, o filho do trovão (Mc 3). Desempe- nhou um papel de enorme transcendência na Igreja judeu-cristã de Jerusalém (At 1-8; Gl 2,9). É pos- sível que, no final de sua vida, tenha desenvolvi- do um ministério missionário na Ásia Menor. Tra- dicionalmente é identificado como \**João*, *o* *Evangelista*, autor do quarto evangelho, e como o autor do Apocalipse.

C. H. Dodd, *Interpretation*...; Idem, *Historical* *tradition*...; R. E. Brown, *Evangelio según san Juan*, 2 vols., Madri 1975; Idem, *La comunidad del discípulo amado*, Salamanca 1983; F. Manns, *L’Evangile de Jean*, Jerusalém 1991; J. A.T. Robinson, *Redating*...; Idem, *The Priority*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El* *Primer* *Evangelio...*

**João, o Batista**

Pregador e profeta judeu do séc. I d.C. e exe- cutado por \**Herodes* Antipas, por causa dos ata- ques que dirigiu a ele, chamando-o de adúltero. De família sacerdotal, tem-se discutido sua pos- sível vinculação com a seita do Mar Morto. Sem dúvida, as diferenças entre ambos são considerá- veis, o que dificulta aceitar a veracidade dessa hipótese. Os evangelhos apresentam-no como o precursor de Jesus, a quem batizou (Mt 3,1ss. e par.), e sobre cuja messianidade interrogou, ao saber que a mensagem de Jesus não previa um juízo imediato (Mt 11,1ss. e par.). O certo é que isso não provocou qualquer oposição de Jesus (Mt 11,7ss. e par.) e que alguns dos discípulos de João tornaram-se discípulos de Jesus (Jo 1,35ss.; At 19,1ss.).

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *Los* *esenios*...

**João, o Evangelista**

**/ 189**

**João, o Evangelista**

Tradicionalmente (desde o séc. II), tem-se identificado o autor do Quarto Evangelho com o filho de Zebedeu: João. Embora um bom número de autores modernos recusem essa hipótese, razões têm sido reconsideradas — R. A. T. Robinson, por exemplo — para possibilitar esse ponto de vista. O autor do quarto evangelho co- nhece mais intimamente o ministério da Galiléia e até nos dá informações sobre ele que não co- nhecemos através de outros evangelhos. A situa- ção abastada dos filhos de Zebedeu — cujo pai contava com vários assalariados — permite crer que era “conhecido” do Sumo Sacerdote. Além disso, descreve com impressionante rigor a Jeru- salém anterior a 70 d.C., o que é lógico em uma pessoa que foi, segundo Paulo, uma das colunas da comunidade judeu-cristã daquela cidade (Gl 2,9). A tudo isso, acrescenta-se o testemunho unâ- nime dos autores cristãos posteriores que atri- buem essa autoria a João. Em todo caso, e seja

*Início do evangelho segundo João*   
*(Códice Vaticano, séc. IV)*

**190 /**

**João, o Teólogo**

qual for a identidade do quarto evangelista, o cer- to é que recolhe uma tradição sobre a vida de Je- sus muito antiga, fidedigna e independente da sinótica. É bem possível que sua redação seja anterior a 70 d.C., embora alguns autores prefi- ram situá-la por volta de 90 d.C. O autor do quar- to evangelho é o mesmo que o das três epístolas de João, que constam no Novo Testamento, cons- tituindo a primeira um guia interpretativo do evan- gelho para evitar que este seja lido em clave gnóstica.

C. H. Dodd, *Interpretation*...; Idem, *Historical* *tradition*...; R. E. Brown, *Evangelio según san Juan*, 2 vols. Madri 1975; Idem, *La comunidad del discípulo amado*, Salamanca 1983; F. Manns, *L’Evangile de Jean*, Jerusalém 1991; J. A. T. Robinson, *Redating*...; Idem, *The Priority*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El* *Primer* *Evangelio*...; R. Bultmann, *The Gospel of John*, Filadélfia 1971; C. K. Barrett, *The Gospel according to St.* *John*, Filadélfia 1978; R. Schnackenburg, *El evangelio según* *san Juan*, 3 vols., Barcelona 1980-1982; F. F. Bruce, *The* *Gospel of John*, Grand Rapids 1983; G. R. Beasley-Murray, *John,* Waco 1987; J. Guillet, *Jesucristo en el* *Evangelio de* *Juan,* Estella 51990; A. Juabert, *El Evangelio según san Juan*, Estella 121995.

**João, o Teólogo**

Conforme alguns estudiosos, é o autor do \**Apocalipse* e cujo túmulo estava em Éfeso. Por ser um personagem distinto de João, o evangelista (seja ou não este o filho de Zebedeu), é possível que tenha emigrado para a Ásia Menor, ao eclodir a revolta de 66-73 d.C. contra Roma. Sua obra é, portanto, anterior a 70 d.C. e constitui uma valio- sa fonte para estudo da teologia judeu-cristã da época.

K. Stendhal, *The Scrolls*...; C. Vidal Manzanares, *De* *Pentecostés*...; C. H. Dodd, *Interpretation*...; Idem, *Historical* *tradition*...; R.E. Brown, *Evangelio según san Juan*, 2 vols., Madri 1975; Idem, *La comunidad del discípulo amado*, Salamanca 1983; F. Manns, *L’Evangile de Jean*, Jerusalém 1991; J. A. T. Robinson, *Redating*...; Idem, *The* *Priority*...; F. F. Ramos, *Evangelio según San Juan*, Estella 1989.

**José**

**/ 191**

**Jonas**

1. Pai de \**Pedro* (Mt 16,17). 2. Profeta, filho de Amati e natural de Gat-Jefer, ao norte de \**Nazaré*. Segundo 2Rs 14,25, profetizou antes de o reino de \**Israel* estender-se até o norte da Síria, sob o reinado de Jeroboão II. O livro que leva seu nome faz parte da coleção dos profetas menores. Jesus refere-se a ele, comparando sua permanên- cia no ventre do peixe com o tempo que mediaria entre sua morte e sua ressurreição (Mt 12,39-41; 16,4; Lc 11,29ss.).

**Jordão**

O rio mais importante da Palestina, embora não-navegável. Nasce na confluência dos rios das montanhas do Antilíbano, a 43 m acima do nível do mar, e flui para o sul, pelo lago Merom (2 m acima do nível do mar). Depois de percorrer 16 km, chega ao lago de \**Genesaré* (212 m abaixo do nível do mar) e prossegue por 350 km (392 m abaixo do nível do mar) até a desembocadura no Mar Morto. Nas proximidades desse rio, \**João* *Batista* pregou e batizou.

E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c*.

**José**

Filho de Jacó ou Eli, esposo de \**Maria* e pai legal de Jesus (Mt 1; Lc 3,23; 4,22; Jo 1,45; 6,42). Pertencia à família de \**Davi*, mas com certeza de um ramo secundário. Sua ocupação foi a de *“tekton”* (carpinteiro, ou melhor, artesão) (Mt 13,55). Casado com Maria, descobriu que ela estava grávida e, inicialmente, pensou em repudiá-la em segredo, possivelmente para evitar que ela fosse morta como adúltera. Finalmente contraiu matrimônio com ela e, após o nascimen- to de Jesus, foi para o Egito para salvá-lo de \**Herodes*. Depois que este morreu, regressou à Palestina, estabelecendo-se na \**Galiléia*. Ainda vivia quando Jesus completou doze anos

**192 /**

**José de Arimatéia**

e se perdeu no \**Templo,* porém sua morte deve ter antecedido o ministério público de Jesus, por- que os evangelhos não mais o mencionaram. Jerônimo atribuiu-lhe a paternidade dos chama- dos \**irmãos* de Jesus, aos quais se faz referência em Mt 13,54-55 e Mc 6,3, todavia considerando- os fruto de um matrimônio anterior ao contraído com Maria.

**José de Arimatéia**

Homem importante e de muitos bens, mem- bro do \**Sinédrio*, originário de Ramazaim (pos- sivelmente a atual Rentis, perto de El-Loed, Lydda). Às escondidas, foi \**discípulo* de Jesus, porque temia os preconceitos que a manifestação pública dessa circunstância poderia ocasionar. Apelando para um privilégio que a lei romana oferecia, solicitou e obteve de Pilatos o cadáver de Jesus para sepultá-lo em um sepulcro novo, escavado na rocha e de sua propriedade (Mt 27,57ss.; Jo 19,38-42).

**Josefo, Flávio**

Ver \**Jesus nas fontes não-cristãs.*

**Judaísmo**

Sistema cultural, religioso e espiritual que re- cebe o nome de sua relação com os judeus. Con- vencionalmente descrito não tanto como uma re- ligião, mas como uma forma de vida (com o que coincide o cristianismo primitivo), seus textos religiosos compreendem a \**Lei* escrita — e a oral no caso dos \**fariseus* —, assim como outras fon- tes antigas. Basicamente, o judaísmo crê em um só Deus, criador e administrador do universo, e na entrega de sua Lei a Israel no Monte Sinai, o que obriga o povo a viver de acordo com um con- junto concreto de normas. Para alguns autores, não se deveria falar de judaísmo antes do final do séc. I d.C., quando então os setores do povo de

**Judas**

**/ 193**

\**Israel* que não aceitavam a interpretação farisaica da Lei desapareceram (\**essênios*, \**saduceus* etc.) ou foram expulsos (judeu-cristãos), passando o monopólio da interpretação bíblica aos fariseus, essencialmente de influências helenísticas. É ine- gável, então, que o existente na época de Jesus estava longe de ser monolítico e se dividira não só entre diversas seitas como fariseus, saduceus, essênios, mas também grande parte da população não mais se identificava com nenhuma delas. A transformação ocorrida após a catástrofe do ano 70 d.C. explica por que o judaísmo posterior reelaborasse, em bom númerro de casos, seus pontos de vista, num processo de confronto dialético-bíblico com o cristianismo, cuja legiti- midade queria negar.

Y. Kaufmann, *o. c*.; W. F. Albright, *De la Edad de piedra* *al cristianismo*, Santander 1959; L. Baeck, *Essence of* *judaism*, Nova York 1948; J. Bright, *o. c*.; S. Hermann, *o. c*.; R. de Vaux, *o. c*.; J. Neusner*, Judaism*...; A. Cohen, *o. c*.; R. Donin, *o. c*.; Y. Newman, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *Los* *esenios*...; Idem, *Los Documentos*...; Idem, *El judeo-cristia-* *nismo*...

**Judas**

1. Iscariotes. O discípulo que traiu Jesus, en- tregando-o ao Sinédrio por trinta moedas de pra- ta (Mc 14,10ss. Comparar com Zc 11,12-13). Já se pretendeu identificar seu cognome com “sicá- rio” e ligando-o assim com a seita dos \**zelotes*. Atualmente, essa interpretação é impossível, por- que esse grupo não existia na época de Jesus. É mais provável que o nome se relacionasse com um local chamado Cariot. Os evangelhos atri- buem sua traição à avareza (Mt 27,15ss.; Jo 12,6) e à ação de Satanás (Lc 22,3; Jo 6,70ss.; 13,2.26ss.). Suicidou-se (Mt 27,3ss.; At 1,16ss.), após ter devolvido o dinheiro da traição aos sa- cerdotes judeus, que adquiriram com ele um cam- po, \**Hacéldama*, provavelmente destinado para o sepultamento dos pobres. Foi venerado pela seita gnóstica dos cainitas. 2. Um dos \**irmãos* de Je- sus (Mc 6,3; Mt 13,54ss.), o qual provavelmente

**194 /**

**Judéia**

pode ser identificado como o autor da carta neotestamentária que leva seu nome. 3. Tadeu (ou Lebeu). Um dos \**apóstolos*. Temos apenas alguns dados sobre ele (Jo 14,22).

O. Cullmann, *El estado en el Nuevo Testamento*, Madri 1966; S. G. F. Brandon, *Jesus and the Zealots*, Manchester 1967; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; H. Guevara, *o. c*.

**Judéia**

Denominação greco-latina do território que antigamente formava o reino de Judá e foi utili- zada somente durante o domínio romano (Lc 5,17; Jo 4,3). A partir de 44, a Galiléia fez parte da Judéia e o termo começou a designar toda a Pa- lestina.

**Judeus**

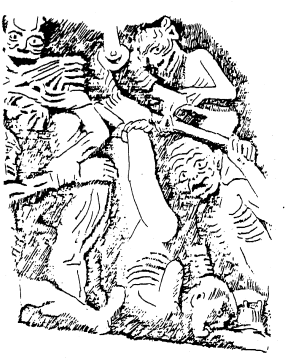
1. Súdito do reino de Judá formado pelas tri- bos de Judá e Levi. 2. O nascido de pais judeus (especificamente de mãe judia), o que aceita o judaísmo através da conversão (*guiur*), confor- me a Torá escrita e oral. Não é considerado judeu o nascido de matrimônio misto, em que só o pai é judeu.

**Jugo**

Símbolo da relação de Deus com Israel atra- vés da \**Lei* divina. Jesus apresenta seu ensinamento como novo jugo — suave e leve —, pois é antecedido da ajuda que o próprio Jesus oferece aos fatigados e sobrecarregados (Mt 11,28-30).

**Juízo final**

A idéia de um juízo final em que os salvos receberão uma recompensa eterna e os condena- dos, um castigo eterno e consciente aparece já na \**escatologia* do Antigo Testamento (Dn 12,2ss.)

**Jumento**

**/ 195**

e tem seu reflexo no judaísmo posterior, no \**Talmude* e em outras fontes. Jesus pregou a exis- tência de um juízo final de toda a humanidade (Mt 25,31ss.; Jo 5,28-29), mas falou também de um juízo particular que acontece no momento da morte e no qual já se recebe o castigo (Lc 16,19ss.) ou o prêmio (Lc 23,43).

*Reprodução: tímpano do juízo final*

A. Cohen, *o. c*.; J. Grau, Escatología...; C. Vidal Manzanares, *El judeo cristianismo*...; Idem, *El Primer* *Evangelio*...; M. Gourgues, *El más allá en el Nuevo Testa-* *mento*, Estella 41993.

**Jumento**

Animal doméstico sobre o qual o \*messias — como príncipe da paz — faria sua entrada em \*Je- rusalém (Zc 9,9). A partir desse ponto de vista devem ser lidos os relatos da entrada de Jesus nessa cidade (Mt 21,2-7; Mc 11,2-7; Lc 19,30- 35; Jo 12,14ss.).

**196 /**

**Juramento**

**Juramento**

De acordo com a \**Lei* de \*Moisés, o judaís- mo contemporâneo de Jesus permitia o juramen- to desde que não fosse falso (Lv 19,12), mas in- sistia na gravidade de se fazer juramentos super- ficiais (Lv 5,4). Jesus opôs-se totalmente à práti- ca de qualquer modalidade de juramento (Mt 5,33ss.), por não considerá-lo, na realidade, efi- caz e porque somente denota a falta de veracida- de no tratamento, o que leva a reforçar a palavra com fórmulas desse tipo.

J. Driver, *Militantes*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo*...

**Justiça**

Nos evangelhos, o termo se reveste de vários significados: 1. A ação salvadora de Deus (Mt 3,15; 21,32), que se manifesta gratuita e imere- cidamente (Mt 20ss.). 2. A justificação que Deus faz do pecador, em virtude da \**fé* em Jesus (Mt 9,13; Mc 2,17; Lc 5,32). 3. O comportamento jus- to de uma pessoa (Mt 6,1ss.), que não deve ter finalidades exibicionistas, que caracteriza os se- guidores de Jesus (Mt 6,33) e é fruto do \**arre-* *pendimento*. Tal como a praticam certos religio- sos — como os escribas e fariseus — é insufici- ente para se entrar no Reino dos Céus (Mt 5,20). Ela parte realmente não do desejo de se ganhar a salvação pelos próprios méritos, mas da gratui- dade porque nós já a recebemos.

K. Barth, *o. c*.; J. Driver, *Militantes*...; C. Vidal Manzanares, *De Pentecostés*...

**L**

**“L”**

**/ 197**

**“L”**

Nome com o qual se designa o material espe- cífico do evangelho de \**Lucas* e que corresponde a uma extensão situada entre a sua metade e a terceira parte. Os autores alemães preferem de- nominar esse material como “S” (Sondergut-Ma- terial Especial).

Conforme B. H. Streeter, Lucas recolhera essa informação, que originou L, nos anos em que es- teve com \**Paulo*, em \**Cesaréia*. Segundo E. Schweizer, L teria sido um documento já escrito (citado em Lc 1,1), do qual Lucas extraíra seu material. B. Reicke prefere considerar L como um conjunto de material oral, o que se relaciona com as antigas opiniões de que Lucas se nutria dos testemunhos de personagens como \**Maria*, a mãe de Jesus, o evangelista Filipe ou \**Cléofas*. Não deixa de ser revelador o fato de Lucas coincidir com João — mas não com os sinóticos — em aspectos como a menção de \**Lázaro* e suas irmãs \**Marta* e \**Maria*, o interesse pela \**Judéia* e \**Samaria*, as referências ao apóstolo \**Judas*, a menção ao corte da orelha do criado do Sumo Sacerdote e alguns detalhes relacionados com o processo de Jesus. Já que não parece que nem João nem Lucas tomaram materiais emprestados de outro, chega-se à conclusão de que, possivelmen- te, utilizaram fontes coincidentes nos aspectos mencionados. No material específico de L, en- contram-se catorze \**parábolas*, entre as quais se destacam algumas mais famosas como a do bom samaritano (Lc 10,29-37), a do filho pródigo (Lc 15,11-31) e a do fariseu e o publicano (Lc 18,9- 14); referências bastante positivas às \**mulheres* e ao relacionamento delas com Jesus (Lc 10,38- 42; 23,49; 8,1-3); uma insistência na ilusão das

**198 /**

**Lábios**

riquezas (Lc 12,13-15.16-21; 16,19-31 etc.); ensinamento adicional sobre os últimos tempos (Lc 12,54-56; 13,1-9; 17,20-21; 28-32 etc.) e re- latos das aparições de Jesus ressuscitado.

B. Reicke, *The Roots of the Synoptic Gospels*, Filadélfia 1986; B. H. Streeter, *The Four Gospels*: *A. Study of* *Origins*, Londres 1924; E. Schweizer, *The Good News according to* *Luke*, Atlanta 1984.

**Lábios**

Meio pelo qual se louva a Deus e se pronun- cia externamente a adesão a ele. Jesus condenou duramente a proclamação externa que não corresponde a um coração confiante e a uma dis- posição para obedecer-lhe (Mt 15,8; Mc 7,6).

**Ladrão**

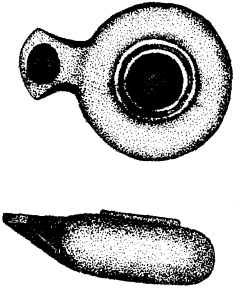
1. Uma das palavras com a qual Jesus descre- ve os falsos profetas e \**messias* (Jo 10,8). 2. Pela característica própria da atividade dos ladrões — clandestina e inesperada — Jesus compara com ela sua \**parusia* e a vinda do \**Dia do Senhor* (Mt 24,43; Lc 12,39). 3. A conduta do ladrão é condenada por Jesus como um dos pecados mais graves (Mt 15,19; 19,18; Mc 7,21; 10,19; Lc 18,20).

**Lamentação**

Canção triste de dor (Lc 23,27). Jesus compa- rou-a à mensagem de juízo de \**João Batista*, que não foi ouvida por seus contemporâneos (Mt 11,17; Lc 7,32).

**Lâmpada**

Objeto de argila, redondo e plano, em cuja ex- tremidade havia uma mecha que, embebida em azeite e acesa, servia para iluminar. Essas carac- terísticas explicam por que o artefato aparece em relação a conceitos como a luz espiritual que os

**Lavagem**

**/ 199**

\**discípulos* devem proporcionar ao mundo (Mt 5,15; Mc 4,21), a profecia (Jo 5,35), clareza na observação da realidade (Mt 6,22; Lc 11,33-36).

*Lâmpada de azeite da época herodiana*

**Lavagem**

1. De mãos. Ritual considerado obrigatório pelos fariseus como medida de purificação antes de uma refeição. Jesus não considerou obrigató- rio e criticou também que a pureza de coração fosse substituída por outra meramente ritualista (Mt 15,2-20). No caso de Pilatos (Mt 27,24), o ato simboliza a proclamação de sua inocência pela morte de Jesus e a atribuição dessa responsabili- dade às autoridades judias. 2. De pés. Demons- tração de cortesia que se tinha para com os con- vidados (Lc 7,38.44) e, na maioria, realizada por um escravo não-judeu. Era habitual que os \**dis-* *cípulos* dos rabinos realizassem esse serviço em atenção a seus mestres. Sem dúvida, Jesus inver- teu o costume como símbolo de sua entrega até à morte pelos homens (Jo 13,4-15), apresentando assim um exemplo obrigatório para seus segui- dores.

**200 /**

**Lázaro**

**Lázaro**

Abreviatura de Eleazar (Deus ajuda). 1. Nome do mendigo na narrativa de Lucas 16,19-31. O emprego de um nome próprio levou alguns auto- res a pensarem que a história não seria uma \**pa-* *rábola* e que com isso Jesus desejaria indicar a literalidade do episódio. 2. Irmão de \**Marta* e \**Maria*, ressuscitado por Jesus (Jo 11,1-44; 12,1- 11.17). Em algum caso se tencionou identificá-lo (embora sem muito fundamento) com o \**discí-* *pulo amado* (O. Cullmann).

**Lebeu**

Cognome de \**Tadeu* (ou vice-versa), um dos \**discípulos* de Jesus. Em alguns manuscritos, Lc 6,16 substitui esse nome pelo de Judas, filho de Tiago. Há a possibilidade de os três nomes desig- narem a mesma pessoa.

**Legião**

A unidade mais importante do exército roma- no. Contava com um total de 6.000 a 10.000 ho- mens divididos em seis \**coortes*. No caso do endemoninhado geraseno, essa palavra indicaria grande número de \**demônios* que atormentavam o homem a quem Jesus curou (Mc 5,9-15; Lc 8,30).

**Lei**

Ver \**Torá.*

**Lei Oral**

Em hebraico: *Torah shebeal peh*. O nome é aplicado às tradições supostamente entregues ao povo de Israel, de forma verbal, ao mesmo tempo que a lei escrita ou \**Torá*. Tradicionalmente, afir- ma-se que essa lei oral tem sua origem no Sinai; historicamente, porém, não é assim, conforme se

**Levedura**

**/ 201**

deduz não apenas de diferentes posturas diante dela nas escolas interpretativas existentes já um século antes de Cristo (\**fariseu*, \**saduceu*, \**essênio* etc.), mas do fato de a tradição oral con- sagrada no \**Talmude* ser quase exclusivamente a farisaica de influência helenística. Jesus manifes- tou-se contra a lei oral — à qual denomina \**tra-* *dição* — porque considerava que ela corrompia, com hábeis subterfúgios, o espírito da \**Lei* de \**Moisés*.

P. Lenhardt e M. Collin, *La Torá oral de los fariseos*, Estella 1991; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...

**Lenço**

Tecido geralmente feito de linha ou lã, que era utilizado como vestimenta ou véu. Às vezes corresponde a lençol (Mc 14,51ss.).

**Lepra**

Entre os judeus, palavra que se referia a um bom número de enfermidades (moléstias) da pele. A \**Lei* de \**Moisés* considerava impuros os seres humanos, objetos e animais afetados por esse mal (Lv 13-14). Cada caso devia ser examinado por um \**sacerdote*, que julgava se era contagioso e se o enfermo estava curado. Jesus realizou a \**cura* de vários leprosos e respeitou a lei mosaica (Mt 10,8; 11,5; 26,6; Mc 1,40-44; Lc 4,27; 17,12-19).

**Lepto**

Moeda grega e romana de menor valor, equi- valente à oitava parte de um \**asse* e a um 1,55 g (Mc 12,42; Lc 12,59; 21,2). Em alguns casos, pode equivaler ao \**óbolo.*

**Levedura**

Parte da massa que, uma vez fermentada, é acrescentada à massa fresca para deixar macio o \**pão*. É, por isso, um símbolo perfeito da capa-

**202 /**

**Levi**

cidade de fazer estimular a massa, apesar das con- dições desfavoráveis (Mt 13,33; Lc 13,20ss.). Porque a \**Lei* proibia o uso de levedura nas oferendas destinadas ao culto (Êx 23,18; Lc 2,11), a levedura simbolizava às vezes a corrupção mo- ral (Mt 16,6.11ss.; Mc 8,15; Lc 12,1. Ver tam- bém: 1Cor 5,6-8; Gl 5,9).

**Levi**

Nome do \**publicano* \**Mateus*, um dos \**após-* *tolos* a quem se atribui o evangelho que leva seu nome (Mc 2,14; Lc 5,27-29; Mt 9,9).

**Levirato**

Em hebraico: *jalitzah.* O termo significa lite- ralmente “*extração*” e se refere à sandália que se tira na cerimônia da qual participam uma viúva sem filhos e o irmão de seu marido falecido. Se- gundo a Bíblia (Dt 25,5-6), no caso de um ho- mem morrer sem descendência, um de seus ir- mãos deve casar-se com a viúva para que o nome do falecido “não seja apagado de Israel”. Portan- to, são considerados do falecido os filhos desse segundo matrimônio (*yibum*). Em caso de nenhum irmão querer casar-se com a viúva, esta apresen- tava publicamente a reprovação, tirando a sandá- lia (Dt 25,7-10). A mulher podia então casar-se com qualquer homem, exceto com um sacerdote (*cohen*). O livro bíblico de Rute (4,5-10) descre- ve uma clássica *jalitzah*. Os \**saduceus* recor- reram à existência dessa lei para ridicularizar a crença na \**ressurreição*, defendida pelos fariseus e por Jesus (Mt 22,23-33; Mc 12,18-27; Lc 20,27-40).

**Levitas**

Descendentes de Levi, terceiro filho do patriar- ca Jacó, mas não de Aarão. Originalmente servi- ram no tabernáculo (Nm 3,5ss.). Durante a época de Jesus, realizavam tarefas de canto e música no

**Linho**

**/ 203**

templo e eram mantidos pelo dízimo ou *maaser* da comunidade. Jesus colocou um levita entre os protagonistas da \**parábola* do bom samaritano (Lc 10,25ss.), culpando-o pela falta de amor ao próximo, talvez por antepor o temor e/ou o cui- dado pelas normas rituais (medo de contaminar- se com um cadáver) ao chamado da misericórdia.

**Liberdade**

Estado no qual uma pessoa se vê livre da es- cravidão ou da servidão. A expressão “liberda- de” ou “libertação” só aparece uma vez em todos os evangelhos (Jo 8,31ss.). Longe de assumir uma visão política do termo em harmonia com alguns movimentos messiânicos do período do Segundo Templo (Jo 6,15), Jesus considerou que a escra- vidão real era a do \**pecado* e que o único cami- nho para libertar-se dela era crer nele. A identifi- cação da escravidão com circunstâncias funda- mentalmente raciais, nacionais ou políticas, lon- ge de aclarar a visão espiritual, contribuiria — segundo Jesus — para obscurecê-la, já que, a menos que ele liberte a pessoa, esta não pode ser livre (Jo 8,31ss.).

E. “Cahiers Evangile”, *Liberación humana y salvación* *en Jesucristo*, Estella 71991; C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo*...

**Libertação**

Ver \**Liberdade.*

**Libra**

Medida romana de peso equivalente a 327,5 gramas (Jo 12,3; 19,39).

**Linho**

Planta da qual se extraía fibra destinada à fa- bricação de roupas luxuosas que ocasionalmente tinham uso litúrgico. Desse material eram as

**204 /**

**Lírio**

vestimentas usadas pelo protagonista abastado da \**parábola* do homem rico e de \**Lázaro* (Lc 16,19ss.).

**Lírio**

Termo que designa várias espécies de flores silvestres como a tulipa, o narciso, a íris, o cólquico e a que conhecemos, no sentido estrito, como lírio. Aponta-se a possibilidade de Jesus referir-se, no \**Sermão da Montanha,* às anê- monas, cuja cor roxa recordava as vestes de Salomão (Mt 6,28; Lc 12,27. Comparar com Ct 2,1ss.16; 4,5; 6,2; Os 14,6). A lição extraída da beleza singela mas invejável dessas flores é que o \**Pai* não demonstraria menos cuidado na hora de vestir seus \**filhos* terrenos.

**Liturgia**

Conjunto de ritos inseridos no culto religioso. O início da liturgia judaica retrocede ao período do \**Templo* em que os levitas interpretavam sal- mos. Existem alguns ritos de considerável anti- güidade, como a recitação dos dez mandamentos (suprimida como reação diante do judeu-cristia- nismo), o *Shemá*, o *Hallel* (Sl 136,1), a oração conhecida como *Shmoné Shré* ou *amidah* e a bên- ção sacerdotal ou *birkat cohanim*. Durante o exí- lio babilônico, os judeus começaram a reunir-se em grupos aos \**sábados* e em *\*festas*, circuns- tância que possivelmente encontra-se na origem da \**sinagoga* e que assentaria as bases para o es- tabelecimento da liturgia.

R. Donin, *o. c*.; E. Barylko, *Celebraciones...;* L. Deiss, *La misa*...; Idem, *La Cena*...; C. Shepherd, *Jewish*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *Diccionario de* *las tres*...; E. “F. Teológica Toulouse”, *La Eucaristía en la* *Biblia*, Estella 61994.

**Livro da vida**

Livro em que se acham inscritos aqueles que receberão a \**vida eterna* por serem \**discípulos*

**Lua**

**/ 205**

de Jesus. Ter o nome escrito nesse livro é motivo de maior alegria do que ver os \**demônios* sub- meterem-se à autoridade que os seguidores de Jesus têm sobre eles (Lc 10,19-20).

**Ló**

Sobrinho de Abraão (Gn 11,27-31; 13,1-13), que Deus livrou do castigo desencadeado sobre Sodoma e Gomorra (Gn 19). Jesus comparou a negligência espiritual dos habitantes dessas cida- des, durante os dias de Ló, com a que sofrerão os homens antes de sua \**Segunda Vinda* (Lc 17,28ss.).

**Logos**

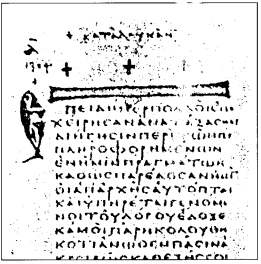
Ver \**Memrá.*

**Loucura**

Comportamento anormal oriundo de um trans- torno psíquico. Jesus foi acusado de loucura, como conseqüência de suas pretensões pessoais (Jo 10,20). Ele considerava esses insultos de espe- cial gravidade e indignos de seus \**discípulos* (Mt 5,22). Na realidade, para Jesus a loucura mais perigosa não era a mental (de fato, curou alguns loucos, denominados \**lunáticos)*, mas a moral, uma falta de juízo que considerava pecado (Mc 7,22) e que se evidenciava na incredulidade dian- te da \**Escritura* (Lc 24,25), no apego às leis ri- tuais sobre alimentos impuros que se sobrepunha à essência da \**Lei* (Mt 15,16; Mc 7,18), na nega- tiva de edificar a vida sobre o ensinamento de Jesus (expondo-se assim aos maiores desastres) (Mt 7,24ss.) e na negligência ante o \**Juízo* final de Deus sobre os homens (Mt 25,2-8).

**Lua**

Satélite que gira em torno do planeta Terra. Na linguagem do \**Apocalipse* sinótico, faz-se re-

**206 /**

**Lucas**

ferência à perda de sua claridade antes do \**Dia* *do Senhor* (Mt 24,29; Mc 13,24; Lc 21,15). Pas- sagens como a de At 2,20 fazem pensar que essas expressões não contêm um sentido literal, mas um significado simbólico de mudança espiritual.

**Lucas**

Talvez diminutivo do nome latino Lucano (*Lucanus*). Médico de origem pagã que acompa- nhou \**Paulo*, conforme sugerem as passagens na 1a pessoa do plural do Livro dos Atos (At 16,10- 17; 20,5-15; 21,1-18; 27,1-28,16) e as próprias referências paulinas (Cl 4,14; 2Tm 4,11; Fm 24). Tradicionalmente, atribui-se a ele a redação do terceiro evangelho — que leva o seu nome — e do Livro dos Atos.

**Lucas, Evangelho de**

1. Autoria e datação. Esse evangelho forma um díptico com o Livro dos Atos dos Apóstolos. Atualmente, existe unanimidade quase total para se aceitar a opinião de que ambas as obras per-

*Início do evangelho segundo Lucas*   
*(Códice Vaticano, séc. IV)*

**Lucas, Evangelho de**

**/ 207**

tencem ao mesmo autor e que, evidentemente, Lucas foi escrito com anterioridade, conforme indicam os primeiros versículos do Livro dos Atos. Desde os finais do séc. I (I Clemente 13,2 e 48,4) atribui-se o evangelho — e, logicamente, Atos — a um certo Lucas, que é mencionado já no Novo Testamento (Cl 4,14; Fm 24; 2Tm 4,11). A língua e o estilo do evangelho, em si, não per- mitem rejeitar ou aceitar essa tradição, de manei- ra indiscutível. O britânico Hobart tentou demons- trar que no vocabulário do evangelho apareciam traços dos conhecimentos médicos do autor, como se percebe em 4,38; 5,18.31; 7,10; 13,11; 22,14 etc. Esses termos, porém, podem ser encontrados em autores de certa formação cultural como Josefo ou Plutarco. Por outro lado, o especial interesse do terceiro evangelho pelos pagãos encaixar-se- ia com a suposta origem pagã do médico Lucas. Embora, como salientou O. Cullmann, “não te- mos razão forte para negar que o autor pagão- cristão seja o mesmo Lucas, o companheiro de Paulo”, tampouco existem razões para afirmá-lo com dogmatismo.

Quanto à datação, a maioria dos autores sus- tenta hoje uma data pouco anterior à da redação dos Atos, a qual se costuma fixar entre 80 e 90 d.C. Evidentemente, a datação que atribuímos a Atos repercutirá na que atribuímos a Lucas. Em relação àquele, N. Perrin aponta o ano de 85, com uma margem de cinco anos anteriores ou poste- riores; E. Lohse indica 90 d.C.; P. Vielhauer, uma data próxima a 90 e O. Cullmann defende uma entre 80 e 90. O “terminus ad quem” da data de redação da obra é fácil de ser fixado porque o primeiro testemunho externo que temos dela en- contra-se na *Epistula Apostolorum*, datada da pri- meira metade do séc II. Quanto ao “terminus ad quo”, tem sido objeto de maior controvérsia. Para alguns autores, seria 95 d.C., baseando-se na idéia de que At 5,36ss. depende de Josefo (Ant XX, 97ss.). Mas essa dependência destacada por E. Schürer é muito discutida e, hoje em dia, geral- mente abandonada. Tampouco são de maior uti- lidade as teorias que partem da não-utilização das

**208 /**

**Lucas, Evangelho de**

cartas de \**Paulo*, ainda mais se levarmos em conta que é comum essas formulações chegarem a con- clusões diametralmente opostas. A opinião de que não existia uma coleção das cartas de Paulo (me- diante o que o livro teria sido escrito no século I, possivelmente em data muito tardia) opõe-se à de que o autor ignorou conscientemente as car- tas, o que dataria a obra entre 115 e 130 d.C. No entanto, a aceitação da segunda tese suporia uma tendência do autor a subestimar as cartas paulinas em favor de um elogio ao apóstolo, o que — con- forme destacou P. Vielhauer — é improvável e, contrariamente, torna mais verossímil a primeira tese.

Não devem ser menosprezados os argumen- tos que apontam a possibilidade de que tanto Lucas como Atos foram escritos antes do ano 70 d.C. Atos termina com a chegada de Paulo a Roma. Não aparecem menções de seu processo nem da perseguição de Nero, nem muito menos de seu martírio. A isso se acrescente o fato de que o poder romano foi tratado com apreço (mas não com adulação) nos Atos, e a atmosfera que se res- pira na obra não pressagia nenhuma perseguição futura nem mesmo o que se vivera na mesma umas décadas antes. Como afirma B. Reicke, “a única explicação razoável para o abrupto final dos Atos é aceitar que Lucas nada sabia dos acontecimen- tos posteriores ao ano 62, quando escreveu seus dois livros”. Em segundo lugar, embora \**Tiago*, o \**irmão* do Senhor, fosse martirizado no ano 62 por seus compatriotas judeus, o fato não está re- gistrado nos Atos. Sabe-se que Lucas dá conside- rável importância a Tiago (At 15) e que não omi- te as referências negativas à classe sacerdotal e religiosa judaica, tal como se deduz de relatos como o da morte de Estêvão, a execução do outro Tiago, a perseguição a \**Pedro* ou as dificuldades ocasionadas a Paulo por seus antigos correligio- nários. O silêncio de Atos quanto ao martírio de Tiago é, pois, algo que só pode ser explicado, de maneira lógica, se aceitarmos que Lucas escre- veu antes de acontecer o mencionado fato, isto é, antes de 62 d.C. Em terceiro lugar, os Atos não

**Lucas, Evangelho de**

**/ 209**

mencionam absolutamente a destruição de Jeru- salém e do Segundo Templo. Esse acontecimen- to serviu para confirmar boa parte das opiniões sustentadas pela Igreja primitiva e, efetivamente, foi empregado repetidas vezes por autores cris- tãos em suas controvérsias com judeus. Exata- mente por isso, é muito difícil admitir que Lucas omitira o fato, ainda mais se levamos em conta que Lucas costumava mencionar o cumprimento das profecias cristãs (At 11,28). Portanto, se Atos foi escrito antes de 62 d.C. e os argumentos em favor dessa tese são bastante consideráveis, ain- da mais antiga deve ser a data de redação do evan- gelho de Lucas. A única objeção aparentemente importante para opôr-se a essa opinião é que, su- postamente, a descrição da destruição do Templo em Lc 21 deve ter sido escrita posteriormente ao fato, sendo assim um “vaticinium ex eventu”. Essa afirmação é, contudo, escassamente sólida pelas seguintes razões: 1. Os antecedentes judeus veterotestamentários em relação à destruição do Templo (Ez 40-48; Jeremias etc.). 2. A coinci- dência com prognósticos contemporâneos no ju- daísmo anterior a 70 d.C. (por exemplo: Jesus, filho de Ananias, em *Guerra VI*, 300-309). 3. A simplicidade das descrições nos sinóticos, que deveriam ser mais prolixas, se fossem escritas após a destruição de Jerusalém. 4. A origem terminológica das descrições no Antigo Testamen- to. 5. A acusação formulada contra Jesus em rela- ção à destruição do Templo (Mc 14,55ss.). 6. As referências em \**Q* — escritas antes de 70 d.C. — a uma destruição do Templo. De tudo que se afir- mou, deduz-se que não há razões de solidez que obriguem a datar Lucas em 70 d.C. e que, o mais possível, é ele ter escrito antes de 62 d.C. De fato, já no seu tempo, C. H. Dodd (“The Fall of Jerusalem and the Abomination of Desolation” em *Journal of Roman Studies*, 37, 1947, pp. 47- 54) salientou que o relato dos sinóticos não partia da destruição realizada por Tito, mas da invasão de Nabucodonosor em 586 a.C.; também afirmou que “não existe um só traço da predição que não possa ser documentado diretamente a partir do

**210 /**

**Lucas, Evangelho de**

Antigo Testamento”. Antes, C. C. Torrey (*Docu-* *ments of the Primitive Church*, 1941, pp. 20ss.) indicara também a influência de Zc 14,2 e outras passagens do relato lucano sobre a futura destrui- ção do Templo. Igualmente, N. Geldenhuys (*The* *Gospel of Luke*, Londres 1977, pp. 531ss.) desta- cou a possibilidade de Lucas utilizar uma versão anteriormente escrita do Apocalipse sinótico, que recebeu especial atualidade com a intenção — no ano 40 d.C. — de se colocar uma estátua imperi- al no Templo e da qual haveria ecos em 2Ts 2.

Concluindo, podemos destacar que, embora a maioria coloque a datação de Lucas e Atos entre 80 e 90, existem argumentos fundamentalmente históricos que obrigam a questionar esse ponto de vista e a formular seriamente a possibilidade de a obra ter sido escrita em um período anterior ao ano 62, quando aconteceu a morte de Tiago, autêntico “terminus ad quem” da obra. Semelhan- te é o ponto de vista defendido nos últimos anos por bom número de autores tanto em relação ao evangelho de Lucas (alguns, como D. Flusser ou R. L. Lindsay, consideram até que foi o primeiro a ser redigido) como também ao conjunto dos \**sinóticos.*

2. Estrutura e mensagem. O evangelho de Lucas pode ser dividido em cinco partes especí- ficas: 1. A introdução e os relatos da concepção e nascimento de João Batista e de Jesus (1,1-2,52); 2. A missão de João Batista e a preparação para o ministério de Jesus (3,1-4,13); 3. O ministério galileu de Jesus (4,14-9,50); 4. A viagem a Jeru- salém e o ministério na Peréia (9,51-19,44); 5. A entrada em Jerusalém e a paixão, morte e ressur- reição de Jesus (19,45-24,53).

Cristologicamente, Lucas identifica Jesus com o \**messias —* \**Servo* de YHVH de Isaías 42 e 53 (Lc 9,20ss.), o redentor de Israel (24,21), o \**Fi-* *lho do homem* (5,24; 22,69), \**o Senhor* (20,41- 44; 21,27; 22,69) — um dos títulos mais usados por este evangelho em relação com Jesus: aquele que salva (2,11; 1,70-75; 2,30-32); o Filho de \**Davi* (1,27.32.69; 2,4.11; 18,38-39); o Rei

**Lucas, Evangelho de**

**/ 211**

(18,38); o Mestre (7,40; 8,49; 9,38; 10,25; 11,45; 12,13; 18,18; 19,39; 20,21.28.39; 21,7; 22,11) e, de maneira muito especial, o \**Filho de Deus* (1,35; 2,49; 3,21; 3,38; 4,3.9.41; 9,35; 10,21-22) que se relaciona com o \**Pai*, de uma forma que não admite paralelo com ninguém mais, o que implica sua divindade. Nesse sentido, são de es- pecial interesse a identificação entre Jesus e a \**Hipóstase* divina da \**Sabedoria* (7,35; 11,49- 51) assim como a aplicação a Jesus de passagens que originalmente se referem a YHVH no Antigo Testamento (Is 40,3 com Lc 3,3-4).

É precisamente Jesus — que se apresenta com essas prerrogativas — que traz o \**Reino* (4,18.43; 7,22; 8,1; 9,6; 10,11), determinando assim um marco sem comparação na história da humanida- de. Com seu ministério, deu início a um novo tem- po (17,20-21), em que as forças demoníacas se- rão derrotadas um dia (10,18-20) e em que se questiona radicalmente a religiosidade sem mi- sericórdia (11,43-46); o monopólio de Deus por uma classe religiosa (11,52); a obediência a nor- mas externas sem pureza de coração (11,37-39a); a negligência do essencial na \**Lei* de Deus (11,42) e a perseguição dos que se opõem a essa forma de vida (11,43-54).

O mundo não se divide em bons e maus como queria crer o \**fariseu* da \**parábola* (18,9-14). Pelo contrário, todos os seres humanos estão per- didos e necessitam do perdão gratuito do Pai para salvar-se e da ação salvadora de Jesus, que vem buscá-los (5,31-32; parábolas do capítulo 15). Para poder receber essa salvação, basta reconhe- cer humildemente a situação de extravio espiri- tual (18,9-14) e converter-se (13,1ss.). O funda- mento para esse novo pacto entre Deus e a huma- nidade, para essa \**Nova Aliança*, não é outra se- não a morte expiatória de Jesus na cruz (24,25- 27; 22,19-20). A transcendência de ambas as si- tuações — a perdição do ser humano e a iniciati- va redentora de Deus — explica a importância de tomar uma decisão e de tomá-la já (14,15ss.), por- que aqueles que não optarem por ouvir a mensa- gem só podem esperar a condenação eterna

**212 /**

**Lucas, Evangelho de**

(10,15; 12,5). Nada pode ser apresentado como desculpa para evitar a \**conversão*, porque sem ela todos perecerão (13,1ss.). O próprio povo de Israel — impenitente em sua maioria — teria de reconhecer a causa de sua recusa em escutar Je- sus e os profetas (11,49-51), a destruição do Tem- plo (13,34-35) e da cidade santa (21,1ss.).

A perspectiva para os que decidem converter- se em seguidores de Jesus é bem diferente. A par- tir desse momento, sua vida é movida pela pre- sença do \**Espírito Santo* (11,13; 12,11-12), sob os cuidados da Providência Divina (12,22ss.) e no amor ao próximo (10,25ss.; 6,27). Com essa atitude, demonstram que já se iniciou o período da história que se encerrará com o retorno de Je- sus (21,34ss.), com o juízo de Israel (22,28-30), com o prêmio dos discípulos (6,23; 10,20; 12,33) e com o castigo dos incrédulos (10,13-15; 12,4- 6; 17,22ss.). Essa é, na totalidade, a mensagem que Jesus pregou. Não se trata de uma especula- ção filosófica ou de um relato simbólico, mas de uma verdade histórica que pode ser provada por testemunhas que ainda viviam quando se redigiu o evangelho que Lucas enviou a \**Teófilo* (1,1-4) e, por ele, às gerações vindouras.

F. Bovon, *Das Evangelium nach Lukas*, Zurique 1989; F. Danker, *Jesus and the New Age*, Filadélfia 1988; E. E. Ellis, *The Gospel of Luke*, Grand Rapids 1974; C. F. Evans, *Saint Luke,* Filadélfia 1990; I. H. Marshall, *Commentary on* *Luke*, Grand Rapids 1978; R. L. Lindsay, *A Hebrew* *Translation of the Gospel of Mark*, Jerusalém 1969; Idem, *A* *New Approach to the Synoptic Gospels*, Jerusalém 1971; H. Schürmann, *Das Lukasevangelium*, Friburgo 1969; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; Idem, *El judeo-cris-* *tianismo*...; J. Wenham, *Redating Matthew, Mark and Luke,* Downers Grove 1992; B. H. Young, *Jesus and His Jewish* *Parables*, Nova York 1989; J. B. Orchard, “Thessalonians and the Synoptic Gospels” em *Bb*, 19, 1938, pp. 19-42 (data Mateus entre 40 e 50, pois Mt 23,32-25.46 parece ser co- nhecido por Paulo); Idem, *Why Three Synoptic Gospels*, 1975 (data Lucas e Marcos nos inícios dos anos 60 d.C.); B. Reicke, *o. c*., p. 227 (situa também os três sinóticos antes do ano 60); J. A. T. Robinson, *Redating the New Testament*, Fila- délfia 1976, pp. 86ss.; A. George, *El Evangelio según san* *Lucas*, Estella131; M. Laconi, *San Lucas y su iglesia*, Estella 1987; L. F. García Viana, *Evangelio según San Lucas*, Estella 1988.

**“M”**

**/ 213**

**Lúcifer**

Um dos nomes atribuídos ao \**diabo*, a partir de Is 14,12 e Lc 10,18.

**Lunático**

Doentes mentais que recebiam esse nome por- que se supunha que seu estado piorava ou melho- rava conforme as fases da lua. Jesus curou pes- soas que padeciam dessa moléstia (Mt 4,24), que aparece claramente diferenciada dos fenômenos de possessão demoníaca.

**Luz**

Símbolo da claridade espiritual, que procede do \**Evangelho* de Jesus (Mt 4,16; Lc 1,79) e não se restringe aos judeus, mas que chega até aos \**gentios* (Lc 2,32). Acompanha algumas mani- festações gloriosas de Jesus como a da sua \**Trans-* *figuração* (Mt 17,2-5). Os \**discípulos* devem ser canais dessa luz (Mt 5,14-16; Lc 12,35), evangelizar e atuar na transparência própria da luz (Mt 10,27; Lc 12,3).

**M**

**“M”**

Nome técnico que se costuma dar ao material próprio de \**Mateus* que não tem paralelo em \**Lucas* ou \**Marcos*. Diversos autores (Streeter, Manson etc.) consideram que esse material é uma fonte escrita prévia de Mateus, judeu-cristã e bas- tante polêmica com \**escribas* e \**fariseus*. “M” enfatiza a visão de Jesus como autêntico intér-

**214 /**

**Madalena**

prete da \**Lei* (5,21-48), fundador da \**Igreja* (16,18-19) e enviado para a salvação de Israel (10,5-7). Seu ensinamento é a expressão real da vontade de Deus (11,28-30), que é seu \**Pai*, de uma forma muito distinta (6,1-8.16-18; 18,19) e, a partir da qual, os \**discípulos* também se tor- nam \**filhos* de Deus (comparar com Jo 1,12).

S. H. Brooks, *Matthew’s Community*, Sheffield 1987; T. W. Manson, *The Sayings of Jesus*, Londres 1957; B. H. Streeter*, The Four Gospels*, Londres 1930.

**Madalena**

Ver \**Maria Madalena*.

**Mãe**

Os evangelhos reúnem numerosas referên- cias à mãe relacionadas com a concepção (Lc 1,24.31.36; 2,21), a gravidez (Mt 1,18-23; Lc 2,5), o parto (Lc 1,13.57; 23,29), com a preocupação pelo futuro dos filhos (Mt 20,20) ou com sua dor pela morte deles (Mt 2,18). A atitude de Jesus com as mães foi muito positiva e as considerava — como o judaísmo de sua época — dignas de rece- ber os benefícios oferecidos pela \**Lei* de Deus e que eram, muitas vezes, omitidos, recorrendo-se a subterfúgios legalistas (Mt 15,4ss.; Mc 7,10-12). É compreensível, pois, que Jesus expressasse sua compaixão pelas mães que estivessem amamen- tando quando acontecesse a destruição de \**Jeru-* *salém* (Mt 24,19; Mc 13,17; Lc 21,23). Mesmo tendo a maternidade em tão grande estima, não deixa de ser relevante que destacasse como mais importante do que sua mãe \**Maria* tê-lo dado à luz cumprir a Palavra de Deus (Lc 11,27ss.). Je- sus a manteve discretamente à parte de seu minis- tério (Lc 2,48; Jo 2,4) e afirmou que “sua Mãe” era aquela que punha em prática a vontade do Pai (Mt 12,46-50; Mc 3,31-35; Lc 8,19-21).

Em seu ensinamento, Jesus recorreu freqüen- temente a símbolos extraídos da função materna. Assim, Deus é como uma mãe que deseja prote-

**“Magnificat”**

**/ 215**

ger e reunir seus filhos (Lc 19,41-44) e as dores do parto são símbolo da presente era, durante a qual os \**discípulos* sofrem tribulação, mas que terminará com o triunfo do \**messias* (Jo 16,21).

**Magadã**

Região situada próxima ao mar da \**Galiléia* (Mt 15,39) e para onde Jesus se dirigiu após a segunda multiplicação dos pães e dos peixes. Mc 8,10 denomina-a \**Dalmanuta*.

**Mágdala**

Cidade situada às margens do mar da \**Galiléia*, ao norte de \**Tiberíades*. Às vezes é identificada com \**Dalmanuta* e com \**Magadã*.

**“Magnificat”**

“Exalta” (latim). Na tradução da Vulgata da Bíblia, primeira palavra do hino que \**Maria* en- toa em Lc 1,46ss. Claramente divisível em duas seções (46-49.50-55), Maria dedica a primeira para exaltar a Deus, partindo de sua própria ex- periência subjetiva. Deus é seu Senhor, a quem engrandece (*“magnificat”*) (v. 46), seu Salvador em quem se alegra (v. 47), porque ele olhou para ela (v. 48a). Aquele a quem ela serve (v. 48a) co- locou-a numa circunstância tal que as gerações futuras considerá-la-ão bem-aventurada (v. 48b), porque o Poderoso nela realizou grandes coisas (v. 49). Essa vivência pessoal de Maria não é iso- lada no tempo e no espaço, mas, ao contrário, une- se ao propósito salvífico e multissecular de Deus. Prova disso é que, no passado, ele manifestou sua misericórdia àqueles que o temiam (v. 50), humi- lhou os soberbos (v. 51), interveio na história po- lítica e social, alterando-a (v. 52a.53b), exaltou os humildes (v. 52a), saciou os famintos (v. 53a). Mas agora, no presente, essa manifestação salvífica de Deus chegou ao seu cume, ao recor- dar a promessa realizada — a vinda do \**messias* — a Abraão e à sua descendência (v. 53-55).

**216 /**

**Magos**

Embora seja evidente que o Magnificat inspi- ra-se claramente em tradições messiânicas judai- cas e tem uma especial influência do cântico de Ana, contido em 1Sm 2,7-10, é certo que apre- senta uma diferença essencial: a sensação de excepcionalidade e de cumprimento presente. Maria não é a única abençoada por Deus no de- correr da história, mas a única abençoada nesse sentido e grau; muitos refletiram sobre as inter- venções divinas; contudo, até então, ninguém o fez com essa percepção de estar presenciando a maior intervenção da história; muitos esperavam a promessa feita a Abraão e a Israel; entretanto, Maria é a que leva a encarnação dessa mesma promessa em suas entranhas. Em todos esses sentidos, o Magnificat constitui uma ponte real entre o antigo e o novo, entre a esperança messiânica e a sua realização.

**Magos**

Originalmente, de acordo com os dados apre- sentados por Heródoto, membros de uma tribo persa, que se caracterizava pelo estudo dos fenô- menos celestes. Os mencionados em Mt 2,1ss. parecem ser personagens que se enquadram nes- sa descrição. O texto não informa como se torna- ram tradições populares posteriores, nem seus nomes ou condição real, nem que foram três. Essa última informação origina-se, possivelmente, do número de oferendas apresentadas ao Menino.

**Mal**

O oposto ao bem. Ao contrário de outras cosmovisões, não procede de Deus nem é um prin- cípio necessário à constituição do cosmos. Origi- na-se no coração do homem (Mt 9,4; 12,34; 22,18; Mc 7,22; Lc 11,39), embora para ele contribuem também decisivamente \**Satanás* e seus \**demô-* *nios* (Mt 5,37; 12,45; 13,19.38; Lc 7,21; Jo 17,15). De ambas as circunstâncias provêm problemas físicos (Mt 15,22; Lc 16,25) e morais (Mt 22,18).

**Mamona/Mamón**

**/ 217**

Jesus venceu o mal (Mt 12,28) e orou ao *\*Pai* para que protegesse seus \**discípulos* do mal (Jo 17,15).

**Malco**

Nome do criado do Sumo Sacerdote a quem \**Pedro* cortou uma orelha, no seu esforço para defender Jesus (Jo 18,10). A ocasião permitiu a Jesus pronunciar um de seus ensinamentos con- tra o uso da \**violência* (Mt 26,52. Comp. Jo 18,36).

**Maldição**

Pronunciamento de um juízo cuja condenação é a separação, isto é, o inverso da bênção (Mt 25,41; Jo 7,49). Nesse sentido, a única maldição pronunciada por Jesus foi a que dirigiu simboli- camente à *\*figueira* estéril (Mc 11,21) e a que proferirá aos condenados ao \**inferno* no \**juízo* final (Mt 25,41). Proíbe expressamente seus \**dis-* *cípulos* de maldizer e até hão de bendizer aqueles que os maldizem (Lc 6,28).

**Mamona/Mamón**

Termo aramaico que, possivelmente, esteja relacionado com a raiz *“mn”* e contenha a idéia de “segurança, aquilo com o que se pode contar, o que dura”. A partir daí, foi utilizado para refe- rir-se aos bens (não somente econômicos) e às vantagens. Na literatura judaica, não faltam os exemplos do emprego do termo já com um senti- do negativo (Eclo 31,8). Jesus usou-o para expli- car uma cosmovisão oposta ao desprendimento, à confiança absoluta em Deus no suprimento das necessidades e centrada na primazia dos bens materiais (Mt 6,19-24). Seria a daqueles que, em lugar de confiar em Deus, confiam nos elemen- tos materiais. Essa atitude vital é absolutamente incompatível com a \**fé* anunciada por *Jesus* e, dada a impossibilidade de conciliar ambos, pro-

**218 /**

**Maná**

voca no ser humano a decisão de lealdade em um ou outro sentido.

**Maná**

Alimento dado por Deus ao povo de Israel enquanto vagava pelo deserto (Êx 16). Jesus apre- senta-se como o verdadeiro alimento espiritual que procede do Pai e, nesse sentido, muito supe- rior ao maná, que não conduzia à vida eterna, mas à simples manutenção física (Jo 6,31-49).

**Mandamentos**

Ver \**Dez Mandamentos*.

**Manhã**

Expressão que se refere à quarta \**vigília* da noite — de 3 a 6 horas — (Mt 16,3; 20,1; 21,18; 27,1; Mc 1,35; 11,20; 13,35; 15,1; 16,2.9; Jo 18,28; 20,1; 21,4).

**Mansidão**

Uma das qualidades específicas que se perce- bem na personalidade de Jesus (Mt 11,29). Essa palavra não deve ser identificada com o fatalis- mo, nem com a resignação, nem com a passivi- dade. Pelo contrário: implica uma atitude positi- va diante de Deus e dos seres humanos, como a manifestada por Jesus como Rei manso e humil- de (Mt 21,5. Comp. com Zc 9,9ss.).

**Manto**

Nos evangelhos, a palavra refere-se a uma peça retangular de \**linho* ou de lã, sem costuras, com duas aberturas para deixar passar os braços e que se jogava nos ombros ou se enrolava ao redor do corpo. Consistia na indumentária externa, em contraposição à interna ou \**túnica* (Mt 24,18; Mc 13,16; Lc 22,36). Costumava ser levantada para

**Marcos**

**/ 219**

dar maior liberdade de movimentos (Mt 24,18; Mc 10,50). À noite, podia desempenhar as fun- ções de uma manta (Mt 24,12ss.; Mt 5,40; Lc 6,29). No plural, corresponde simplesmente a rou- pas (Mt 17,2; 21,7ss.; 26,65; 27,31; Mc 5,28-30; 9,3; 11,7ss.; 15,20; 15,24; Lc 7,25; 9,29; 19,35ss.; 23,34; 24,4; Jo 13,4.12; 19,2; 19,23ss.).

**Mão**

Símbolo do poder de Deus, digno de confian- ça (Mt 4,6). O \**Pai* colocou tudo nas mãos de Jesus (Mt 3,12; Lc 3,17; Jo 3,45; 13,3), do qual provém a onipotência do Filho (Jo 10,28ss).

Em Jesus, o uso das mãos está ligado à \**bên-* *ção* (Mt 19,13-15; Mc 10,16; Lc 24,50) e à \**cura* (Mc 6,5; 8,23-25; Lc 4,40; 13,13); o mesmo pode ser observado em seus \**discípulos* (Mt 9,18; Mc 7,32; 16,18).

**Mar**

Designação que se dá ao lago de \**Tiberíades* (Mt 4,13). Os evangelhos relatam episódios de Jesus caminhando sobre suas águas e dando or- dens às suas ondas (Mt 8,24-27; 14,24-27; Mc 4,37-41; 6,47-50; Lc 8,23-25; Jo 6,17-20), como o fez YHVH em tempos passados (Sl 89,9ss.; Jn 1; Na 1,4).

**Mar Morto, Manuscritos do**

Ver \**Qumrán*.

**Marcos**

Também João Marcos. Judeu-cristão, primo de Barnabé e filho de uma mulher em cuja casa se reunia a Igreja hierosolimita. Tradicionalmente, atribui-se a ele a redação do evangelho que leva seu nome. Participou do início da Igreja antioquena e acompanhou \**Paulo*, junto com seu primo Barnabé, em sua primeira viagem

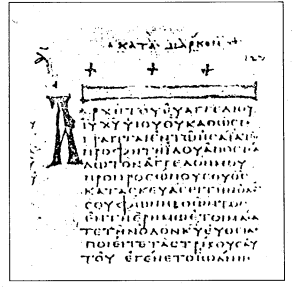
**220 /**

**Marcos, Evangelho de**

missionária. O fato de decidir abandonar seus acompanhantes em Perge levá-lo-ia a uma ruptu- ra temporal com Paulo. Em 1Pd 5,13 aparece como companheiro do \**apóstolo* \**Paulo*, que coincide com informações extrabíblicas (Papias etc.) e o convertem em companheiro e intérprete do apóstolo no mundo romano. Essas circunstân- cias enquadram-se também com a visão peculiar do segundo evangelho, expressamente redigido para os romanos, com claras reminiscências de uma testemunha ocular (Pedro?) e dotado de uma estrutura breve e simples, adequado para a obra missionária. Uma tradição tardia liga Marcos com o episcopado de Alexandria, mas, nesse caso, encontramo-nos ante uma notícia muito menos segura do que as já assinaladas.

**Marcos, Evangelho de**

1. Autoria e datação. O evangelho de Marcos — que, muito possivelmente, reúne a pregação petrina — é um evangelho dirigido fundamental- mente aos \**gentios* e, quase com toda a seguran- ça, forjado em um meio pagão. Tradicionalmen- te, tem sido identificado com Roma (o que com- binaria com a missão petrina) (Eusébio, HE 2,15; 6,14.16) ou, secundariamente, com Alexandria, em harmonia com uma tradição que situa Marcos nessa cidade (João Crisóstomo, *Hom. Mat* 1,3). É bem possível que o autor possa ser identificado com João \**Marcos*. Quanto à sua datação, costu- ma-se admitir, quase que unicamente, que foi es- crito antes do ano 70 d.C. e pouco antes ou pouco depois da perseguição de Nero, embora alguns autores o considerem ainda mais antigo. As mes- mas fontes antigas manifestam essa duplicidade de opiniões. Para Eusébio (HE 6,14.5-7), Marcos teria escrito seu evangelho por volta de 64-65. Clemente de Alexandria, ao contrário, fixou-o em uma data cujo termo “a quo” seria o ano de 45. Mais duvidosa é a afirmação de que Marcos é o primeiro escrito entre os quatro que o Novo Tes- tamento contém. Certamente é o mais breve, mas não é menos verdade que, por exemplo, os mes-

**Marcos, Evangelho de**

**/ 221**

mos episódios em Marcos e em Mateus apresen- tem-se mais elaborados no primeiro do que no segundo.

2. Estrutura e mensagem. A estrutura de Mar- cos é muito simples. Após um breve prólogo (1,1- 15), que tem início com a pregação de \**João Ba-* *tista*, Marcos descreve o ministério galileu de Je- sus (1,6-8,26) e, como sua consumação, a pai- xão, morte e \**ressurreição* de Jesus (8,27-16,8).

Mesmo que Marcos não pretenda fazer teolo- gia, mas narrar uma história, é inegável que em sua obra estão presentes motivos teológicos bem definidos. O primeiro deles é o anúncio do \**Rei-* *no* ao qual Marcos faz quinze referências em contraposição às cinqüenta de Mateus e às qua- renta de Lucas. Esse Reino já se encontra presen- te e pode ser recebido quando se tem o coração puro e simples de uma criança (10,14-15 ). Sem dúvida, sua manifestação total será futura (10,23- 25; 14,25; 14,3-20.26-29,30-32), relacionada com o \**Filho do homem* — o próprio Jesus — (8,38; 13,26-32; 14,62). Exatamente por isso, os \**discí-* *pulos* devem vigiar diligentemente (13,33-37).

*Início do evangelho segundo Marcos*   
*(Códice Vaticano, séc. IV)*

**222 /**

**Marcos, Evangelho de**

Nessa situação dupla de presente e futuro, de “já” e ainda “não”, reside precisamente o mistério do Reino ao qual fazem referências as \**parábolas* (4,3-20; 26-29,30-32). A vitória sobre os \**demô-* *nios* (1,21-27), a \**cura* dos enfermos (2,1-12), o relacionamento direto com os \**pecadores* (2,13- 17), a alimentação dos famintos (6,34-44) e, evi- dentemente, o chamado dos *\*Doze* são sinais do Reino.

O segundo aspecto central da teologia de Mar- cos é sua visão de Jesus. Este é o \**messias* — que se vê como \**Servo* de Is 42,1; 53, 1ss.; 61,1ss. — e assim o reconhecem seus discípulos (8,29), con- firmado pela experiência da \**Transfiguração* (9,2- 9) e entendido através de acontecimentos como a entrada de Jerusalém (11,1-11) nos moldes messiânicos de Zc 9,9. Prudente no uso do título para evitar que este fosse mal interpretado por seus ouvintes, Jesus reconhecerá também sua messianidade durante seu processo (14,61-62) e assim constará no título de sua condenação (15,6- 20.26). Jesus é o messias, mas não um guerreiro. Ele é o que veio para servir e dar a sua vida em resgate por todos como Filho do homem (Mc 10,45). Jesus emprega esse segundo título como referência a si mesmo tanto para ressaltar seu poder para perdoar pecados (2,10), como sua au- toridade de Senhor do \**sábado* (2,28) e, natural- mente, em relação à sua visão do messias sofre- dor (8,31; 9,9.12.31; 10,33.45; 14,21.41). Embo- ra este seja o título preferido por Jesus para refe- rir-se a si mesmo, Marcos enfatiza especialmente o de \**Filho de Deus*, com o qual até mesmo ini- cia seu evangelho (1,1). Assim é reconhecido pelo \**Pai* no \**batismo*, conferindo-lhe um significa- do messiânico (comp. com Sl 2,7). O título “Fi- lho de Deus” transcende o de simples messia- nismo. As referências em Mc 1,23-27; 3,11; 5,7; 9,7 supõem uma relação com Deus que supera o simplesmente humano, e isso é o que se deduz da própria afirmação de Jesus contida em 14,62. Atri- buiu a si mesmo um lugar à direita de Deus, e a sua função julgadora incorre no que seus juízes consideram uma evidente blasfêmia (14,63-64).

**Maria**

**/ 223**

Certamente a relação de Jesus com seu Pai é ra- dicalmente distinta da de qualquer outro ser (1,11; 9,7; 12,6; 13,32; 14,36) e transcende a simples humanidade.

Finalmente, e como acontece nos relatos dos outros evangelhos, Marcos também formula ao homem a necessidade de responder à chegada do Reino em Jesus. Na realidade, só existe uma res- posta possível: a \**conversão* (1,16), porque o tem- po já chegou. Será um tempo marcado pela mor- te expiatória do Filho do homem (10,45) e a es- pera da consumação do Reino anunciado na Ceia do Senhor (14,25). Agora já é possível entrar no Reino todo aquele que se aproxime com a fé de uma criança (10,14-15). Para quem crê e é bati- zado existe salvação, mas a condenação é o des- tino de quem não o aceita (Mc 16,15-16). Essa decisão — obrigatoriamente presente — não é senão a antecipação, no hoje, da separação que o Filho do homem fará no final dos tempos (13,33-37).

V. Taylor, *The Gospel of Mark*, Nova York 1966 (há edi- ção em espanhol na Cristiandad, Madri 1980, *Evangelio* *según san Marcos*); H. Anderson, *The Gospel of Mark*, 1981; E. Best*, Mark: The Gospel as Story*, Filadélfia 1983; L. Hurtado, *Mark*, Peabody 1983; M. Hengel, *Studies in the* *Gospel of Mark*, Minneapolis 1985; D. Lührmann, *Das* *Markusevangelium*, Tubinga 1987; R. A. Guelich, *Mark* *1-* *8: 26,* Waco 1989; J. D. Kingsbury, *Conflict in Mark*, Minneapolis 1989; J. Delorme, *El Evangelio según san Mar-* *cos*, Estella 131995; P. Grelot, *Los Evangelios*, Estella5 1993; J. M. Gonzáles-Ruiz, *Evangelio según Marcos*, Estella 1988; Xabier Pikaza, *Para vivir el Evangelio*. *Lectura de Marcos*, Estella 1995.

**Maria**

Forma greco-latina do hebraico Miryam e do aramaico Maryam. Não é exato seu significado. 2. A \**mãe* de Jesus de Nazaré. Mateus e Lucas apresentam-na como mãe virgem de Jesus (Mt 1,18ss.; Lc 1,26ss.), que engravidou antes de con- trair matrimônio, mas já comprometida com \**José*. Essa circunstância específica — a de sua maternidade messiânica — converte-a numa pes-

**224 /**

**Maria**

soa cuja bem-aventurança será contada pelas ge- rações futuras (Lc 1,48) e sobre quem a graça de Deus manifestou-se de uma maneira absolutamen- te especial (Lc 1,28). Desde o século XVIII, cri- ticam-se os relatos da Natividade de serem um transcrito de lendas mitológicas referentes a par- tos virginais. O certo é que Mateus vê o episódio como um cumprimento da profecia de Is 7,14, considerada messiânica em várias fontes judias da época. Tem-se objetado também que Mateus deturpou o sentido do texto original ao interpre- tar a palavra hebraica “*almah*” como virgem. Na realidade, esse argumento não tem base fatual real. No Antigo Testamento, a palavra “*almah*” apare- ce sete vezes, sempre se referindo a uma virgem, de forma explícita ou implícita (mulher solteira de boa reputação). Disso temos exemplo em Gn 24,43; Êx 2,8; Sl 68,25; Pr 30,19; Ct 1,3; 6,8. De fato, não deixa de ser bastante revelador que a Bíblia judaica dos LXX traduzisse o termo hebraico pela palavra grega “*parzenos*” (virgem). Não menos significativo é que o comentarista ju- deu medieval Rabi Shlomo Yitsjaki, “Rashi”, (1040-1105), ao realizar a exegese da passagem de Is 7,14, escrevesse: “Este é o sinal: a que con- ceberá é uma jovem (*na-arah*), que jamais tivera, em sua vida, relações sexuais com algum homem. Sobre ela o Espírito Santo terá poder” (*Mikra’ot* *Guedolot* sobre Is 7,14). Longe, portanto, de de- turpar o texto de Isaías e de mostrar influências pagãs e antijudaicas, a passagem mateana — que afirma a condição virginal da mãe de Jesus — apóia-se categoricamente no texto hebraico lite- ral de Is 7,14, na sua tradução para a Bíblia dos LXX e até mesmo na interpretação de exegetas judeus de renome como o medieval Rashi. Do encontro com sua parenta \**Isabel*, a mãe de \**João* *Batista*, procede-se o \**Magnificat*, um belo cântico de gratidão ao Deus salvador, impregna- do de espiritualidade judaica. Lucas demonstra um interesse especial por Maria no período do nascimento e infância de Jesus. Assim, afirma- nos que as várias circunstâncias que cercaram o nascimento de seu Filho foram guardadas em seu

**Maria**

**/ 225**

coração (Lc 2,19) ou que durante a apresentação do Menino no \**Templo*, \**Simeão* profetizou que uma espada transpassaria sua alma (Lc 2,34-39). Junto com José e Jesus, Maria exilou-se no \**Egi-* *to*, fugindo de \**Herodes*, regressando mais tarde e fixando sua residência em \**Nazaré* (Mt 2,13- 23). Quando Jesus tinha 12 anos, perdeu-se no Templo de Jerusalém, onde o encontraram Maria e seu pai (Lc 2,41-50). São muito escassas as re- ferências a Maria durante o ministério público de Jesus. Em primeiro lugar, vemos sua intervenção nas bodas de *\*Caná* (Jo 2,1-11), um episódio muitas vezes empregado para apoiar o poder intercessor de Maria mas que, na realidade, ma- nifesta a disposição de Jesus em não permitir orientações em seu ministério. Depois, encontra- mos Maria com os \**irmãos de Jesus*, tentando dissuadi-lo de continuar seu ministério (o que motivou o ensinamento de Jesus acerca da supre- macia do relacionamento espiritual sobre o car- nal) (Mc 3,31-35 e par.) e finalmente (Jo 19,25ss.) ao pé da \**cruz*, em companhia do \**Discípulo* *amado*, numa cena profundamente comovedora. O Novo Testamento não faz referências a alguma aparição do Ressuscitado à sua mãe, a não ser que a consideremos incluída anonimamente na lista coletiva de 1Cor 15,1ss. (D. Flusser). Já se estabeleceu, porém, que fazia parte, junto com os irmãos de Jesus, da comunidade de Jerusalém (At 1,14). Nada mais sabemos de sua vida posterior, e o mais possível — se aceitamos alguns restos arqueológicos do século I — é que foi sepultada em Jerusalém, tendo seu túmulo sido profanado no início do século II, d.C. A história de sua esta- da em Éfeso, acompanhando \**João*, o filho de \**Zebedeu*, carece realmente de base histórica.

Essa falta de dados históricos sobre Maria, sua família, sua vida anterior e posterior ao ministé- rio de Jesus foi suprida pelo surgimento de len- das piedosas que teriam uma enorme influência na arte e no pensamento posteriores — principal- mente durante a Idade Média —, mas cuja auten- ticidade histórica é extremamente duvidosa. Uma carência de veracidade bem semelhante a essa,

**226 /**

**Maria**

mesmo de significado diametralmente oposto, é a que encontramos na visão de Maria que apare- ce em algumas fontes judaicas. No início do sé- culo II, no mínimo, já era acusada de adúltera e de ter tido Jesus como fruto das relações sexuais mantidas com um soldado estrangeiro chamado Pantera ou Pandera (Tosefta Hul.lin II 22-3; TJ Aboda Zara 40d e Sabbat 14d). A *Mishnah* *Yebanot* 4,13 contém a informação de um rabino do início do século II, Simeón ben Azzai, de que Jesus era “ilegítimo, nascido de uma mulher ca- sada”. Tal tradição persistiu no período amoraítico e nas lendas medievais judaicas do *Toledot Yeshú*. Fica a possibilidade de que semelhantes acusa- ções já surgissem durante a vida de Jesus (Jo 8,41), embora os autores judeus contemporâneos (J. Klausner etc.) reconheçam que não existe nenhu- ma base histórica para elas e atribuem a origem dessas afirmações à controvérsia teológica. Es- ses ataques judeus tiveram, presumivelmente, uma enorme relevância na hora de serem redigidos os escritos apócrifos em que se afirmava a virginda- de perpétua de Maria (Proto-Evangelho de Tiago). De fato, é nessa literatura que encontramos, pela primeira vez, referências a crenças como as da Assunção.

Maria não aparece mencionada apenas nas fontes cristãs (neotestamentárias ou apócrifas) ou judaicas. O Corão refere-se a ela, em repetidas ocasiões, como mãe de Jesus (3,33-63; 4,156.171; 5,17-72.116; 19,16-40; 21,91; 23,50; 66,12) e defende ardorosamente sua concepção virginal diante de seus detratores (4,156). Opõe-se a seu culto — dentro de uma lógica própria do monoteísmo — e manifesta-se contrário à sua in- clusão no seio da Trindade, detalhe que eviden- cia a errônea compreensão que tinha Maomé dessa doutrina e, ao mesmo tempo, aspecto idolátrico que o profeta percebia na veneração que os cris- tãos, conhecidos por ele, tributavam a Maria.

2. Maria de Betânia. Irmã de \**Marta* e de \**Lázaro*. Os evangelhos apresentam-na especial- mente voltada para o ensinamento de Jesus (Lc 10,38-40), em contraste com sua irmã. É de

**Maria**

**/ 227**

especial relevância sua conversa com Jesus, an- tes de ele ressuscitar Lázaro (Jo 11,1-44), assim como a maneira com que ungiu os pés de Jesus (Jo 12,1-11). Este último episódio não deve ser confundido — como às vezes acontece — com o relatado em Lc 7,36-50.

3. Maria de \**Cléofas*. Personagem citada em Jo 19,25. O texto é obscuro e não é fácil saber, com certeza, se se refere a ela como “Maria, a mulher de Cléofas” ou simplesmente como “a mu- lher de Cléofas”. Alguns autores identificam-na com a mãe de \**Tiago* e de \**José* (Mt 27,55ss.; Mc 15,40) e com a “outra Maria” de Mt 27,61, a que comunicou a \**Ressurreição* de Jesus em com- panhia de Maria Madalena (Mt 28,1ss.). Todos os extremos dessa identificação não são, contu- do, totalmente seguros.

4. Maria Madalena. Possivelmente assim de- nominada por proceder da região de \**Mágdala*, uma pequena cidade às margens do mar da \**Galiléia*. Jesus libertou-a de vários \**demônios* (Lc 8,2-3), o que a levou a segui-lo e a servi-lo com seus bens. Provavelmente, essa referência a uma possessão demoníaca contribuiu nos sécu- los seguintes para identificá-la com uma prosti- tuta e até mesmo com a personagem citada em Lc 7,36-50, mas não existe base real para essa teoria. Foi testemunha da crucifixão (Mt 27,56) e sepultamento de Jesus (Mt 27,61). Também rece- beu o anúncio da ressurreição de Jesus dado pelo \**anjo* (Mt 28,1ss.) e para quem, possivelmente, foi a primeira aparição de Jesus ressuscitado (Jo 20,1-18).

5. Maria, mãe de \**João Marcos*. Provavelmen- te, mulher abastada, em cuja casa reunia-se a co- munidade judeu-cristã de \**Jerusalém*.

C. Vidal Manzanares, “La figura de María en la literatu- ra apócrifa judeo-cristiana de los dos primeros siglos” em *Ephemerides mariologicae*, vol. 41, Madri 1991, pp. 191- 205; Idem, “Maria en la arqueología judeo-cristiana de los tres primeiros siglos” em *Ephemerides mariologicae*, vol. 41, Madri 1991, pp. 353-364; Idem, “La influencia del judeo- cristianismo de los dos primeros siglos en la liturgia mariana” em *Ephemerides mariologicae*, vol. 42, Madri 1992, pp. 115-

**228 /**

**Marta**

126; Idem, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El Primer* *Evangelio*...; M. Warner, *o. c.*; R. E. Brown e outros, *o. c.*; A. T. Khoury, *o. c.*; J. P. Michaud, *María de los Evangelios*, Estella 21993; C. Perrot, *Los relatos de la infancia de Jesús*, Estella 71993; J. Zumstein, *Mateo el teólogo*, Estella 31993; C. Bernabé, *Las tradiciones de María Magdalena en el cris-* *tianismo primitivo*, Estella 1989.

**Marta**

Em aramaico: dona, senhora da casa. Irmã de \**Lázaro* e de \**Maria* de \**Betânia*. De acordo com Lc 10,38ss., tratava-se de uma pessoa absorvida pela atividade doméstica, em contraste com sua irmã Maria. Jo 11,22-27 afirma sua \**fé* em Jesus, por ocasião da morte de Lázaro.

**Mártir**

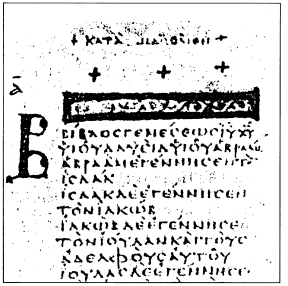
Nos evangelhos, a palavra tem o significado original de “testemunha” (Mt 10,18; 10,32ss.; Mc 13,9; Lc 12,8ss.; Jo 15,13).

**Mateus**

Ver \**Levi.*

**Mateus, Evangelho de**

1. Autoria e datação. Papias (m. 130 d.C) res- saltou que o \**apóstolo* Mateus recolhera os orá- culos (*logia*) de Jesus em hebraico (ou aramaico) e que depois o texto foi traduzido (Eusébio, HE 3,39,16). Irineu (*Haer* 3,1,1) datou o texto na épo- ca em que \**Pedro* e \**Paulo* estavam em Roma, o que situaria a redação no início dos anos 60 do século I. Essas notícias — repetidas com matizes por outros autores cristãos dos primeiros séculos — prestam-se a diversas interpretações. Uma se- ria a de identificar o texto de *logia* de Mateus com o evangelho que leva seu nome (Guthrie, Zahn, Lagrange, Tasker, Maier, Wenham). Conforme outra, os logia escritos por Mateus seriam \**Q* (Mayer, Hill, Allen, Plummer, Manson, Moule

**Mateus, Evangelho de**

**/ 229**

etc.). Para outros autores, a declaração de Papias, Irineu e outros carecia de base histórica (Kümmel, Marxsen). Atualmente, abre-se caminho progres- sivamente para a tese de que o Mateus atual em grego é o mesmo a que se referiu Papias e que a expressão “em hebraico” faria referência não tanto à língua de redação, mas ao seu estilo.

Quanto ao autor do evangelho, continua sen- do hoje em dia uma questão aberta. Certamente, não existem argumentos de peso para negar a iden- tificação tradicional do autor com o apóstolo e sim algumas razões que encaixariam neste como o enfoque judeu, a crítica dos escribas e \**fariseus* — lógica em um antigo \**publicano* (Mt 23 etc.). É bem possível que as primeiras cópias da obra não contivessem referência à autoria de Mateus, e isso obriga a evitar as explicações dogmáticas. Quanto à datação, costuma situar-se em alguma data por volta de 80 d.C. (o que, indiretamente, dificultaria aceitar Mateus como o autor do evan- gelho). Sem dúvida, a base fundamental para se chegar a essa afirmação é — como no caso de \**Lucas* — a pressuposição, difícil de ser susten-

*Início do evangelho segundo Mateus*   
*(Códice Vaticano, séc. IV)*

**230 /**

**Mateus, Evangelho de**

tada, de que a pregação de Jesus sobre a destrui- ção do Templo é um “vaticinium ex eventu”. Como Lucas, Mateus utilizou Q e não se pode descartar uma datação anterior a 70 d.C. pelas mesmas razões já aduzidas em relação a Lucas, exceto a relacionada com o Livro dos Atos (ver: *Lucas*).

2. Estrutura e conteúdo. Possivelmente, a es- trutura de Mateus é a que tem originado mais dis- cussões por parte dos especialistas. B. W. Bacon (1918 e 1930) assinalou que Mateus ordenara seu evangelho sobre a base de cinco discursos alter- nados com material narrativo. Essa ordem seria: 1. Discipulato (3,1-7,29). 2. Apostolado (8,1- 11,1). 3. Revelação desconhecida (11,2-13,53). 4. Ordem eclesial (13,54-19,1a). 5. Juízo (19,1b- 26,2) e Epílogo (26,3-28,20). Outros autores (Lagrange, Plummer, Zahn) encontraram no tex- to uma ordenação geográfica (nascimento e in- fância, preparação para o ministério, ministérios na Galiléia e nas proximidades da Galiléia, em Jerusalém, últimos dias). A essas opiniões, so- mam-se as que encontram na obra uma estrutura concêntrica (C. H. Lohr, D. Gooding etc.), bio- gráfico-teológica (N. B. Stonehouse, J. D. Kingsbury etc.) ou cronológica.

A mensagem de Mateus apresenta notáveis coincidências com o esquema que se encontra presente em outros evangelhos, quanto a seus te- mas principais: Jesus, o Reino, a salvação e os discípulos. Em Mateus, Jesus aparece como o \**messias*, dando a esse título um significado de \**preexistência* (2,4; 22,41-46), não isento de pa- ralelos no judaísmo da época. Como messias, su- põe o cumprimento da \**Lei* e dos \**profetas* (3,15; 5,17-48; 12,17-21; 13,35; 21,5; 16,42; 22,44; 23,39; 26,31; 27,9; 35,46) e os realiza ao agir como o \**Servo* de YHVH (3,17; 8,17; 10,35; 12,17-21; 13,14-15; 21,5.42; 23,39; 26,31.38; 27,9.35.46 etc.). Além de messias, Jesus é o \**Fi-* *lho de Deus*, o título mais importante no evange- lho (3,17; 4,3-6; 11,27; 14,33; 16,16; 17,5 etc.), num sentido sem paralelo com o de qualquer ou-

**Mateus, Evangelho de**

**/ 231**

tro ser (11,27). De menor importância são os títu- los de \**mestre* — que se encarna em seu ensinamento (c. 5-7; 13,18) e do qual Jesus se apropria (10,24-25; 23,8; 26,18) e outros lhe atri- buem (8,19; 9,11; 12,38; 17,24; 19,16; 22,16; 24,36) — e de pregador (4,17.23; 9,35 etc.).

Jesus, o messias, inaugura o \**Reino* de Deus que, como nos outros evangelhos, já está presen- te (6,33; 11,12; 12,28; 13,24-30.36-43; 16,19; 23,13), mas aguarda a sua plena realização futura (4,17; 5,19; 8,12; 16,28; 25,1-13; 26,29). E, por- que o Reino já foi inaugurado, inicia-se uma era de salvação ante a qual nenhum ser humano pode ficar indiferente. Embora sofra oposição (11,12; 13,24-30; 23,13), triunfará e já agora se abre até para os rejeitados e marginalizados (5,3.10; 8,11- 12; 13,31-32; 19,14; 21,31.43; 22,1-14; 23,13; 24,14), e, para aquele que nele não entra, só exis- te uma alternativa: a condenação (16,19; 21,43). Finalmente, o \**Filho do homem* consumará o Reino (13,24-30.36-43.47-50; 16,28; 25,1-13) e terá lugar o \**juízo* de Deus (8,12; 18,3; 19,23-24; 20,1-16; 22,1-14 etc), quando aqueles que estão unidos a Jesus alcançarão a \**salvação* (10,32-33; 25,31-46).

Para aqueles — a \**Igreja* — que já entraram no Reino, abre-se desde já a perspectiva, a possi- bilidade e a obrigação de viver conforme seus va- lores (4,17; 5,20; 6,33; 7,21; 13,44-45; 18,3.23; 19,12.23-24; 21,31-32; 24,14). A pregação de Jesus, ao menos temporariamente, será rejeitada por Israel (Mt 21,33-46), e a Igreja, centrada na \**Nova Aliança* inaugurada pelo derramamento sacrifical do sangue de Jesus (26,26-29), abrir- se-á aos não-judeus (2,1-12; 8,5-13; 15,21-28; 28,16-20 etc.). \**Gentios* que, junto com os israelitas que creram, esperam para o presente o cuidado material de Deus (6,33; 19,29), o des- canso para o espírito (11,29), a presença compa- nheira e contínua de Jesus (28,20) e, para o futu- ro, a aprovação de Deus (6,1; 10,40-42; 16,27; 20,1-16), a vida eterna (19,29) e a comunhão com o Pai e o Filho (26,27-29).

**232 /**

**Matrimônio**

P. Bonnard, *o. c.*; D. A. Carson, *Matthew*, Grand Rapids 1984; R. T. France, *Matthew*, Grand Rapids 1986; Idem, *Matthew: Evangelist and Teacher*, Grand Rapids 1989; W. D. Davies e D. C. Allison, Jr. A. *Critical and Exegetical* *Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*, Edimburgo 1988; U. Luz, *Matthew 1-7,* Minneapolis 1989; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; L. Poittevin e E. Charpentier, *El Evangelio*...; J. Zumstein*, Mateo, el teó-* *logo*, Estella 31993; Resenha Bíblica no 2*, Mateo, el escriba* *cristiano*, Estella 1994.

**Matrimônio**

No judaísmo, considerava-se que o matrimô- nio fora instituído por Deus, a partir do primeiro casal (Gn 2). Contraí-lo constituía — e constitui —, portanto, uma das obrigações religiosas de todo o ser humano. Essa visão explica o fato ex- cepcional do celibato na cultura judaica. Os tex- tos sagrados do judaísmo consideram o matrimô- nio o único estado correto para o homem e para a mulher e afirmam que a família é o marco ideal para o ser humano. No início do período rabínico, o matrimônio incluía a cerimônia de compromis- so *(erusín ou kidushín*) e o casamento (*nisuín ou* *jupáh*), que era celebrado até um ano mais tarde. Essa estrutura cerimonial é a que se encontra pre- sente no relato de Mt 1, onde se narra a gravidez de \**Maria*, que estava comprometida com \**José*.

Jesus viu o matrimônio positivamente, como se evidencia na narrativa das bodas de \**Caná* (Jo 2,1ss.), mas optou pelo celibato que, se não era excepcional em seu tempo — recordemos o exem- plo dos \**essênios* de \**Qumrán* —, não era tam- bém muito comum. Pelo seu respeito ao matri- mônio — tal como é descrito em Gn 2 — fez opo- sição ao \**divórcio* e apoiou a monogamia. Ape- sar disso, Jesus elogiou a atitude daqueles que optaram pelo celibato por sua entrega à causa do \**Reino* (Mt 19,12).

**Mediação**

Ver \**Intercessão.*

**Meia-noite**

**/ 233**

**Médico**

Um dos termos que Jesus emprega para defi- nir sua missão. Ele — o médico espiritual — é o único que pode curar as moléstias provenientes do \**pecado* (Mt 9,11-13; Mc 2,17; Lc 5,31) e até mesmo as enfermidades que os médicos huma- nos são incapazes de curar (Mc 5,26; Lc 8,43). Por usar simbolicamente o termo referindo-se a si mesmo, Jesus foi objeto de algumas zombarias da parte de seus adversários (Lc 4,23).

**Medida**

Essa palavra traduz vários termos que apare- cem nos evangelhos. 1. A *metreta* (hebraico: *efa* *e bat*). Medida grega de capacidade para líquidos de 1/10 de coro ou 36,44 litros (Jo 2,6). 2. O *saton* (hebraico *sea*). Medida de capacidade para sóli- dos, equivalente a 3/4 de efá ou 12,13 litros (Mt 13,33; Lc 13,21). 3. O coro (hebraico *kor*). Medi- da de capacidade para sólidos e líquidos, equiva- lente a 10 efás ou 364 litros. Equivale a *homer*, que geralmente designava a carga apropriada para um jumento (Lc 16,7). 4. O *xestes* ou sextário. Equivalente a uma jarra (0,46 litros) (Mc 7,4).

Além dessas, os judeus usavam medidas de comprimento que eram determinadas pelas par- tes do corpo humano: o côvado (desde o cotovelo até a ponta do dedo médio), o palmo, quarta ou meio côvado (a mão aberta, do polegar ao dedo mínimo), o palmo menor (um terço de palma ou quarta, que correspondia à largura da mão); o dedo ou polegada (equivalente a um quarto do palmo menor). Para as distâncias, os judeus utilizavam a vara (seis codos) e o caminho do sábado (entre 1.100 e 1.250 m).

**Meia-noite**

Fim da segunda \**vigília* (Mc 13,35; Lc 11,5; Mt 25,6).

**234 /**

**Meio-dia**

**Meio-dia**

1. Metade do dia ou hora sexta. 2. O país do Sul (Mt 12,42; Lc 11,31; 13,29). 3. Também o vento do sul ou austral (Lc 12,55).

**Mel**

Produto comestível procedente das abelhas. Era abundante no deserto da Judéia e um dos com- ponentes básicos da alimentação de \**João Batis-* *ta* (Mt 3,4; Mc 1,6).

**Memória**

Recordação, impulsionada pela \**fé*, que o \**dis-* *cípulo* faz da pessoa e obra de Jesus. A comemo- ração dessa pessoa e obra é a finalidade do partir do pão (Lc 22,19). Nesse empenho, desfruta da ajuda do \**Espírito Santo* (Jo 14,26).

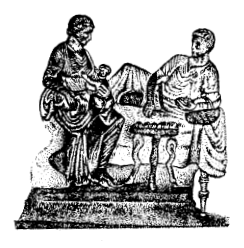
**Memrá**

Termo aramaico que pode ser traduzido por “palavra” ou “verbo”. Os targuns utilizaram-no como circunlóquio substitutivo do nome de YHVH. É bem possível que o qualificativo de Palavra ou \**Verbo* (em grego, \**Logos*), que João atribuiu ao Filho em seu evangelho (1,1), prove- nha dessa idéia. Desde o início, é evidente que para João o Filho é Deus (Jo 1,1; 20,28) e usar esse título é torná-lo igual a Deus (Jo 5,18).

R. Longenecker, *o. c.*; C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo...*; D. Muñoz Alonso, *Dios-Palabra: Menrá en* *los targumim del Pentateuco*, Estella 1974.

**Mendigo**

Parte da população \**pobre* da Palestina, que tinha de pedir para viver. Socialmente era vergo- nhoso, principalmente se ocasionado pela perda de fortuna (Lc 16,3). Em algumas ocasiões, a mendicância provinha de uma deficiência física

**Mesa**

**/ 235**

como a cegueira. Os evangelhos relatam \**curas* relacionadas com pessoas que se encontravam nessa situação (Mc 10,46; Lc 18,35).

**Mentira**

Uma das armas utilizadas pelos adversários contra os discípulos de Jesus (Mt 5,11). A gravi- dade dessa ação é lógica, se temos em conta que procede do \**Diabo*, que bloqueia a verdade ao homem e até mesmo lhe inspira propósitos homi- cidas (Jo 8,40-47).

**Mês**

1. Mês lunar de, alternativamente, vinte e nove e trinta dias. Era designado por seu nome (os evan- gelhos não citam seus nomes) e por seu número, começando por nisã (março-abril). 2. Festa reli- giosa.

**Mesa**

1. Móvel, geralmente com pés, utilizado para comer (Mt 15,27; Mc 7,28) ou para trabalhar (Mt 21,12; Mc 11,15; Jo 2,15). 2.Banco (Lc 19,23; comp. com Mt 25,27).

*Mesa de três pés “cabriolé” para as refeições.*   
*Relevo romano (Avignon)*

**236 /**

**Messias**

**Messias**

Literalmente, ungido. Primitivamente, a pes- soa consagrada com óleo para uma tarefa divina. O termo era, pois, aplicado ao monarca e ao Sumo Sacerdote. Mais tarde, o termo referir-se-á a um rei da casa de Davi (2Sm 22,51), que estabelece- rá a justiça e o juízo, obterá a salvação de Israel e das nações e até mesmo terá características divi- nas (Is 9,5-6; 11,1-10 etc). O fato de o Antigo Testamento apresentar esse messias ora como *\*Servo* sofredor (Is 52,13-53,12) ora como rei triunfante levou alguns setores judeus — como a seita do Mar Morto — a crer na vinda de dois messias, um dos quais morreria pelos pecados do povo. Obviamente, foi esta última categoria messiânica a proclamada por Jesus (Mc 10,45) e seus discípulos (At 2,22ss.), transferindo seu triunfo para uma futura vinda. A idéia de um mes- sias sofredor, que expiaria com sua morte os pe- cados de todos, aparece em inúmeras fontes do judaísmo (Midraxe de Rute 2,14; Sanhedrín 98b; Yoma 5a; Lukot Habberit 242a etc.), mas sua se- melhança com os detalhes da morte de Jesus e as vantagens de que tal fato tiravam os judeu-cris- tãos explicam que o judaísmo posterior fosse re- jeitando as interpretações messiânicas tradicio- nais de passagens como Is 53 ou Zc 12,10. As- sim, ou Is 53 foi reconhecido como texto messiânico, mas se lhe tirou o conteúdo sofredor (Targum de Is 53), ou se acentuou o seu caráter messiânico, mas foi substituído por uma aplica- ção ao povo de Israel para evitar favorecimentos aos cristãos (Rashi, Maimônides etc.). Portanto, as fontes deixam de apresentar que o conceito messiânico do cristianismo se enraíza claramen- te no judaísmo bíblico e do Segundo Templo. Jesus partiu da identificação do messias com o \**Servo* de YHVH, unindo-se assim a outras cor- rentes exegéticas da época. No entanto, esse Ser- vo — e nisso também acompanhou correntes ju- daicas — é também o \**Filho do homem* e o \**Fi-* *lho de Deus*, historicamente identificado com ele próprio: Jesus.

**Midraxe**

**/ 237**

S. Mowinckel, *He*...; J. Kausner, *The Messianic idea*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El* *Primer Evangelio*...; Idem, *Los esenios*...; Idem, *Los Docu-* *mentos*...; A. Kac*, The Messiahship*...; Idem, *The Messianic* *Hope*, Grand Rapids 1985; D. Juel, *o. c.*; O. Cullmann, *Christology*...; R. Longenecker, *o. c.*; T. W. Manson, *The* *Servant-Messiah*, Cambridge 1953; M. Pérez Fernández, *Tradiciones mesiánicas en el Targum palestinense*, Estella 1981; J. L. Sicre, *De David al Mesías*, Estella 1995.

**Mestre**

1. “*Epistates*” (o que está por cima). No evan- gelho de \**Lucas*, é equivalente a \**rabie*, por de- finição, um título apropriado para Jesus (Lc 5,5; 8,24.45; 9,33.49; 17,13). 2. “*Didaskalos*” (o que ensina). Por antonomásia, Jesus, o único que me- rece receber esse tratamento (Mt 8,19; Mc 4,38; Lc 7,40; Jo 1,38), proibido até mesmo a seus \**dis-* *cípulos* (Mt 23,8).

**Mestre da Lei**

Ver \**Mestre.*

**Mestre de Justiça**

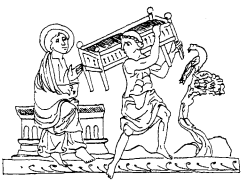
Ver \**Qumrán.*

**Metempsicose**

Ver \**Reencarnação.*

**Midraxe**

Literalmente, estudo, interpretação. A palavra tanto denomina o método de interpretação da Torá como a literatura de importância. A raiz etimológica da palavra é *darash*, que siginifica inquirir, investigar, expor, pregar, interpretar etc., e todos esses sentidos estão relacionados com midraxe. Historicamente, a literatura midráxica estende-se do século I até o século XIV. O midraxe haláchico é aquele que se ocupa fundamentalmen-

**238 /**

**Milagres**

te dos aspectos legais, como por exemplo: Mejilta de Êxodo, Sifrá de Levítico, Sifre de Números e Deuteronômio. O midraxe hagádico centra-se mais nos aspectos homiléticos e narrativos, como: Midraxe Rabá sobre o Pentateuco e os cinco ro- los, Tanjúmah ou Yelamedenu, Midraxe Tehillim sobre os salmos e Yalkut Shimoní.

ERE, VIII; Strack e Billerbeck, *o. c.*; A. del Agua, *o. c.*; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo...*

**Milagres**

Os evangelhos referem-se a trinta e sete mila- gres específicos de \**Jesus*, além de incluir alguns resumos de milagres nos quais se fala de \**cura* — \**febre* (Mt 8,14ss.; Mc 1,29-31; Lc 4,38ss.); \**surdo-mudez* (Mt 9,32-34; Mc 7,31-37); cegueira (Mt 9,27-31; 20,29-34); enfermidades ósseas (Lc 13,10-17); fluxo de sangue (Mt 9,20-22); hidropisia (Lc 14,1-6); feridas (Lc 22,50); \**lepra* (Mt 8,1-4; Lc 17,11-19); \**paralisia* (Mt 8,5-13; 9,1-8; 12,9-14; Jo 4,46-54; 5,1-9) — e libertação da possessão de \**demônios*. Acrescente-se a isso os milagres relacionados com fenômenos da na- tureza (Mt 8,18-27; 14,13-21; 14,22-33; 15,32- 39; 17,24-27; 21,18-22; Lc 5,1-11; Jo 2,1-11; 6,1- 15; 21,1-14) e as ressurreições de mortos (Mt 9,18-26; Lc 7,11-17; Jo 11). Atualmente não se duvida que nesses milagres existe uma base his- tórica — e assim o reconhecem a maioria dos his-

*Jesus cura o paralítico de Cafarnaum*   
*(manuscrito do séc. XII)*

**Mirra**

**/ 239**

toriadores, independentemente de sua crença re- ligiosa (J. Klausner) ou da sua ausência (M. Smith). De fato, os milagres são mencionados, de maneira geral, também em fontes hostis como as que o \**Talmude* contém. Como era de se espe- rar, nesse caso os milagres não são atribuídos à ação de Deus, mas à prática da feitiçaria.

Diferentemente de outros, Jesus negou-se a utilizar o poder de fazer milagres para atrair a aten- ção das pessoas (Lc 23,8) ou facilmente granjear simpatias (Mt 12,8ss.; 16,3ss.). Os milagres, ao contrário, são uma manifestação do poder de Deus (Mt 11,2-6; Lc 7,18-23) e da derrota do \**Diabo* (Mt 12,28). Por isso, não supõem a \**conversão* automática dos que os vêem (Mt 11,21). Embora nascidos da compaixão de Jesus (Mt 9,36; 14,14; 15,32; 20,34), a condição indispensável para se receber o milagre — na maioria dos casos e espe- cialmente nas curas — é a \**fé* do solicitante; por isso, a falta desta pode causar a ausência daquele (Mc 6,5). No final do segundo evangelho (Mc 16,1ss.), os milagres estão associados à tarefa de evangelização futura dos \**discípulos* de Jesus.

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem*, El* *Primer Evangelio*...; A. Richardson*, Las narraciones evan-* *gélicas sobre milagros*, Madri 1974; ERE, VIII; J. Peláez del Rosal, *Los milagros de Jesús en los Evangelios sinópticos*, Estella 1984.

**Milha**

Medida romana de distância, equivalente a 7,5 estádios ou 1,5 km (Mt 5,41).

**Mina**

Moeda grega de prata (436 g), equivalente ao salário de uma quinzena (Lc 19,13-25).

**Mirra**

Resina viscosa que, misturada com óleos, ser- via para fabricar perfumes. É um dos presentes

**240 /**

**Misericórdia**

que os \**magos* ofereceram a Jesus (Mt 2,11). Misturada com vinho, podia aliviar as dores dos condenados à morte. Jesus negou-se a beber essa mistura quando estava na \**cruz* (Mc 15,23). Essa substância fez parte do material com o qual o cor- po de Jesus foi embalsamado (Jo 19,39).

**Misericórdia**

O termo reúne em si o sentimento de compai- xão (Mt 9,36; 14,14; 15,32; 20,34; Mc 9,22; Lc 10,33; 7,13; 15,20) e, ocasionalmente, a fidelida- de à Aliança. É este último sentido que explica, pelo menos em parte (comp. Jo 3, 16), a busca do \**pecador* por parte de Deus (Lc 1,54.72; Mt 5,7; 23,23). Deus é um Deus de misericórida (Lc 1,50) e essa virtude deve ser encontrada também nos \**discípulos* de Jesus (Mt 9,13; 12,7; 18,23-35; Lc 6,36; 10,37).

**Mito**

Num sentido original, palavra, narrativa ou fábula. Na linguagem corrente, “lenda” carente de base (comp. 1Tm 1,4; 4,7; Tt 1,4). Neste sen- tido, contrapõe-se ao relato verdadeiro a respeito de Jesus e apresentado por testemunhas oculares (2Tm 4,4; 2Pd 1,16). Desde o século XIX, com D. F. Strauss (1808-1874), “mito” converteu-se em uma palavra usada para descrever os \**mila-* *gres* citados nos evangelhos. A partir dela, per- deu-se o caráter histórico que os evangelhos pre- tendem ter (vid. infra) e insistiu-se em sua supos- ta explicação histórica ou, em menor parte, no seu significado simbólico. Com R. Bultmann (1884-1976), o “mito” passa a ser uma categoria interpretativa, embora muito imprecisa. O mito seria uma forma primitiva e pré-científica de con- ceber a realidade. Para Bultmann, a tarefa de desmitologização era imperativa na medida em que permitia chegar à experiência da realidade reunida nos evangelhos. Não se tratava tanto de encontrar o núcleo histórico, mas de experimen-

**Moedas**

**/ 241**

tar o evangelho e reexpressá-lo. As teses de Bultmann chocam-se com obstáculos de grande importância. Para começar, Bultmann — que acu- sava de primitiva a visão do cosmo evangélico — partia também de pressuposições que são atualmente defasadas por serem anteriores à físi- ca antes de Einstein e considerar o cosmo como um circuito fechado de causa e efeito. Chocam- se também com uma visão da realidade que não se assemelha, em absoluto, à pretendida pelos evangelistas. De fato, os evangelhos, longe de serem considerados tributários da forma mútua de se pensar e expressar-se, insistem que relatam fatos históricos (Lc 1,1-3; Jo 20,30-31), presen- ciados por pessoas que mais tarde os narrariam (Jo 19,34-37). Longe de admitir a opinião de uma “verdade histórica” e de outra “verdade teológi- ca”, ou a de que é necessária uma “desmito- logização” que retire dos evangelhos seus elemen- tos sobrenaturais e mostre a realidade subjacente à experiência, a visão dos seus autores é que, se existe “verdade teológica”, esta foi antecedida por uma “verdade histórica” inserida no tempo e no espaço (Lc 2,1ss.; 3,1ss.); que os fatos miraculo- sos realmente aconteceram e, desta maneira, con- firmam e respaldam as pretensões de Jesus. Fi- nalmente, o afã desmitologizador de Bultmann e seus seguidores implica num desenvolvimento existencialista — mas não histórico — do estudo dos evangelhos e que tem sido desmentido pelas descobertas arqueológicas e históricas das últi- mas décadas. Nesse sentido, como em seu tempo salientou Charlesworth, a escola de Bultmann não se aproxima do Jesus histórico e tem sido obstá- culo fatal na hora de concordar com o conheci- mento sobre ele.

**Moedas**

Os evangelhos não fazem referência a nenhu- ma moeda judaica (talvez com exceção da “peça de prata”). Existem, porém, referências a moedas romanas como o \**denário* de prata, dividido em

**242 /**

**Moisés**

4 sestércios de latão de 16 \**asses* de bronze. O asse dividia-se em 4 \**quadrantes*. Aparecem tam- bém indicações das moedas gregas como a \**dracma* de prata (dividida em 6 óbolos de prata e 48 calcos de bronze). Duas dracmas equivaliam a uma didracma e 4 a um tetradracma ou \**estáter*. O \**lepto* ou lepton equivalia a 1/7 de calco. Para quantidades elevadas, utilizava-se o \**talento* (6.000) e a \**mina* (100 dracmas).

**Moisés**

Levita da casa de Amram (Êx 6,18.20), filho de Jocabed. Conforme o Antigo Testamento, de- veria ser morto como conseqüência do decreto genocida do faraó (provavelmente Tutmósis III, embora outros apontem Ramsés II) que ordenara a morte dos meninos israelitas. Deixado nas águas do Nilo por sua mãe, foi recolhido por uma irmã do faraó, que o educou (Êx 2). Após matar um egípcio que maltratava alguns israelitas, precisou exilar-se, indo viver na terra de Madiã (Êx 2,11- 15). Nesse local foi pastor, teve esposa e filhos e recebeu uma revelação de Deus, que o enviava ao Egito para libertar Israel (Êx 3). Retornou en- tão e, em companhia de seu irmão Aarão, tentou convencer o faraó (possivelmente Amenotep II, Menreptá, segundo outros) para que deixasse o povo sair. O fato aconteceu somente depois de uma série de pragas, especialmente após a última em que morreu seu primogênito (Êx 5-13). A per- seguição que o monarca egípcio empreendeu teve um final desastroso no mar dos Juncos. A marcha de Israel pelo deserto levou-o até o Sinai, onde Moisés recebeu os \**Dez* mandamentos, assim como um código de leis para regerem a vida do povo (Êx 20,32-34). Conforme o \**Talmude*, foi também quando receberam a \**lei* oral. A falta de fé do povo — manifestada na adoração de uma imagem em forma de bezerro enquanto Moisés estava no monte — malograria logo mais a entra- da na Terra Prometida. Moisés morreu sem en- trar nela e o mesmo sucedeu com a geração liber- tada do Egito, exceto Josué e Caleb. A figura de

**Mortalha**

**/ 243**

Moisés é de uma enorme importância e a ele se atribui a formação de um povo cuja vida centrar- se-ia no futuro, certamente com altos e baixos, mas em torno do monoteísmo.

O judaísmo da época de Jesus considerava-o autor da \**Torá* (Mt 22,24; Mc 7,10; 10,3ss.) e \**mestre* de \**Israel* (Mt 8,4; 23,2; Jo 7,22ss.).

Jesus atribui-lhe uma clara importância quan- do se apresentou como \**messias* (Jo 5,39-47). Lamentou que seu papel tivesse sido usurpado pelos escribas (Mt 23,2ss.) e que muitos citassem Moisés como excusa para sua incredulidade (Jo 7,28ss.). Jesus considerou-se superior a Moisés, a cuja \**Lei* deu uma nova interpretação (Mt 5,17- 48). Essa visão — confirmada pela narrativa da Transfiguração (Mt 17,3) — aparece também no cristianismo posterior (Jo 1,17.45).

J. Bright, *o. c.*; S. Hermann, *o. c.*; F. F. Bruce, *Israel y*...; F. F. Bruce, *Acts...*; C. Vidal Manzanares, *El Hijo de Ra*, Barcelona 1992; Idem, *El judeo-cristianismo...*

**Montes**

Os evangelhos mencionam explicitamente os conhecidos como Garizim (Jo 4,20ss.), \**Nazaré* (Lc 4,29) e o das \**Oliveiras*. Embora seja difícil identificar os montes com os acontecimentos, podemos relacionar episódios como as tentações de Jesus (Mt 4,8), sua \**Transfiguração* (Mt 17,1.9 comp. com 2Pd 1,18), o Sermão da Montanha (Mt 5,1; 8,1), a escolha dos *\*discípulos* (Mc 3,13; Lc 6,12) ou a ascensão (Mt 28,16). Jesus também empregou o símbolo da cidade sobre o monte para referir-se a seus discípulos (Mt 5,14) e mover um monte para simbolizar o resultado do exercício da \**fé* (Mt 17,20; 21,21; Mc 11,23).

**Mortalha**

Peça grande de tecido fino destinada a envol- ver os cadáveres antes de sepultá-los (Mt 27,59; Mc 15,46; Lc 23,53).

**244 /**

**Morte**

**Morte**

Ver \**Alma, \*Céu, \*Geena, \*Hades, \*Juízo fi-* *nal, \*Ressurreição.*

**Morte de Jesus**

Ver \**Servo de Javé*.

**Mostarda**

Planta de até 3 a 4 m de altura, cujas diminu- tas sementes serviam para preparar a substância do mesmo nome. Jesus usou-as como símbolo do início do \**Reino* e de seu crescimento ulterior (Mt 13,31; Mc 4,31; Lc 13,29) e também da \**fé* míni- ma que se deve ter para alcançar grandes resulta- dos (Mt 17,20; Lc 17,6).

**Mudo**

Pessoa privada da fala (Mc 7,7; 9,17.25). Às vezes pode ter causas sobrenaturais, como o cas- tigo de Deus (Lc 1,20.22.64) ou a possessão por um \**demônio* (Mt 9,33; Lc 11,14). Jesus realizou diversos \**milagres* para a \**cura* de surdos e apre- sentou-os como sinal de ser ele o \**messias* (Mt 11,5).

**Mulher**

Jesus tratou as mulheres com uma proximida- de e uma familiaridade que chamou a atenção até de seus *\*discípulos* (Jo 4,27). São diversas as oca- siões em que falou com elas em público e mesmo em situações bastante delicadas (Mt 26,7; Lc 7,35- 50; 10,38ss.; Jo 8,3-11). Apresentou-as como exemplo (Mt 13,33; 25,1-13; Lc 15,8) e elogiou sua \**fé* (Mt 15,28). Várias mulheres foram obje- to de \**milagres* de Jesus (Mt 8,14; 9,20; 15,22; Lc 8,2; 13,11) e se tornaram discípulas dele (Lc 8,1-3; 23,55). Nada conduziu Jesus a um idealis- mo feminista nem o impediu de considerar que

**Mundo**

**/ 245**

elas podiam pecar exatamente como os homens (Mc 10,12). Também não estão ausentes dos evan- gelhos as narrativas referentes a mulheres de con- duta perversa como \**Herodíades*.

Não são poucos os simbolismos que Jesus emprega partindo de circunstâncias próprias da condição feminina, como a de ser \**mãe*. Os evan- gelhos reúnem ainda referências muito positivas ao papel das mulheres em episódios como a \**crucifixão* (Mt 27,55; Mc 15,40; Lc 23,49; Jo 19,25), o sepultamento de Jesus (Mt 27,61) e a descoberta do túmulo vazio (Mt 28,1-8).

Ver \**Herodíades, \*Isabel, \*Maria, \*Marta,* *\*Salomé.*

A. Cole, *o. c.*; D. Guthrie, *o. c.*; C. Vidal Manzanares, *El* *judeo-cristianismo...*

**Mundo**

1. O universo, o cosmo (Jo 1,10; 17,5; 21,25). 2. O lugar onde o ser humano habita (Mt 4,8; 16,26; 26,13; Lc 12,30). 3. O gênero humano que está perdido e é mau (Jo 12,31; 14,30), mas a quem Deus ama e manifesta seu amor ao enviar seu Fi- lho, para que todo aquele que nele crê não se per- ca, mas tenha vida \**eterna* (Jo 3,16; 1,29; 6,51). Jesus vence o mundo entendido como humanida- de má e decaída, oposta a Deus e a seus desígnios (Jo 3,17; 4,42; 12,47; 16,11.33). Os \**discípulos* estão neste mundo, todavia não participam dele (Jo 8,23; 9,5; 17,11.15ss.). Sinal disso é que se negam a combater (Jo 18,36). 4. O mundo vin- douro é o *Olam havah* hebraico, o novo tempo, a nova era que se inaugurará após o triunfo defini- tivo do \**messias* (Mt 12,32; Mc 10,30; Lc 20,35).

**246 /**

**Naamã**

**N**

**Naamã**

General sírio, curado da lepra por Eliseu (2Rs 5). Jesus utiliza seu exemplo para mostrar que Deus concede sua misericórdia não pela identi- dade racial da pessoa, mas por causa de sua \**fé* (Lc 4,27).

**Nações**

Ver \**Gentios.*

**Nag Hammadi**

Vila egípcia onde, em 1947, foram encontra- dos manuscritos de conteúdo impregnado de \**gnosticismo*. Entre eles, achavam-se alguns evangelhos como o de Tomé, o de Filipe, o de Maria, o da Verdade e o dos Egípcios.

C. Vidal Manzanares, *Los Evangelios gnósticos*, Barce- lona 1991; Idem, *Diccionario de Patrística*, Estella 1993.

**Naim**

Vila ao sul de \**Nazaré* e onde Jesus ressusci- tou o filho de uma viúva (Lc 7,11-17).

**Não-violência**

Ver *\*Guerra.*

**Nardo**

Óleo perfumado muito caro por causa de sua escassez (Jo 12,3).

**Nazaré**

**/ 247**

**Natal**

Data em que se celebra o nascimento de Jesus e que corresponde ao dia 25 de dezembro. A pri- meira menção a ela aparece no calendário filocaliano, o que indica que já era festejada em Roma, por volta de 336. Nas Igrejas orientais, a data não foi adotada até o século V. É bem possí- vel que a escolha do dia pretendesse acabar com a celebração pagã do sol invicto, substituindo-a.

*ERE*, III, pp. 601-610; J. M. Bernal, *Introducción al año* *litúrgico*, Madri 1984.

**Natanael**

Um dos primeiros \**discípulos* de Jesus (Jo 1,45-49), natural de \**Caná* da \**Galiléia* (Jo 21,2). Costuma-se identificá-lo com \**Bartolomeu*, um dos doze \**apóstolos.*

**Nazaré**

Pequena vila da \**Galiléia*, onde Jesus passou sua infância (Lc 1,26ss.) e inaugurou seu minis- tério messiânico (Lc 4,16ss.). Nela viviam \**Ma-* *ria* e os \**irmãos de Jesus* (Mt 13,54-55; Mc 6,3ss.). No geral, seus habitantes não creram em Jesus, o que os privou de receber as bênçãos dele (Mc 6,1-6).

São consideráveis as descobertas arqueológi- cas relacionadas às origens do cristianismo nesta cidade. Destacam-se, especialmente, a casa de Maria em Nazaré (descoberta em 1953, ao se en- comendar à Custódia da Terra Santa a tarefa de demolir a igreja da Anunciação em Nazaré e ini- ciar a construção de uma nova), a sinagoga judeu- cristã anterior ao templo bizantino que dificilmente pode ser datado antes do séc. II, a casa de \**José* em Nazaré (no lugar da igreja de São José, na mesma localidade, com abundantes descobertas judeu-cristãs) e o denominado decreto de Nazaré.

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; B. Bagatti, *The Church*...; J. Briand, *L’ Église*...

**248 /**

**Nazaré, Decreto de**

**Nazaré, Decreto de**

Talvez seja esta uma das fontes epigráficas mais controvertidas em relação ao cristianismo primitivo. Trata-se de uma peça inscrita em már- more e que está no Cabinet des Medailles de Pa- ris desde 1879. Fazia parte da coleção Froehner, e o único dado acerca de sua origem é a nota que figura no inventário manuscrito do próprio Froehner, designado como “Dalle de marbre envoyée de Nazareth en 1878” (“Laje de mármo- re enviada de Nazaré em 1878”). A primeira pes- soa que demonstrou interesse pela peça foi M. Rostovtzeff, uns cinqüenta anos depois que ela chegou, provavelmente, a Paris. O mencionado historiador chamou a atenção de F. Cumont so- bre a descoberta e este decidiu torná-la pública em 1930. A inscrição está em grego, embora haja a possibilidade de ter sido escrita originalmente em latim, iniciada pela expressão “Diátagma Kaísaros” (decreto de César). Traduzido do gre- go, seu texto é o que segue:

“É meu desejo que os sepulcros e as tumbas que foram   
erigidos como memorial solene de antepassados ou filhos ou parentes permaneçam perpetuamente sem ser molestados. Fi- que de manifesto que, em relação com qualquer um que os tenha destruído ou que tenha retirado de alguma forma os cor- pos que ali estavam enterrados ou os tenha levado, com inten- ção de enganar, a outro lugar, cometendo assim um crime con- tra os enterrados ali, ou tenha retirado as lajes ou outras pe- dras, ordeno que, contra a tal pessoa, seja executada a mesma pena em relação com os solenes memoriais dos homens que a estabelecida por respeito aos deuses. Pois muito mais respeito se há de dar aos que estão enterrados. Que nada os moleste de forma alguma. De outra maneira, é minha vontade que se con- dene à morte tal pessoa pelo crime de expoliar tumbas”.

Para alguns autores, essa fonte seria a versão grega do edito latino de Augusto, publicado no ano 8 do procurador Copônio, por ocasião de uma profanação do Templo ocasionada por \**samaritanos* que jogaram ossos em seu recinto. Essa interpretação é inadmissível por diversas ra- zões. Em primeiro lugar, a análise paleográfica da escrita da inscrição revela que a mesma per- tence à primeira metade do séc. I d.C. Além disso, Nazaré — com o restante da Galiléia — caiu sob

**Nazareno**

**/ 249**

o domínio imperial em 44 a.C. Portanto, o impe- rador ao qual se refere o decreto deve ser, forço- samente, Cláudio. Infelizmente, nem todos os de- talhes relacionados com o decreto são fáceis de ser resolvidos. Assim, deve-se perguntar se a mes- ma — que foi enviada de Nazaré a Paris — foi encontrada na mesma Nazaré e, se assim foi, se esteve fixada em Nazaré e por que motivo. Não menos difícil de determinar é a “ratio legis” do decreto e a explicação relativa à severidade da pena. Não era novidade o saque de túmulos, mas essa é uma disposição emanada diretamente do imperador e que, além disso, pretende ser sancio- nada com o exercício da pena capital. Uma expli- cação plausível é que Cláudio já poderia conhe- cer o caráter expansivo do cristianismo. Se tives- se investigado um pouco o assunto, saberia que a base do impulso do cristianismo residia, em boa parte, na afirmação de que seu fundador — um condenado judeu — agora estava vivo. Já que a explicação mais simples era que o corpo fora rou- bado pelos \**discípulos* para enganar o povo com o relato da \**ressurreição* de seu \**mestre* (cf. Mt 28,13), o imperador poderia ter determinado a imposição de uma pena severíssima para evitar a repetição de tal crime na Palestina. A ordem — segundo essa linha de suposição — poderia ter tomado a forma de um rescrito dirigido ao procu- rador da Judéia ou ao legado na Síria e, presumivelmente, ter-se-iam distribuído cópias nos lugares da Palestina associados de maneira especial com o movimento cristão, o que implica- ria Nazaré e, possivelmente, Jerusalém e Belém. Num sentido bem semelhante ao aqui exposto, manifestou-se A. Momigliano e, mais tarde, auto- res como F. F. Bruce.

M. P. Charlesworth, *Documents illustrating the Reigns* *of Claudius and Nero*, Cambridge 1939, p. 15, n. 17; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**Nazareno**

1. Cognome de Jesus, oriundo talvez de sua procedência de \**Nazaré* (Mc 1,24; Mt 2,23), em-

**250 /**

**Nazireu**

bora também pudesse conter um jogo de palavras que o relacionassem com o “nazir” ou descen- dente de Davi que seria o \**messias* (Is 11,1). 2. Cognome que designava os judeu-cristãos (At 24,5). 3. Denominação dos cristãos no Corão. 4. Uma das denominações dos cristãos no \**Talmude* e outras fontes judaicas.

**Nazireu**

No judaísmo, pessoa que faz voto de abster-se de uvas, vinho, álcool e de cortar o cabelo por um período de tempo determinado (Nm 6,1-21). Con- cluído esse período, realizavam-se oferendas de sacrifício. As instruções dadas a \**Zacarias* em relação a \**João Batista* recordam em parte as normas desse voto (Lc 1,15).

*ERE*, IX; Y. Newman, *o. c.*

**Nicodemos**

\**Fariseu* e membro do \**Sinédrio*. Após uma entrevista secreta com Jesus (Jo 3,1ss.), defendeu- o diante das pretensões de se acabar com ele (Jo 7,50-51). Depois que Jesus morreu, junto com \**José de* *Arimatéia*, Nicodemos cuidou do seu sepultamento (Jo 19,39). Relacionam-se com ele — mas sem fundamento histórico — as *Acta Pilati* do séc. IV e o *Evangelho de Nicodemos* (séc. IX). Identificável com o Naqdemón das fontes rabíni- cas, sabe-se que uma de suas filhas sofreu extre- ma necessidade durante a guerra judaica de 66 d.C.

**Nisã**

O mês da primavera judaica, correspondente a março-abril. Era o primeiro do ano na época de Jesus.

**Noé**

No Antigo Testamento (Gn 5,29-9,28), homem justo e vigilante que não foi atingido pelo juízo

**Novo nascimento**

**/ 251**

divino desencadeado no dilúvio. Seus dias são comparados aos que precederão a \**Parusia* (Mt 24,37-39; Lc 17,26ss.), já que em ambos os casos somente uns poucos se encontram preparados e uns poucos se salvam.

**Noite**

Dividido em \**vigílias*, o período que se esten- dia do pôr-do-sol ao amanhecer. Nos evangelhos, aparece como um tempo especialmente propício para a \**oração* (Mc 1,35; Lc 6,12).

**Nova Aliança**

Pacto profetizado por Jeremias (Jr 31,31) e que Deus assumiu fundamentado na morte sacrifical de Jesus na \**cruz* (Lc 22,20ss. e par.).

**Novo mandamento**

O mandamento do amor mútuo dado por Je- sus (Jo 13,34-35), que servirá como sinal para identificar seus \**discípulos.*

**Novo nascimento**

Transformação espiritual equivalente à \**con-* *versão* que uma pessoa deve experimentar para poder entrar no \**Reino* (Jo 3,1ss.). Sua origem não está no esforço humano, mas na água e no Espírito. Possivelmente a referência à água não é uma referência ao batismo como às vezes se indi- ca: é a ruptura do invólucro fetal, o rompimento de águas — como se vê em alguma fonte judaica, como Pirqe Abot 3,1. É mais provável ainda que seja uma reminiscência da água como vida reno- vada como se encontra em Is 55,1-3; Jr 2,13; 17,13; Ez 37,1-14; 47,9; Zc 14,8, passagens que um mestre da lei como \**Nicodemos* deveria en- tender (Jo 3,10).

**252 /**

**Novo Testamento**

**Novo Testamento**

Conjunto de escritos cristãos pertencentes à era apostólica e redigidos durante o séc. I, que os cristãos consideram inspirados por Deus e que fazem parte do \**cânon* da Bíblia, como o \**Anti-* *go Testamento*. Seu nome provém do fato de se considerar que a \**Nova Aliança* (testamento), selada pelo \**sacrifício* de \**expiação* de Jesus é a profetizada por Jr 31,27ss. É composto por qua- tro \**evangelhos* (Mateus, Marcos, Lucas e João), o livro dos Atos dos Apóstolos, as Cartas de \**Pau-* *lo* (Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, Filêmon), Hebreus, as epísto- las católicas (Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João, Judas) e o Apocalipse.

F. F. Bruce, *The canon*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo*...; Robinson, *Redating*...

**Novo vinho**

O que se consumirá na Nova Era, após o triunfo total do \**Reino* (Mt 26,29).

**“Nunc dimittis”**

Palavras com as quais se inicia na tradução latina — e com as quais é nomeado — o cântico de \**Simeão* registrado em Lc 2,28-32.

**O**

**Odre**

**/ 253**

**Obediência**

Nos evangelhos, a obediência não se identifi- ca com o cumprimento exterior de alguns \**man-* *damentos*, mas com a adesão de \**fé* a Jesus (Mt 8,27; Mc 4,41). Em contraposição, a rejeição (Mt 18,7; Mc 5,36) e a resistência a ele (Lc 1,17) são desobediências.

**Objeção de consciência**

Ver \**Guerra.*

**Óbolo**

Moeda grega de pouco valor, equivalente à sexta parte de uma \**dracma* e a 8 moedas de co- bre.

**Obras**

A obra fundamental de Jesus é sua morte na \**cruz* em favor dos homens (Jo 17,4) e através da qual o \**Pai* se revela (Jo 14,9ss.). Jesus deixa bem claro quais são as boas obras e quais não são (Jo 3,19-21). A obra de Deus — que exige de cada pessoa para sua salvação — é que creia em Jesus (Jo 6,29. Comp. com Jo 12,36ss.; 3,16-17; 5,24 etc.).

**Odre**

Pele de cabra costurada em forma de saco e que era utilizada para guardar e transportar líqui- dos. Se o odre já contivera vinho novo, não se podia repetir a experiência, porque a fermenta- ção arrebentá-lo-ia (Mt 9,17; Mc 2,22; Lc 5,37).

**254 /**

**Oferenda**

**Oferenda**

Jesus reconheceu a vigência do sistema sacrifical do \**Templo,* mas o subordinou a valo- res como a reconciliação (Mt 5,23), o amor aos pais (Mt 15,3ss.) ou a compaixão (Mt 9,9-13). Anunciou ainda que o sistema de oferendas do Templo em breve se encerraria (Mc 13,2), ao ser inaugurada a \**Nova Aliança*, cujo fundamento é seu sacrifício expiatório como \**Servo* de YHVH (Mc 10,45; Lc 22,19-20).

**Olho**

Junto com o ouvido, designa a totalidade do ser humano em ação (Mt 13,14ss.; Mc 8,18) e o interior da pessoa (Mt 6,22ss.). Por isso, é tão empregado em expressões de conteúdo espiritual como abrir os olhos (Mt 9,30; Jo 9,10-14), ter os olhos abertos (Lc 24,31), levantar os olhos (Mt 17,8; Lc 16,23; Jo 4,35; 6,5), existir um olho bom (Lc 11,34) e um olho mau (Mt 20,15). E, final- mente: os olhos mais felizes são os que vêem — isto é, recebem e aceitam com \**fé* — Jesus e sua pregação (Mt 13,16; Lc 10,23).

**Oliveiras, Monte das**

Também chamado Monte do Olivedo (Mt 21,1; 24,3; 26,30; Jo 8,1). Colina de uns 3 km a leste de \**Jerusalém*, distante dela menos de 1 km e do outro lado do Vale do \**Cedron.* Próximo a ele se encontra o \**Getsêmani*. A estrada romana de \**Jericó* a Jerusalém passava pelo Monte das Oliveiras. Na época de Jesus, o lugar estava co- berto por um bosque de oliveiras e era especial- mente agradável para a meditação a sós (Lc 19,29; 21,37). Nesse lugar, Jesus pregou a seus \**discí-* *pulos* as profecias referentes à destruição de Je- rusalém e a \**Parusia* (Mt 24,30; Mc 13,3) e foi para onde se dirigiu depois da *Última \*Ceia* (Mt 26,30; Mc 14,26; Lc 22,39).

**Orgulho**

**/ 255**

**Oração**

Comunicação verbal ou simplesmente mental com Deus. Nos evangelhos, a oração é conside- rada como algo espontâneo e o próprio “Pai-nos- so” de Mt 6 não parece ter sido concebido como uma fórmula. A oração permite — e também exi- ge — a \**intercessão* de Jesus (Jo 14,13). A pos- tura e o tempo não têm especial importância na oração, pois orações são feitas de pé (Mc 11,25), de joelhos (Lc 22,41), prostrado por terra (Mc 14,35), continuamente (Lc 18,1) e nas refeições (Mt 15,36). Jesus não indicou um lugar específi- co para orar, podendo-se orar ao ar livre (Mc 1,35) ou em casa (Mt 6,6). Evite-se, naturalmente, o exibicionismo (Mt 6,5-15) e a repetição contínua de fórmulas (Mt 6,7). Essa oração — que deve ser estendida aos inimigos (Mt 5,44) — sustenta- se na \**fé* pela qual Deus provê o necessário para atender todas as necessidades materiais (Mt 6,25- 34). Na oração, existe a segurança de ser ouvido (Mt 7,7; Mc 11,23ss.; Jo 14,13; 15,16; 16,23-26) e, especialmente, a relação paterno-filial com Deus (Mt 6,6).

J. Driver, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *El judeu-cristia-* *nismo*...; Idem, *Diccionario de las tres*...

**Oração sacerdotal de Jesus**

Nome com o qual se denomina a oração dirigida por Jesus ao \**Pai*, em favor dos seus dis- cípulos, e reunida em Jo 17. A razão fundamental desse nome parte de uma relação entre a referida passagem e a descrição de Cristo como Sumo Sacerdote em Hb 8-10.

**Orgulho**

O oposto à \**humildade*. Atitude que consiste em elevar a si mesmo (Mt 23,12) ou em cair na sofisticação exibicionista (Mc 7,22). Todo aque- le que opta por essa conduta será humilhado pelo próprio Deus (Lc 20,46-47).

**256 /**

**Oriente**

**Oriente**

1. O mundo situado do outro lado do \**Jordão* (Mt 2,1; 8,11; 24,27). 2. Em sentido simbólico, a luz que vem depois da escuridão (Mt 4,16) e o astro ou sol de *\*justiça* (Lc 1,78).

**Ouro**

Metal precioso que Israel conhecia desde a Antigüidade. \**Mateus* incluiu-o entre os presen- tes ofertados ao Menino pelos \**magos* (Mt 2,11). Jesus ordena a seus \**discípulos* que não o levem consigo (Mt 10,9) e censura os que o sobrepõem — por seu valor material — às coisas espirituais, pois só estas podem acompanhá-los (Mt 23,16ss.).

**Ouvido**

Ver \**Escutar.*

**Ovelhas**

Jesus empregou essa palavra de maneira sim- bólica para expressar sua compaixão e amor aos seres humanos desprovidos de bons \**pastores* (Mt 9,36; 10,6) e à humanidade perdida que ele — o Bom Pastor que cuida realmente de suas ovelhas (Jo 10,1-27) — vem para redimir (Mt 18,12; Lc 15,4-6). Sua \**mansidão* pode ser imitada pelos falsos profetas (Mt 7,15). Em sua missão evangelizadora, os discípulos assemelham-se às ovelhas em meio aos lobos (Mt 10,16; 26,31); em alguns casos, como o de \**Pedro*, são chamados a ser pastores das outras ovelhas (Jo 21,16ss.).

**P**

**Palavra**

**/ 257**

**Paciência**

Essa palavra portuguesa traduz dois termos gregos distintos. O primeiro, *makrozymia*, refere- se à longanimidade, à contenção da cólera, mes- mo que ela seja justificada. Essa virtude se en- contra em Deus, que suporta os seus (Lc 18,7), e também os *\*discípulos* devem tê-la em relação aos outros (Mt 18,26-29). O segundo termo, *anejomai,* está mais ligado à idéia de sustentar ou manter-se firme. Essa foi uma das atitudes que caracterizou Jesus (Mt 17,17; Mc 9,19; Lc 9,41).

**Pacifismo**

Ver \**Guerra.*

**Pagãos**

Ver \**Gentios.*

**Pai**

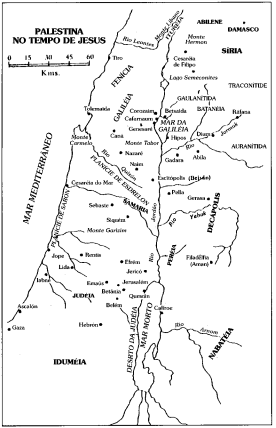
Ver *\*Abba, \*Deus, \*Família, \*Jesus, \*Trin-* *dade.*

**Paixão de Jesus**

Ver \**Cruz, \*Crucifixão, \*Flagelação, \*Jesus,* *\*Servo de Javé.*

**Palavra**

Esse conceito tem uma importância fundamen- tal nos evangelhos. Jesus não menciona a palavra de Deus; apenas afirma “porém eu vos digo” (Mt 5,22.28). Essa palavra (\**logos*) é a primeira cau- sa de surpresa e de espanto entre seus contempo- râneos (Lc 4,36). Com ela, Jesus faz \**milagres*

**258 /**

**Palestina**

(Mt 8,8.16), frutos da *\*fé* nessa palavra (Jo 4,50- 53). É também verbalmente que perdoa os \**pe-* *cados* (Mt 9,1-7) e transmite autoridade (Mt 18,18; Jo 20,23). Diante dela, as pessoas devem tomar uma decisão (Mt 7,24-27; 13,23) e isso faz com que se dividam (Mc 8,38).

Para \**João, o evangelista*, Jesus é a Palavra (Logos — *\*Memrá)* que é Deus (Jo 1,1) e que se fez carne (Jo 1,11.14) para revelar o *\*Pai* e salvar o homem (Jo 1,18; 3,34; 12,50; 17,8.14).

**Palestina**

Em seus primórdios, o país dos filisteus — dos quais procede a denominação, embora eles ocu- passem apenas uma parte da terra. No ano 65 d. C., foi incorporada à província romana da Síria.

**Parábola**

**/ 259**

**Palmeira**

Na época de Jesus, essa árvore era muito abun- dante no Vale do *\*Jordão*. Era comum ser utili- zada na ornamentação e também considerada sím- bolo do bem. Em sua entrada em *\*Jerusalém,* Jesus foi recebido com ramos de palmeira (Jo 12,13).

**Pão**

Alimento feito com farinha de *\*cevada* ou *\*tri-* *go* e *\*levedura*. Às vezes, sua forma recordava a de uma pedra (Mt 4,3; 7,9; Lc 4,3; 11,11) e cons- tituía o alimento básico da população judaica na época de Jesus (Mc 3,20; Lc 11,5; 14,15; 15,17). Compartilhar o pão significava a união dos que o comiam e, precisamente por isso, tinha conotações religiosas (Mt 14,19; 26,26; Mc 6,41; 14,22; Lc 9,16; 22,19; Jo 6,11; 13,18).

Deus provê seus *\*filhos* do necessário pão cotidiano (Mt 6,11; Lc 11,3) e nesse sentido de- vem ser entendidos os *\*milagres* da multiplica- ção dos pães (Mt 14,13-21; 15,32-38). Também lhes proporciona o pão espiritual (Mt 14,20; Lc 22,16) — o próprio Jesus (Jo 6,35-47). A tendên- cia é interpretar historicamente esta última pas- sagem e à luz tanto da instituição da *\*Nova* *Aliança* (Mt 26,26 e par.) como da *\*Eucaristia*. O contexto parece indicar melhor que Jesus se refere a ele próprio e ao seu ensinamento que deve aceitar quem deseja ser seu \**discípulo* (Jo 6,60ss.).

**Parábola**

Este termo encerra diversos significados: pode ser uma comparação desenvolvida (daí “parábo- la” ou colocar em paralelo) e também designar formas literárias como a alegoria ou o enigma. Nos evangelhos, a parábola é uma expressão de estilo proverbial (Mt 15,15; Lc 4,23; 5,36); é tam- bém uma narração comparativa em que todos os elementos são comuns e reais na vida cotidiana, mas que adquirem no texto um conteúdo simbó-

**260 /**

**Paráclito**

lico. O evangelho de João emprega mais o termo *paroimia* ou comparação (Jo 16,25.29), que cos- tuma ter forma alegórica (Jo 10,6; 15,1ss.).

C. H. Dodd, *Las parábolas del Reino*, Madri 1974; D. Flusser, *Die rabbinischen Gleichnisse und der* *Gleichniserzähler Jesus*, Berna 1981; J. Jeremias, *Las pará-* *bolas*...; Idem, *Interpretación*...; R. H. Stein, *An Introduction* *to the Parables of Jesus*, Filadélfia 1981; B. H. Young, *Je-* *sus and His Jewish Parables*, Nova York 1989; D. Marguerat, *Parábola*, Estella 21994.

**Paráclito**

Título dado ao *\*Espírito Santo* em Jo 14,16- 26; 15,26; 11,7. O termo tem vários sentidos: as- sistente, intercessor e consolador. Indica que Je- sus faz-se presente (Jo 14,15-17), mesmo que se tenha ido após concluir seu ministério terreno. O Espírito Santo dá testemunho de Jesus (Jo 15,26; 16,7) e recorda os ensinamentos deste aos seus *\*discípulos* (Jo 14,26).

**Paraíso**

No judaísmo, o lugar de bênção no mundo que há de vir. Nos evangelhos, corresponde ao *\*céu* (Lc 23,43. Comp. com 2Cor 12,1-4; Ap 2,7 e 22,2), e nele entram, logo após a morte, os que têm *\*fé* em Jesus.

J. Grau, *Escatología*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo*...

**Parto virginal**

Propriamente falando, as fontes não fazem referência a parto virginal, mas a uma concepção virginal. A primeira encontra-se em Is 7,14. Em hebraico, a palavra usada (*almah*) equivale a donzela e tem, como em português, a conotação de virgindade. De fato, assim o entenderam os tradutores judeus da Septuaginta, que verteram a palavra para o grego *“parzenos”* (virgem). As- sim também entendeu \**Mateus*, que interpretou

**Parusia**

**/ 261**

a profecia como uma referência à concepção vir- ginal de *\*Jesus*, o *\*messias* (Mt 1,22ss.). A idéia não é estranha ao *\*judaísmo* e conta com parale- los no judaísmo do Segundo Templo (Henoc 106; Gênesis apócrifo do Qumrán, coluna 2; Filón, *De* *los querubines* 40-47; o Melquisedec do Henoc eslavo etc.) e até mesmo na exegese de Rashi so- bre Is 7,14.

A. Toynbee, *o. c.*; J. Klausner, *Jesús*...; A. Kac, *The* *Messianic*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**Parusia**

Termo grego que significa “presença” ou “vin- da”. Nos evangelhos, como no restante do Novo Testamento, refere-se à segunda vinda de *\*Cris-* *to*. A idéia aparece nos apocalipses sinóticos — nos quais se prediz também a destruição de Jeru- salém (Mt 24-25; Mc 13; Lc 21) — e em *\*pará-* *bolas* que prevêem um período intermediário de tempo entre o início da pregação de Jesus e a realização plena do Reino (Mt 13,24-43). Essa doutrina tem sido explicada como um desejo cris- tão de suavizar o aparente fracasso da *\*cruz*. Mas, sem dúvida, sua origem encontra-se no judaísmo, no qual existem paralelos na idéia de um *\*mes-* *sias* que aparece, desaparece e permanece no céu até ser assim reconhecido por Israel (Midraxe Kabbah Lamentações, 41; Midraxe Rute, 5,6 etc.) E ainda: a crença na *\*parusia* seria já de enorme importância nos primeiros anos do cristianismo, como se deduz dos escritos tanto de *\*Paulo* (1 e 2 Coríntios, 1 e 2 Tessalonicenses etc.) como de judeu-cristãos (Tiago, Hebreus etc.). A parusia será precedida pela pregação universal do *\*evan-* *gelho* e por uma grande tribulação que sofrerão os seguidores de Jesus. A seguir, Jesus retornará para vencer os inimigos de Deus, acontecendo então a *\*ressurreição* dos mortos e o *\*juízo final*.

J. Grau, *Escatología*...; C. Rowland, *The Open*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *Diccionario* *de* *las tres*...; G. E. Ladd, *Theology of the New Testament*...; M. Gourgues, *El más allá en el Nuevo Testamento*, Estella 41993.

**262 /**

**Páscoa**

**Páscoa**

A primeira das três *\*festas* de peregrinação que os judeus celebravam anualmente. Começava na véspera do dia 15 de Nisã e durava sete dias. Co- memorava — e ainda comemora — o êxodo ou saída de Israel da escravidão do Egito, com ritos especiais como a proibição de se consumir pão fermentado no decorrer da festa. Também se ce- lebrava a refeição pascal conhecida como *seder* *pesah*. Na sua celebração, está o fundamento da *\*Eucaristia* cristã.

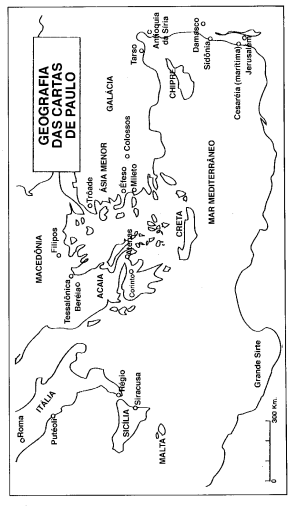
Y. Kaufmann, *o. c.*; L. Deiss, *La Cena*...; C. Shepherd, *Jewish*...; J. Barylko, *Celebraciones*...

**Pastor**

Ver \**Ovelhas.*

**Paulo de Tarso**

Nascido com o nome de Saulo ou Saul (10 d. C.?) em Tarso, cidadão romano e membro da tri- bo de Benjamim, estudou em Jerusalém com o rabino Gamaliel e pertenceu ao rígido grupo dos *\*fariseus* (Fl 3). Próximo ao ano 33, participou do linchamento do judeu-cristão Estêvão (At 7). A caminho de Damasco para prender os cristãos desta cidade, teve uma visão de Jesus ressuscita- do que o converteu à nova fé (1Cor 15,7ss.). Por volta do ano 35, dirigiu-se a Jerusalém, onde pôde comprovar que sua compreensão do cristianismo era semelhante à dos dirigentes judeu-cristãos desta cidade (Gl 1,18ss.). Entre 35 e 46 esteve na Síria e na Cilícia (Gl 1). Estabelecido na comuni- dade cristã de Antioquia até o ano 46, retornou a Jerusalém (At 11,29-30; Gl 2,1ss.), onde tanto ele como Barnabé receberam a aprovação dos judeu- cristãos para ocuparem-se da evangelização en- tre os *\*gentios*. Isso daria origem à primeira via- gem missionária de Paulo (47-48) por Chipre (Barnabé era cipriota) e Galácia. Por volta do ano 48, Paulo escreveu a Epístola aos Gálatas, na qual deixa claro que: 1. a salvação vem pela fé, sem as

**Paulo de Tarso**

**/ 263**

obras da Lei, e os cristãos gentios não estão sub- metidos a esta; 2. essa afirmação é compartilhada pelos judeu-cristãos da Palestina; 3. o próprio *\*Pedro* aceitava esse ponto de vista, embora, em certa ocasião, não tivesse sido coerente com ele, mesmo por razões de estratégia missionária, o que provocou uma discussão com Paulo em Antioquia (Gl 2,11ss.). Em torno do ano 49, Paulo partici- pou do Concílio de Jerusalém, no qual se afir- mou que a salvação vinha pela graça e não pelas obras da Lei (At 15,8-11). Os pagãos, portanto, não estavam obrigados a guardar a Lei de Moisés, mas seria conveniente que as Igrejas de Antioquia,

**264 /**

**Paulo de Tarso**

Síria e Cilícia adotassem determinadas medidas para evitar o escândalo dos convertidos do ju- daísmo (At 15,22-31). Nesse mesmo ano, Paulo iniciou sua segunda viagem missionária, desta vez acompanhado de Silas, pela Ásia Menor, Macedônia e Acaia (At 16-17). No ano 50, escre- veu as duas Epístolas aos Tessalonicenses e, de 50 a 52, esteve em Corinto (At 18). Ainda em 52, foi a Jerusalém e, a seguir, iniciou sua terceira viagem missionária: Éfeso, Macedônia, Ilíria e Acaia (At 19-20). Nessa época, escreveu as Epís- tolas aos Coríntios (55-56) e aos Romanos (iní- cios de 57). Em maio desse ano, visitou — pela quarta e última vez — a Igreja judeu-cristã de Jerusalém, levando donativos das Igrejas funda- das por ele. Foi calorosamente recebido por *\*Tiago*, o irmão de Jesus, o qual lhe rogou que, para silenciar os ataques que se faziam por ele levar os judeus a apostatar a Lei, concordasse em pagar os votos de uns jovens *\*nazireus* (At 21,1- 16). Paulo aceitou a sugestão, porém em sua visi- ta ao Templo foi atacado pela multidão que o acu- sava de ali introduzir pagãos (At 21,17ss.). A in- tervenção dos romanos e sua transferência para *\*Cesaréia* salvaram a vida de Paulo (At 22,23); contudo, permaneceu encarcerado até 59 (At 24). Vista sua causa pelo procurador Festo, na presen- ça do rei Agripa, apelou para *\*César*, que decidiu transferi-lo para Roma, para onde partiu em se- tembro de 59 (At 25,6). Após uma viagem acidentadíssima (At 27,1-28,10) — que incluiu um naufrágio —, Paulo chegou a Roma em feve- reiro de 60 (At 28,11ss.). Até o ano 62, subme- teu-se à prisão domiciliar, durante a qual escre- veu as cartas da prisão (Efésios, Filipenses, Colossenses e Filêmon). Mais tarde, segundo al- guns autores, foi executado depois de escrever as epístolas pastorais (1 e 2 Timóteo, Tito), supondo que as mesmas sejam de sua autoria. Outra hipó- tese é que fora libertado por volta de 62, por pres- crição da causa, e tenha visitado a Espanha em torno de 65. Detido durante esse período (em 64 foi o incêndio de Roma), teria sido transferido para Roma, onde sofreu o martírio. A datação das car- tas pastorais fixar-se-ia, então, por volta de 65, a não ser que se aceite o seu caráter deuteropaulino.

**Paulo de Tarso**

**/ 265**

A partir dos estudos da escola de Tubinga no século XIX, a figura de Paulo vem-se contrapon- do à de Pedro e demais dirigentes judeu-cristãos, assim como à de Jesus. Paulo não teria mostrado nenhum interesse pelo Jesus histórico; teria paganizado o cristianismo, adotando a divindade de Cristo e sua morte expiatória como eco das re- ligiões mistéricas, e negado o valor da Lei. Apesar de tudo, Paulo seria o verdadeiro fundador do cris- tianismo posterior. Esse ponto de vista — bastante condicionado pelo hegelianismo por ver Pedro como tese, Paulo como antítese e o cristianismo como síntese — é, historicamente falando, total- mente insustentável, e sua repetição só pode ser explicada por um descaso absoluto pelo estudo das fontes, acompanhado da adoção de apriorismos procedentes da filosofia e não da ciência histórica. Em muitos aspectos, Paulo foi um pensador origi- nal — e brilhante —, contudo sua originalidade relaciona-se mais com a forma do que com o pen- samento, mais com a expressão do que com o con- teúdo. Ambos são profundamente judeus e nada devem às religiões mistéricas: entre outras coisas, porque essas religiões não têm importância no império antes do século II d. C., porque também a idéia da vinda de um redentor a este mundo não está documentada nessas formas de espiritualidade antes do século II d. C. Por outro lado, Paulo não menospreza o Jesus histórico, mas o considera fun- damento de sua pregação. Cita as suas palavras na *Última \*Ceia* (1Cor 11,23-26) conforme o que lhe ensinaram; insiste tanto na humanidade de Jesus (Gl 4,4), em sua ascendência davídica quanto na sua filiação divina (Rm 1,3-4). A própria idéia de culpa universal da humanidade e da necessidade da *\*expiação* não é originalmente paulina; rela- ciona-se com o próprio Jesus, que chamou todos à *\*conversão* (Lc 13,1ss.) e se apresentou como o *\*messias*-*Servo* de YHVH — *\*Filho do homem*, que assumiu essa mesma visão e insistiu que se entregava à morte em resgate por muitos (Mc 10,45); insistiu que a *\*Nova Aliança* baseava-se em seu sangue derramado pelos homens (Mt 26,26- 29 e par.). Paulo afirmou a divindade do Filho (Fl 2,5ss.; Cl 2,9; Tt 2,13 etc.), mas o próprio Jesus já se identificara com *\*hipóstase* como a Sabedoria

**266 /**

**Paz**

e aplicou a si mesmo títulos impregnados do con- ceito de divindade como o de *\*Senhor* ou de *\*Fi-* *lho de Deus*. Nos evangelhos também são aplica- dos a Jesus textos relacionados originalmente com YHVH (por exemplo, \**pedra* de tropeço) ou títu- los hipostáticos como Logos (ver também *\*Memrá)*. E ainda: a escatologia paulina (como se encontra, por exemplo, nas Epístolas aos Tessalonicenses) é descrita em termos que têm claríssimos paralelos com a *\*apocalíptica* judaica (e até não-cristã) do período. Em seu conjunto pode-se afirmar, com F. F. Bruce, que Paulo, em- bora difira no estilo do ensinamento de Jesus, re- pete suas ênfases fundamentais.

F. F. Bruce, *Paul*...; Idem, *Acts*...; Idem, *Paul and Jesus*, Grand Rapids 1982; W. D. Davies, *Paul*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; J. A. Fitzmyer, *Teología de san Pablo*, Madri 1975; E. P. Sanders, *Paul*...; Idem, *Paul*, *the Law*...; M. Hengel, *The Pre-Christian Paul*, Filadélfia 1991; E. Cothenet, *San Pablo en su* *tiempo*, Estella 1995; Resenha Bíblica n. 5, *San Pablo*, Estella 1995.

**Paz**

Estado de tranqüilidade e harmonia que não se limita à ausência de guerra (Lc 14,32), mas que procede, fundamentalmente, da ação do *\*messias* de Deus (Lc 1,79; 2,14). Precisamente por essas características, a paz de Jesus é muito diferente da oferecida pelo *\*mundo* (Mt 10,34; Jo 14,27). Está alicerçada na *\*ressurreição* de Jesus (Jo 20,19-23); *\*Senhor* e Deus (Jo 20,28) e, por isso, suporta até mesmo a *\*perseguição* (Jo 16,33). É essa paz concreta que os *\*filhos* de Deus (Mt 5,9) difundem e anunciam ao mundo (Lc 7,50; 10,5).

**Pecado**

No judaísmo da época de Jesus — e no pensa- mento deste — é qualquer ofensa contra Deus, ação contrária à sua vontade ou violação a algum de seus mandamentos. Transgredir um preceito da *\*Torá* é pecado e tem também conseqüências negativas sobre a pessoa, afastando-a de Deus (Mt 9,13; 19,17-19). Jesus enfatiza, principalmente,

**Pedra**

**/ 267**

a necessidade de se eliminar as raízes profundas do pecado (Mt 5,27ss.; 6,22ss.; 15,1-20) e chama o pecador à *\*conversão* (Lc 11,4; 15,1-32; 13,1ss.; 18,13), porque Deus perdoa todo pecado, exceto a *\*blasfêmia* contra o *\*Espírito Santo*, isto é, a atitude de resistência ao perdão de Deus, a única atitude que impede a pessoa de recebê-lo. Por amor ao pecador, Jesus acolhe-o (Mt 11,19; Lc 15,1ss.; 19,7) e se entrega à morte expiatória (Mt 26,28; Lc 24,47). Quem recebe esse perdão deve também saber perdoar os pecados dos outros (Mt 18,15.21; Lc 17,3ss.).

R. Donin, *o. c*.; Y. Newman, *o. c.*; C. Vidal Manzanares, *El primer Evangelio*...; Idem, *El judeo-cristianismo*...

**Pecador**

Ver \**Pecado.*

**Pedra**

Jesus é a pedra rejeitada, pedra de tropeço, é a pedra angular sobre a qual se sustenta o edifício de Deus (Mt 21,42). As passagens evangélicas que se referem a Jesus como pedra rejeitada ou de tro- peço (Mt 21,42-44; Mc 12,10; Lc 20,17-18) têm origem veterotestamentária (Sl 118,22) e podem mesmo referir-se ao próprio YHVH (Is 8,14). Essa identificação das passagens como referências messiânicas aparece também no judaísmo. Assim, o Targum Jonatan usa “pedra” como título messiânico e o mesmo podemos constatar no Midraxe sobre Nm 13,14, no qual o *\*messias* é denominado também *\*Filho do homem* (Dn 7,14). Neste último caso, a “pedra” é, mais concreta- mente, a que destruiu os reinos *\*gentios* (Dn 2,35). Embora nessas passagens não apareça a idéia de rejeição ao messias pelo povo de Israel, ela apa- rece no Talmude (Sanh 38a). Nessa referência, o messias, filho de *\*Davi*, é descrito como aquele que — conforme Is 8,14 — será pedra de tropeço e rocha de escândalo para as duas casas de Israel. Também a identificação da “pedra de tropeço”

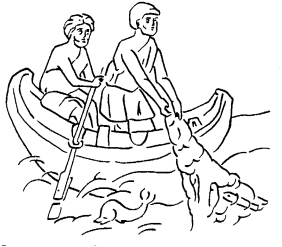
**268 /**

**Pedro**

com a “pedra de ângulo” conta com paralelos no judaísmo. Temos exemplo no Testamento de Salomão 22,7-23,4, no qual a pedra do Sl 118,22 já é “cabeça de ângulo”; o mesmo se pode dizer das referências no Manual de Disciplina 8,4 e em Yoma 54a. Em harmonia com essa visão, Jesus é a pedra de ângulo (Mt 21,42) e pedra de *\*escân-* *dalo*, que despedaçará os incrédulos (Lc 20,18).

**Pedro**

Tradução grega da palavra aramaica Kepha (rocha). Discípulo de Jesus também chamado Si- mão ou Simeão (At 15,14; 2Pd 1,1). Filho de João (Jo 1,42) ou Jonas (Mt 16,17), com seu irmão *\*André*, dedicava-se à pesca na *\*Galiléia* (Mt 4,18). Natural de *\*Betsaida* (Jo 1,44), residia com sua família em *\*Cafarnaum* (Mc 1,29ss.; Mt 8,14; Lc 4,38). Esteve ligado a *\*João Batista* (Jo 1,35- 42) antes de seguir Jesus. Fez parte do grupo dos *\*Doze* e, mais especificamente, dos três *\*discí-* *pulos* mais próximos de Jesus (Mt 17,1; Mc 5,37; 9,2; Lc 8,51 etc.). Convencido da messianidade de Jesus (foi essa a confissão que levou Jesus a falar de sua Igreja edificada sobre a fé em sua pessoa como *\*messias* e *\*Filho de Deus*), Pedro resistiu, no entanto, à visão do messias sofredor que Jesus tinha (Mt 16,18ss.) e chegou mesmo a negar seu Mestre no momento de sua prisão (Mt 26,69ss. e par.). A princípio, Pedro não acreditou no anúncio da *\*ressurreição* de Jesus (Lc 24,11), mas ver o túmulo vazio (Lc 24,12; Jo 20,1-10) e a aparição de Jesus no domingo da ressurreição (Lc 24,34; 1Cor 15,5), assim como aparições de que outros discípulos falavam mudaram radical- mente sua vida. Apenas algumas semanas depois da morte de Jesus, Pedro convertera-se em uma pessoa disposta a confrontar-se com as autorida- des judias que, durante a época de *\*Herodes* Agripa, estiveram a ponto de executá-lo (At 12). Embora a comunidade judeu-cristã de Jerusalém fosse dirigida por todos os *\*apóstolos* em seus primeiros tempos, não há dúvida de que Pedro atuava como porta-voz da mesma (At 2-4). Jun-

**Pedro**

**/ 269**

tamente com João, foi ele quem legitimou a evangelização fora da Judéia (Samaria, At 8; o litoral, At 9,32ss.) e deu o primeiro passo para a evangelização dos não-judeus (At 10-11). Parece ter sido bom seu relacionamento com Paulo (Gl 1-2), exceto um incidente em Antioquia em que Pedro agiu contra as suas convicções para não causar escândalo aos judeus. Durante os anos 40 e 50, a Igreja de Jerusalém esteve sob a direção de *\*Tiago* e não de Pedro (At 12,17; 15,13; 21,18; Gl 2,9.12), mas este estava presente no Concílio de Jerusalém, no qual apoiou as idéias de Paulo. Temos muito poucos dados sobre esse período final de sua vida: quase um quarto de século. Com segurança, desenvolveu um ministério missioná- rio (1Cor 9,5), durante o qual, possivelmente, trabalhou em Corinto (1Cor 1,12) para, logo mais, concluí-lo com o martírio (Jo 21,19). Considera- se a possibilidade de ter visitado Roma, embora não seja provável que fosse ele o fundador da comunidade dessa cidade. Mais plausível é a tra- dição que considera sua execução durante a per- seguição empreendida por Nero. Das obras que se lhe atribuem, é sua — sem dúvida — a primei- ra epístola que leva seu nome. Tem-se questiona- do a autenticidade da segunda, mas o certo é que

*Ravena. Mosaico de Santo Apolinário Novo*   
*(séc. VI): Pedro e André seguem Jesus*

**270 /**

**Peito**

o livro do Novo Testamento com o qual tem maio- res coincidências é exatamente a primeira carta de Pedro. As lógicas diferenças entre ambas as obras não devem ser levadas a extremo, pois de- pendem não tanto da diversidade de autores como de gênero literário: a primeira é uma epístola e a segunda, uma forma de testamento. Tampouco pode ser descartada a possibilidade de a segunda ser de Pedro, mas ter recebido sua forma final da escrita de um copista. Quanto aos Atos de Pedro, o Apocalipse de Pedro e o Evangelho de Pedro não são, realmente, de sua autoria. Tem-se res- saltado a possibilidade de o evangelho de *\*Mar-* *cos* apresentar, substancialmente, o conteúdo da pregação de Pedro, já que João Marcos aparece como seu intérprete em algumas fontes.

C. P. Thiede, *o. c.*; W. H. Griffith Thomas, *El apóstol*...; F. F. Bruce, *Acts*...; Idem, *New Testament*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; O. Cullmann, *Peter*, Londres 1966; R. F. Brown e outros, *Pedro*...; R. Aguirre (ed.), *Pedro en la Iglesia primitiva*, Estella 1991.

**Peito**

Essa parte do corpo humano estava relaciona- da com alguns aspectos mais íntimos da pessoa. Bater no peito era sinal de \**arrependimento* (Lc 18,13; 23,48) ou de lamentação (Mt 11,17; 24,30; Lc 8,52; 23,27). Reclinar-se sobre o peito de um amigo denotava grande afeto e confiança (Jo 13,25; 21,20).

**Peixe**

Alimento não poucas vezes considerado hu- milde (Mt 7,10; 14,17-19; 15,34-36; 17,27; Lc 5,6-9; 24,42; Jo 21,6.8.11). Às vezes era consu- mido seco (Jo 6,9-11; 21,9-13). Jesus utiliza-o como símbolo dos homens recolhidos para o *\*juízo* de Deus (Mt 13,47-50).

**Penitência**

Ver \**Conversão.*

**Peréia**

**/ 271**

**Pentecostes**

No judaísmo, essa festa é denominada *shavuot* (semanas) e é a segunda das três *\*festas* de pere- grinação. Era celebrada anualmente no dia 6 de Sivã em Israel e entre 6 e 7 de Sivã, na diáspora. Seu nome hebraico vem do mandato bíblico de contar sete semanas a partir da segunda noite da *\*Páscoa* até o dia seguinte do dia do descanso (Lv 23,15-16.21); daí provém também seu nome não-judeu de Pentecostes (quinquagésimo dia em grego). No judaísmo, a festa comemorava tanto as primícias apresentadas no *\*Templo* (Nm 28,26; Êx 23,16; 34,22; Lv 23,17), como a entrega da *\*Torá* no Sinai.

J. Barylko, *Celebraciones*...; F. F. Bruce, *Acts*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; C. Shepherd, *Jewish...*

**Perdão**

Jesus apresentou-se investido da autoridade divina de perdoar os pecadores (Mt 9,1-8; Lc 7,36- 50). De fato, sua morte na *\*cruz* não é senão um sacrifício expiatório — como o *\*Servo* de YHVH — que inaugura a *\*Nova Aliança* (Mt 26,28; Mc 10,45; Lc 22,20). O anúncio do perdão que Deus oferece ao ser humano em Jesus é parte essencial da mensagem do *\*Evangelho* (Lc 24,47; Jo 20,23).

Na gratidão pelo perdão recebido — e com o desejo de assemelhar-se ao \**Pai* — o *\*discípulo* deve perdoar os *\*pecados* cometidos contra ele (Mt 5,23ss; 5,43-48; 6,12-15; 18,21-35).

**Peréia**

A região territorial a leste do Jordão. Esten- dia-se desde Maqueronte, ao sul, até Pela, ao nor- te. De 4 a 39, foi governada por *\*Herodes Antipas;* *\*João Batista* batizou nessa área (Jo 1,28; 10,40) e Jesus atravessou-a em várias ocasiões (Mc 10,1). O evangelho de *\*Lucas* dedica boa parte de seu conteúdo ao ministério de Jesus nessa região.

**272 /**

**Perfume**

**Perfume**

Ver \**Aloé, \*Aroma, \*Incenso, \*Mirra,* *\*Nardo.*

**Pérola**

Jóia de alto preço. Jesus refere-se a ela como símbolo de imenso valor da descoberta do *\*Rei-* *no* de Deus (Mt 7,6; 13,45ss.).

**Perseguição**

Essa circunstância está ligada, infalivelmen- te, à condição de *\*profeta* (Mt 5,12) e de *\*discí-* *pulo* (Mc 10,30). Parte da aversão que o *\*mundo* tem por Jesus (Jo 15,18-20). Longe de sentir ódio, o discípulo perseguido deve *\*orar* por seus per- seguidores (Mt 5,44), sabendo também que exis- te uma bênção para essa situação (Mt 5,10) e que conta com a ajuda de Deus para enfrentar toda e qualquer perseguição (Mt 10,19ss.; Lc 21,12-15).

**Pés**

1. Lançar-se aos pés: reconhecer a superiori- dade da outra pessoa, adorá-la (Mt 18,29; 28,9). 2. Descalçar: ato de servidão reservado aos es- cravos (Mc 1,7). 3. Sentar-se aos pés: ser discí- pulo de alguém (Lc 8,35). 4. Depositar aos pés: confiar algo a alguém (Mt 15,30). 5. Sacudir o pó dos pés: expressar ruptura ou mesmo o juízo que recaíra sobre a outra pessoa (Mt 10,14). 6. Lavar os pés: sinal de humildade e serviço que Jesus realizou com seus discípulos durante a Última Ceia, e espera-se que estes o repitam entre si (Jo 13,1-17).

**Pesca**

Na época de Jesus, como hoje em dia, o mar da Galiléia era local de numerosas atividades pes- queiras. Praticava-se a pesca com lanterna (Lc 5,5;

**Pilatos, Pôncio**

**/ 273**

Jo 21,3), com uma ou várias embarcações (Mc 4,36; Lc 5,11), com anzol (Mt 17,27), com rede (Mt 4,18) e com rede de arrastão (Mt 13,47ss.). A sua exploração ficava a cargo de proprietários das embarcações os quais, algumas vezes, contavam também com assalariados (Mc 1,20; Lc 5,7).

Jesus empregou o simbolismo da pesca para referir-se à missão recomendada a seus *\*discípu-* *los* (Mt 4,19; Lc 5,10). Não é fácil averiguar o significado da expressão, mas talvez a chave se encontre em Mt 13,47-50, em que Jesus nos fala da pesca com rede e que simboliza a separação da humanidade para a *\*salvação* ou condenação. Nesse sentido, a pregação do evangelho realiza- da pelos discípulos serviria — em virtude da res- posta dada a ela — para separar as pessoas em categorias de perdição ou de salvação (comp. Jo 20,22-23).

**Pesos**

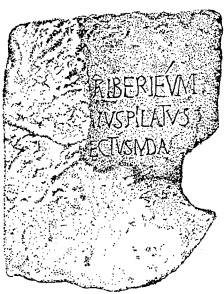
No tempo de *\*Jesus*, eram utilizados os se- guintes pesos: o *\*talento* (34,272 Kg), a *\*mina* (0,571 Kg), o *\*siclo* (11,424 g) e o meio siclo. Os evangelhos somente mencionam a *\*libra* romana (327,45 g) (Jo 12,3; 19,39).

**Peste**

A palavra tem o sentido de epidemia. Consti- tui um dos sinais precursores da destruição de *\*Jerusalém* (Lc 21,11).

**Pilatos, Pôncio**

Procurador romano da Judéia, de 26 a 36 d. C. As referências ao mesmo em Tácito, Fílon e Flá- vio Josefo são bastante negativas e se encaixam, histórica e moralmente, com as informações fornecidas pelos evangelhos (Mt 27; Mc 15; Lc 23; Jo 18), que mostram que Pilatos, apesar de convencido da inocência de Jesus, curvou-se a pressões externas e condenou-o à morte. Mt 27,19

**274 /**

**Pináculo**

*Inscrição romana de Cesaréia,*

*onde aparece o nome Pontius Pilatus*

faz uma referência à esposa de Pilatos, a qual in- tercedeu pela liberdade de Jesus. Uma lenda es- palhada mais tarde converteu-a em discípula de Jesus, dando-lhe o nome de Procla ou Cláudia Prócula.

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El* *primer Evangelio*...; Schürer, *o. c*.; F. F. Bruce, *Israel*...

**Pináculo**

Possivelmente, o ponto mais elevado do *\*Tem-* *plo*, identificado por alguns com o lugar mais alto na ala sudeste dos seus pórticos ou com a cornija superior de uma das grandes portas que davam para o vale do *\*Cedron.* Mt 4,5 e Lc 4,9 situam nesse local uma das tentações com que o *\*diabo* pretendeu seduzir Jesus.

**Piscina**

Depósitos de água geralmente escavados na ro- cha. Seu uso costumava ser público (Jo 5,2-7; 9,7).

**Pobres**

**/ 275**

**Pobres**

Embora de diferentes necessidades, era consi- derável o número de pobres na Palestina do tem- po de Jesus. Em primeiro lugar os diaristas, que ganhavam cerca de um \**denário* por dia (Mt 20,2.9; Tb 5,15), incluindo-se as refeições (B. M, 7,1). Em segundo lugar, estavam os que viviam do auxílio alheio e compreendiam: os \**escribas* (Eclo 38,24; 39,11; P. A. 4,5; 1,13; Yoma 35b bar; Mt 10,8-10; Mc 6,8; Lc 8,1-3; 9,3; 1Cor 9,14); os rabinos como Shamai (Shab 31a), Hilel (Yoma 35b bar), Yojanan ben Zakkay (Sanh 41a; Sifré Deut 34,7; Gen R 100,11 sobre 50,14), R. Eleazar ben Sadoc (Tos. Besa 3,8), Abbá Shaul ben Batnit (Tos. Besa 3,8; Besa 29a bar) e \**Paulo* (At 18,3). É possível que essa precariedade econômica expli- que, pelo menos em parte, que houvesse \**fariseus* que aceitavam subornos (*Guerra Jud*., I, 29,2) e que os evangelhos às vezes os acusem de avareza (Lc 16,14) e ladroagem (Mc 12,40; Lc 20,47). Na base da pobreza, estavam os mendigos, que não eram poucos. Os doentes — como os enfermos de \**lepra* — que mendigavam nas cidades ou nas suas imediações eram consideravelmente numerosos (Pes 85b; San 98a). Alguns \**milagres* de Jesus aconteceram em lugares típicos de mendicância (Mt 21,14; Jo 9,1.8; 8,58-59; 5,2-3). Sem dúvida, muitas vezes tratava-se de espertalhões fingindo invalidez para obterem esmola (Pea 8,9; Ket 67b- 68a) ou que viviam aproveitando-se das bodas e das circuncisões (Sem 12; Tos Meg 4,15). Jesus teve seguidores desta parte da população. Tendo- se em conta que o sacrifício de purificação de sua \**mãe* era o dos pobres (Lc 2,24; Lv 12,8), sabe-se que Jesus procedia de uma família pobre, não ti- nha recursos (Mt 8,20; Lc 9,58), não levava di- nheiro consigo (Mt 17,24-27; Mc 12,13-17; Mt 22,15-22; Lc 20,24) e vivia de ajuda (Lc 8,1-3). É importante observar que nem Jesus nem seus se- guidores valorizaram a pobreza material, mas sim uma cosmovisão que indicava sua pertença à ca- tegoria escatológica dos “*anawin*”, os pobres es- pirituais ou pobres humildes que esperavam a li-

**276 /**

**Pobres**

bertação proveniente de Deus e unicamente de Deus. Certamente Jesus e seus \**discípulos* des- frutaram de um grande poder de atração sobre os indigentes; não bastava, porém, ser pobre para associar-se a eles e tampouco parece que essa in- digência fosse uma recomendação especial. Inte- grar-se ao número dos seguidores de Jesus depen- dia da \**conversão*, de uma decisão vital, seguida de uma mudança profunda de vida, não relacio- nada ao “status” social. O círculo dos mais próxi- mos a Jesus possuía uma bolsa comum (Jo 13,29); disso não se deduz, porém, uma idéia de pobreza, pois esses fundos eram empregados não só para cobrir os gastos como também destinados a dar esmolas aos pobres. A “pobreza” preconizada por Jesus não se identificava, portanto, com a miséria e sim com uma simplicidade de vida e uma hu- mildade de espírito que não questionava as pos- ses de cada um, mas alimentava a solidariedade e a ajuda aos demais, colocando toda sua fé na in- tervenção de Deus. Os discípulos não eram po- bres no sentido material, mas no de “humildade”: tratava-se mais da pobreza espiritual do que da econômica e social. Essa idéia contava com pro- fundas raízes na teologia judaica. Nesse sentido, encontramos referências em Is 61,1: os de cora- ção abatido, que buscam a Deus (Sl 22,27; 69,33 etc.), cujo direito é violado (Am 2,7), mas a quem Deus escuta (Sl 10,17), ensina o caminho (Sl 25,9), salva (Sl 76,10) etc. Tudo isso faz que os “anawim” louvem a Deus (Sl 22,27), alegrem-se nele (Is 29,19; Sl 34,3; 69,33) e recebam seus dons (Sl 22,27; 37,11) etc. Os “anawim” não são, pois, os pobres simplesmente, mas os pobres de Deus (Sf 2,3ss.). (Ver nesse sentido: R. Martin-Achard, “Yahwé et les ânawim:” *ThZ 21,* 1965, pp. 349- 357.) A Bíblia dos LXX assume tanto essa inter- pretação que \**pobre* é traduzido não somente como “*ptojós*” e “*pénes*”, mas também por “*tapeinós*” (humilde) e “*prays*” (manso) e seus derivados. Realmente, a palavra “*anaw*” no Anti- go Testamento tem um significado ambivalente. Enquanto em alguns casos só se refere ao neces- sitado (Is 29,19; 61,1; Am 2,7 etc.), em outros

**Pomba**

**/ 277**

equivale a “humilde” (Nm 12,3; Sl 25,9; 34,3; 37,11; 69,32 etc.). O mesmo pode dizer-se de “*ebion*” (Jr 20,13) e de “*dal*” (Sf 3,12), cujo signi- ficado pode ser tanto necessitado como humilde. Dentro desse quadro de referências, os “pobres- anawim” não são senão todos os que esperam a libertação de Deus porque sabem que não podem esperá-la de mais ninguém. A eles, especialmente, é anunciado o evangelho (Mt 11,5; Lc 4,18).

E. Jenni e C. Westermann, “3Aebyon” e “Dal” em *Diccionario Teológico manual del Antiguo Testamento*, Madri 1978, I, e Idem, “`Nh” em *Ibidem*, II; W. E. Vine, “Poor” em *Expository Dictionary of Old and New Testament* *Words*, Old Tappan 1981; C. Vidal Manzanares, “Pobres” em *Diccionario de las Tres Religiones*, Madri 1993; Idem, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...

**Poder**

Nos evangelhos, encontra-se a afirmativa de que este \**mundo* é campo de batalha entre dois poderes, não humanos, mas espirituais: o de Deus e o de \**Satanás* e seus \**demônios*. Ante essa rea- lidade espiritual, as demais análises são superfi- ciais e fora de foco. Jesus manifesta o poder de Deus nos \**milagres* (Mt 12,22-30; Lc 19,37). É um poder que reside nele e dele sai (Mc 5,30; Lc 4,14), que vence o \**mal* (Mc 3,26ss.; Lc 10,19) e que ele confia a seus \**discípulos* (Mc 16,17).

Quanto ao poder político, os evangelhos con- sideram-no controlado pelo diabo — que o ofe- receu a Jesus (Lc 4,5-8) — e afirmam que esse poder é incompatível com a missão de Jesus. Este o repudiou (Jo 6,15) e claramente declarou que seu \**Reino* não era deste mundo (Jo 18,36-37). Os discípulos não devem copiar os padrões de conduta habituais na atividade política e sim to- mar como exemplo a conduta de Jesus como \**Ser-* *vo* de YHVH (Lc 22,24-30).

**Pomba**

Denominação que engloba diversas aves como a pomba-rola, a pomba-torcaz, o pombinho e a

**278 /**

**Pôncio Pilatos**

rolinha. Era a oferenda reservada aos pobres, es- pecialmente nos ritos de purificação, o que expli- ca sua venda no *\*Templo* (Mt 21,12; Jo 2,14-16). Para Jesus, ela é a imagem da pureza e da simpli- cidade (Mt 10,16). Durante o *\*batismo* de Jesus, o *\*Espírito Santo* desceu sobre ele em forma de pomba (Mt 3,16; Mc 1,10; Lc 3,22; Jo 1,32). O símbolo da pomba não é muito claro nesse acon- tecimento. Tem-se demonstrado a possibilidade de referir-se ao amor de Deus (Ct 2,14; 5,2) ou à nova criação, que se inicia com o *\*messias* (Gn 1,2; Os 7,11).

**Pôncio Pilatos**

Ver *\*Pilatos, Pôncio.*

**Porco**

Embora considerado animal sagrado em cer- tos ritos pagãos, a \**Lei* de Moisés considerava-o imundo. Na Palestina, sua criação limitava-se às áreas intensamente helenizadas como a \**Decápole* (Mt 8,30-32; Mc 5,11-16; Lc 8,32ss.). Na \**parábola* do filho pródigo, este se viu obri- gado a cuidar dos porcos, sinal de toda a degra- dação a que chegara (Lc 15,15ss.).

**Porta**

Abertura que permite a entrada em um edifí- cio. Em sentido simbólico, Jesus é a única porta que nos permite entrar na \**vida eterna* (Jo 10,7- 9). Os seres humanos devem evitar as portas lar- gas (Mt 7,13-14), que só conduzem à perdição.

**Pórtico**

Galeria ao ar livre, mas coberta por um telha- do sustentado por uma colunata. Os evangelhos mencionam os cinco pórticos da \**piscina* de \**Betesda* (Jo 5,2) e o de Salomão (Jo 10,23), na fachada oriental do \**Templo.*

**Possessão**

Ver \**Demônios.*

**Predestinação**

**/ 279**

**Possessões**

Ver \**Mamona, \*Prata, \*Pobres, \*Ricos.*

**Pousada**

Ver \**Hospedaria.*

**Povo de Deus**

Ver \**Discípulos, \*Igreja, \*Israel.*

**Praça pública**

Também praça de mercado, um equivalente aos mercados abertos. Situada à entrada das vi- las, constituía o centro da vida pública (Mc 6,56). Nela as pessoas se exibiam (Mt 23,7), contrata- vam empregados (Mt 20,3) e se divertiam (Mt 11,16).

**Prata**

Metal precioso que era utilizado para traba- lhos de joalheria e fabricação de moedas como o *\*siclo* (Mt 26,15; 27,3-9; 28,12.15). *\*João Batis-* *ta* condenou a sua cobiça, que podia corromper a administração. Jesus considerou-a um bem inse- guro e perecível (Mt 10,9; Lc 9,3) e contou entre seus adversários aqueles que a amavam (Lc 16,14).

**Predestinação**

Os evangelhos afirmam que existe uma série de circunstâncias já determinadas — e por isso imutáveis — por Deus. Assim, o \**Reino* de Deus tem lugares reservados para vários tipos de pes- soas (Mt 20, 23; 25,34; Jo 14,2ss.). Também existe

**280 /**

**Predições de Jesus**

um tempo fixado por Deus para acontecimentos relacionados com a história da \**salvação* (Lc 2,1; 3,1ss.) e já está determinado que a salvação deve dar-se, necessariamente, em virtude da morte expiatória de Jesus na \**cruz* (Lc 24,26). Final- mente, está estabelecido que existirá uma salva- ção e um castigo eterno, pertencendo este último ao \**diabo*, a seus \**demônios* e aos condenados (Mt 25,41). Deve-se, contudo, ressaltar que a idéia de uma salvação ou condenação individual, em virtude de um decreto eterno de Deus, não está presente nos evangelhos. Pode-se voluntariamente resistir à chamada feita a todos, mas essa atitude causa danos aos que não crêem em Jesus. No úl- timo momento e livremente, cada ser humano de- cide seu destino eterno (Mc 6,3-9; 16,15-16; Jo 3,18-21).

**Predições de Jesus**

Os evangelhos contêm diversas predições de Jesus referentes à sua rejeição e morte, assim como à destruição de Jerusalém. Não poucas vezes, os dois tipos de predição têm sido considerados sem base histórica e rotulados como “vaticinia ex eventu”. Quanto a essa teoria, afirma-se primei- ramente que Jesus declarou implicitamente que ia morrer nas mãos de seus adversários, em relatos como o da parábola dos lavradores homicidas (Mc 12,1-12; Mt 21,33-46; Lc 20,9-19), metáforas como a do cálice, do batismo e da hora (Mc 10,38- 39 e par.; 14,35.41 e par.) ou o sinal de Jonas (Mt 12,8-40; 16,1-2; Lc 11,29-32). No mesmo senti- do, deve-se destacar a autoconsciência de Jesus como \**Servo* de YHVH, que o fez assumir sua morte em resgate por todos (Mc 10,45; Mt 26,26 e par. Comp. com Is 53,11-12) ou a clara referên- cia ao seu sepultamento que em breve aconteceria (Mt 26,6-13 e par.). Longe de indicar um “vaticinium ex eventu”, os anúncios de Jesus so- bre paixão e morte harmonizam-se com outras referências não menos explícitas a respeito.

O mesmo se afirma em relação à destruição do Templo, assinalada em \**Q*, escrito antes de

**Presépio**

**/ 281**

70. Além disso, não se pode esquecer que o evan- gelho de \**Marcos*, igualmente escrito antes de 70, também a menciona. Algo semelhante podemos dizer do evangelho de \**Lucas*. Não se deve es- quecer ainda que o anúncio de uma destruição do Templo aparece mencionado em relação a outros personagens e sempre antes que ela se desse. A posição — ainda mantida por alguns autores — de que os anúncios proféticos de Jesus consti- tuem “vaticinium ex eventu” é, de fato, inadmis- sível à luz das fontes (Ver \**Jesus)*.

C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; Idem, *El* *judeo-cristianismo*...; H. F. Bayer, *Jesus’ Predictions of* *Vindication and Resurrection*, Tubinga 1986; J. Jeremias, *Teología*...; S. H. T. Page, “The Authenticity of the Ransom Logion (Mark 10:45b)” em R. T. France e D. Wenham (eds.), *Gospel Perspectives* *1*, Sheffield 1980; K. R. Snodgrass, *The* *Parable of the Wicked Tenants*, Tubinga 1983.

**Preexistência do Filho**

Ver \**Deus, \*Filho de Deus, \*Hipóstase, \*Je-* *sus, \*Logos, \*Memrá, \*Trindade.*

**Prefeito**

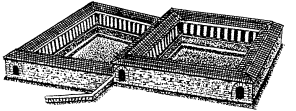
Ver \**Procurador.*

**Preocupação**

Jesus censura a preocupação como origem da ansiedade humana e como conduta estéril, que desvia a atenção da pessoa daquilo que é real- mente importante (Mt 10,19; Mc 13,11; Lc 12,11; 12,22-26). Deus provê seus \**filhos* de tudo (Mt 6,25-32) e estes devem buscar, em primeiro lu- gar, o \**Reino de Deus* e sua \**justiça*, certos de que tudo o mais dele receberão (Mt 6,33-34).

**Presépio**

Lugar em que comiam os animais no estábulo e, por extensão, o próprio estábulo (Lc 2,7.12.16; 13,15).

**282 /**

**Pretório**

**Pretório**

Nos evangelhos, residência do pretor, magis- trado romano encarregado da administração da justiça e provido de forças militares (Mt 27,27; Mc 15,16; Jo 18,28.33; 19,9).

**Probática**

Uma das portas de \**Jerusalém:* a das \**ove-* *lhas*. Próximo a ela (Jo 5,2) estava a \**piscina* de \**Betesda*, onde Jesus curou um paralítico.

*Reconstrução fiel da Piscina Probática*

**Processo de Jesus**

Ver \**Jesus.*

**Procurador**

Funcionário denominado prefeito até o ano 42. Residente em \**Cesaréia*, dependia diretamente do *\*césar* e, na Judéia, do legado da Síria. O fato de se contar com os descendentes de \**Herodes* para desempenhar suas funções foi sementeira de conflitos, porque as diversas jurisdições estavam longe de ser delimitadas (Lc 23,6ss.). Um dos encargos do procurador era manter a ordem, como por exemplo, observava-se na subida a \**Jerusa-* *lém* durante a \**Páscoa.*

**Profeta**

No judaísmo, o profeta é o escolhido por Deus para proclamar sua palavra em forma de exorta-

**Profeta**

**/ 283**

ção e, outras vezes, como advertência de castigo. A mensagem profética não estava necessariamen- te ligada ao anúncio de acontecimentos futuros. Embora \**Moisés* fosse o maior de todos os profe- tas (Dt 34,10), o período principal da atividade profética estende-se de Samuel (séc. XI a.C.) até Malaquias (séc. V a.C.). As fontes destacam dois tipos de profetas. O primeiro (Samuel, Natã, Elias, Eliseu) não deixou obras escritas e, ocasionalmen- te, viveu em irmandades proféticas conhecidas como “filhos dos profetas”. O segundo (Amós, Isaías, Jeremias etc.) deixou obras escritas. A ati- vidade profética estendia-se também às mulhe- res, como foi o caso de Maria (Êx 15,20), Débora (Jz 4,4) e Hulda (2Rs 2,14) e a não-judeus, como Balaão, Jó etc. Conforme os rabinos, a presença de Deus ou Shejináh abandonou Israel após a morte do último profeta (Yoma 9b), desaparecen- do o dom de profecia depois da destruição do Templo (BB 12b). Nos evangelhos, Jesus é apre- sentado como o Profeta; não um profeta melhor, mas o Profeta escatológico anunciado por Moisés em Dt 18,15-16, que surgiria no final dos tempos e que não seria inferior a Moisés, porque signifi- caria o cumprimento das profecias anteriores (Jo 6,14ss.; Mc 13,22 e par.; Mt 13,57 e par.; 21,11; 21,46 e par.; Lc 7,39; 13,33; Jo 4,44). A isso acres- centem-se os textos em que se emprega a expres- são \**Amém* (mesmo não as limitando a um cariz profético). A expectativa desse “Profeta” devia ser comum na época de Jesus, como se deduz de Jo 1,21. Essa pessoa tem também um paralelo evidente na doutrina samaritana do “*taheb*” (o que regressa ou o restaurador), uma espécie de Moisés redivivo (Jo 4,19.25). Também nos deparamos com uma figura semelhante na teologia dos sec- tários de \**Qumrán* e no Testamento dos Doze patriarcas, embora já apresentando essenciais di- ferenças.

L. A. Schökel, *o. c.*; A. Heschel, *o. c*.; I. I. Mattuck, *El* *pensamiento de los profetas*, 1971; G. von Rad, *Teología*...; vol. II; J. D. G. Dunn, “Prophetic I-Sayings and the Jesus Tradition: The Importance of Testing Prophetic Utterances within Early Christianity” em *NTS*, 24, 1978, pp. 175-198;

**284 /**

**Prosélito**

D. Hill, *New Testament Prophecy*, Atlanta 1979; D. E. Aune, *Prophecy in Early Christianity*, Grand Rapids 1983; G. F. Hawthorne, *The Presence and the Power*: *The* *Significance* *of the Holy Spirit in the Life and Ministry of Jesus*, Dallas, 1991; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Rese- nha Bíblica, n. 1, *Los profetas*, Estella 1994.

**Prosélito**

\**Gentio* convertido ao judaísmo. Em termos rabínicos, era um “nascido de novo” e estava obri- gado a guardar toda a \**Lei*. Jesus criticou aspera- mente o proselitismo fariseu (Mt 23,15), que le- vava a pessoa não tanto a uma \**conversão* ao Deus de \**Israel* mas às doutrinas dos fariseus e ao que elas tinham de censuráveis. Para Jesus, o \**novo* *nascimento* não se limitava aos pagãos: era ex- tensivo a toda a humanidade.

**Prostitutas**

Tanto \**Q* como os evangelhos reúnem infor- mações referentes a Jesus ter compartilhado a mesa com \**publicanos* e \**pecadores* públicos (Mc 2,15-16; Lc 5,27-30; 7,34; 15,1-2; Mt 9,10-11; 11,19). Essa notícia, ligada à interpretação errô- nea de \**Maria Madalena* ter sido uma prostituta, ao relato da pecadora que ungiu os pés de Jesus (Lc 7), ao episódio da samaritana (Jo 4) e ao da adúltera cujo apedrejamento impediu (Jo 8,1ss.), tem levado alguns autores a supor que, entre os seguidores de Jesus, havia numerosas prostitutas e que ele comia habitualmente com elas. Eviden- temente, Jesus afirmou que os pecadores mais sórdidos — entre eles as prostitutas — tinham maior possibilidade de entrar no Reino (Mt 21,31) do que as pessoas dominadas por seu orgulho re- ligioso; contudo, o fundamento da opinião ante- rior é praticamente inexistente a não ser que acei- temos — o que não é impossível, mas tampouco seguro — que os “pecadores” que comiam com Jesus fossem prostitutas. Ressalte-se também que a fornicação — incluída a prostituição — foi con- siderada por Jesus um \**pecado* grave (Mc 7,21;

**Publicano**

**/ 285**

Mt 15,19), que necessitava de \**arrependimento*. É possível, portanto, que algumas prostitutas che- garam a seguir Jesus — apesar de não contarmos com dados a respeito — mas nada indica que essa circunstância, por sua importância numérica, re- vista-se de especial transcendência, ainda que a possuísse em termos espirituais e sociais.

V. e B. Bullough, *Prostitution*, Nova York 1978; K. E. Corley, “Were the Women Around Jesus Really Prostitutes? Women in the Context of Greco-Roman Meals” em *SBL*, 1989, pp. 487-521.

**Provar**

Em sentido literal, provar o sabor dos alimen- tos (Mt 27,34; Jo 2,9), alimentar-se (Lc 14,24). Provar a morte significa morrer (Lc 9,27; Mc 9,1; Mt 16,28). Aquele que guarda a palavra de Jesus não provará a morte — condenação — eterna (Jo 8,52).

**Próximo**

No pensamento judeu, o próximo era o israelita não ligado por laços de parentesco (Lv 17,3; 19,11-13.16-18) e, como concessão, o estrangei- ro residente no meio do povo de Israel (Lv 17,8- 10.13; 19,34). A grande inovação de Jesus é que o próximo — a quem se deve amar — inclui tam- bém o inimigo (Mt 5,43-48). A pergunta essen- cial deixa de ser “Qual é o meu próximo?” para tornar-se “Acaso não sou eu o seu próximo?” (Lc 10,29-37).

**Publicano**

Cobrador de \**impostos*. Totalmente impopu- lar, estava entre os \**pecadores* públicos e notó- rios (Mt 9,11; Mc 2,16; Lc 5,30), para o que con- tribuía sua falta de honestidade (Lc 3,12ss.) e sua forçosa ligação com Roma (Mt 18,17). Já que to- das as pessoas necessitam de \**conversão* (Lc 13,1ss.), Jesus estendeu também aos publicanos

**286 /**

**Pureza**

o chamado a que se convertam (Mt 5,46; 11,19; 21,31; Lc 7,29-34; 15,1ss.; 18,13ss.; 19,2-9). Um de seus \**discípulos,* chamado Mateus, provinha dessa classe social. \**Zaqueu* é outro exemplo de publicano convertido.

**Pureza**

Diferentemente do judaísmo da época, Jesus não deu importância à pureza ritual. Para ele, a verdadeira pureza não consiste na obediência a normas alimentares, mas na pureza do coração (Mt 7,1-23). Realmente, é Jesus que nos purifica e nos limpa (Jo 15,3; 13,10). Somente quem as- sim está limpo poderá, algum dia, ver a Deus (Mt 5,8).

**Q**

**“Q”**

Nome que recebe um suposto documento uti- lizado por \**Mateus* e \**Lucas* para a redação de seus respectivos \**evangelhos*. Essa obra, ante- rior ao ano 70 d.C., seria formada — fundamen- talmente — por ditos de Jesus e algumas narra- ções de \**milagres*. Existe um consenso generali- zado sobre o material que originalmente compu- nha Q (a mencionada obra foi reconstruída e traduzida, pela primeira vez, para o castelhano, em 1992, por C. Vidal Manzanares), mesmo ha- vendo discrepâncias menores sobre a pertença a ele de alguns versículos isolados. Em Q, Jesus é apresentado com títulos tipicamente judeus, como \**Servo*, \**Filho do homem*, \**Sabedoria* (uma \**hipóstase* de Deus), profetiza a futura destrui-

**Quirino**

**/ 287**

ção do \**Templo* de \**Jerusalém* e chama os ho- mens à \**salvação,* obtida mediante a fé em Jesus. Para aqueles que assim se tornam \**discípulos*, inicia-se uma nova vida conduzida pelo \**Espíri-* *to Santo*, pela suprema confiança em Deus e pela prática de uma ética radical, na qual — por exem- plo — a violência não tem lugar, nem mesmo em defesa própria. Quando Jesus regressar em sua \**Parusia*, estes serão recompensados, enquanto os que rejeitaram Jesus receberão um castigo eter- no. Essa incisiva distinção torna o chamado de Jesus especialmente urgente e peremptório.

C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*: *El Docu-* *mento Q*, Barcelona 1993 (com abundante bibliografia so- bre o tema).

**Quadrante**

Moeda de bronze, cujo peso era cerca de 3,10 gramas, que equivalia a um quarto de \**asse* ou a dois \**leptos* (Mt 5,26; Mc 12,42).

**Quirino**

Públio Sulpício Quirino, governador da Síria desde 6 d.C. Cônsul a partir de 12 a.C., estava a cargo da política romana no Oriente Médio (Lc 2,2). Josefo e \**Lucas* colocam um censo sob suas ordens, datado pelo historiador por volta de 6-7 d.C. e que teria ocasionado a revolta de Judas Galileu (At 5,37). Para quem afirma ser este o recenseamento que coincidiu com o nascimento de Jesus (Lc 2,1-5), Lucas teria errado na data (E. Schürer). Outra possibilidade — considerada por muitos a mais plausível — é que nos encontra- mos diante de dois censos diferentes, realizados próximo ao nascimento de Jesus entre 6-7 a.C. (\**Herodes* ainda vivia), quando Quirino realiza- va missões relacionadas com a política romana no Oriente (W. Ramsay). Finalmente, deve-se salientar que, nos últimos anos, é progressivamen- te crescente o número de historiadores (P. Benoit, H. Guevara, E. M. Smallwood, G. Delling, J. Ernst

**288 /**

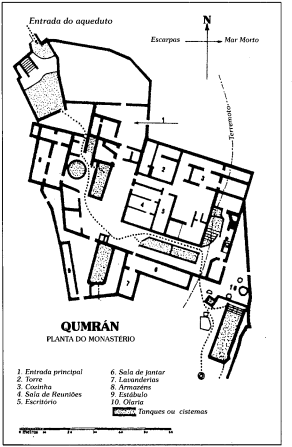
**Qumrán**

etc.) que afirmam ter o censo sido realizado nos últimos anos do reinado de Herodes e que Josefo conscientemente colocou-lhe uma data posterior. Esse deslocamento cronológico é explicado por razões de disposição estrutural de sua obra. Sen- do assim, o recenseamento seria um só e Lucas — diferentemente de Josefo — tê-lo-ia situado corretamente no tempo.

E. Schürer, *o. c*.; E. M. Smallwood, *The Jews under* *Roman Rule*, Leiden 1976; H. Guevara, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...

**Qumrán**

Local na costa noroeste do Mar Morto, a uns 13 km ao sul de Jericó, onde se encontraram — nos finais da década de quarenta do presente sé- culo — diversos manuscritos pertencentes a dis- sidentes da seita dos \**essênios*. Essa dissensão foi liderada por um personagem de origem duvi- dosa a quem as fontes se referem como o Mestre de Justiça, e motivada por uma disputa com as autoridades do \**Templo* acontecida no séc. II a.C. A seita permaneceria no Qumrán durante mais de dois séculos, exceto por um lapso de cerca de trinta anos, quando o local esteve abandonado (de 31-37 a.C. a 4 a.C. aproximadamente). Essa co- munidade estava organizada em torno de uma hierarquia composta por \**sacerdotes*, \**levitas*, anciãos e simples monges, e cujo governo efeti- vo era constituído por três sacerdotes e doze lei- gos. Existiam também os cargos de *mebaqqer* (inspetor) para controlar diversas áreas da comu- nidade e, superior aos distintos *mebaqquerim*, en- contrava-se a figura do *paqid* (inspetor chefe). Os banhos rituais tinham uma enorme importância na disciplina do grupo, já que estavam ligados a idéias de pureza ritual. As sanções eram bastante severas, abrangendo desde a redução de alimen- tos até a expulsão (talvez mesmo a pena de mor- te). Não havia propriedade particular: os bens eram comunitários. Os essênios de Qumrán es- peravam um final dos tempos em que os “Filhos da Luz” (os membros da seita) venceriam os

**Qumrán**

**/ 289**

“Filhos das Trevas”, instaurando-se logo depois um sacerdócio renovado. Acreditavam na imor- talidade da \**alma* e na \**ressurreição*, na existên- cia de \**anjos* e de \**demônios*, no \**inferno,* em uma confrontação escatológica final e na vinda do (ou dos) \**messias*.

Entre os documentos encontrados em Qumrán, um número bem elevado é de relativa importân- cia seja por seu caráter fragmentário (o que até mesmo nos impede, às vezes, de examinar seu conteúdo e conseguir uma leitura coerente) seja porque se limitam a reproduzir livros da Bíblia suficientemente conhecidos. Assim, sua relevân- cia fica então limitada aos estudiosos de discipli- nas como a crítica textual ou a história da trans-

**290 /**

**Qumrán**

missão do texto bíblico. Entre esses documentos, destacam-se os seguintes:

A. Textos de funcionamento interno: 1. O Documento de Damasco (CD), (que estabelece claramente como data do nascimento da seita um ponto cronológico situado 390 anos depois da destruição do reino de Judá por Nabucodonosor (CD 1,6ss.) e, vinte anos depois, o aparecimento do Mestre de Justiça (CD 1,10ss.); 2. A Regra da Comunidade (1Q Serek = 1QS), também conhe- cida como Manual de Disciplina pelos autores ingleses e como Cânon da Seita pelos alemães; 3. A Regra da Congregação (1Q Sereka = 1QSa); 4. Carta 4QMMT: apresenta as divergências de interpretação da Lei que levaram o grupo de Qumrán à ruptura com Jerusalém).

B. Obras poéticas e litúrgicas: 1. A Coleção de Bênçãos (1Q Serek b = 1QSb); 2. Os Hodayot (Hinos = 1QH); 3. Coleção de Orações Litúrgicas (1Q 34 e 34 bis); 4. Palavras dos Luzeiros (4Q Dibre ham-Me’orot); 5. Liturgia angélica ou Re- gra de Cantos para o holocausto do sábado (4 QSI).

C. Obras de interpretação bíblica como os Pesharim de Isaías (3Q 4, 4Qp Isa a ou 4Q 161; 4QpIsa b ou 4Q 162; 4Q Isa c ou 4Q 163; 4Q Isa d ou 4Q 164; 4Q Isa e ou 4Q 165), de Oséias (4QpHos = 4Q 166-67), Miquéias (1QpMic = 1Q 14), Naum (4QpNah = 4Q 169), Habacuc (1QpHab), e diversos Salmos como o 37, o 57 e o 68 (4QpPss a-b ou 4Q 171, 173); 2. Florilégio (4QFlor = 4Q 174); 3. Testimonia (4QTest = 4Q 175).

D. Obras relacionadas com supostas revela- ções: 1. Os Ditos de Moisés (1QDM = 1Q 22); 2. O Livro dos Mistérios (1Q 27); 3.

E. Obras de difícil classificação: 1. A mulher estúpida (4Q 184); 2. O Livro da guerra (1Q Miljamah = 1QM); 3. O Apócrifo do Gênesis (1QapGen); O Rolo do Templo (11 Qt = 11QTemple); 4. O Rolo de Cobre (3Q 15); 5. Os Horóscopos em hebraico (4Q Cryptic = 4Q 186). 6. Os Calendários (Mishmarot 4Q); 7. O livro dos Jubileus.

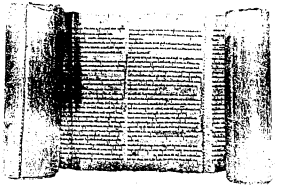
**Qumrán**

**/ 291**

F. Literatura henóquica: 1. Livro astronômico ou Livro das Luminárias Celestiais (1 Hen 72- 82); 2. Livro dos Vigilantes (1 Hen 1-36); 3. Li- vro dos Sonhos (1 Hen 83-90); 4. Epístola de Henoc (1 Hen 91-105); 5. Livro dos Gigantes.

G. Literatura apócrifa: 1. Jubileus (já mencio- nado anteriormente); 2. Testamentos; 3. Oração de Nabonido (4Q PrNab); 4. 4Q MesAram; 5. Quatro visões de Amram; 6. 11Q Melquisedec; 7. Salmos Apócrifos. A estes acrescentem-se ou- tras obras de pequena extensão (apenas algumas linhas), mas que são de interesse como 4Q Sobre a Ressurreição (onde se atribui ao messias mis- sões como a de libertar os prisioneiros, dar visão aos cegos, curar os feridos, ressuscitar os mortos e proclamar boas novas aos humildes. Comp. com Is 61,1ss. e Lc 4,16ss.), 4Q Filho de Deus (onde se denomina o messias como “filho de Deus” e “filho do Altíssimo” e se afirma — dele ou de YHVH? — que “ele é um Deus grande entre os deuses”, 4Q Destruição dos Kittim (em cujo frag- mento 5 aparece uma passagem que alguns auto- res vêem como uma referência ao messias que seria assassinado pelo Sumo Sacerdote judeu), 4Q 525 ou 4QBeat — pertencente a um gênero de bem-aventuranças que se observa já em alguns salmos do Antigo Testamento e que tem um de seus expoentes mais evidentes no início do \**Ser-* *mão da Montanha*, pronunciado por Jesus (Mt 5,1ss.) — etc.

Em termos gerais, os Documentos do Mar Morto permitem confirmar a hipótese que afir- mava que o judaísmo do Segundo Templo não era um todo monolítico; permitem estabelecer paralelos — apesar das profundas diferenças — com o cristianismo primitivo, mostrando que o mesmo era medularmente judeu e que não provi- nha de influências de religiões mistéricas ou in- fluências helenizantes; permitem, finalmente, verificar a exatidão do texto do Antigo Testamento tal como já nos havia chegado. As escassas va- riantes descobertas a respeito não deixam de es- tar, às vezes, impregnadas de interesse, como a

**292 /**

**Qumrán**

referência à \**ressurreição* do \**Servo* de YHVH (Is 53), que aparece no rolo de Isaías — e tam- bém na Bíblia dos LXX — mas omitida no texto massorético.

Quanto às pretendidas ligações entre \**João* *Batista* e Jesus, de um lado, e Qumrán, de outro, deve-se salientar que não se assentam em qual- quer base sólida e que só podem ser atribuídas ao desconhecimento das fontes ou ao desejo de sen- sacionalismo.

J. A. Fitzmyer, *The Dead Sea Scrolls:* *Major Publications* *and Tools for Study*, Missoula 1977; G. Vermes, *The* *Dead* *Sea Scrolls*, Filadélfia 1981; P. R. Davies, *Qumrán*, Guildford 1982; M. Delcor e F. García Martínez, *Literatura esenia de* *Qumrán*, Madri 1982; P. R. Callaway, *The History of the* *Qumrán Community*, Sheffield 1988; C. Vidal Manzanares, *Los esenios*...; Idem, *Los documentos*...; Idem, *El Primer* *Evangelio*...; Idem, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *Jesús y* *los documentos del Mar Muerto* (no prelo); J. Pouilly, *Qumrán*, Estella 21993.

*Rolo de Isaías encontrado em Qumrán*

**R**

**Rabi**

Ver \**Mestre.*

**Redenção**

**/ 293**

**Raca**

Palavra aramaica de etimologia duvidosa (va- zio?), que transmite a idéia de imoral ou tolo. Je- sus a considera um grave insulto cujo uso é in- digno de seus \**discípulos* (Mt 5,22).

**Rebanho**

Ver \**Ovelhas.*

**Reconciliação**

Fazer as pazes com alguém. O conceito, que tem origem em idéias veterotestamentárias como a \**expiação* na \**festa* judaica de Yom Kippur, apresenta especial importância para o cristianis- mo. No ensinamento de Jesus, a reconciliação com o irmão antecede qualquer dever religioso (Mt 5,24). Também Deus nos reconcilia com ele atra- vés da morte de Cristo na \**cruz* (Mc 10,45; Mt 26,26 etc.).

P. Bonnard, *o. c*.; J. Driver, *o.c*.; C. Vidal Manzanares, *Diccionario de las tres*...; Idem, *El judeo-cristianismo*...

**Redenção**

Nos evangelhos, Jesus aparece como cumpri- mento da redenção que \**Israel* esperou durante séculos (Lc 1,68; 2,38). Jesus a consuma não como um político (Jo 6,15), mas como o \**Servo* de YHVH (Is 53), isto é, dando sua vida para re-

**294 /**

**Reencarnação**

denção ou resgate de todos (Mt 20,28; Mc 10,45; Lc 24,21-27). Essa redenção será definitivamen- te manifestada na \**Parusia* (Lc 21,28).

**Reencarnação**

Passagem da alma de um corpo a outro após a morte. Também são empregadas as palavras transmigração e metempsicose. A idéia era total- mente alheia ao \**judaísmo* da época de Jesus, que acreditava em um só destino eterno depois da \**morte*. Também o ensinamento de Jesus é in- compatível com a crença na reencarnação (Ver \**Alma*, \**Céu*, \**Inferno*). Constitui um verdadei- ro disparate exegético tentar, nesse sentido, in- terpretar a referência ao \**novo* *nascimento* conti- do em Jo 3,1ss.

**Regra de Ouro**

Assim se denomina o preceito de Jesus regis- trado em Mt 7,12.

**Reino**

O âmbito de soberania de Deus. No Antigo Testamento e na literatura intertestamentária, a idéia do Reino aparece relacionada à intervenção de Deus na história através de seu \**messias*. Essa mesma idéia permaneceu no \**judaísmo* poste- rior. A crença na vinda do Reino constitui uma das doutrinas básicas do ensinamento de Jesus, que — não poucas vezes — refere-se a esse Rei- no em suas \**parábolas*. O Reino já se manifesta- ra com a vinda de Jesus e evidenciou-se em seus \**milagres* e expulsões de \**demônios* (Lc 11,20; 10,8-9). Não é deste \**mundo* (Jo 18,36) e, por isso, não segue seu procedimento. A ética do Rei- no apresentada, por exemplo, no \**Sermão da* *Montanha* (Mt 5-7) é totalmente diversa de qual- quer norma humana e tem sido considerada, com justiça, inaplicável em uma sociedade civil. Se é possível viver, é graças ao amor de Deus e à sua

**Ressurreição**

**/ 295**

vivência entre pessoas que compartilham essa mesma visão. O início do Reino é pequeno (Mt 13,31-33), contudo, apesar das dificuldades provocadas pelo \**Diabo* e seus sequazes (Mt 13,24-30.36-43), terá um final glorioso na \**Parusia* de Jesus, após um tempo de grande tri- bulação e da pregação desse mesmo Reino no mundo inteiro (Mt 24,14). Desaparecerá então o domínio do diabo sobre o mundo e acontecerá a \**ressurreição,* a recompensa dos que se salvaram e o castigo eterno dos condenados (Mt 13,1-23.24- 43; Mt 25,41-46). É oportuno ressaltar que todos esses aspectos coincidem com idéias sustentadas pelo judaísmo do Segundo Templo. Desde então, toda a humanidade é convidada a entrar no Reino (Mt 13,44-46). O Reino não pode ser confundido com a \**Igreja* — como o demonstraram desen- volvimentos teológicos posteriores —, ainda que nesta se deva viver a vida do Reino.

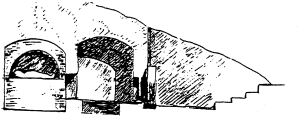
G. E. Ladd, *El evangelio del reino*, Miami 1985; Idem, *Theology...*; Idem, *Crucial questions about the kingdom of* *God,* 1952; J. Grau, *Escatología*...; J. Bright, *The kingdom*...; C. H. Dodd, *Las parábolas del Reino*, Madri 1974; J. Jeremías, *Teología*..., vol. I; N. Perrin, *The Kingdom of God* *in the teaching of Jesus*, Londres 1963; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; Idem, *El judeo-cristianismo*...; Colectivo, *Evangelio y Reino de Dios*, Estella 1995.

**Resgate**

Ver \**Redenção.*

**Ressurreição**

Crença que no futuro os seres humanos rece- berão uma nova vida física, com um novo corpo que se levantará dentre os mortos. O Antigo Tes- tamento contém essa crença (Is 26,19; Ez 37,1- 14; Dn 12,2-3), ligando-a também à idéia de um prêmio e um castigo, eternos e conscientes, para os salvos e os condenados. Durante o período do Segundo Templo, a doutrina foi-se delineando mais detalhadamente, constituindo um dos pon- tos controvertidos entre os \**saduceus* — que a

**296 /**

**Ressurreição**

*Reconstrução fidedigna do túmulo de Jesus*

negavam — e o restante do judaísmo (\**fariseus*, \**essênios*, *judeu*-*cristãos* etc.). Jesus reafirmou a crença na ressurreição (Mt 22,23-33 e par.), que significará para os seres humanos a condenação ou a bem-aventurança eternas (Jo 5,29) e na vida realizou alguns \**milagres* relacionados com a res- surreição (Mc 5,21-24; 35-43 e par.; Lc 7,11-17; Jo 11,1-44), embora seja evidente que medeie enorme distância entre estas ressurreições — que não evitaram, mais tarde, a morte de seus beneficiários — e a que terá lugar na consuma- ção dos séculos. Conforme os evangelhos, o pró- prio Jesus ressuscitou corporalmente: não apenas um espírito, mas com carne e osso (Lc 24,39) e em cujo corpo se podiam reconhecer os vestígios da \**crucifixão* (Jo 20,24-29). O único caso em que não se reconheceu a ressurreição, o evangelista atribui-o ao espiritual cerrar de olhos de suas testemunhas (Lc 24,16.30-32). As apari- ções de Jesus ressuscitado — das quais 1Cor 15,1ss. oferece-nos um breve resumo — abran- geram centenas de pessoas, das quais, duas déca- das mais tarde, muitas ainda estavam vivas, pro- vocando não apenas a transformação de seus dis- cípulos — aterrorizados ainda umas horas antes (Jo 20,19) — mas também a \**conversão* de seus \**irmãos* que não acreditavam nele (Jo 7,5; At 1,14) e de adversários resolutos como \**Paulo*. Segundo os evangelhos, Jesus predisse sua res- surreição. Esse final, longe de constituir um “vaticinium ex eventu”, ajusta-se com a descri- ção do \**Servo* de YHVH — com o qual Jesus identificava-se — aquele que, depois de entregar sua vida como \**expiação* pelo \**pecado,* ressus-

**Ricos**

**/ 297**

citaria (conforme o texto no rolo de Isaías de \**Qumrán* ou na Bíblia dos LXX).

R. E. Brown, *The Virginal Conception and Bodily* *Resurrection of Jesus*, Nova York 1973; J. Grau, *Escatología*...; P. Lapide, *The Resurrection of Jesus:* *A Jewish* *Perspective,* Minneapolis 1983; C. Vidal Manzanares, *El* *judeo*-*cristianismo*...; Idem, *Diccionario de las tres*...; J. Wenham, *Easter Enigma*, Grand Rapids 1984; E. Charpentier, *Cristo ha resucitado*, Estella 91994; M. Gourgues, *El más allá en el Nuevo Testamento*, Estella 41993.

**Revelação**

Como ninguém jamais pôde conhecer a Deus, ele se revelou de maneira definitiva através do \**Logos*, que é Deus (Jo 1,1), e se encarnou em Jesus (Jo 1,18). Ele é o único que conhece o \**Pai* (Lc 10,21 ss.; Mt 11,25-27), revelando-o em sua vida e em seu ensinamento, muitas vezes por \**pa-* *rábolas* (Mt 13,35; Mc 4,11).

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El* *Primer Evangelio*...

**Revolução**

Ver \**Zelotes.*

**Ricos**

O conjunto das classes altas era relativamente amplo na época de Jesus. Em primeiro lugar, en- contrava-se a corte real — seguida de cortes me- nores —, vivendo tão suntuosamente que, em muitas ocasiões, não pôde ser mantida por causa da participação de muitos membros da dinastia de \**Herodes*. Em seguida, a classe dos ricos, cujo ingresso estava relacionado com as possessões agrícolas. Os membros dessa classe rivalizavam- se tanto na escolha do cozinheiro (Lam. R. sobre 4,2) como na beleza e no número de suas espo- sas. Suas exigências de bens eram verdadeiramen- te escandalosas (Ket 66b) como os gastos luxuo- sos dão a conhecer (Yoma 39b; Yoma 25; Shab 6,5; Ket 66b; Lam. R. 1,51 sobre 1,16). A esse

**298 /**

**Ricos**

mesmo setor da população pertenciam os gran- des negociantes, os grandes cobradores de impos- tos, os agiotas e a corrupta nobreza sacerdotal (Comp. com Mt 21,13).

O valor teológico que o judaísmo contempo- râneo de Jesus tinha da riqueza era muito equili- brado — salvo exceções como a dos \**essênios* e dos sectários de \**Qumrán* — e emanava direta- mente do pensamento que o Antigo Testamento apresentava a respeito. Neste, entre as promessas feitas por Deus ao povo de Israel, caso obedeces- se a seus mandamentos, estava a abundância de bens materiais (Dt 8). Nele também são correntes as referências a personagens próximos de Deus (Abraão, Jacó, Jó etc.) que desfrutaram de uma considerável abundância material atribuída ao Senhor (1Cr 29,12). Paralelamente a esses aspec- tos, encontramos severas advertências sobre co- locar o coração nas riquezas (Sl 49,6; 52,7; 62,10; Pr 11,28) e sobre a opressão cuja finalidade é obter riqueza (Jr 17,11 etc.). Considera-se, pois, dese- jável não ter riqueza nem pobreza para que ne- nhuma delas afaste o homem de Deus (Pr 30,8).

Foi restrito o impacto da pregação de Jesus entre os ricos. \**Nicodemos* (Jo 7,50; 3,1) mante- ve certo vínculo com Jesus e levou para a sua se- pultura cem \**libras* romanas de \**mirra* e \**aloé* (Jo 19,39). Não sabemos, porém, que mantivesse depois relacionamento com os \**discípulos*. José de \**Arimatéia* foi qualificado de “*eysjemon*”, um termo que os papiros usam para designar os fa- zendeiros ricos. Era-o, sem dúvida, já que pos- suía (Mt 27,57), ao norte de \**Jerusalém,* um horto com um sepulcro familiar escavado na rocha (Jo 19,41; 20,15). Tampouco temos certeza de que este personagem continuou relacionado com os discípulos. \**Zaqueu* foi um chefe de *\*publicanos* (Lc 19,2ss.) que, frente a Jesus, decidiu-se pela \**conversão*; contudo, mais uma vez, carecemos de dados sobre posterior relacionamento dele com os discípulos. Quanto a \**Maria*, a \**mãe* de João \**Marcos*, tinha uma casa em Jerusalém (At 12,12), o que não indica que fosse rica.

**Roda de moinho**

**/ 299**

O ensinamento de Jesus acerca dos ricos não foi excessivamente radical nem caiu em um pauperismo que privilegiasse “per se” os \**pobres* de bens materiais. Jesus enfatizou que é impossí- vel servir a Deus e às riquezas (Mt 6,24), que es- tas podem ser enganosas e sufocar a mensagem do \**Reino* (Mt 13,22ss.) e que é difícil entrar no Reino aqueles que as possuem (Lc 18,24 e par.). Mas também ressaltou que o \**Reino* estava aber- to para eles (Lc 19,2) e manteve amizade com alguns deles, conforme já citamos. Em primeira e última instância, o importante é buscar primei- ro o Reino de Deus e sua \**justiça* (Mt 6,25-34), na certeza de que tudo o mais virá por acréscimo. Assim, Jesus evitou tanto uma visão justificadora da riqueza quanto o pauperismo que — historica- mente — tem caracterizado alguns movimentos cristãos.

R. Gnuse, *Comunidad y propiedad en la tradición bíbli-* *ca*, Estella 1987; J. Driver, *o. c*.; M. Hengel, *Property and* *Riches in the Early Church*, Filadélfia 1976.

**Riso**

A manifestação do \**Reino* de Deus trará o riso aos \**discípulos* tristes e perseguidos (Lc 6,21) e privará dele aqueles que agora riem satisfeitos, ignorantes — ou pejorativamente — ante a ur- gência de se decidirem a favor de Jesus (Lc 6,25). Realmente, o riso burlesco e depreciativo é uma das características daqueles que recebem com in- credulidade a mensagem do \**Evangelho* (Mt 9,24; 27,29-31.41; Mc 15,20.31; Lc 22,63; 23,11.35 ss.).

**Roda de moinho**

No tempo de Jesus, moía-se o trigo com duas rodas superpostas, das quais girava a de cima. Geralmente, tratava-se de um trabalho reservado às mulheres (Mt 24,41) e, em algumas ocasiões, realizado com a ajuda de *\*jumentos* (Mt 18,6; Mc 9,42).

**300 /**

**Rola**

**Rola**

Ver \**Pomba.*

**Rolos do Mar Morto**

Ver *\*Qumrán.*

**Rufo**

Filho de \**Simão* de Cirene (Mc 15,21). É pos- sível que se trate do mesmo a quem \**Paulo* sau- dou em Rm 16,13. Sendo assim, ficaria confir- mada a relação entre o evangelho de \**Marcos* e a \**Igreja* de Roma.

**S**

**Sábado**

Dia de descanso ordenado por Deus. Na opi- nião de alguns, constituiria o mandamento cen- tral e mais característico do \**judaísmo*, atribuído unicamente a Deus e ao povo de Israel (Êx 31,16- 17) e sem aplicação para os \**gentios*, exceto os que sejam \**prosélitos* ou que trabalhem para um judeu. Além do sábado — o sétimo dia — o juda- ísmo conhece diversos dias de festas aos quais também denomina sábados.

Jesus guardou os sábados (Mc 1,21; Lc 4,16), porém o relativizou. Assim, censurou com seve- ridade a visão que \**escribas* e \**fariseus* tinham do sábado (Mt 12,12; Mc 3,2-5; Lc 13,10-16; 14,1-6; Jo 5,8ss.; 9,14) e, proclamando-se Senhor do sábado, atribuiu-lhe uma interpretação dife- rente e subordinada ao bem-estar humano (Mc 2,27ss.). Esse ponto de vista foi um dos motivos

**Sacerdócio**

**/ 301**

por que alguns desejaram a morte de Jesus (Jo 5,18).

S. Bachiocchi, *From* *Sabbath to Sunday*, Roma 1977; J. Barylko, *Celebraciones*...; J. Neusner, *Judaism*...; A. J. Heschel, *El Shabat y el hombre moderno*, Buenos Aires 1964; P. Sigal, *The Halakah of Jesus of Nazareth* *according to the* *Gospel of Matthew*, Lanham 1986; C. Vidal Manzanares, *El* *judeo-cristianismo*...; Idem, *Diccionario de las tres*...; Re- senha Bíblica n. 4, *El año de gracia del Señor*, Estella 1994.

**Sabedoria**

\**Hipóstase* de Deus. Já em Pr 8,22ss. aparece esta personagem como filho amado de Deus, nas- cido antes de todas as criaturas e artífice da cria- ção. Essa figura alcançará no judaísmo posterior uma considerável importância (Eclo 1,9ss.; 24,3ss.). O Livro da Sabedoria descreve-a como “sopro da força de Deus”, “efusão pura do fulgor do Todo-Poderoso” e “imagem de sua bondade” (Sb 7,7-8,16), “companheira de sua vida” (a de Deus) (8,3), companheira de seu trono (9,4), en- viada sob a figura do Espírito de Deus (9,10; 7,7) e protagonista ativa no curso da história de Israel (7,27). Em Filón, a Sabedoria é a “filha de Deus” (*Fuga* 50ss.; *Virt* 62) e “filha de Deus e mãe primogênita de tudo” (*Quaest. Gen* 4,97). Em al- guns textos rabínicos, será identificada com a \**Torá* preexistente, “filha de Deus”, mediadora da criação e hipóstase. Em \**Q* — e como aparece no evangelho de \**Lucas* — Jesus se apresenta como essa Sabedoria. Isso explica, pelo menos em parte, por que se declarou como alguém maior do que Salomão (Mt 12,42).

C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; Idem, *El* *judeo-cristianismo*...; M. Gilbert e J. N. Aletti, *La sabiduría* *y Jesucristo*, Estella 51990; E. “Cahiers Evangile”, *En las* *raíces de la sabiduría*, Estella 51990.

**Sacerdócio**

No judaísmo, membros da tribo de Levi, des- cendentes de Aarão e seus filhos, autorizados para a realização da liturgia do tabernáculo e do tem-

**302 /**

**Sacrifício**

plo. São denominados *kohen* (singular) e *kohanim* (plural). A instituição do sacerdócio remonta à época de \**Moisés* (Êx 28,1ss.). Aarão foi o pri- meiro grande e Sumo Sacerdote (*kohen gadol)* (Lv 8,1ss.), que gozava de uma consideração qua- se real (Nm 35,28) e era o único que podia atra- vessar o véu (*parojet)* do Santo dos Santos do Templo, uma vez por ano, no dia de Yom Kippur (Lv 16,2ss.). Não tendo recebido terras por he- rança, os sacerdotes estavam também sujeitos a leis severas de pureza ritual (*tohorah*). Após o segundo *jurbán* ou destruição do Templo, alte- rou-se, evidentemente, a situação dos sacerdotes.

Jesus aceitou o sacerdócio judeu durante seu ministério, por exemplo quanto às normas relati- vas à \**lepra* (Mc 1,44). Ao falar do Templo como uma realidade passageira, implicitamente quis afirmar a brevidade de sua vida.

F. Murphy, *o. c*.; S. Sandmel, *Judaism*...; E. P. Sanders, *Judaism*...; C. Vidal Manzanares, El judeo-*cristianismo*...; Idem, *El primer Evangelio*...

**Sacrifício**

Oferta a Deus de animais e outros produtos. A \**Lei* de \**Moisés* incluía diversas espécies de sa- crifício: *olah* (oferenda queimada), *minjah* (oferenda de alimento), *nesej* (libação), *shejar* (oferenda de bebida alcoólica), *jatat* (oferenda pelo pecado), *asham* (oferenda pela culpa), *nedavah* (oferenda voluntária), *neder* (oferenda de voto), *tenufah* (oferenda de castigo merecido), *terumah* (oferenda de óbolo) e *shelamin (*oferenda de paz). Durante o Segundo Templo, o sistema de sacrifícios cresceu de maneira muito sistema- tizada embora isso colaborasse para o surgimento da corrupção entre as classes sacerdotais, por motivos econômicos. Nessa época, foram aceitos sacrifícios oferecidos por \**gentios* e em honra de governantes pagãos, como os imperadores roma- nos. Com o segundo *jurbán*, ou destruição do \**Templo*, o sistema de sacrifícios deixou de exis- tir, o que provocou um sério problema teológico, já que boa parte dos sacrifícios tinha como fina-

**Sal**

**/ 303**

lidade a \**expiação* dos pecados pela morte de um ser perfeito e inocente. Os rabinos decidiram con- siderar a \**oração* um substituto evidente dele, mesmo supondo que o sistema de sacrifícios retornaria no futuro, como conseqüência de uma intervenção divina.

Jesus não condenou diretamente o sistema sacrifical; contudo, sua crença na inauguração de uma \**Nova Aliança*, embasada em seu próprio sacrifício (Mt 26,26 e par.), e suas \**predições* so- bre a destruição do \**Templo* (Mt 24; Mc 13 e Lc 21) indicam, implicitamente, que o sistema desa- pareceria num futuro próximo.

Y. Kaufmann, *o. c*.; G. Rendtorff, *Studien zur Geschichte* *des Opfersinn Alten Israel*, 1967; M. Hengel, *The Pre-* *Christian Paul*, Filadélfia 1991; C. Vidal Manzanares, *El* *judeo-cristianismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...

**Saduceus**

Seita judaica cujo nome, possivelmente, pro- vém do Sumo Sacerdote Sadoc (2Sm 8,17). Em boa parte, pertenciam à aristocracia sacerdotal e se mostraram bem dispostos a colaborar com Roma, a fim de se manter a estabilidade política e social. Teologicamente, aceitavam só a \**Torá* escrita, rejeitando a lei oral; negavam a ressurrei- ção — no que Jesus os enfrentou (Mt 22,23-33) — e a existência de \**anjos* e espíritos (At 23,8). Desempenharam um relevante papel na conde- nação à morte de Jesus (Mt 26,57-66; Mc 14,53- 64; Lc 22,54.66-71; Jo 11,45ss.; 18,12-14.19-24). A destruição do \**Templo*, no ano 70, privou-os do fundamento de sua influência, desaparecendo antes do final do séc. I.

Schürer, *o. c.*; F. F. Bruce, *New Testament*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El Primer* *Evangelio*...; A. J. Saldarini, *o. c*.

**Sal**

Substância mineral que proporciona sabor aos alimentos (Mt 5,13) e ajuda a conservá-los. Jesus

**304 /**

**Salário**

considera seus \**discípulos* sal da terra. Não de- vem, pois, jamais perder o seu sabor, o que im- plicaria o final de sua missão de ser sal e luz para o \**mundo* (Lc 14,34-35; Mt 5,13; Mc 9,50).

**Salário**

Jesus ensinou que o operário merece seu salá- rio (Lc 10,7; Jo 4,36) e que deve ser o pagamento de um salário justo (Mt 20,2; Lc 3,14). Essa rela- ção de justiça não é equiparável nem comparável à existente entre Deus e o homem. O que este recebe de Deus é sempre um presente (Mt 20,14ss.) e não a conseqüência do que o ser hu- mano pode alcançar por suas obras ou por seus próprios meios. É nesse sentido que devem ser entendidas as referências a uma recompensa di- vina (Mt 5,12; 6,1; 10,4ss.).

**Salim**

Local próximo a Ainão onde \**João* *Batista* batizou (Jo 3,23). É possível ser identificada com um conjunto de fontes situadas no vale do \**Jordão*, a uns 12 km ao sul de Citópolis.

**Salmos e Jesus**

As referências — e auto-aplicação — dos sal- mos ao ministério e à pessoa de Jesus constituem, possivelmente, um dos campos mais fecundos para o investigador na hora de determinar a auto- consciência e a idéia que ele tinha de sua missão. Seu \**batismo* (Mt 3,17) vem acompanhado de uma referência ao Sl 2,7, texto que já naquela época era interpretado como relacionado ao \**messias* como \**Filho de Deus*. As \**tentações* debatem-se entre a certeza da missão de Jesus e a exegese deturpada que o \**diabo* faz do Sl 91 (Mt 4,6).

Quanto ao seu ensinamento, salienta-se que Jesus identificou o uso de \**parábolas* com o tex- to do Sl 78,2 (Mt 13,35) e que o próprio \**Sermão* *da Montanha* (Mt 7,23. Comp. Lc 13,27) contém

**Salmos e Jesus**

**/ 305**

abundantes reminiscências dos salmos, como por exemplo: 6,9 (Mt 5,8); 24,4; 37,11 (Mt 5,5); 48,3 (Mt 5,35); 50,14 (Mt 5,33); 51,12 (Mt 5,8); 99,5 (Mt 5,35) etc.

Não é menos comum que a missão e a perso- nalidade de Jesus sejam descritas por ele, recor- rendo a citações dos salmos. Sua vitória — e a de seus \**discípulos* — sobre os \**demônios* relacio- na-se com uma referência do Sl 91,13 (Lc 10,19); suas afirmações de ser o \**Senhor* \**preexistente* ao que conheceu \**Davi* brotam da auto-aplicação do Sl 110,1 (Mt 22,44; 26,64; Mc 12,36; 14,62; 16,19; Lc 20,42-43; 22,69); sua consciência de ser a pedra angular — uma passagem de colorido messiânico na exegese da época — e quase que totalmente rejeitada por \**Israel* parte do Sl 118,23- 26 (Mt 21,9-15,42; 23,39; Mc 11,9-10; 12,10-11; Lc 13,35; 19,38; 20,17; Jo 12,13); as aclamações referentes à sua entrada messiânica em Jerusalém — e a resposta aos que o censuram — são legiti- madas pelo Sl 8,3 (Mt 21,16) e mesmo a traição de Judas (Mc 14,8) recorda a citação do Sl 41,10.

A descrição da paixão de Jesus nos evange- lhos tem notáveis paralelos com as do sofrimento imerecido do justo a que se refere o Sl 22 (comp. Sl 22,2 com Mc 15,34; 22,9 com Mt 27,43; 22,19 com Mt 27,35 e Jo 19,24). O próprio grito desesperador de Jesus na \**cruz* (“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”) pode ser sim- plesmente o início da recitação deste mesmo sal- mo. Em menor escala, pelo menos indiretamen- te, deve-se pensar também nas descrições conti- das nos Sl 69,1-4; 88,1ss.; 109,25 etc.

Os primeiros cristãos souberam ver nos deta- lhes da morte de Jesus o cumprimento das profe- cias. Fica evidente que não inventaram essas des- crições quando lemos inteiramente o texto dos salmos. Assim, por exemplo, o Sl 22,16a faz uma referência a cães que rodeiam o justo; no entanto, não encontramos mencionado — e nada o impe- de na teoria — esse detalhe nas narrativas da crucifixão. Em vez de partir do salmo para rela- tar a crucifixão, os evangelistas descreveram o

**306 /**

**Salomão**

que historicamente acontecera e então estabele- ceram paralelos com o conteúdo da Escritura. Em outros casos, a citação não é tão clara (o relato dos \**magos* em \**Mateus* está relacionado com o Sl 72,10.15.18?). Pergunta-se, portanto, se os evangelistas fizeram essa identificação ou se ela procede de nossa interpretação atual, não de todo fundamentada.

É indiscutível que as \**Escrituras*, que Jesus afirmou cumprir, em boa parte procediam dos salmos e marcaram incisiva e definitivamente sua autoconsciência quanto a conceitos como mes- sias, Filho de Deus, Senhor, preexistência, rejei- ção por parte de Israel e morte, incluindo antes a traição de um de seus discípulos. O fato de essas considerações não procederem senão do próprio Jesus revela-se caminho bastante fecundo quan- do se pretende aprofundar em suas concepções.

M. Gourgues, *Los Salmos y Jesús*. *Jesús y los Salmos*, Estella 61993.

**Salomão**

Filho de \**Davi* e Betsabéia, rei de Israel du- rante o séc. X a.C. Mateus coloca-o entre os ante- passados de Jesus (Mt 1,7-16). Jesus referiu-se a ele como exemplo de sabedoria (Mt 12,42; Lc 11,31) e opulência (Mt 6,29; Lc 12,27). Sem dú- vida, Jesus era mais do que Salomão (Mt 12,42; Lc 11,31) e, por isso, o cuidado que devia esperar do \**Pai* era superior à magnificência do monarca israelita (Mt 6,28-34).

**Salomé**

1. Filha de \**Herodíades* e sobrinha de \**Herodes* *Antipas* que, extasiado com sua dança, entregou-lhe a cabeça de \**João Batista* (Mt 14,6- 11). Casou-se com \**Filipe* ou Filipo, o tetrarca, e depois com Aristóbulo. 2.\**Mulher* pertencente ao grupo de \**discípulos* de Jesus, identificada algu- mas vezes com a esposa de \**Zebedeu* e \**mãe* dos \**apóstolos* \**Tiago* e \**João*. Se essa identificação

**Samaritanos**

**/ 307**

for correta, teria estado presente na \**crucifixão* (Mt 27,56; Mc 15,40). Menos segura é a opinião de ser ela a irmã de \**Maria*, a mãe de Jesus.

**Salvação**

Num primeiro sentido, ser salvo de um peri- go, seja uma tempestade (Mt 8,25), uma enfermi- dade (Mt 9,21ss.), uma perseguição (Lc 1,71-74) etc. Por antonomásia, o termo refere-se à salva- ção eterna. Em ambos os casos, é obtida median- te a \**fé*, sem a qual não há nem salvação da en- fermidade (Mc 10,52; Lc 17,19; 18,42) nem tampouco \**vida* eterna (Jo 3,16; 5,24; 20,31). Essa fé — unida à perseverança (Mt 10,22; 24,13; Mc 13,13) — vincula a pessoa com Jesus (nome que significa YHVH salva), que se entregou à morte pela humanidade (Mc 10,45). Ele é o Salvador (Mt 1,21; Lc 2,11). O anúncio dessa salvação constitui o núcleo essencial da pregação evangé- lica (Mc 16,16).

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El* *Primer Evangelio*...; Idem, *Diccionario de las tres*...; G. E. Ladd, *Theology*...; E. P. Sanders, *Paul and*...; E. “Cahiers Evangile”, *Liberación humana y salvación en Jesucristo*, Estella 71991.

**Salvador**

Ver \**Salvação.*

**Samaria**

Capital do Reino do Norte de Israel fundada pelo rei Amri em 880 a.C. Com o tempo, o nome estendeu-se à região dos arredores (Lc 17,11; Jo 4,4ss.).

**Samaritanos**

Descendentes dos antigos israelitas, possivel- mente unidos a povos não-hebreus (2Rs 17,29), formando um grupo com características religio-

**308 /**

**Sangue**

sas próprias. Negavam a legitimidade do \**Tem-* *plo* de \**Jerusalém* e consideravam válido apenas o seu próprio templo, situado sobre o \**monte* \**Garizim*. Aceitavam unicamente a \**Torá* como escritura. Era notória sua inimizade com os ju- deus do período do Segundo Templo, a ponto de constituir grave insulto ser chamado de samaritano (Jo 8,48). Jesus chegou a pregar na Samaria (Jo 4) e curou — entre os dez leprosos — um samaritano (Lc 17,11). O protagonista de uma das mais conhecidas de suas parábolas pertencia tam- bém a esse grupo étnico (Lc 10,25-37).

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Schürer, *o. c*.; E. P. Sanders, *Judaism*...; F. F. Bruce, *New Testament*...; A. Montgomery, *The Samaritans*, Filadélfia 1907; H. G. Kippenberg, *Garizim und Synagogue*, Berlim 1971; L. Poliakov, *Los samaritanos*, Madri 1992.

**Sangue**

Símbolo da vida. Os \**sacrifícios* do Antigo Testamento exigiam, na maior parte, o derrama- mento de sangue (Lv 17,10-14; Dt 12,15-16); tam- bém seu aproveitamento — incluindo animais não dessangrados — era proibido aos israelitas, mas não aos \**gentios* que viviam entre eles (Dt 12,16- 24; 14,21). A expressão carne e sangue refere-se ao ser humano em sua condição terrena (Mt 16,17).

O sangue de Jesus — derramado pela huma- nidade (Mt 26,28; Mc 14,24; Lc 22,20) — é o fundamento sobre o qual se obtém o perdão dos \**pecados*.

L. Morris, *The Cross*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo*...; Idem, *Diccionario de las tres*...

**Santidade**

Ver \**Santo.*

**Santificar**

Ver *\*Santo.*

**Seguir**

**/ 309**

**Santo**

No Antigo Testamento, considerava-se santo todo aquele que era consagrado ao Senhor (a ter- ra, o \**sábado*, os \**sacrifícios* etc.) e — muito especialmente — Deus é Santo exatamente para contrapor-se a tudo que é pecaminoso (Is 6). O povo de Israel tinha a especial obrigação de ser santo, isto é, consagrado a Deus (Dt 7,6; 14,2; 26,19 etc.). Nos evangelhos, recebem esse atri- buto os \**anjos* (Mc 8,38), os \**profetas* (Lc 1,70), o \**Templo* (Mt 24,15) e, por antonomásia, Jesus (Mc 1,24; Lc 1,35; Jo 6,69). A chamada para ser santo só pode ser ouvida a partir da perspectiva que Jesus oferece, pois é ele que santifica os ho- mens (Jo 17,17-19).

C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *Diccionario de las tres*...

**Santuário**

O edifício do \**Templo* (*naos,* em grego) con- siderado lugar santo (Mt 23,16; 27,40).

**Satanás**

Ver \**Diabo, \*Demônios.*

**Século**

Equivalente ao *olam* hebraico, no sentido de \**mundo*, seja o presente, seja o futuro (Mt 12,32; 28,20).

**Seguimento**

Ver \**Discípulos.*

**Seguir**

Ver \**Discípulos.*

**310 /**

**Senhor**

**Senhor**

Termo para referir-se a YHVH que, vários sé- culos antes do nascimento de Jesus, havia substi- tuído este nome. Sua forma aramaica “*mar*” já aparecia aplicada a Deus nas partes do Antigo Testamento redigidas nesta língua (Dn 2,47; 5,23). Em ambos os casos, a Septuaginta traduziu “*mar*” por “*kyrios*” (Senhor, em grego). Nos textos de Elefantina, “*mar*” volta a aparecer como título divino (pp. 30 e 37). A. Vincent ressaltou que este conteúdo conceitual já se verificava no séc. IX a.C. Em escritos mais tardios, “*mar*” continua sendo uma designação de Deus, como se vê em Rosh ha-shanah 4a; Ber 6a; Git 88a; Sanh 38a; Eruv 75a; Sab 22a; Ket 2a; Baba Bat 134a etc.

Em algumas ocasiões, Jesus foi chamado de “senhor”, como simples fórmula de cortesia. Ao atribuir a si mesmo esse título, Jesus vai além (Mt 7,21-23; Jo 13,13) e nele insere referências à sua preexistência e divindade (Mt 22,43-45; Mc 12,35-37; Lc 20,41-44 com o Sl 110,1). Assim foi também no cristianismo posterior, em que o título “*Kyrios*” (Senhor) aplicado a Jesus é idên- tico ao empregado para referir-se a Deus (At 2,39; 3,22; 4,26 etc.); vai além de um simples título honorífico (At 4,33; 8,16; 10,36; 11,16-17; Tg 1,1 etc.); supõe uma fórmula cúltica própria da di- vindade (At 7,59-60; Tg 2,1); assim Estêvão se dirige ao Senhor Jesus no momento de sua mor- te, o autor do Apocalipse dirige a ele suas súpli- cas e Tiago acrescenta-lhe o qualificativo “de gló- ria” que, na verdade, era aplicado somente ao pró- prio YHVH (Is 42,8). Tudo isso permite ver como se atribuíam sistematicamente a Jesus citações veterotestamentárias que originalmente se refe- riam a YHVH (At 2,20ss. com Jl 3,1-5). Final- mente, a fórmula composta “Senhor dos Senho- res” (tomada de Deuteronômio 10,17 e referente a YHVH) é aplicada a Jesus e implica uma clara identificação do mesmo com o Deus do Antigo Testamento (Ap 7,14; 19,16). Tanto as fontes ju- deu-cristãs (1Pd 1,25; 2Pd 1,1; 3,10; Hb 1,10 etc.) como as paulinas (Rm 5,1; 8,39; 14,4-8; 1Cor 4,5;

**Servir**

**/ 311**

8,5-6; 1Ts 4-5; 2Ts 2,1ss. etc.) confirmam essas assertivas.

W. Bousset, *Kyrios Christos*, Nashville 1970; J. A. Fitzmyer, “New Testament Kyrios and Maranatha and Their Aramaic Background” em *To Advance the Gospel*, Nova York 1981, pp. 218-235; L. W. Hurtado, *One God*, *One Lord: Early* *Christian Devotion and Ancient Jewish Monotheism*, Fila- délfia 1988; B. Witherington III, “Lord” em *DJG*, pp. 484- 492; O. Cullmann, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, “Nombres de Dios” en *Diccionario de las tres*...; Idem, El *judeo-cristia-* *nismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...

**Sermão da Montanha**

Conjunto de ensinamentos contidos em Mt 5-7.

**Sermão da Planície**

Conjunto de ensinamentos de Jesus contidos em Lc 6,20-49.

**Serpente**

Réptil, símbolo da maldade (Mt 7,10) e da hi- pocrisia (Mt 23,33). Jesus aconselha seus \**discí-* *pulos* a terem a sua astúcia (Mt 10,16). Outras ve- zes, simboliza os \**demônios*, a quem os discípulos podem derrotar graças à autoridade que receberam de Jesus (Lc 10,19. Comp. Sl 91,13). Um dos versículos finais do evangelho de Marcos (16,18) possivelmente deve ser lido neste último sentido.

**Serpente de bronze**

Episódio narrado em Nm 21,8ss., que Jesus relaciona com sua morte na \**cruz* para \**salvação* da humanidade e com a exigência da \**fé* para alcançá-la (Jo 3,14-15).

**Servir**

Os \**discípulos* de Jesus podem servir somen- te a Deus, já que qualquer outro serviço faria com

**312 /**

**Servo de YHVH**

que deixassem o Senhor (Mt 6,24; Jo 15-20). Quanto a Jesus, sua situação, sem dúvida, não é a desumana do escravo, mas a do amigo (Jo 15,15) e do filho (Jo 8,33-36). Esse relacionamento es- pecial com Deus deve conduzi-los a servir uns aos outros (Mt 20,27; 25,44; Jo 13,1-19), imitan- do Jesus, o \**Servo* de YHVH (Mc 10,44-45).

**Servo de YHVH**

Os cânticos encontrados em Is 42,1-4; 49,1-7; 50,4-11 e 52,13-53,12 falam de um personagem, distinto de \**Israel*, denominado “*Ebed YHVH*” (Servo de YHVH), cuja morte teria um significa- do sacrifical e expiatório e anunciaria a salvação não só de Israel, mas de toda a humanidade. O mesmo Servo já havia sido identificado com o \**messias* antes do nascimento de Jesus e até se afirmara que sua morte seria em favor dos ímpios. São muitas as fontes que se podem aduzir a esse respeito. Somente a título de exemplo, mencione- mos o Henoc etíope, em que o “Servo” aparece identificado com o \**Filho do homem* (13,32-37; 14,9; 13,26 com Is 49,2), descrito em termos messiânicos tomados dos cânticos do Servo; o Targum de Isaías; o Midraxe de Lamentações, no qual Is 49,10 é citado em relação ao texto messiânico de Is 11,12; o Midraxe sobre Samuel, em que Is 53,5 se relaciona com os sofrimentos do messias; o Midraxe sobre Rute 2,14 ou a Pesiqta Rabbati 36 e até o Talmude (Sanh. 97b; 98b). A idéia da \**ressurreição* do Servo de YHVH não parece tampouco ter surgido com o cristianismo. O texto hebraico de Is 53,8.10 afirma não apenas que o Servo “foi exterminado do país dos vivos”, mas também que, após sua morte expiatória, “pro- longará seus dias” e “verá a luz”. A palavra “luz” encontra-se ausente do Texto Massorético; deve, porém, ter pertencido ao original, e boa prova disso é que aparece na Bíblia dos LXX e também é ates- tada nos manuscritos hebraicos pré-cristãos da Guita 1 de Qumrán (1QIsa e 1QIsb).

É absolutamente inquestionável que Jesus viu a si mesmo como o Servo de YHVH, o que ofere-

**Sete**

**/ 313**

ce uma das chaves essenciais para compreender a ele e seu ensinamento. Mc 10,45 demonstra como também Jesus viu sua morte como Servo, com o título de Filho do homem (Comp. Lc 14,16- 24; 22,27). Partindo dessa autoconsciência, é com- preensível que recusasse ser um messias político (Lc 4,5-8; Jo 6,15), que esperara e anunciara sua morte (Mt 16,21ss.; Mc 14,8 e par.; Lc 20,13ss.); que considerara expiatória essa morte e com ela inaugurara a \**Nova Aliança* (Mt 26,26 e par.) e que até mesmo aludira à sua ressurreição e à en- trada dos \**gentios* no \**Reino*, já que, de fato, os cânticos do Servo de Isaías expressam todas es- sas afirmações.

M. D. Hooker, *Jesus and the Servant*, Londres 1959; B. Gerhardsson, “Sacrificial Service and Atonement in the Gospel of Matthew” em R. Banks (ed.), *Reconciliation and* *Hope*, Grand Rapids 1974, pp. 25-35; O. Cullmann, *The* *Christology of the New Testament*, Londres 1975, pp. 51ss.; D. Juel, *Messianic Exegesis*: *Christological* *Interpretation* *of the Old Testament in Early Christianity*, Filadélfia 1988; F. F. Bruce, *New Testament Development* *of Old Testament* *Themes*, Grand Rapids 1989, pp. 83-99; J. B. Green, “The Death of Jesus, God’s Servant” em D. D. Sylva (ed.), *Reimaging the Death of the Lukan Jesus*, Frankfurt del Meno, 1990, pp. 1-28 e 170-173; C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; J. Jeremias, *Teología*...; T. W. Manson, *The Servant-Messiah*, Cambridge 1953; L. Morris, *The Apostolic Preaching of the Cross*, Grand Rapids 1956, pp. 9-59; R. T. France, “The Servant of the Lord in the Teaching of Jesus” em *TynB*, 19, 1968, pp. 26- 52; I. H. Marshall, “The Development of the Concept of Redemption in the New Testament” em R. Banks (ed.), *Reconciliation and Hope*: *New Testament Essays on* *Atonement and Eschatology presented to L. L. Morris,* Exeter 1974, pp. 153-169; R. Leivestad, *Jesus in His Own* *Perspective*, Minneapolis 1987, especialmente pp. 169ss.

**Sete**

1. Número que simboliza uma totalidade (Mt 18,21ss.; Mc 8,5.20). 2. O número de frases pro- nunciadas por Jesus na \**cruz*, as quais são con- vencionalmente conhecidas como “Sete Palavras” (Mt 27,46 e par.; Lc 23,34; 23,43; 23,46; Jo 19,26- 27; 19,28; 19,30).

**314 /**

**Setenta e dois**

**Setenta e dois**

Grupo de \**discípulos* de Jesus não pertencen- tes aos \**Doze* (Lc 10,1ss.), mas aos quais se as- sociou, desde o princípio, na missão de pregação do \**Evangelho*, de realização de \**milagres* e de enfrentamento aos \**demônios*. Essa última tare- fa, contudo, não devia ser sua maior alegria, que reside na consciência de que seus nomes estavam escritos no \**céu* (Lc 10,19-20).

**Sexo**

Ver \**Castidade, \*Divórcio, \*Família, \*Ma-* *trimônio, \*Mulher, \*Prostituta.*

**Sião**

Colina de \**Jerusalém*, ao sul do \**Templo* e ao norte de \**Siloé*. Às vezes, identifica-se com Jeru- salém (Mt 21,5; Jo 12,15).

**Sicar**

Cidade da \**Samaria*, que foi identificada com Siquém, onde Jesus se encontrou com a samaritana (Jo 4,5).

**Siclo**

Medida de peso (14g) convertida em unidade monetária judaica de \**prata*. Equivalia ao \**estatere* ou tetradracma grega. Correspondia, aproximadamente, ao salário de quatro dias (qua- tro \**denários*) (Mt 26,15; 27,3-9; 28,12-15).

**Sicômoro**

Árvore cujos ramos inferiores encontram-se a pouca distância do solo, o que facilita subir nela (Lc 19,4).

**Simeão**

**/ 315**

**Sidônia**

Porto fenício no Mediterrâneo. A atual Saida no Líbano (Mt 11,21ss.). Jesus visitou essa re- gião (Mc 7,31) onde realizou um de seus \**mila-* *gres*, curando a filha de uma mulher \**gentia* (Mt 15,21ss.). Esse caso não é uma exceção, já que os evangelhos citam que pessoas procedentes dessa região acorriam a Jesus (Mc 3,8; Lc 6,7).

**Siloé**

1. Torre que se levantava em um bairro situa- do em ambos os lados da torrente do \**Cedron* e próximo à piscina do mesmo nome (Lc 13,4). 2. \**Piscina* mencionada em Jo 9,7, como o lugar onde Jesus realizou o \**milagre* de dar visão a um \**cego*.

**Simão**

1. O \**apóstolo* \**Pedro* (Mt 16,17; Jo 1,42; 21,15). 2. O zeloso. Um dos \**discípulos* de Je- sus. Não se deve equivocar e identificá-lo, como já se fez, com um \**zelote* (Mt 10,4; Mc 3,18; Lc 6,15). 3. Um dos \**irmãos* de Jesus (Mt 13,55; Mc 6,3). 4. Um \**fariseu* (Lc 7,40.43); 5. Um per- sonagem de \**Betânia*, afligido pela \**lepra* (Mt 26,6; Mc 14,3). Às vezes, é identificado com o 4. 6. O Cireneu. Personagem — possivelmente \**gen-* *tio* — que foi obrigado a ajudar Jesus a levar a \**cruz* (Mt 27,32; Mc 15,21; Lc 23,26); 7. Simão Iscariotes, pai de \**Judas* Iscariotes (Jo 6,71; 13,2.26).

**Simeão**

1. Antepassado de Jesus (Lc 3,30); 2. Judeu que reconheceu em Jesus o \**messias* (Lc 2,25ss.). Simeão está relacionado com o cântico denomi- nado “*Nunc dimittis*”.

**316 /**

**Sinagoga**

**Sinagoga**

Lugar do culto judaico. A palavra é de origem grega e designa um local de reunião. O termo hebraico para essa palavra é *bet ha-kneset* (casa de reunião). Aparece já no exílio babilônico após a primeira destruição do \**Templo*, embora alguns estudiosos considerem que Jeremias 39,8 pode- ria ser uma referência antecipada a essa palavra. Nesses locais de reunião, os judeus liam e estu- davam a Bíblia, oravam e encontravam consolo em seu exílio. Antes do ano 70, já existiam umas 400 sinagogas somente em Jerusalém e umas 1.000 na diáspora. Depois dessa época, a sinago- ga substituiu o Templo e se transformou no cen- tro da vida judaica. Com o passar do tempo, a sinagoga modificou-se arquitetonicamente, mas conservou, sem dúvida, uma estrutura básica que consistia em uma arca sagrada (*arón hakodesh*), em um muro oriental ou de frente a ele (*mizraj*), em direção a Jerusalém em frente da entrada (Ber. 30a, Tosef. a Meg. 4.22); em uma *bimah* no cen- tro ou voltado para trás; e em um *ner tamid* ou lâmpada perene pendurada diante da arca para simbolizar a *menorah* — ou candelabro de sete braços — do Templo. Também o setor de \**mu-* *lheres* (*ezrat nashim*) encontrava-se separado dos homens por uma divisão, ou era construído em forma de galeria. A arca continha rolos sagrados (*Sefer Torah*) e diversos objetos religiosos. Junto a ela, ficavam os assentos de honra para os rabi- nos e fiéis ilustres.

Jesus freqüentou as sinagogas e utilizou-as como lugar de pregação (Mc 1,39; Lc 4,44). Na de \**Nazaré*, iniciou seu ministério público (Lc 4,16-22). As sinagogas foram também cenário de seus confrontos com \**demônios* (Lc 4,31ss.) e de seus \**milagres* (Mc 3,1ss).

J. Peláez del Rosal, *La sinagoga*, Córdoba 1988; C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; E. Schürer, *o. c*.; F. Murphy, *o. c.*; S. Sandmel, *Judaism*...; E. P. Sanders, *Judaism*...

**Sinal**

Ver *\*Milagre.*

**Sinal de Jonas**

Ver \**Jonas.*

**Sinédrio**

**/ 317**

**Sinédrio**

O conselho aristocrático de Jerusalém. Sua designação provinha da palavra grega “*synedrion*”, que podemos traduzir por “concí- lio” ou “conselho”. A primeira indicação que te- mos dessa instituição — ou de outra bastante si- milar — encontra-se em uma carta de Antíoco III (223-187 a.C.) que a denomina “*guerusía*” (se- nado ou conselho de anciãos). Se existiu durante o reinado de \**Herodes*, o Grande, foi sob um fér- reo controle do monarca. No séc. I d.C., os roma- nos valeram-se dele para controlar a vida dos ju- deus. Não é fácil saber, com exatidão, como fun- cionava. \**Josefo* emprega o termo “*synedrion*” para referir-se a diversas instituições tanto judai- cas como romanas. Nos evangelhos (Mc 14,53- 55; Jo 11,45-53), aparece formado por uma maioria de \**sacerdotes* — seguramente ligados aos \**saduceus* — e, na prática, controlados por figuras como \**Caifás*. Jo 11,45-53 destaca tam- bém a presença de fariseus em seu meio (comp. com At 4,5-6.23). Suas funções parecem ter sido civis e religiosas. Na literatura rabínica, faz-se re- ferência a um grande Sinédrio com setenta e um membros e a um pequeno Sinédrio de vinte e três (M. Sanh 1,6). Conforme A. Büchler e S. B. Hoenig, houve três Sinédrios antes de 70 d.C.; M. Wolff pensa ter havido dois. A questão está longe de estar definitivamente assentada.

Os evangelhos demonstram que Jesus foi jul- gado e condenado pelo Sinédrio; contudo, não é fácil determinar exatamente ao qual se refere, tam- bém porque o procedimento foi bastante irregu- lar (pela noite, com interrogatório direto do acu-

**318 /**

**Sinóticos**

sado para conseguir sua própria incriminação etc.) Quanto a essa circunstância, ou Jesus não sofreu um processo regular diante do Grande Sinédrio, mas uma vista preliminar ou instrução ante o menor (ou um dos sinédrios menores) de vinte e três membros, ou o procedimento se ajustava ao funcionamento do Sinédrio da época, embora fos- se diferente do que conhecemos através da litera- tura rabínica posterior (Sanders).

S. B. Hoenig, *The Great Sanhedrin*, Filadélfia 1953; H. Mantel, *Studies in the History of the Sanhedrin*, Cambridge 1961; *ERE* XI; Schürer, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *El judeo-* *cristianismo*...; Idem, *El Primer*...; Idem, *Diccionario de las* *tres*...; S. Sandmel, *Judaism*...; E. P. Sanders, *Judaism*...; Catchpole, *o. c*.; J. Blinzler, *o. c.*; C. Saulnier e B. Rolland, *Palestina en tiempos de Jesús*, Estella 101994.

**Sinóticos**

Designação que se dá aos evangelhos de \**Mateus*, \**Marcos* e \**Lucas*, ao estabelecerem uma trama comum que pode ser abrangida com uma só visão de conjunto (sinopse).

**Sol**

Uma das demonstrações da bondade de Deus que atinge as pessoas, seja qual for seu caráter (Mt 5,45). Quando Jesus morreu na \**cruz*, o sol escureceu (Lc 23,45). Simbolicamente significa o resplendor dos justos e de Jesus (Mt 13,43; 17,2) ou, em um contexto apocalíptico, a mudança de condições (Mt 24,29; Lc 21,25).

**Sombra**

Símbolo de 1. \**morte* (Mt 4,16; Lc 1,79); 2. refúgio (Mc 4,32); 3. apoio e proteção divina (Mt 17,5; Lc 1,35; 9,34).

**Sono**

1. Ação de dormir, tranqüila nos justos (Mc 4,38), mas que pode ser alterada pelas preocupa-

**Surdez**

**/ 319**

ções e pela ansiedade (Mt 27,19). 2. Em determi- nadas ocasiões, Deus se serve do sono para anun- ciar suas mensagens (Mt 1,24; 2,13ss. 19-23). 3. Símbolo da \**morte*, que pode ser vencida pelo poder de Jesus (Mc 5,39; 13,36; Jo 11,13). Essa palavra não pode ser interpretada no sentido de inconsciência do \**espírito*. (Ver \**Céu, \*Hades,* \**Inferno)*.

**Soteriologia**

Ver \**Salvação.*

**Sudário**

Lenço que se utilizava para limpar o suor (At 19,12). Nos evangelhos, servia para guardar o \**dinheiro* (Lc 19,20) e envolver a cabeça dos ca- dáveres, possivelmente com a intenção de evitar que as mandíbulas se soltassem (Jo 11,44; 20,7).

**Sumo sacerdote**

Ver \**Anás, \*Caifás, \*Sacerdotes, \*Sinédrio.*

**Suor de sangue**

Antes de sua prisão no \**Getsêmani* (Lc 22,44), Jesus suou gotas de sangue. O fenômeno tem sido explicado como um caso de hematidrose, suor de cor avermelhada causada pela passagem da hemoglobina para a secreção das glândulas sudoríparas. No final do séc. III, essa passagem não era mencionada em muitos manuscritos, tal- vez omitida porque apresentava uma imagem su- postamente muito humana de Jesus. Tem-se res- saltado também a possibilidade de o texto ser uma adição posterior.

**Surdez**

Nos evangelhos, a palavra grega *kofos* pode referir-se tanto à surdez como à surdo-mudez

**320 /**

**Susana**

(Mc 7,37). Em alguns casos, sua causa era atri- buída à ação de \**demônios* (Mc 9,25). Em sua qualidade de \**messias*, Jesus realizou vários \**mi-* *lagres* curando surdos (Mt 11,5).

**Susana**

Literalmente, lírio. Uma das \**mulheres* que acompanhava Jesus (Lc 8,1-3).

**T**

**Tabernáculos**

Ver \**Festas.*

**Tadeu**

Ver *\*Lebeu.*

**Talento**

A moeda grega de maior valor. Equivalia a uma quantidade de \**prata* entre 26 e 34 kg (oca- sionalmente até 41) e a uns 6.000 \**denários*. Dez mil talentos (Mt 18,24; 25,15-28) era o salário de 16.000 homens durante dez anos.

**Talião**

A \**Lei* de \**Moisés* considerava a aplicação da lei de talião (Êx 21,24; Lv 24,20; Dt 19,21) o que, em seu contexto histórico, implicava um progres- so porque limitava as possibilidades de vingan- ça. Durante o período do Segundo \**Templo*, os \**fariseus* já advogavam a substituição da pena

**Talmude**

**/ 321**

corporal por uma indenização em dinheiro, limi- tando também, consideravelmente, as causas para a aplicação da pena de morte.

O ensinamento de Jesus é terminantemente oposto à lei de talião (Mt 5,38-48), defendendo a substituição da vingança — até mesmo a judicial — pelo amor e pelo perdão.

Y. Kaufmann, *o. c*.; J. Jeremias, *Jerusalén*...; J. Driver, *o. c*.; P. Bonnard, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *El Primer* *Evangelio*...; Idem, *Diccionario de las tres*...

**Talmude**

Literalmente, estudo. Conjunto oficial de tra- dição e interpretação judaicas. É formado pela *Mishna* (lei oral codificada em torno de 200 d.C.) e pela *Guemara* (comentário da *Mishna*, recompilado entre os séc. III e VI d.C.). Na lin- guagem popular, o Talmude também é conhecido como Guemara e como *Shash*, acróstico de *shishá* *sidrei Mishna* (seis ordens da *Mishna*). Existem duas versões do Talmude denominadas *Talmude* *Eretz* *Israel* ou *Yerushalmi* (Talmude Palestinense ou de Jerusalém) e *Talmude Bavli* (Talmude da Babilônia). A primeira versão, concluída no séc. V d. C., abrange 39 dos 63 tratados da *Mishna*. Em sua maior parte, ocupa-se do *halachá* e deno- ta certa pressa, talvez como conseqüência do ce- nário político em que se deu sua redação. É con- siderável, nessa versão, a influência helenística. A segunda, finalizada aproximadamente no séc. VI d.C. é, no mínimo, o triplo de extensão da pri- meira, apesar de abranger somente 37 tratados da *Mishna.* Cerca de dois terços de seu conteúdo é *hagadá*. O Talmude da Babilônia é muito mais importante do que o Palestinense e, de fato, as alusões ao Talmude são feitas, precisamente, a esta versão. Esta obra contém discussões eruditas so- bre todas as áreas da vida e possui seus próprios métodos de raciocínio e argumentação. Assim, podem ser dadas como válidas opiniões totalmen- te opostas ou que possam ajustar-se sobre a base de que “ambas são palavras do Deus vivo” (TJ

**322 /**

**Tarde**

Ber. 1.7). Muitos judeus ortodoxos consideram- no divinamente inspirado. As edições impressas do *Talmude bavli* acompanham a encadernação e a disposição típica da primeira edição completa, devida a Daniel Bomberg, um impressor cristão e hebraísta, a qual apareceu em Veneza (1520- 1523).

A. Cohen, *o. c.*; J. Neusner, *The Talmud*...; Strack, *o. c.*; G. Alon, *o. c*.; F. Manns, *Pour lire*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**Tarde**

Começo da noite ou fim da primeira \**vigília* (Mt 28,1; Mc 11,19; 13,35).

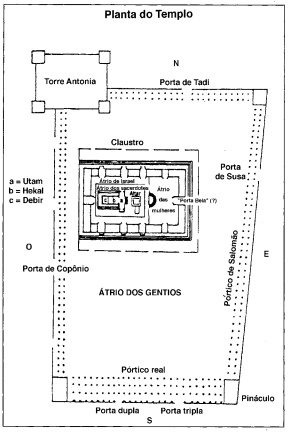
**Targum**

Literalmente, tradução. Interpretação parafra- seada, em aramaico, do Antigo Testamento. Sua origem retrocede ao regresso do exílio babilônico (Ne 8,8). O fato de algumas de suas interpreta- ções apoiarem as interpretações bíblicas dos ju- deu-cristãos — por exemplo, a interpretação de Is 53 como passagem referente ao \**messias* — fez com que essas obras fossem abandonadas pelo judaísmo. O targum mais conhecido é o Targum Onkelos do Pentateuco (séc. II d.C.). De data mais antiga é o de Jônatas para os Profetas e Crônicas. Recebe o nome de Targum Yerushalmi uma tra- dução (séc. VII-VIII) dos cinco livros de Moisés.

P. Grelot, *Los targumes*, Estella 1987; A. Díez Macho, *El Targum*, Barcelona 1972; M. Pérez Fernández, *Tradiciones* *mesiánicas* *en el Targum palestinense*, Valência 1981; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...

**Templo**

\**Santuário* destinado ao culto divino. No ju- daísmo, estava situado em Jerusalém. O primeiro foi construído por Salomão, em torno de 950 d.C., e substituiu o tabernáculo portátil e os santuários locais. Levantado sobre o monte do templo, iden-

**Templo**

**/ 323**

tificado como o monte Moriá, tinha uma superfí- cie de 30x10x15m aproximadamente. Entrava-se por um pórtico ladeado por dois pilares de bron- ze denominados Jaquin e Booz e, em seu interior, havia um vestíbulo (*ulam)*, uma sala principal (*hekal)* e o Santíssimo (*Debir),* ao qual só o Sumo Sacerdote tinha acesso uma vez por ano, no dia de Yom Kippur. Dentro do Templo, destinado às tarefas do culto, estavam o altar para os sacrifí- cios, a arca e os querubins, a *menorah* de ouro e a mesa para a exposição do pão.

Os \**sacerdotes* ou *kohanim* realizavam o cul- to diário no Hekal, existindo no pátio do Templo exterior uma seção reservada para eles (*ezrat* *cohanim*). Nos outros dois pátios havia lugar para os homens (*ezrat Israel*) e para as mulheres de

**Torre Antônia**

**a = Ulam** **b = Hekal** **c = Debir**

**324 /**

**Tentação**

Israel (*ezrat nashim*). Esse Templo foi destruído no primeiro *jurbán*. Reconstruído depois do re- gresso do exílio babilônico (c. 538-515 a.C.), pas- sou por uma ambiciosa remodelação feita por \**Herodes* (20 a.C.), que incluía uma estrutura duplicada da parte externa. Durante esse perío- do, o Sumo Sacerdote desfrutou de considerável poder religioso, qual uma teocracia, circunstân- cia desastrosa para Israel à medida que a classe sacerdotal superior envolvia-se com a corrupção, o roubo e a violência, conforme registram as pró- prias fontes talmúdicas. Destruído no ano 70 pe- los romanos, dele apenas restou o muro conheci- do por Muro das Lamentações. A \**sinagoga* vi- ria a suprir, em parte, o Templo como centro da vida espiritual.

Jesus participou das cerimônias do Templo, mas condenou sua corrupção (Mt 5,23ss.; 12,2- 7; 23,16-22; Lc 2,22-50). Anunciou sua destrui- ção (Mt 23,38ss.; 24,2; 26,60ss.; 27,39ss.), o que não pode ser considerado “vaticinium ex eventu” já que, entre outras razões, está registrado em \**Q*, que é anterior a 70 d.C. Essa destruição, prefigurada pela purificação do Templo (Mt 21,12ss. e par.), aconteceria por juízo divino. O episódio recolhido em Mt 27,51 e par. — que, curiosamente, conta com paralelos em alguma fonte judaica — indica que a existência do Tem- plo aproximava-se do seu fim.

J. Jeremias, *Jerusalén*...; A. Edersheim, *El Templo*...; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristianismo*...; Idem, *El Primer* *Evangelio*...; Idem, *Diccionario de las tres*...

**Tentação**

Jesus — que considerou ser grave pecado ten- tar a Deus (Mt 4,7; Lc 4,12) — foi tentado conti- nuamente pelo \**diabo* (Mt 4,1ss.; Lc 4,1ss.), pe- las multidões que quiseram fazê-lo rei (Jo 6,15), por Pedro que desejou que Jesus abandonasse sua missão messiânica do \**Servo* de YHVH (Mt 16,23) e até mesmo por seus algozes (Mt 27,42). Apesar de tudo, venceu tentação após tentação e

**Tetrarca**

**/ 325**

levou até o fim sua missão de morrer por toda a humanidade (Mt 26,26ss.).

Como Jesus, seus \**discípulos* são tentados e podem sucumbir (Lc 8,13; 22,31ss.). Por isso, os discípulos devem vigiar e orar (Mt 26,41 e par.), rogando a Deus que os livre da queda (Mt 6,13; Lc 11,4).

**Teófilo**

Personagem, provavelmente de origem \**gen-* *tia*, a quem \**Lucas* dirigiu seu evangelho (Lc 1,1ss.) e o Livro dos Atos (1,1ss.). O tratamento empregado na primeira obra faz pensar que pode tratar-se de um funcionário imperial. O fato des- se tratamento não aparecer nos Atos tem sido in- terpretado, em algumas ocasiões, como sinal da \**conversão* de Teófilo.

**Tesouro**

1. A sala onde ele era guardado e que era de acesso limitado (Mt 27,6). 2.O pórtico próximo a essa sala.3.O cofre para as esmolas, que tinha a forma de trompete (Mc 12,41-43; Lc 21,1).

**Testamento, Novo**

Ver \**Nova Aliança.*

**Testemunho**

Ver \**Apóstolos, \*Espírito Santo, \*Evangelho,* *\*Mártir.*

**Tetrarca**

Aquele que governa quatro regiões. O título aplicava-se aos governadores dos reinos helenistas do Oriente. Roma aplicava esse título a governantes que não desfrutavam de linhagem e importância suficientes para ser denominados reis (Mt 14,1; Lc 3,1.19; 9,7).

**326 /**

**Tiago**

**Tiago**

1. “O maior”, filho de \**Zebedeu* e irmão do \**apóstolo* \**João.* Participou do grupo dos três \**discípulos* mais íntimos de Jesus (Mt 5,37; 26,37). Por volta de 44 d.C. foi executado por ordem de \**Agripa I* (At 12,2). 2. O filho de \**Alfeu*. Um dos \**doze* apóstolos (Mt 10; Mc 3; Lc 6; At 1). 3. O menor. Filho da outra \**Maria* (Mc 16,1; Mt 28,1) sobre a qual não possuímos outras informações. 4. O justo ou irmão do Se- nhor. Um dos \**irmãos* de Jesus (Mt 13,55; Mc 6,3), convertido em conseqüência de uma apari- ção de Jesus após sua \**ressurreição* (1Cor 15,7). Dirigia a \**Igreja* de \**Jerusalém* (At 15,1.20), onde morreu \**mártir* no ano 62 aproximadamen- te. Foi o autor da Carta de Tiago, uma das epísto- las católicas ou universais, que figuram no Novo Testamento.

K. L. Carroll, “The place of James in the Early church” em *BJRL*, 44, 1961; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cristia-* *nismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; F. F. Bruce, *New* *Testament*...

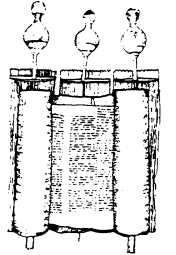
**Tiberíades**

Cidade fundada entre 17-22 d.C. por \**Hero-* *des* Antipas, encontrava-se à margem oeste do lago de \**Genesaré*. Os judeus consideravam- na abominável, pois estava edificada sobre túmulos. Parece que Jesus jamais a visitou, em- bora João a mencione em seu evangelho (6,1-23; 21,1).

E. Hoare, *o. c.*; F. Díez, *o. c.*

**Tibério**

Filho adotivo e sucessor de \**Augusto* (14-37 d.C.). Os ministérios de Jesus e \**João Batista* deram-se durante seu governo (Lc 3,1; 20,22; 23,2; Jo 19,12).

**Torá**

**/ 327**

**Tiro**

Como \**Sidônia*, um antigo porto fenício no Mediterrâneo (Mt 11,21ss.; 15,21ss.; Mc 3,8; 7,24.31; Lc 6,17; 10,13ss.).

**Toalha**

Peça de tecido utilizada como toalha de mesa ou de banho (Jo 13,4ss.).

**Tomé**

Forma abreviada de um termo procedente do hebraico *tô’am* (gêmeo), equivalente ao grego Dídimo. Era o nome de um dos \**Doze* *apóstolos* (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15; Jo 11,16; 14,5; 20,24- 28; 21,2).

**Torá**

Literalmente, guia, instrução, ensinamento. É traduzido por “lei”, embora essa palavra apenas se aproxime de toda a riqueza do vocábulo origi- nal. Em sentido restrito, é a denominação dos cin- co livros de \**Moisés* ou Pentateuco; num sentido mais amplo, designa todo o Antigo Testamento e

**328 /**

**Traça**

inclusive, para os \**fariseus*, abrangia a \**lei* *oral*. Essa lei é obrigatória apenas para os judeus, es- tando os \**gentios* submetidos somente aos deno- minados sete mandamentos de \**Noé*.

Y. Kaufmann, *o. c*.; J. Neusner, The *Talmud*...; A. Cohen, *o. c*.; E. P. Sanders, *Judaism*...; C. Vidal Manzanares, *El* *judeo-cristianismo*...

**Traça**

Pequeno inseto que corrói a roupa até desfazê- la e torná-la imprestável (Mt 6,19ss.; Lc 12,33).

**Tradição**

Os evangelhos evidenciam uma atitude de Je- sus claramente contrária às tradições da \**lei oral*, porque considerava que elas desvirtuavam o con- teúdo das \**Escrituras* (Mt 15,2-6; Mc 7,3ss.). Isso foi motivo de conflito com os \**escribas* e \**fariseus.*

C. Vidal Manzanares, *El Primer Evangelio*...; Idem, *Diccionario de las tres*...; Idem, *El judeo-cristianismo*...; P. Lenhardt e M. Collin, *La Torá oral de los fariseos*, Estella 1991.

**Transfiguração**

Episódio da vida de Jesus acontecido na sua última viagem a \**Jerusalém* (Mt 17,1-9; Mc 9,2- 10; Lc 9,28-36). Nos inícios deste século, R. Bultmann interpretou-o como uma antecipação da \**ressurreição*. Essa interpretação carece de base, embora se tenha repetido mais tarde. Atualmen- te, tende-se a considerar o acontecimento como um fato histórico (D. Flusser, F. F. Bruce, C. Vidal Manzanares), durante o qual se fortaleceria a de- terminação de Jesus.

**Transmigração das almas**

Ver *\*Reencarnação.*

**Túmulo**

**/ 329**

**Trevas**

1. A falta de luz própria da noite (Jo 6,17; 12,35; 20,1). 2. O que está oculto (Mt 10,27; Lc 12,3). 3*.* O mal (Mt 6,23; 27,45; Lc 22,53). 4. A situação de escravidão espiritual em que se en- contra o ser humano perdido e da qual só poderá sair aderindo a Jesus pela \**fé* (Jo 1,5; 3,16-19; 8,12). 5. Um dos elementos que integram o casti- go do \**inferno* (Mt 8,12; 22,13; 25,30).

**Trindade**

Ensinamento neotestamentário que consiste em afirmar a existência de Deus em três pessoas: \**Pai*, \**Filho* e \**Espírito Santo*. Nos evangelhos aparecem claras fórmulas trinitárias, como a do \**batismo* (Mt 28,19-20). Jesus assumiu títulos que pressupunham sua \**preexistência* e divindade como: \**Sabedoria*, \**Senhor*, \**Filho de Deus* e \**Eu sou*, fazendo-se igual a Deus (Jo 5,18). Os evangelhos narram também que, após a \**ressur-* *reição*, os \**discípulos* de Jesus chamaram-no de Senhor e \**Deus* (Jo 20,28) e lhe renderam \**ado-* *ração* (Mt 28,17; Lc 24,52).

J. N. D. Kelly, *Early Christian Creeds*, Londres 1950; C. Vidal Manzanares, *Las sectas frente a la Biblia*, Madri 1991; Idem, *De Pentecostés*...; Idem, *El Primer Evangelio*...

**Túmulo**

Escavações, geralmente feitas na rocha, com a finalidade de servir de monumento comemora- tivo ou sepulcro (Mt 27,60). Costumava-se pintá- los com cal na primavera para que não fossem pisados, pois causavam impureza ritual para quem o fizesse (Mt 23,27; Lc 11,44). A entrada geral- mente era fechada com uma grande pedra, às ve- zes, selada (Mt 23,29; 27,66; Mc 15,46; 16,3). No interior, podia haver nichos ou bancos de pe- dra para se colocarem os cadáveres (Jo 20,5-11). Normalmente, os \**gentios* eram sepultados em lugares separados dos judeus (Mt 27,7).

**330 /**

**Túnica**

**Túnica**

Vestimenta de mangas curtas ou franzidas que se colocava sob o \**manto* (Mt 5,40). Costumava- se usá-la diretamente sobre o corpo. Geralmente de cor branca, podia ser enfeitada com franjas coloridas. Às vezes era uma só peça (Jo 19,23). Entre as pessoas abastadas, não era raro o uso de uma segunda túnica sem mangas (Mt 10,10; Mc 14,63; Lc 3,11).

**U**

**Última Ceia**

Ver \**Ceia.*

**Unção**

Ação de derramar óleo sobre alguém. Na Bí- blia, a ação relaciona-se com a consagração do rei (1Sm 10,1; 16,13), do Sumo Sacerdote (Êx 30,30-31; Lv 6,15) e de alguma pessoa a quem se confiava uma ação específica (Dt 20,2). Esta po- deria ser até mesmo um \**gentio* (Is 45,1). Por antonomásia, o ungido é o \**messias*, pois, de fato, é esse o significado hebraico da palavra. Seu equi- valente grego é *Khristós*, de onde procede o por- tuguês Cristo.

Y. Kaufmann, *o. c.*; C. Vidal Manzanares, *El judeo-cris-* *tianismo*...; Idem, *El Primer Evangelio*...

**V**

**Via Dolorosa**

**/ 331**

**Verão**

Estação seca que vai da metade de abril até meados de outubro (Mt 24,32 e par.).

**Verbo**

Ver \**Hipóstase, \*Logos, \*Memrá.*

**Verdade**

O que está em conformidade com a realidade (Mt 14,33; 22,16; 26,73; 27,54; Mc 5,33; 12,32; Lc 16,11). Nesse sentido, logicamente, existe a Verdade absoluta e única que se identifica com Jesus (Jo 14,6). Suas ações e ensinamentos são expressão do próprio Deus (Jo 5,19ss.; 36ss.; 8,19- 28; 12,50). Mais tarde, é o \**Espírito* de verdade que dará testemunho de Jesus (Jo 4,23ss.; 14,17; 15,26; 16,13).

**Verme**

Um dos elementos relacionados com o casti- go consciente e eterno do \**inferno* (Mc 9,47-48). Também se refere ao mesmo como fator de ruína das posses materiais (Mt 6,19ss.), o que deveria levar o ser humano a considerar quão perecíveis elas são e buscar os tesouros celestiais.

**Via Dolorosa**

Segundo a tradição, é o caminho percorrido por Jesus desde o tribunal de \**Pilatos* até o Gólgota.

E. Hoare, *o. c*.; F. Díez, *o. c*.

**332 /**

**Vida eterna**

**Vida eterna**

O conceito judeu de *olam habáh* seria melhor traduzido por vida futura ou mundo por vir. Este é um conceito fundamental no pensamento bíbli- co e judaico igual ao da imortalidade da \**alma* — que não deve ser entendido em um sentido semelhante ao helênico — após o fim da vida terrena. Essa crença na continuidade de uma vida depois da morte manifesta-se na segunda bênção da *amidah*, nas orações de lembrança dos defun- tos (*hazcarat neshamot*) e no *kadish* recitado pe- las pessoas em um enterro. Entre os \**gentios*, os misericordiosos também teriam parte no mundo que há de vir (Tosef. Sanh. 13,2). A idéia da \**res-* *surreição* dos mortos é de grande importância quanto à crença em uma vida futura.

Jesus designa como vida eterna a união com Deus no mundo que virá depois do juízo final (Mt 25,46), com um significado equivalente ao termo \**salvação*. Pode-se alcançar a salvação já (e, realmente, convidam-se as pessoas para ela) pela \**fé* em Jesus (Jo 3,16; 3,36; 5,24; 6,40; 10,28 etc.) e graças à entrega à morte que ele fez por todos (Mc 10,44ss.; Mt 26,26ss.).

**Videira**

1. Arbusto que produz uvas (Mt 7,16; Lc 6,44). 2. Jesus é a videira verdadeira, a quem os fiéis devem estar unidos para não perecerem (Jo 15,1-5).

**Vigília**

A princípio, palavra para designar as vigí- lias militares durante a \**noite*, que eram três para os judeus e quatro para os romanos. No tempo de Jesus, os judeus adotaram o sistema romano: a primeira vigília de 18 a 21h; a segunda de 21 a 24h; a terceira de 24 a 3h e a quarta de 3 a 6h.

**Viúvas**

**/ 333**

**Vinagre**

Denominado mistura pelos romanos, consis- tia, na realidade, em uma mistura de vinho acre e água. Comumente usado pelos romanos (Mt 27,48; Mc 15,36), era pouco apreciado por ser uma bebida forte (Lc 23,36).

**Vinha**

Símbolo do povo de Deus. Mal cuidada por seus pastores espirituais — que nem sequer reco- nheceram Jesus como \**Filho de Deus* e o mata- ram —, Deus a entregará, finalmente, a outros vinhateiros (Mt 20,1-8; 21,28-41; Mc 12,1-9; Lc 13,6).

**Vinho**

Ver \**Álcool.*

**Violência**

Ver \**Guerra.*

**Virgem**

Ver \**Maria.*

**Virgindade**

Ver \**Castidade, \*Matrimônio, \*Sexo.*

**Viúvas**

No judaísmo da época de Jesus, o auxílio às viúvas era considerado demonstração obrigató- ria de misericórdia, pois a situação delas costu- mava ser de extrema necessidade (Mc 12,41ss.). Isso explica a severa condenação de Jesus àque- les que se aproveitavam de desculpas religiosas para espoliá-las (Mc 12,40; Lc 20,47). Jesus

**334 /**

**Vocação**

realizou o \**milagre* da \**ressurreição* do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17).

**Vocação**

Ver \**Apóstolos, \*Discípulos, \*Fé, \*Salvação.*

**Vontade de Deus**

Jesus considerou como finalidade de sua vida — seu alimento — realizar a vontade de seu \**Pai* (Jo 4,34; 5,30; 6,38-40). Essa aceitação chegou ao extremo em sua entrega à morte (Mc 14,36; Lc 22,42) por toda a humanidade (Mt 26,26ss.; Mc 10,44-45). Semelhante a Jesus, os discípulos devem pedir a Deus que se faça sua vontade tam- bém na terra (Mt 6,10).

**Voto**

Compromisso assumido com Deus em virtu- de do qual, como demonstração de gratidão ou solicitação de favores ao Senhor, realizava-se um ato religioso não-obrigatório. Exemplo caracte- rístico de voto era o de \**nazireu*. Jesus opôs-se à prática de determinados votos transformarem-se em escusas para o descumprimento dos preceitos da \**Lei* de Deus (Mt 15,5ss.; Mc 7,11-13).

**Z**

**Zacarias**

1. Profeta assassinado no \**Templo* (Mt 23,35; Lc 11,51); 2. Sacerdote da classe de Abias, espo- so de \**Isabel*, pai de \**João Batista* (Lc 1,5-67).

**Zelotes**

**/ 335**

**Zaqueu**

Chefe dos cobradores de impostos de \**Jericó* (Lc 19,1-9) que, após conhecer Jesus, vivenciou uma \**conversão.*

**Zebedeu**

Pescador do mar da \**Galiléia*, casado com \**Salomé* e pai dos apóstolos \**Tiago* e \**João* (Mt 4,21).

**Zelotes**

Grupo político judeu cujos antecedentes se relacionavam com a rebelião de Judas, o galileu (6 a.C.). Em sentido restrito, os zelotes surgiram em 66 d.C., por ocasião da rebelião contra Roma. Após a queda de \**Jerusalém* no ano 70, alguns continuaram a resistência em Massada até 73 (an- tes de se renderem ao invasor, suicidaram-se co- letivamente) enquanto outros fugiram para o \**Egi-* *to*, a fim de estenderem o movimento. Nesse país foram derrotados, capturados e torturados até a morte. Tem-se pretendido ligar movimento zelote a Jesus (Brandon) ou, ao menos, a alguns de seus seguidores como \**Simão* ou \**Judas* *Iscariotes* (Cullmann). É inaceitável essa possibilidade não só porque carece de base, conforme a informação que as diferentes fontes — até as hostis do \**Talmude* — apresentam-nos acerca de Jesus, seu ensinamento sobre a \**violência* e sobre seus \**dis-* *cípulos*, mas também porque o movimento zelote não existia durante a vida de Jesus.

M. Hengel, *The Zealots*...; Y. Yadin, *Masada*, Barcelona 1969; S. G. F. Brandon, *Jesus and the Zealots*, Manchester 1967; H. Guevara, *o. c*.; C. Vidal Manzanares, *De* *Pentecostés*...; Idem, *El Primer Evangelio*...; J. Comby e J. P. Lémonon, *Roma frente a Jerusalén*, Estella 1983.

**Índice de abreviaturas**

AB -Anchor Bible

ABQ -American Baptist Quartely   
AGJU -Arbeiten zur Geschichte des antiken Judentums

und des Urchristentums   
AGSU -Arbeiten zur Geschichte des Spätjudentums

und Urchristentums   
AJBI -Annual of Japanese Biblical Institute

AJSL -American Journal of Semitic Languages and   
Literatures

AJT -American Journal of Theology   
ALBO -Analecta lovaniensia biblica et orientalia   
ALGHJ -Arbeiten zur Literatur und Geschichte des

hellenistischen Judentums   
ALUOS -Annual of Leeds University Oriental Society

An Bib -Analecta Biblica

An Greg -Analecta Gregoriana

AnOr -Analecta Orientalia

ANRW -Aufstieg und Niedergang der römischen Welt,

W. Haase e H. Temporini (eds.), Berlim 1979-   
1984

ASNU -Acta seminarii neotestamentici upsaliensis   
ASTI -Annual of the Swedish Theological Institute AT -Antigo Testamento   
ATANT -Abhandlugen zur Theologie des Alten und

Neuen Testaments   
ATR -Anglican Theological Review

BA -Biblical Archaeologist   
BAC -Biblioteca de Autores Cristãos   
BAR -Biblical Archaeologist Reader   
BARev -Biblical Archaeologist Review   
BASOR -Bulletin of the American Schools of Oriental

Research   
BeO -Bíblia e Oriente

Bib -Bíblica   
BibO -Biblica et Orientalia   
BibRes -Biblical Research

**338 /**

**Índice de abreviaturas**

BIOSCS -Bulletin of the International Organization for   
Septuagint and Cognate Studies

BIZ -Biblische Zeitschrift

BJRL -Bulletin of the John Rylands University

Library of Manchester   
BO -Bibliotheca Orientalis   
BRev -Bible Review

BSac -Bibliotheca Sacra

BTB -Biblical Theology Bulletin   
BZ -Biblische Zeitschirft   
BZNW -Beihefte zur Zeitschrift für die Neutesta-

mentliche Wissenschaft   
CBQ -Catholic Biblical Quarterly

CCWJCW -Cambridge Commentaries on Writings of the   
Jewish and Christian World 200 B.C. to A.D.   
200

CGTC -Cambridge Greek Testament Commentary CII -Corpus inscriptionum iudaicarum (1936-

1952)   
CQR -Church Quarterly Review

CRINT -Compendia rerum iudaicarum ad novum   
testamentum

CSCO -Corpus scriptorum christianorum orientalium DAL -Dictionnaire d’Archéologie Chrétienne et de

Liturgie, E. Cabrol e H. Leclercq (eds.), Pa-   
ris 1907-1953

DJG -Dictionary of Jesus and the Gospels, J. B.   
Green, S. McKnigth e I. H. Marshall (eds.),   
Downers Grove e Leicester 1992

DRev -Downside Review   
DSP -Dictionnaire de la Spiritualité, M. Viller (ed.),

Paris 1932ss

DTR -Diccionario de las tres religiones, César Vidal

Manzanares, Madri 1993   
EB -Études Bibliques   
EBT -Encyclopedia of Biblical Theology   
EDNT -Exegetical Dictionary of the New Testament EGT -Expositor’s Greek Testament   
EHPR -Études d’Histoire et de Philosophie

Religieuse

**Índice de abreviaturas**

**/ 339**

EKK -Evangelisch-katolischer Kommentar zum   
Neuen Testament

EncB -Encyclopedia Biblica   
EncJud -Encyclopedia Judaica   
EvQ -Evangelical Quarterly   
ENTT -E. Käsemann, Essays on New Testament

Themes, Londres 1964   
Eph Ma -Ephemerides Mariologicae

Ephem Théolo-Ephemerides Theologicae   
ExpT -Expository Times   
Greg -Gregorianum

GTJ -Grace Theological Journal   
Herm -Hermeneia

HeyJ -Heythrop Journal   
HNT -Handbuch zum Neuen Testament   
HSS -Harvard Semitic Studies   
HUCA -Hebrew Union College Annual   
HZ -Historische Zeitschrift   
IBC -Interpretation Bible Commentary   
IBS -Irish Biblical Studies   
IEJ -Israel Exploration Journal   
Int -Interpretation

IRT -Issues in Religion and Theology   
JAOS -Journal of the American Oriental Society JBL -Journal of Biblical Literature   
JBR -Journal of Bible and Religion   
JCSR -Journal of Comparative Sociology and

Religion

JETS -Journal of the Evangelical Theological

Society   
JJS -Journal of Jewish Studies

JNES -Journal of Near Eastern Studies   
JPOS -Journal of the Palestine Oriental Society JQR -Jewish Quarterly Review   
JR -Jounal of Religion   
JRE -Journal of Religious Ethics   
JRS -Journal of Roman Studies   
JSJ -Journal for the Study of Judaism in the

Persian, Hellenistic and Roman Period

**340 /**

**Índice de abreviaturas**

JSNT -Journal for the Study of the New   
Testament

JSP -Journal for the Study of the   
Pseudepigrapha and Related Literature

JSS -Journal of Semitic Studies   
JTS -Journal of Theological Studies   
LB -Liber Annuus

LTS -La Terra Santa   
MGWJ -Monatschrift für Geschichte und

Wissenschaft des Judentums   
MBTh -Münsterische Beiträge zur Theologie

NCB -New Clarendon Bible   
NJCB -New Jerome Biblical Commentary,

Englewood Cliffs 1992   
NovT -Novum Testamentum   
NRT -Nouvelle Révue Théologique   
NT -Nuevo Testamento   
NTOA -Novum Testamentum et Orbis Antiquus NTS -New Testament Studies   
PBSR -Papers of the British School at Rome PCB -Peake’s Commentary on the Bible, Lon-

dres 1962   
PEQ -Palestine Exploration Quarterly

PTR -Princeton Theological Review   
RACh -Reallexikon für Antike und Christentum RB -Revue Biblique   
RE -Real Encyklopädie del Klassischen

Altertumswissenschaft   
RevQ -Revue de Qumran

Rev. Sc. Ph. Th. -Revue des Sciences Philosophiques et

Théologiques   
RGG -Religion in Geschichte und Gegenwart

RHPR -Revue d’histoire et de philosophie   
religieuse

RHR -Revue d’Histoire des Religions   
RSR -Recherches de Science Religieuse   
RST -Regensburger Studien zur Theologie SAJ -Studies in Ancient Judaism   
SANT -Studiem zum Alten und Neuen

Testament

**Índice de abreviaturas**

**/ 341**

SBEC -Studies in the Bible and Early Christianity   
SBLASP -Society of Biblical Literature Abstracts and

Seminar Papers   
SBT -Studies in Biblical Theology

ScrHier -Scripta hierosylimitana

SCJ -Studies in Christianity and Judaism   
SE -Studia Evangelica

SJ -Studia Judaica

SJLA -Studies in Judaism in Late Antiquity   
SNTSMS -Society for New Testament Studies

Monograph Series   
SJT -Scottish Journal of Theology

StudLit -Studia Liturgica

Th St Kr -Theologische Studien und Kritiken   
THR -Theologische Rundschau   
TI -Theological Inquiries

TJ -Trinity Journal

TLZ -Theologische Literaturzeitung   
TR -Theologische Rundschau   
TS -Theological Studies   
TSFBul -Theological Students Fellowship Bulletin   
TU -Texte und Untersuchungen   
TynB -Tyndale Bulletin

TZ -Theologische Zeitschrift   
ZNW -Zeitschrift für die neutestamentliche

Wissenschaft

ZRG -Zeitschrift für Religions und Geistesges-

chichte

ZTK -Zeitschrift für Theologie und Kirche

ZWT -Zeitschrift für wissenschaftliche Theologie

**Bibliografia**

**I. Fontes:**

*A. Bíblicas:*

a) AT: *Bíblia Hebraica Stuttgartensia,* Stuttgart

1984.

b) Septuaginta: A. Rahlfs, Septuaginta (grego),

Stuttgart 1979.

c) NT: E. Nestle-K. Aland, *Novum Testamentum*

*Graece* (grego), Stuttgart 1988.

*B. Clássicas:*

a) Suetonio: J. C. Rolfe, Suetonius, 2 vols. (latim

com tradução inglesa), Cambridge e Londres   
1989.

b) Tácito: C. H. Moore e J. Jackson, *Tacitus*:   
*Histories and Annals*, 4 vols. (latim com tra-   
dução inglesa), Cambridge e Londres 1989.

C. *Talmúdicas:*

R. T. Herford, *Christianity in Talmud and*

*Midrash*, (hebreu e aramaico), Londres 1905.

*D. Flávio Josefo:*

H. St. J. Thackeray, R. Marcus, Allen Wikgren e

L. H. Feldman, *Josephus*, 10 vols. (grego com   
tradução inglesa), Cambridge e Londres 1989.

*E. Patrísticas:*

J. P. Migne, *Patrologia Graeca*, 162 vols., Paris

1857-1886.

J. P. Migne, *Patrologia Latina*, Paris 1844-1864.

**II. Obras Gerais:**

F. H. Agnew, “On the Origin of the term

Apostolos” em *CBQ*, 38, 1976, pp. 49-53.

**344 /**

**Bibliografia**

“The origin of the NT Apostle-Concept” em   
*JBL*, 105, 1986, pp. 75-96.

A. del Agua, *El método midrásico y la exégesis*   
*del Nuevo Testamento*, Valência 1985.

R. Aguirre (dir.), *Pedro en la Iglesia primitiva*,   
Estella 1991.

R. von der Alm, *Die Urteile heidnischer und*   
*jüdischer Schrifsteller der vier ersten*   
*christlichen Jahrhunderte über Jesus und die*   
*ersten Christen*, Leipzig 1865.

G. Alon, *The Jews in their Land in the Talmudic*   
*Age*, Cambridge e Londres 1989.

D. E. Aune, *Prophecy in Early Christianity*, Grand   
Rapids 1983.

M. Avi-Yonah, *Geschichte der Juden im Zeitalter*   
*des Talmud*, Berlim 1962.

F. Badia, *The Qumran Baptism and John the*   
*Baptist’s Baptism*, Lanham 1980.

L. Baeck, “The Faith of St. Paul” em *Judaism*   
*and Christianity*, Filadélfia 1960, pp. 139-168.   
B. Bagatti, “Resti cristiani in Palestina anteriori a   
Costantino?” em *Rivista di Archeologia*

*cristiana*, XX-VI, 1950, pp. 117-131.

—, “Scoperta di un cimitero giudeo-cristiano al

“Dominus Flevit” em *LA*, III, 1953, pp. 149-   
184.

B. Bagatti e J. T. Milik, *Gli Scavi del “Dominus*   
*Flevit” I. La necropoli del periodo romano*,   
Jerusalém 1958.

—, *The Church from the Circumcision*, Jerusa-   
lém 1984.

—, “Nuove Scorpete alla Tomba della Vergine a   
Getsemani” em *LA*, XXII, 1972, pp. 236-290.   
—, “L’apertura della Tomba della Vergine a   
Getsemani” em *LA*, XXIII, 1973, pp. 318-321.   
B. Bagatti, M. Piccirillo e A. Prodomo, *New*   
*Discoveries* *at the Tomb of Virgin Mary in*

*Gethsemane*, Jerusalém 1975.

**Bibliografia**

**/ 345**

B. Bagatti e E. Testa, *Il Golgota e la Croce*, Jeru-   
salém 1984.

D. Baron, *The Servant of Jehovah*, Londres 1922. J. Barr, “Which language did Jesus speak?” em

*BJRL*, 53, 1970-1971, pp. 9ss.

C. K. Barrett, *Luke the Historian in Recent Study*,

Filadélfia 1970.

—, *The Gospel according to* *St. John*, Filadélfia

1978.

—, *Freedom and Obligation*, Londres, 1985. *The*

*New Testament Background*, Nova York 1989. G. Barth, *El bautismo en el tiempo del cristianis-*

*mo primitivo*, Salamanca 1986.

M. Barth, *Rediscovering the Lord’s Supper*,

Atlanta 1988.

J. Barylko, *Usos y costumbres del pueblo judio*,

Buenos Aires 1991

—, *Celebraciones judaícas*, Buenos Aires 1990.

—, P. Beauchamp e D. Vasse, *La violencia en la*   
*Biblia*, Estella 1992.

G. R. Beasley-Murray, *Jesus and the Kingdom of*   
*God*, Grand Rapids 1986.

H. H. Ben-Sasson, *History of the Jewish People*   
(ed.), Cambridge Mass 1976.

C. Bernabé, *Las tradiciones de María Magdalena*   
*en el cristianismo primitivo*, Estella 1994.

E. Bikerman, “Sur la version vieux-russe de   
Flavius Josèphe” em *Melanges Franz Cumont*,   
Bruxelas 1936, pp. 53-84.

M. Black, *An Aramaic Approach to the Gospels*   
*and Acts*, Oxford 1946.

C. Blomberg, “Healing” em *DJG*, pp. 299-307. M. E. Boismard, *L’Évangile de Jean*, Paris 1977. W. Bousset, *Kyrios Christos*, Nashville 1970.

S. G. F. Brandon, *The Fall of Jerusalem and the*

*Christian* *Church*, Londres 1951.

**346 /**

**Bibliografia**

—, Jesus and the Zealots, Manchester, 1967.

—, *The Trial of Jesus*, Londres 1968.

J. Briand, *L’Eglise judéo-chrétienne* *de Nazareth*,

Jerusalém 1981.

R. E. Brown, *The Community of the Beloved*

*Disciple*, Nova York 1979.

—, *The Epistles of John*, Nova York 1982.

—, *The Birth of the Messiah*, Nova York 1979.   
(Existe uma edição em espanhol: *El*   
*nacimiento del Mesías*, Madri 1982).

—, *Evangelio según san Juan*, Madri 1975.

R. E. Brown e outros, *Pedro en el Nuevo Testa-*

*mento*, Santander 1976.

—, María en el Nuevo Testamento, Salamanca

1986.

F. F. Bruce, *¿Son fidedignos los documentos del*

*Nuevo Testamento?*, Miami 1972.

—, *New Testament History*, Nova York 1980.

—, *Paul and Jesus*, Grand Rapids 1982.

—, *The Gospel of John*, Grand Rapids 1983.

—, *The Acts of the Apostles*, Leicester 1988

—, “Eschatology in Acts” em W. H. Gloer (ed.),

*Escatology and the* New *Testament*, Peabody   
1988.

—, *New Testament Development of Old Testament*   
*Themes*, Grand Rapids 1989.

—, *Paul: Apostle of the Heart Set Free*, Grand   
Rapids 1990.

B. Brüne, “Zeugnis des Josephus über Christus”   
em *Th St Kr*, 92, 1919, pp. 139-147.

P. A. Brunt, “Procuratorial Jurisdiction” em   
*Latomus*, 25, 1966, pp. 461-489.

M. I. Bubeck, *The Adversary*, Chicago 1975.

A. Büchler, *Studies in Jewish History*, Londres

1956.

R. Bultmann, *Kerygma and Myth*, Londres 1953.

**Bibliografia**

**/ 347**

—, “Jesus and Paul” em *Existence and Faith*,   
Londres 1964, pp. 217-239.

—, *The Gospel of John*, Filadélfia 1971.

—, *Teología del Nuevo Testamento*, Salamanca

1981.

C. C. Caragounis, *The Son of Man*, Tubinga 1986.

M. Casey, *Son of Man*, Londres 1979.

F. B. Clogg, *An Introduction to the New Testament*,

Londres 1940.

J. Comby e J. P. Lémonon, *Roma frente a*

*Jerusalén*, Estella 1983.

Y. Congar, *El Espíritu Santo*, Barcelona 1983.

H. Conzelmann, “Jesus Christus” em *RGG*, III,   
1959, cols. 619-653.

—, *Die Apostelgeschichte*, Tubinga 1963.

H. Cousin, *Los textos evangélicos de la* *Pasión*,

Estella 1990.

J. M. Creed, “The Slavonic Version of Josephus

History of the Jewish War” em *The Harvard*   
*Theological Review,* XXV, 1932, pp. 318-319.

O. Cullmann, *Baptism in the New Testament*,   
Londres 1950.

—, *El Estado en el Nuevo Testamento*, Madri   
1966.

—, *El Nuevo Testamento*, Madri 1971.

—, *Jesús y los revolucionarios de su tiempo*,

Madri 1971.

—, *Del Evangelio a la formación de la teología*

*cristiana*, Salamanca 1972.

—, *Christology of the New Testament*, Londres

1975.

F. Cumont, “Un rescrit impérial sur la violation

de sépulture” em *Revue Historique*, 163, 1930,   
pp. 241ss.

J. H. Charlesworth, (ed.) *John and the Dead Sea*   
*Scrolls*, Nova York 1990.

**348 /**

**Bibliografia**

E. Charpentier, *Cristo ha resucitado*, Estella 1994. D. Chwolsohn, *Das Letzte Passamahl Christi und*

*der Tag seines Todes*, Leipzig 1908.

J. W. Dale, *Baptizo:* *an Inquiry into the Meaning*

*of the Word as Determined by the Usage of*   
*Jewish and Patristic* *Writers*, Filadélfia 1991.

G. Dalman, *Die Thalmudischen Texte* *(über Jesu),*   
Leipzig 1900.

—, *The Words of Jesus*, Edimburgo 1902.   
—, *Die Worte Jesu*, Leipzig, 1898 e 1930.   
J. Delorme, *El Evangelio según san Marcos*,

Estella 121995.

L. Deiss, *La Cena del Señor*, Bilbao 1989.

M. Dibelius, *A Fresh Approach to the New*

*Testament and Early Christian Literature*,   
Londres 1936.

F. Díez, *Guía de Tierra Santa*, Estella 1993.

A. Díez Macho, *La lengua hablada por*

*Jesucristo*, Madri 1976.

—, *Jesucristo “único”,* Madri 1976.

D. S. Dockery, “Baptism” em *DJG.*

C. H. Dodd, “The Fall of Jerusalem and the

Abomination of Desolation” em *JRS*, 37, 1947,   
pp. 47-54.

—, *Tradición histórica en el cuarto Evangelio*,   
Madri 1977.

—, *Las parábolas del Reino*, Madri 1974.

R. H. Donin, *Rezar como judío*, Jerusalém 1986. R. Y. J. Donin, *El ser judío*, Jerusalém 1983.

J. Driver, *Militantes para un mundo nuevo*, Bar-

celona 1977.

J. Dupont, *El mensaje de las Bienaventuranzas*,

Estella 1993.

A. Edersheim, *Prophecy and History according*

*to the Messiah*, Grand Rapids 1980. **Bibliografia**

**/ 349**

—, *La vida y los tiempos de Jesús el Mesías*,   
Tarrassa 1988.

R. Eisler, *Iesous Basileus ou basileusas*, 2 vols.,   
Heidelberg 1929-1930.

—, *The Messiah Jesus and John the Baptist*, Lon-   
dres 1931.

Equipe “Cahiers Evangile”, *Liberación humana*   
*y salvación en Jesucristo*, Estella 1991.

—, *Los Milagros del Evangelio*, Estella 91995. —, *Jesús*, Estella 41993.

Equipo “F. Teológica Toulouse”, *La Eucaristía*   
*en la Biblia*, Estella 61994.

L. H. Feldman, *Josephus*, IX, Cambridge e Lon-   
dres 1965.

—, *Studies in Judaica: Scholarship on Philo and*   
*Josephus* (1937-1962), Nova York 1963.

—, *Josephus and Modern Scholarship*, Berlim-   
Nova York 1984.

P. Fernández Uriel, “El incendio de Roma del año   
64: Una nueva revisión crítica” em *Espacio,*   
*Tiempo y Forma*, II, Historia Antigua, t. 3,   
Madri 1990, pp. 61-84.

P. Fernández Uriel-C. Vidal Manzanares,   
“Anavim, apocalípticos y helenistas: Una   
introducción a la composición social de las co-   
munidades judeo-cristianas de los años 30 a   
70 del s. I. d.C.” em *Homenaje a J. M.*   
*Blázquez*, Madri; v. IV, no prelo.

L. Finkelstein, *The Pharisees*, Filadélfia 1946.

J. A. Fitzmyer, “The Languages of Palestine in

the First Century AD” em *CBQ*, 32, 1970, pp.   
501-531.

D. Flusser, *Jesús en sus palabras y su tiempo*,   
Madri 1975.

—, “El Hijo del Hombre” em A. Toynbee (ed.),   
*El crisol del cristianismo*, Madri 1988.

**350 /**

**Bibliografia**

A. Frova, “L’iscrizione di Ponzio Pilato a   
Cesarea” em *Rediconti dell’Istituto Lombardo*,   
95, 1961, pp. 419-434.

R. H. Fuller, *Foundations of New Testament*   
*Christology*, Nova York 1965.

N. Geldenhuys, *The Gospel of Luke*, Londres   
1977.

A. George, *El Evangelio según san Lucas*, Estella   
131994.

B. Gerhardsson, *Memory and Manuscript: Oral*   
*Traditions and Written Transmission in the*   
*Rabbinic Judaism and* *Early Christianity*,   
Uppsala 1961.

M. Gilbert e J. N. Aletti, *La sabiduría y Jesucristo*,   
Estella 1990.

R. Gnuse, *Comunidad y propiedad en la tradición*   
*bíblica*, Estella 1987.

J. González-Faus, *Clamor del reino: estudio so-*   
*bre los milagros de Jesús,* Salamanca 1982.

M. Gourgues, *Jesús ante su Pasión y su muerte*,   
Estella 51992.

—, *El más allá en el Nuevo Testamento*, Estella   
41993.

—, *El Evangelio a los paganos*, Estella 21991.

J. Grau, *Escatología*, Barcelona 1977.   
P. Grelot, *Los targumes*, Estella 1987.   
—, *Los Evangelios*, Estella 1993.

R. A. Guelich, “Destruction of Jerusalem” em   
*DJG.*

H. Guevara, *Ambiente político del pueblo judío*   
*en tiempos de Jesús*, Madri 1985.

J. Guillet, *Jesucristo en el Evangelio de Juan*,   
Estella 51990.

D. Guthrie, *New Testament Introduction*, Londres   
1965.

A. von Harnack, *Lukas der Arzt*, Leipzig 1906. **Bibliografia**

**/ 351**

—, “Die Apostelgeschichte” em *Beiträge zur*   
*Einleitung in das Neue Testament*, III, Leipzig   
1908.

—, *Date of Acts and the Synoptic Gospels*, Lon-   
dres 1911.

A. E. Harvey, *Jesus and the Constraints of*   
*History,* Filadélfia 1982.

A. Hausrath, *Neutestamentliche Zeitgeschichte*,   
I-IV, Leipzig 1868-1873.

G. F. Hawthorne, e O. Betz (eds.), *Tradition and*   
*Interpretation in the New Testament*, Grand   
Rapids 1987.

H. Hegermann, *Jesaja 53 in Hexapla, Targum und*   
*Peschitta* Gütersloh 1954.

M. Hengel, *Property and Riches in the Early*   
*Church*, Filadélfia 1974.

—, *El Hijo de Dios*, Salamanca 1978.

—, *Acts and the History of Earliest Christianity*,

Londres 1979.

—, *The Charismatic Leader and His Followers*,

Edimburgo 1981.

—, *Between Jesus and Paul*, Londres 1983.

—, *The “Hellenization” of Judaea in the Frist*   
*Century* *after Christ*, Londres e Filadélfia   
1989.

—, *The Zealots*, Edimburgo 1989.

—, *Judaism and Hellenism*, Minneapolis 1991. R. T. Herford, *Christianity in Talmud and*

*Midrash*, Londres 1905.

W. K. Hobart, *The Medical Language of Saint*

*Luke*, Dublin 1882.

P. Humbert, “Le Messie dans le Targoum des

prophètes” em *Revue de Théologie et*   
*Philosophie*, 43, 1911, pp. 5ss.

L. W. Hurtado, *One God, One Lord: Early*   
*Christian Devotion and Ancient Jewish*   
*Monotheism*, Filadélfia 1988.

**352 /**

**Bibliografia**

J. W. Jack, *Historic Christ*, Londres 1933.

A. Jaubert, *El Evangelio según san Juan*, Estella

111994.

J. Jeremias, *The Servant of God*, Londres 1957. —, *La Última Cena*, Madri 1980.

—, *Teología del Nuevo Testamento*, I, Salamanca

1980.

—, *Abba y el mensaje central del Nuevo Testa-*

*mento*, Salamanca 1983.

—, *Jerusalén en tiempos de Jesús*, Madri 1985.

—, *Las parábolas de Jesús*, Estella 101992.

—, *Interpretación de las parábolas*, Estella 51994.

L. T. Johnson, *Sharing Possessions*: *mandate and*   
*symbol of faith*, Filadélfia 1981.

A. H. M. Jones, “Procurators and Prefects in the   
Early Principate” em *Studies in Roman*   
*Government and Law*, Oxford 1960.

D. Juel, *Messianic Exegesis*: *Christological*   
*Interpretation* *of the Old Testament in Early*   
*Christianity*, Filadélfia 1988.

E. Jüngel, *Paulus und Jesus*, Tubinga 1962.

J. Juster, *Les juifs dans l’Empire romain*, Paris

1914.

H. C. Kee, *Miracle in the Early Christian World*,

New Haven 1983.

—, *Miracle and Magic* *in the New Testament Ti-*

*mes,* Cambridge 1986.

S. Kim, *The Son of Man as the Son of God*, Grand

Rapids 1983.

J. Klausner, *From Jesus to Paul*, Londres 1944.

—, *The Messianic Idea in Israel*, Londres 1956. —, *Jesús de Nazaret*, Buenos Aires 1971.

H. Köster, *Introducción al Nuevo Testamento*,

Salamanca 1988.

S. Krauss, *Das Leben Jesu nach jüdischen*

*Quellen*, Berlim 1902.

**Bibliografia**

**/ 353**

M. Laconi, *San Lucas y su iglesia*, Estella 1987. G. E. Ladd, *El Evangelio del Reino*, Miami 1974. —, *Crucial Questions about the Kingdom*, Grand

Rapids 1974.

—, *Presence of the Future*, Grand Rapids 1974.

—, *I believe in the Resurrection of Jesus*, Grand   
Rapids 1975.

P. Lapide, *The Resurrection of Jesus*: *A Jewish*   
*Perspective*, Minneapolis 1983.

—, “I Accept the Resurrection of Easter Sunday”   
em A. W. Kac (ed.), *The Messiahship* *of Je-*   
*sus*, Grand Rapids 1986

R. Laqueur, *Der Jüdischer Historiker Flavius*   
*Josephus*, Giessen 1920.

P. Lenhardt e M. Collin, *La Torá* *oral de los*   
*fariseos*, Estella 1991.

R. Leivestad, *Jesus in his own perspective*,   
Minneapolis 1987.

J. P. Lémonon, *Pilate et le gouvernement de la*   
*Judée*, Paris 1981.

J. Le Moyne, *Les Sadducéens*, Paris 1972.

S. H. Levey, *The Messiah*: *An Aramaic*

*Interpretation*, Nova York 1974.

L. van Liempt, “De testimonio flaviano” em

*Mnemosyne*, 55, 1927, pp. 109-116.

B. Lindars, *Jesus Son of Man*, Grand Rapids 1983.

R. L. Lindsay, *A Hebrew* *Translation of the Gospel*   
*of Mark*, Jerusalém 1969.

—, *A New Approach to the Synoptic Gospels*, Je-   
rusalém 1971.

R. N. Longenecker, *Paul*, *Apostle of Liberty*, Nova   
York 1964.

—, *The Christology of Early Jewish Christianity*,   
Grand Rapids 1970.

D. de la Maisonneuve, *Parábolas rabínicas*,   
Estella 1985.

J. Mac Donald, *The Theology of the Samaritans*,   
Londres 1964.

F. Manns, *Pour lire la Mishna*, Jerusalém 1984.

**354 /**

**Bibliografia**

—, *La prière d’Israël à l’heure de Jésus*, Jerusa-   
lém 1986.

—,*John and Jamnia: how the Break occured*   
*between Jews and Christians c. 80-100 A.D.,*   
Jerusalém 1988.

T. W. Manson, *The Servant-Messiah. A Study of*   
*public ministry of Jesus*, Manchester 1953.

—, *Studies in the Gospel and Epistles*, Manchester   
1962.

D. Marguerat, *Parábola,* Estella 21994.

I. H. Marshall, *Luke: Historian and Theologian*,   
Exeter 1970.

—, *The Acts of the Apostles*, Leicester 1980.

—, *Last Supper and Lord’s Supper*, Grand Rapids

1980.

—, “*Son of Man*” em DJG.

A. Merx, *Der Messias oder Ta’eb der*   
*Samaritaner*, Tubinga 1909.

W. Michaelis, *Einleitung in das Neue Testament*,   
Berna 1954.

J. P. Michaud, *María de los Evangelios*, Estella 2   
1993

L. Morris, *The Apostolic Preaching of the Cross*,   
Grand Rapids 1956.

S. Mowinckel, *El que ha de venir: mesianismo y*   
*mesías*, Madri 1975.

D. Muñoz León, *Dios-Palabra: Memra en los*   
*Targumim del Pentateuco*, Valência 1974.

F. J. Murphy, *The Religious World of Jesus*,   
Nashville 1991.

J. Neusner, “Judaism in a time of Crisis: Four   
Responses to the Destruction of the Second   
Temple” em *Judaism*, 21, 1972, pp. 313-327.

—, *Invitation to the Talmud*, Filadélfia 1984.

—, *Judaism in the Beginning of Christianity*, Lon-

dres 1984.

—, *Judaism in the matrix of Christianity*, Fila-

délfia 1986.

**Bibliografia**

**/ 355**

W. S. Green e E. Frerichs, *Judaisms and Their*   
*Messiahs at the Turn of the Christian Era*,   
Cambridge 1987.

A. Paul, *La inspiración y el canon de las Escritu-*   
*ras*, Estella 41994.

J. Peláez del Real *Los milagros de Jesús en los*   
*Evangelios sinópticos*, Estella 1984.

A. Pelletier, “L’originalité du témoignage de   
Flavius Josèphe sur Jésus” em RSR, 52, 1964,   
pp. 177-203.

M. Pérez Fernández, *Tradiciones mesiánicas en*   
*el Targum palestinense*, Valência-Jerusalém   
1981.

—, *La lengua de los sabios*, I, Valência 1992.

N. Perrin, *The New Testament*, Nova York 1974. C. Perrot, *Los relatos de la infancia de Jesús*,

Estella 71995.

H. G. Pflaum. *Les carrières procuratoriennes*   
*équestres sous le Haut-Empire romain*, 4 vol,   
Paris 1960-1961.

L. Poittevin e E. Charpentier, *El Evangelio según*   
*san Mateo*, Estella 121993.

J. Pouilli, *Qumrán*, Estella 1989.

B. Reicke, *The New Testament Era*, Filadélfia

1968.

—, “Synoptic Prophecies on the Destruction of

Jerusalem” em D. W. Aune (ed.), *Studies in*   
*the New Testament* *and Early Christian*   
*Literature: Essays in Honor of Allen P.*   
*Wikgren*, Leiden 1972.

R. H. Rengstorf, *Complete Concordance to*   
*Flavius Josephus*, Leiden 1973.

*Reseña Bíblica*, Estella 1994.

J. Reumann, *The Supper of the Lord*, Filadélfia

1985.

D. M. Rhoads, *Israel in Revolution: 6-74 C. E.,*

Filadélfia 1976.

J. Ribera Florit, *El Targum de Isaías*, Valência

1988. **356 /**

**Bibliografia**

G. C. Richards, “The Composition of Josephus   
Antiquites” em *CBQ*, 33, 1939, pp. 36-40.

A. Richardson, *Las narraciones evangélicas so-*   
*bre los milagros*, Madri 1974.

H. Riesenfeld, *The Gospel Traditions and Its*   
*Beginnings*, Londres 1957.

J. A. T. Robinson, *Redating the New Testament*,   
Filadélfia 1976.

—, *The Priority of John*, Londres 1985.

C. Rowland, *The Open Heaven*, Londres 1985. J. B. Russel, *Satan: The Early Christian Tradition*,

Ithaca 1981.

L. Sabourin, *The Divine Miracles Discussed and*

*Defended*, Roma 1977.

S. Saller e E. Testa, *The Archaeological Setting*

*of the Shrine of Bethfage*, Jerusalém 1961.

E. P. Sanders, *Paul and Palestinian Judaism*,

Mineapolis 1977.

C. Saulnier e B. Rolland, *Palestina en tiempos de*

*Jesús*, Estella10 1994.

A. Schalit, *Zur Josephus-Forschung*, Darmstadt   
1973.

H. Schrekenberg, *Bibliographie zu Flavius*   
*Josephus, Arbeiten zur Literatur und*   
*Geschichte des hellenistischen* *Judentums*,   
Leiden 1968.

—, *Die Flavius Josephus Tradition in antike und*   
*Mittelalter*, Leiden, 1972.

E. Schürer, *The History of the Jewish people in*   
*the Age of Jesus Christ*, Edimburgo 1987.

—, “Josephus” em *Realenzyclopädie für die*   
*protestantische Theologie und Kirche*, IX,   
1901, pp. 386.

A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman*   
*Law in the New Testament*, Oxford 1963.

R. H. J. Shutt, *Studies in Josephus*, Londres 1961. E. M. Smallwood, *The Jews under Roman Rule*,

Leiden 1976.

M. Smith, *Jesús el mago*, Barcelona 1988.

**Bibliografia**

**/ 357**

G. Stemberger e H. L. Strack, *Introducción a la*   
*literatura talmúdica y midrásica*, Valência   
1988.

D. H. Stern, *Messianic Jewish Manifesto*, Jerusa-   
lém 1991.

M. Stern, “The Period of the Second Temple” em   
H. H. Ben-Sasson (ed.), *History of the Jewish*   
*People*, Cambridge Mass 1976.

H. L. Strack, *Jesus, die Häretiker und die*   
*Christen,* Leipzig 1910.

H. L. Strack — P. Billerbeck, *Kommentar zum*   
*Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*,   
5 vols., Munique 1922-1956.

—, H. L. Strack - G. Stemberger, *Introducción a*   
*la literatura talmúdica y midrásica*, Valência   
1988.

H. St. J. Thackeray, *Josephus the Man and the*   
*Historian*, Nova York 1967.

—, *Josephus,* III, Londres 1979.

G. Theissen, *The Miracle Stories of the Early*

*Christian Tradition*, Filadélfia 1983.

C. P. Thiede, *Simon Peter*, Grand Rapids 1988.

A. Toynbee (ed.), *El crisol del cristianismo*, Ma-   
dri 1988.

G. Vermes, *Jesús el judío*, Barcelona 1977.

C. Vidal Manzanares, “La figura de María en la

literatura apócrifa judeo-cristiana de los dos   
primeros siglos” em *Ephemerides*   
*Mariologicae*, 41, 1991, pp. 191-205.

—, *Diccionario de Patrística*, Estella 1992.

—, *Diccionario de las tres religiones monoteístas:*

*judaísmo, cristianismo e islam*, Madri 1993. —, *El judeo-cristianismo palestino en el s. I: de*

*Pentecostés a Jamnia*, Madri 1995.

—, *El Primer Evangelio: el Documento Q*, Bar-

celona 1993.

—, *El Talmud*, Madri 1995.

—, “La influencia del judeo-cristianismo en la   
liturgia mariana” em *Ibidem*, 42, 1992, pp.   
115-126. **358 /**

**Bibliografia**

—, *Los Documentos del mar Muerto*, Madri 1993. —, *Los esenios y los rollos del mar Muerto*, Bar-

celona 1993.

—, *Los Evangelios gnósticos*, Barcelona 1991.

—, María en la arqueología judeo-cristiana de los   
tres primeiros siglos” em *Ibidem*, 41, 1991,   
pp. 353-364.

—, *The Miyth of Mary*, China 1995.

C. Vidal Manzanares - P. Fernández Uriel,

“Anavim, apocalípticos y helenistas: Una   
introducción a la composición social de las co-   
munidades judeo-cristianas de los años 30 a   
70 del s. I. d.C.” em *Homenaje a J. M.*   
*Blázquez*, Madri; v. IV, no prelo.

D. Wenham, e C. Blomberg (eds.), *The Miracles*   
*of Jesus*, Sheffield 1986.

—, (ed.), *The Jesus Tradition Outside the Gospels*,   
Sheffield 1985.

W. Whiston, *Josephus*, Grand Rapids 1978.

W. Willis, (ed.), *The Kingdom of God in 20th*

*Century Interpretation*, Peabody 1987.

P. Winter, *On the Trial of Jesus*, Berlim 1961.

J. H. Yoder, *The Politics of Jesus*, Grand Rapids   
1979.

B. H. Young, *Jesus and His Jewish Parables*,   
Nova York 1989.

T. Zahn, *Introduction to the New Testament*, Edim-   
burgo 1909.

F. de Zulueta, “Violation of Sepulture in Palestine   
at the Beginning of the Christian Era” em *JRS*,   
22, 1932, pp. 184ss.

J. Zumstein, *Mateo, el teólogo*, Estella 31993.